



Ana Raquel Gonzaga

Arqueologia da Morte no Gharb “português” Almocavares e outros registos funerários

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Medieval e Moderna, orientada pela Doutora Helena Catarino, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Arqueologia da Morte no Gharb “português”: almocavares e outros registos funerários

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Arqueologia da Morte no Gharb “português”: almocavares e outros registos funerários
Autor/a	Ana Raquel Gonzaga
Orientador/a	Doutora Helena Maria Gomes Catarino
Júri	Presidente: Doutora Maria da Conceição Lopes Vogais: 1. Doutora Helena Maria Gomes Catarino 2. Doutora Susana Gómez Martínez
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Medieval e Moderna
Data da defesa	23-2-2018
Classificação	19 valores



أخواننا والموت قد حال دوننا
وللموت حكم نافذ في الخلائق
سبقتم للموت والعمر ظيئة
وأعلم أن الكل لا بد لاحق
بعيشكم أو باضطجاعي في الثرى
ألم تك في صفو من العيش الرائق
فمن مر بي فليمض بي مترحما
ولا يك منسيا وفاء الأصادق

De vuestro lado me robó la muerte,
inexorable ley de los humanos
En ella os precedí; pero, a la postre,
no tardaremos en hallarnos juntos
Decid, por vida vuestra y por mi sueño:
No fué nuestro vivir una delicia?
Ore por mí quien por mi tumba pase,
y pague a la amistad la fe jurada

Epitáfio para si mismo, de Ibn Al- Zaqqaq (séc.XII)

(García Gomez, 1978, p.94-95)

Resumo

O conhecimento sobre as necrópoles islâmicas no território do Al-andalus, e subsequentemente no *Gharb* “português”, é bastante incipiente e parco, vinculado a uma mera descrição dos inumados formalmente posicionados em decúbito lateral direito e orientados para a cidade sagrada de Meca.

A própria austeridade arquitectónica, a regularidade nos gestos mortuários e a ausência de espólio – prescritos tão característicos da esfera funerária islâmica – não cativam ou incentivam os investigadores a perscrutar este tema.

Em contrapartida, as evidências mais dissimuladas que escapam aos olhares mais desatentos reflectem, a nível macro-espacial, a implantação do núcleo funerário e a sua relação em particular com a evolução das cidades e, em extensão, a fixação do rito ortodoxo islâmico assimilado pelas comunidades do território Al-Andalus.

Neste sentido são analisadas as fontes escritas, bibliográficas, toponímicas e epigráficas de forma a identificar e inventariar as necrópoles islâmicas no actual Portugal e, por conseguinte, distinguem-se os gestos funerários - as orientações, a posição dos esqueletos, a eventual existência de espólio, os tipos de sepulturas e respectivas coberturas – cujos padrões e pontuais excepções nos permitem deduzir eventuais câmbios sociais e/ou ideológicos.

Palavras-Chave: Necrópoles; Sepulturas; Almocavar; Rituais Funerários; Gharb al-Andalus.

Abstract

The knowledge about the Islamic necropolis in the territory of Al-andalus, and specially of “portuguese” *Gharb*, is rather incipient and it’s usually linked to a mere description of the deceased positioned in right lateral decubitus and oriented to the sacred city of Mecca.

The architectural austerity, the regularity of the mortuary gestures and the absence of funerary burial – prescriptions so characteristic of the Islamic funerary sphere – do not tend to captivate or encourage researchers to inquire about this subject.

However the most disguised evidence reflect, on a larger scale, the implantation of the necropolis and its relation with the evolution of each city and, on a smaller scale, the fixation of the islamic orthodox rite assimilated by the andalus population.

Therefore, I analysed the written sources, the toponymic and epigraphic data in order to identify and compile the islamic necropolis evidences in Portugal and, thereafter, I distinguish the funerary gestures (the orientations and positions of the skeletons, the types of graves and the funerary materials when they’re present) whose exceptions allow us to deduce possible social and/or ideological changes.

Keywords: Necropolis; Graves; Almocavar; Funerary Rituals; Gharb al-Andalus.

Agradecimentos

A materialização desta dissertação, embora fruto do meu intrincado e árduo trabalho, contou com a contribuição de várias pessoas que, de uma forma ou outra, me ajudaram e me acompanharam nesta etapa do meu percurso académico.

Redigo então, neste pequeno espaço, algumas breves mas sinceras palavras.

À minha família, em particular à minha mãe, aos meus avós e à minha tia por toda a paciência e apoio.

A todos os elementos do Instituto de Arqueologia incluindo colegas, funcionários e todos os professores. Entre os demais devo agradecer em particular à Eunice Dionísio pela ajuda e paciência constante; e à professora Helena Catarino pela orientação, pela exigência e pela perseverante disponibilidade.

Aos meus amigos da Mesquita Central de Lisboa, em particular ao professor *Sheikh* Zabir Edriss e ao Mohammed Ibrahim (batija), que me ensinaram tudo o que sei da língua árabe e sobre os elementos básicos da religião islâmica.

Ao Hazem Hadla, pela amizade e pela inter-ajuda nas minhas traduções entre árabe e português. شكرا جزيلاً يا صديقي!

Aos meus amigos e colegas de trabalho que toleraram as minhas incessantes conversas que se centravam obsessivamente nesta dissertação: em particular ao Márcio Beatriz, à Marta Estanqueiro, à minha eterna amiga Iolanda Mouta Silva, e em especial à prezada Inês Soares que acompanhou e marcou a minha vida em Coimbra.

Aos meus amigos “alfacinhas” que compreenderam o meu excesso de trabalho e as minhas súbitas ausências, especialmente a minha madrinha Paula Francisco, a Flávia Sanches, a Isabel Barreto e a Alexandra Pires.

Ao António, o meu pilar...obrigada simplesmente por tudo...

Quero também agradecer a todos os arqueólogos das mais diversas empresas, assim como aos funcionários dos arquivos da DGPC que me disponibilizaram os relatórios finais e respectivos dados.

A todos os outros que me acompanharam, muito obrigada.

Índice

Resumo	II
Abstract	III
Agradecimentos	IV
Índice	V
I – Introdução	1
1. Apresentação	1
2. Objectivos e Metodologia	2
3. Estado da Arte	5
4. Religião, cultura e visão sobre a morte	9
4.1. Crença e dicotomia entre o mundo dos vivos e dos mortos.....	9
4.2. Ritualização da morte.....	12
4.2.1. Rituais cerimoniais ligados à purificação do corpo.....	12
4.2.2. Cânones de enterramento e tipologias de sepulturas.....	14
II – Almocavares e sepulturas no <i>Gharb</i> “português”	21
1. O registo arqueológico, documental e toponímico	21
1.1. Distrito de Coimbra e de Viseu.....	22
1.2. Distrito de Santarém.....	25
1.3. Distrito de Lisboa e de Setúbal.....	31
1.4. Distrito de Portalegre, Évora e Beja.....	46
1.5. Distrito de Faro.....	77
III – Epigrafia e espólio funerário	102
1. Introdução à epigrafia do “mundo dos mortos”	102
2. Epigrafia funerária de al-Andalus e do <i>Gharb</i> “português”	104
2.1. Epígrafes de Lisboa.....	105
2.2. Estelas Alentejanas.....	106
2.3. Epígrafes de Faro.....	114
2.4. Estelas de proveniência incerta.....	117
3. Representação do espólio funerário no mundo islâmico	119
3.1. Espólio funerário descoberto em contexto arqueológico.....	120
3.1.1. Em Santarém.....	120

3.1.2. No Alentejo.....	122
3.1.3. No distrito de Faro.....	123
IV – Discussão, problemáticas e perspectivas.....	125
1. Leituras possíveis dos espaços funerários.....	125
1.1. Síntese e panorama dos registos no contexto Gharb “português”.....	126
1.1.1. Necrópoles da região de Viseu e Coimbra.....	126
1.1.2. Necrópoles de Santarém.....	129
1.1.3. Necrópoles de Lisboa e Setúbal.....	130
1.1.4. Núcleos funerários do Alentejo.....	132
1.1.5. Núcleos funerários de Faro.....	135
1.2. Variantes e discrepâncias na orientação e posição dos inumados.....	140
1.3. Levantamento tipológico e interpretação dos sepulcros.....	146
1.4. Implantação das sepulturas e a sua articulação com a paisagem.....	155
V. Conclusões gerais e perspectivas futuras.....	158
VI. Glossário.....	161
VII. Bibliografia.....	163
VIII. Anexos.....	p.195
1. Estampas.....	p.195
2. Inventário em mapas.....	p.221
3. Inventário em tabelas.....	p.234

I – Introdução

1. Apresentação

No âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na especialidade de Arqueologia Medieval e Moderna, sob a orientação da professora Helena Catarino, apresento esta dissertação que fomenta o estudo sobre as necrópoles islâmicas em particular no actual território português.

A austeridade e paridade sepulcral do mundo funerário islâmico – que se transcreve, resumidamente, em inumados orientados para Meca e inseridos em simples covachos sem qualquer tipo de espólio funerário a acompanhá-los – nem sempre estimulou os investigadores a debruçarem-se sobre esta temática.

As leituras sobre esta matéria permaneciam desorganizadas e, subsequentemente, intangíveis devido à ausência de investigadores que se dedicassem especificamente a este estudo, apesar de, nos últimos anos, o crescente número de intervenções arqueológicas de salvaguarda terem contribuído para um aumento do volume do número de necrópoles na agenda arqueológica.

Neste sentido, um dos objectivos desta dissertação concentra-se na compilação de todos os dados – sejam eles literários, toponímicos, epigráficos e arqueológicos – referentes a inumações islâmicas. Esta inventariação foi desenvolvida em duas partes distintas, nomeadamente as evidências indirectas (ou seja, toponímicas e fontes literárias que teorizam a localização de algumas necrópoles) e o registo arqueológico *per se* na Parte II; seguido da Parte III onde se agrupam as evidências materiais, isto é a epigrafia e o excepcional espólio funerário, encontradas *in situ* ou não que, para além de preconizar a localização aproximada dos almocavares, proporcionam datações relativas entre outras informações sobre costumes litúrgicos.

A tarefa da recolha de informação não é fácil, o registo bibliográfico apresenta desigualdades nos resultados e, recorrentemente, os relatórios finais arqueológicos concentram-se mecanicamente na transcrição da informação recolhida em campo cujas análises limitam-se ao estudo antropológico das comunidades exumadas, consequentemente leva ao descrédito de alguns dados e não permitem uma resenha verdadeiramente completa. Por conseguinte, várias necrópoles que integram este compêndio apresentam diversas lacunas em determinados aspectos substanciais.

Perante esta realidade, pretendo abordar os diversos dados que vão para além da análise dos perfis biológicos, desde do ponto de vista topográfico da implantação das necrópoles à evolução e fixação das práticas funerárias. São justamente estas informações que se correlacionam com o estudo da morte na Arqueologia pois, tal como indica Mike Parker Pearson, “(...) the bones and any surviving tissues (...) are likely to reveal information about the life of an individual and not about their death. Bones and tissue provide a testament to people’s past lives: how long they lived, what sex they were, what illness or diseases they suffered (...). [Although] is not so much about what can be learned from human skeletons concerning these issues of demography, diet, health and body modification *per si*, (...). Rather, it is about the archaeological study of the funerary practices that the living perform for the dead. It is not so much about the dead themselves as the living who buried them. The dead do not bury themselves but are treated and disposed of by the living (...) (Pearson, 1999, p.3).

Assim sendo, formulo, na última parte desta dissertação, a distribuição espacial, a multiplicidade e sobreposição de almocávares, assim como os aspectos da cultura funerária, mormente as discrepâncias na posição e orientação dos inumados e as diferentes tipologias sepulcrais identificadas até à data no *gharb* al-Andalus “português”.

Em suma, a leitura destes gestos funerários e respectiva discussão é fundamental para a compreensão dos pressupostos mentais latentes destas comunidades que, de igual forma, se reflectem na sua organização social.

2. Objectivos e Metodologia

Sendo o mundo funerário islâmico um tema pouco perscrutado na Arqueologia, especialmente no actual território português, existem várias questões a que gostaria de dar resposta, assim como um amplo conjunto de dados que necessitava ser sistematizado, de forma a conceber um registo claro e fácil de manusear e interpretar. Neste sentido, entre os objectivos que guiaram a elaboração deste trabalho está, em primeiro lugar, a minha necessidade pessoal de conhecer e aprofundar o mundo funerário islâmico, mormente os seus rituais fúnebres e os cânones de enterramentos, questões motivantes, que me serviram de ponto de partida para a escolha do tema desta dissertação.

De seguida, procuro compreender de que forma se implantam os almocavares e como se materializam os gestos funerários, no território do *Gharb* “português”, e, se entre os demais, se registam flutuações na *sui generis* prescrição corânica, e se foram identificados atípicos e sumptuosos jazigos. De igual modo, prendem-se inerentes questões relativamente às materialidades sepulcrais, mormente a presença, ou não, de sinalização (isto é, de elementos epigráficos) das sepulturas, como também de espólio votivo ou funerário. Se, porventura, estes objectos estão representados no repertório arqueológico, pretendo interligá-los com eventuais tipologias sepulcrais e estabelecer uma categorização e respectivo enquadramento cronológico.

Desta forma, tal como descrito anteriormente, o primeiro passo na elaboração desta dissertação foi justamente a compilação de todas as evidências, indirectas e directas, identificadas, até à data, sobre necrópoles, pequenos núcleos funerários e sepulturas isoladas de índole islâmica. Estas evidências incluem dados toponímicos, fontes literárias e registo arqueológico.

Todavia, à primeira vista do leitor, este poderá achar um pouco ambicioso, para uma dissertação de 2º ciclo, o estudo de uma área geográfica tão abrangente e sem circunscrições. Contudo, esta circunstância é facilmente explicável.

Na primeira fase de planificação e elaboração do tema existia menos de uma dezena de necrópoles islâmicas escavadas em Portugal que beneficiaram de publicações efectivas. Entre as demais, encontrava-se a necrópole paleocristã e islâmica de Mértola, as duas necrópoles de Loulé, o almocavar de Santarém, o núcleo funerário do Arneiro, etc. Estas pontuais necrópoles em pontos díspares do nosso País justificaram a incorporação do território num amplo espectro.

Porém, ao passo que avançava nas minhas pesquisas bibliográficas, juntamente com algumas informações prestadas por arqueólogos activos no contexto empresarial, o número de evidências (directas e indirectas) de necrópoles cresceu exponencialmente perfazendo um total de oitenta e seis¹.

Indubitavelmente, esta fase de pesquisa é sempre a mais morosa e árdua da dissertação, na qual por vezes a informação presente é ambígua, e por outras a inexistência de relatórios finais de escavação é constante.

¹ Devo frisar que me deparei com inúmeros núcleos funerários; contudo, só analisei os que são efectivamente identificados como islâmicos, embora tenha incluído na dissertação outros muito susceptíveis. Nada obstante, mesmo com este significativo número, persistem alguns hiatos patentes no mapa, onde, aparentemente, não se registam sepulturas islâmicas.

Ademais do registo arqueológico, tal como referido anteriormente, também serão considerados outros dados, mormente a epigrafia e o espólio funerário, que merecem ser deslindados neste espaço.

Relativamente à epigrafia, esta apenas engloba o arquétipo funerário e, infelizmente, só os testemunhos do *Ribat* da Arrifana foram identificados *in situ*. Os restantes encontram-se reaproveitados, nas mais diversas formas, seja a colmatar ulteriores edifícios ou a completar múltiplas colecções de museus. Nada obstante, alguns destes exemplares podem constatar a localização dos respectivos almocavares e, outrossim, corroborar a antiguidade dos mesmos. Assim sendo, estes elementos são considerados nesta dissertação.

No que concerne ao espólio funerário, apenas serão consideradas as peças directamente interligadas com os inumados, sendo descartados os fragmentos avulsos no interior das sepulturas. Tratando-se de materiais revolvidos no enchimento dos sepulcros, a sua proveniência poderá ser contemporânea ou anterior ao momento da inumação.

Assim, estipuladas todas as restrições, reunimos um amplo conjunto de dados posteriormente catalogado em tabelas (organizadas por distritos e subdivididas resumidamente por número, nome, localização, contexto, número de sepulturas, característica dos sepulcros e das inumações) e categorizado no programa *Quantum Gis*², tomando como modelo as metodologias aplicadas nos vários contextos funerários de Córdova (Soriano Castro, 2006). Desta forma, será possível analisar e compreender alguns padrões interligados à posição e/ou orientação dos crânios e corpos dos inumados e à tipologia dos sepulcros identificados.

A esta sistematização conjugaram-se os diligentes estudos espanhóis, mormente as premissas de Leopoldo Torres Balbás e de Guillermo Rosselló Bordoy e as categorizações tipológicas e cronológicas de Carmen Peral e Inés Fernandez, que viabilizaram a interpretação de várias conjecturas.

Concomitantemente, a análise das problemáticas subjacentes engloba a conjugação dos dados arqueológicos recolhidos (a posição e orientação dos inumados e as diferentes tipologias sepulcrais, complementados, quando possível, com dados cronológicos), com os precedentes estudos espanhóis e com a análise comparativa de outros arqueossítios similares na Península Ibérica. Assim, será possível deprender as

² Sistema de Informação Geográfico *Open Source*

conjecturas interligadas à implantação, evolução e sobreposição dos espaços sepulcrais, assim como aspectos associados à transição, à fixação e à proliferação das crenças e dos costumes funerários.

3. Estado da Arte

O Estado da investigação arqueológica sobre a época medieval no território nacional tem proliferado, notoriamente nos últimos anos, tendo como resultado um crescente interesse pela herança muçulmana marcada na nossa história. Através da investigação científica, vários autores têm contribuído para uma melhor percepção deste nosso legado. Contudo, alguns campos desta disciplina ainda se encontram insuficientemente explorados, nomeadamente o domínio epigráfico e funerário islâmico.

Infelizmente, até à data, a realidade dos estudos epigráficos árabes em Portugal não alcançou a resplandecência da panorâmica dos nossos colegas espanhóis e, desta forma, não temos propriamente nenhum investigador português epigrafista deste período cronológico-cultural. Por conseguinte, se não existe nenhum especialista nesta área do saber tão-pouco encontraremos, entre nós, peritos em tipologias epigráficas específicas, nomeadamente funerárias, como acontece em Espanha.

Ademais da identificação avulsa de elementos epigráficos especialmente, por Estácio da Veiga e José Leite de Vasconcelos e Irisalva Moita³, certamente David Lopes foi a personalidade portuguesa que primeiro se debruçou sobre a temática da epigrafia, no século XIX e inícios do século XX, materializando os seus estudos num conjunto de artigos designados *Cousas árabe-portuguesas* em dois volumes do ilustre *Archaeologo Português* (Lopes, 1895b e 1896). Das suas recensões são de particular destaque as epígrafes funerárias de Mértola e Beja.

Nesta centúria, os restantes estudos resumem-se simplesmente a trabalhos pontuais que se traduziram em pequenas publicações.

³ Foram aptos para reconhecer as inscrições árabes, contudo, a inexistência de conhecimentos elementares a nível linguístico impossibilitou-os de elaborar leituras e transliterações dos fragmentos epigráficos. Irisalva Moita identificou nos anos 60 do século XX a epígrafe funerária na Praça da Figueira em Lisboa (Moita, 1967), Estácio da Veiga recolheu as estelas de Mértola no século XIX (Veiga, 1880), e José Leite de Vasconcelos, na mesma centúria, identificou as epígrafes de Alcácer do Sal (Vasconcelos, 1895).

Na viragem para o século XX, surgem pequenos contributos de investigadores que se debruçam no estudo de pontuais inscrições com que se vão deparando ao longo do seu percurso científico. De entre os demais, destaca-se, na década de 40, o arabista americano Alois Richard Nykl que elabora uma notável colectânea titulada *Arabic inscription in Portugal* (Nykl, 1946), e publica vários artigos, em particular *As inscrições árabes no Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos* (Nykl, 1942) e *Algunas inscripciones árabes de Portugal* (Nykl, 1940). Indubitavelmente, Nykl é uma figura de referência, uma vez que este investigador não se limita a identificar as epígrafes a nível nacional como também as reproduz e traduz.

Contudo, a verdadeira transformação – não só dentro da temática epigráfica, mas, de um modo geral, nos estudos árabes em Portugal – foi incontestavelmente a partir da década de 70 do século XX. Como tal, emergiu uma preocupação e uma maior prudência na inventariação dos vestígios epigráficos dos acervos dos museus, assim como a aplicação de uma metodologia mais científica para o estudo dos mesmos.

Neste âmbito enquadram-se os trabalhos de Artur Goulart de Melo Borges, em particular o seu artigo sobre a *Panorâmica da epigrafia árabe em Portugal* (Borges, 1991) e sobre a *Epigrafia árabe no Gharb* (Borges, 1998), assim como o compêndio de Mário Barroca integrado na sua tese de doutoramento (Barroca, 2000).

Assim, em breves linhas, concluímos que à excepção de alguns estudiosos que abordam esta temática (nomeadamente David Lopes e Artur Goulart de Melo Borges) denotamos uma evidente carência de um verdadeiro epigrafista árabe em Portugal.

Nada obstante, e de forma a colmatar esta enorme lacuna, vários epigrafistas espanhóis debruçaram-se sobre as estelas identificadas no nosso território publicando diversos artigos referentes às mesmas.

Carmen Barceló e Ana Labarta são, indubitavelmente, as investigadoras de destaque, visto que são as que mais colaboraram para o estudo das epígrafes do *Gharb al-Andalus*. De entre as diversas publicações – as *Columnas “Arabizadas” en Basílicas y Santuários del Occidente de Al-Andalus* (Barceló, 2001), o *Epítáfio árabe del museo de Faro* (Barceló e Labarta, 1994), entre outras – destaca-se o compêndio *Inscripciones árabes portuguesas: situación actual* (Labarta e Barceló, 1987) e as traduções das epígrafes do *Ribat* da Arrifana (as únicas identificadas *in situ* em Portugal) presentes nas *Inscripciones en ribat de al-Andalus* (Barceló, 2016), nas *Lápides islâmicas da necrópole do Ribat da Arrifana* (Barceló, Gomes e Gomes, 2013) e na *Estela Funerária Epigrafada, do Ribat da Arrifana* (Barceló, Gomes e Gomes, 2011).

De igual modo, a investigadora Maria Antonia Martínez Núñez desempenhou um papel crucial no estudo das estelas, principalmente funerárias, desde da década de 90, resultando numerosas publicações, mormente *La Estela Funeraria en el Mundo Andalusi* (Martínez Núñez, 1994), a *Epigrafía funeraria en al-Andalus (siglos IX-XII)* (Martínez Núñez, 2001) e *El Corán en los textos epigráficos andalusies* (Martínez Núñez, 2008).

Todavia, sem querer menosprezar os primeiros contributos de Pedro Longás e Julián Ribera y Tarragó nos inícios do século XX⁴, foi Leopoldo Torres Balbás o verdadeiro pioneiro que amplamente contribuiu, não só no domínio epigráfico, como também nos estudos sobre os almocavares islâmicos. Na sua monografia *Ciudades hispanomusulmanas* (Torres Balbás, 1970) dedica um notável capítulo a este tema, no qual expõe a sua recolha documental das fontes escritas existentes, de pontuais escavações e das evidências epigráficas recolhidas. Assim, este autor apresenta informações inerentes à localização dos almocavares andaluses (antes e pós-Reconquista, desde as grandes necrópoles urbanas aos núcleos funerários palatinos) e reporta sobre todos os aspectos em torno das necrópoles, nomeadamente sobre a sua implantação, os túmulos, as estelas funerárias (das múltiplas tipologias), a vegetação e a vida social nestes espaços.

Indubitavelmente, Torres Balbás fora o primeiro a sistematizar e a perscrutar este avolumado número de informações concernentes ao mundo funerário islâmico e, como tal, o seu trabalho fora imprescindível para a elaboração desta dissertação.

Por conseguinte, nas décadas que se seguiram, tanto em Portugal como em Espanha, nenhum investigador deu continuidade ao legado de Torres Balbás. Apenas se registaram, durante os anos 80, em contexto de obra, algumas necrópoles islâmicas, publicadas nos *Congresos de Arqueologia Medieval Española I, II e III* (Juan Garcia, 1985; Navarro Palazón, 1986; Pozo Martínez, 1989; Ros Barbosa, 1985; Sanchez Pravia, 1987). Porém, no final dessa mesma década, existe uma publicação que se sobressai neste período de estagnação científica: o artigo *Almacabras, ritos funerarios y*

⁴ Estes dois investigadores abordam o Islão e todas as prescrições religiosas, embora Ribera y Tarragó tenha dado mais ênfase aos gestos funerários comparativamente com Longás que patenteia diversos aspectos, desde a forma de rezar ao modo de sepultar os mortos. Ambos os autores, nas suas publicações *Cerimónias fúnebres de los árabes españoles* (Ribera y Tarragó, 1928) e *La vida religiosa de los moriscos* (Longás, 1915), estudaram esta religião num sentido antropológico e actual, sem recorrer a qualquer evidência do passado histórico ou arqueológico andalus.

organización social en Al-Andalus redigido por Guillerme Roselló Bordoy (Roselló Bordoy, 1989).

Posteriormente, nos anos 90 e 2000, correlacionado com acréscimo de empreendimentos urbanísticos, denota-se um aumento exponencial de *maqbara(s)* intervencionadas no âmbito da arqueologia preventiva e de minimização de impactes⁵. É dentro deste panorama que a larga maioria das necrópoles islâmicas escavadas em Portugal se encontra. Os pontuais almocavares identificados no âmbito da investigação, por norma associados a estudos de nível regional, resumem-se às sepulturas a norte das termas de Conímbriga (nº4), ao arqueossítio Alto da Vigia (nº19), às necrópoles de Mértola (nº53-55), em parte ao Museu de Évora (nº30), ao *Ribat* da Arrifana (nº86), e às prospecções no Algarve Oriental elaboradas por Helena Catarino (nº56-58, 62-64, 66-69, 71 e 74) e Maria Maia (nº59-61).

Em Espanha, o cenário não será muito diferente. Há nitidamente um acréscimo no número de necrópoles islâmicas escavadas; contudo, ao contrário da conduta portuguesa, dessas mesmas intervenções resultam alguns estudos pertinentes para o avanço da investigação desta temática. Reporto, irrefutavelmente, aos modelos de estudo utilizados nas *maqbara(s)* de Córdova - mormente *Los cementerios islámicos de Qurtuba* (Casal García, 2001), as *Propuestas metodológicas en informática para la investigación arqueológica funerária* (Soriano Castro, 2006) e *Hombres! La promesa de Dios es verdadera...El mundo funerario islámico en Cordoba (siglos VIII-XIII)* (León Muñoz, 2008-09) -, assim como as várias observações nas intervenções das necrópoles da Andaluzia, que culminaram no livro de menção *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes* (Fernández Domínguez, 1995; Fernández Guirado, 1995; Galvez Izquierdo, 1995; López López *et all*, 1995; Martínez Garcia *et all*, 1995; Peral Bejarano, 1995).

Os restantes estudos, fora da visão interpretativa de campo, sumarizam-se na monografia *Arqueologia del mundo funerario en la Península Ibérica (siglos V al X)* de López Quiroga (López Quiroga, 2010) que, genericamente, aborda os cemitérios islâmicos; e os notáveis artigos *El espacio de los muertos: fetuas andalusíes sobre tumbas y cementerios*, de Maribel Fierro, e *Ensayo de rituales de enterramientos islámicos en Al-Andalus* de Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padiál Pérez (Chávet Lozoya *et all*, 2006; Fierro, 2000), que exploram as decisões jurídicas por detrás dos

⁵ Principalmente através da Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas do Alqueva (EDIA) cujos trabalhos vieram a revelar a maioria dos núcleos funerários rurais do Alentejo.

gestos funerários, sendo que o último completa os dados com as tipologias sepulcrais mais aceites pelos *ulema(s)*.

Em suma, tanto em Portugal como em Espanha, os trabalhos concernentes aos espaços funerários islâmicos na Península Ibérica, resultam maioritariamente, de pontuais intervenções arqueológicas que culminam numa publicação ou num relatório final de escavação, existindo excepcionalmente estudos que dão os primeiros passos na análise interpretativa dos almocavares. É notória, porém, a ausência de um compêndio ou corpus actualizado, assim como um especialista efectivo referente a esta temática.

Perante este cenário, aventurei-me na inventariação dos núcleos funerários identificados, até à data, no actual território português, procurando colmatar as inúmeras lacunas que ainda persistem. Conquanto, de forma a tornar este avolumado de informações claro e coeso, focar-nos-emos, primeiramente, nas linhas que se seguem, nos preceitos rituais por detrás da materialização destas necrópoles islâmicas.

4. Religião, cultura e visão sobre a morte

4.1. Crença e dicotomia entre o mundo dos vivos e dos mortos

No século VIII, a Península Ibérica vai assistir à entrada de uma nova vaga de emigração constituída por árabes e berberes recentemente convertidos ao Islão. Esta nova religião abraâmica, ademais da crença num único Deus onnipotente e onnisciente, rege-se num conjunto de normas que ditam diversas condutas diárias, tanto para os vivos como para os mortos.

Estes preceitos e práticas têm por base o livro sagrado do Islão – o Alcorão (القرآن) – complementado pelas palavras e actos benevolentes do profeta *Mohammed* – designadamente *hadith* (حديث). Ambas as fontes, o Alcorão e os *hadith(s)*, estruturam a lei de Deus ou a *shariah* (شريعة) (Lewis, 1995, p.43-44 e 151-152).

Em suma, seguindo os princípios doutrinários do Islão, preconizados no Alcorão e nos *hadith(s)*, os fiéis, aplicando-os no quotidiano, seriam retribuídos no domínio espiritual. Ou seja, à semelhança do catolicismo, os benevolentes e os clementes serão recompensados eternamente no céu e os impiedosos castigados no inferno, no dia da ressurreição e do juízo final. (Lewis, 1995, p.159 e 160).

Porém, nos primeiros momentos de domínio islâmico, não existe uma unanimidade hierática. Os muçulmanos faccionam-se em duas grandes tendências doutrinárias mormente o sunismo, a corrente mais ortodoxa orientada pelos Omíadas e adoptada na Síria, Egipto e nas províncias mais ocidentais; e o xiismo, constituído pelos seguidores de Ali⁶ com grande adesão nas províncias orientais (Catarino, 1997/98, p.94).

Neste sentido, no século VIII, a língua árabe e o Islão não eram preponderantes no al-Andalus e, os muçulmanos recém-convertidos não desempenharam grande influência religiosa nessa mesma centúria. Inclusive, ainda no século IX, existia um grande predomínio de cristãos no território, exercendo funções no governo regional e cargos religiosos nas suas dioceses, destacando-se os bispos de Toledo, Córdova, Sevilha e até Lisboa (Catarino, 1997/98, p.94; Coelho, 2010, p.167; Sidarus, 1998, p.257). É apenas entre o século IX e o X, que a lenta arabização e a islamização se vão afirmando, pouco a pouco, na sociedade do al-Andalus (Catarino, 1997/98, p.94; Coelho, 2010, p.167).

Este Islão, protagonizado pela dinastia Omíada, que surge paulatinamente na Península, à semelhança das comunidades no norte de África, afirma-se com maior coesão com o Califado, no século X como sunita ortodoxo conduzido pela escola malaquita, embora persista alguns indícios de heterodoxia⁷ testemunhados nas fontes literárias (Arié, 1983, p.344; Catarino, 1997/98, p.94; Coelho, 2010, p.169; Fierro, 1991, p.129 e 130; Sidarus, 1998, p.261). Esta nova abordagem interpretativa do Imam Malik utiliza a analogia dos *hadith*(s) e elabora normas e parâmetros jurídicos aplicáveis a todos os crentes (Zekri, 2009, p.158).

Os paradigmas face à morte não são excepção e, uma vez que os relatos corânicos⁸ são escassos e vagos neste âmbito, a sua codificação e padronização nas fontes jurídicas é essencial (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.151 e 156). Estabelece-se então um abrangente conjunto de normas sobre a visão e as condutas estipuladas pela lei islâmica. Entre as demais destaca-se a diferenciação entre o mundo dos vivos e dos

⁶ Genro e primo do profeta Mohammed e considerado para os xiitas o sucessor legítimo

⁷ Também se registam alguns movimentos ascéticos atribuídos aos designados sufistas, que se inspiravam nas vertentes eremíticas orientais e nos moçárabes do norte peninsular, mas estes apenas ganham uma maior adesão no *gharb* al-Andalus a partir do século XII, mormente em Mértola, Silves e Niebla (Catarino, 1997/98, p.94).

⁸ Pontualmente comenta sobre o acto de inumar mas sem se debruçar verdadeiramente sobre o assunto, tal como expresso no capítulo V, verso 31 “E Allah enviou um corvo, que se pôs a escavar a terra para ensinar-lhe a ocultar o cadáver do irmão. (...)” e no capítulo XXII, verso 7 “e a Hora chegará indubitavelmente, e Allah ressuscitará aqueles que estiverem nos sepulcros” (Hayek, 2010).

mortos, por outras palavras, as necrópoles islâmicas (ou *maqbara(s)* مقبرة)⁹ deveriam estar iminentemente apartadas dos núcleos habitacionais (Mazzoli-Guintard, 1996, p.65; Torres Balbás, 1970, p.235).

Uma vez que estes locais são palco de várias actividades, nomeadamente religiosas, às quais os juristas recomendavam frequentes visitas, conseqüentemente levava à congregação de muçulmanos de ambos os sexos (Torres Balbás, 1970, p.257). Perante esta realidade, a lei islâmica interdita e reprova algumas acções nas necrópoles, tais como edificações dentro deste espaço, sem qualquer tipo de função funerária, nomeadamente tendas ambulantes, latrinas e fossas ao ar livre; e restringe figuras de comportamento leviano, mormente vendedores, contadores de histórias e músicos, que poderiam levar à sedução ou ao florescimento de paixões latentes durante o período de luto (Torres Balbás, 1970, p.257; Fierro, 2000, p.156 e 160).

Fora do âmbito das cerimónias fúnebres, também era proibido rezar nos cemitérios, especialmente perto das sepulturas, assim como elaborar sacrifícios junto às mesmas (Fierro, 2000, p.155). As mulheres eram fortemente desaconselhadas a visitarem as necrópoles para não serem levadas pelo choro e pela mágoa e para não questionarem os desígnios de *Allah* (Fierro, 2000, p.155 e 158)¹⁰.

Assim, de forma a controlar estas restrições e, simultaneamente, manter e vigiar os cemitérios, são encarregados destes espaços dois funcionários públicos, designadamente o Qadí e o Muhsabib (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.150; Torres Balbás, 1970, p.235), que zelavam pelo seu bom funcionamento e pela necessidade, ou não, de se criarem novos espaços funerários.

São estes alguns dos aspectos da religião islâmica que vislumbram a cultura funerária, sua parte integrante no quotidiano e que nos testemunham a visão sobre a morte nas comunidades muçulmanas.

⁹ À semelhança das mesquitas, a edificação de uma necrópole islâmica consistia num acto piedoso aos olhos de Deus e, segundo as fontes, a sua fundação traria benefícios e recompensas celestiais (Torres Balbás, 1970, p.235)

¹⁰ As *fatwa(s)* concernentes as estes aspectos remontam à época califal, dos reinos taifa, almorávida e nazari, nomeadamente “Al-‘utabi (m.254/868) transmitió que el Profeta dijo que Dios maldijo a las mujeres que visitan las tumbas (...)”; “Ibn ‘Abdun, en unos textos justamente famosos, nos informa de que en el cementerio de Sevilla, tanto en época de taifas como en la época almorávida, se instalaban entre las tumbas narradores de cuentos y decidores de la buenaventura y estos se quedaban a solas com mujeres para hablarles en las tiendas que levantaban para ejercer su oficio, práctica que nuestro autor reprueba tanto por tratarse de una conducta desvergonzada por parte de las mujeres como por ser ocasión para que esos hombres las roben o violenten”; “Algunos juristas andalusíes [al-Satibi, Masud e Al-wansarisi] son hostiles y prohíben (...) cerimonias de duelo, en tanto que manifestación ostentosa de vanagloria y porque son ocasión para que hombres y mujeres se mezclen” (Fierro, 2000, p.159, 160 e 175).

Após formuladas as proibições aplicáveis ao uso recorrente do dia-a-dia, passamos à descrição, nos tópicos que se seguem, dos ditames sobre a ritualização da morte, nomeadamente a preparação do cadáver, o cortejo fúnebre e, por fim, o enterro dos inumados.

4.2. Ritualização da morte

Através das fontes escritas, compreendemos a ritualização da morte segundo os preceitos islâmicos e, simultaneamente, assimilamos as práticas culturais e doutrinárias destas sociedades.

Conquanto o papel desempenhado pela Arqueologia, para além de comprovar alguns testemunhos relatados pelos textos literários, demonstra, através das evidências materiais, algumas idiosincrasias nos contextos funerários.

Sem mais demoras, as páginas que se seguem expõem os procedimentos rituais na morte no al-Andalus.

4.2.1. Rituais cerimoniais ligados à purificação do corpo

Certamente, a liturgia funerária apresentava alguma variabilidade, não só no âmbito regional como também cronológico; de qualquer modo, os ritos seguiam algumas directrizes imutáveis, mormente na oração fúnebre e purificação do corpo do defunto (Catarino, 1997/98, p.101; Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.152).

Segundo o Alcorão e, subsequentemente, a doutrina malaquita, assim que se avizinhava a morte de um muçulmano dava-se início aos rituais fúnebres. O primeiro passo consistia na recitação de algumas frases religiosas ao ouvido do indivíduo exânime, principalmente a *shaada*: أشهد أن لا إله إلا الله وأشهد أن محمد رسول الله (testemunho que não há Deus senão Deus e *Mohammed* é o seu mensageiro). A repetição desta fórmula era imprescindível até ao último momento (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.155 e 157; Ribera y Tarragó, 1928, p.250).

Após o perecimento do indivíduo procede-se de imediato à purificação do corpo.

A ablução do defunto é efectuada através da lavagem do corpo com água fresca ou tépida, por vezes aromatizada com cânfora ou almíscar. Idealmente lava-se, num

número ímpar de vezes, primeiramente os pés e as mãos e seguidamente as restantes partes do corpo. Durante todo este procedimento, as partes púbicas são cobertas com um pano resguardando a integridade do morto (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.154 e 157; Torres e Macias, 1996, p.28; Ribera y Tarragó, 1928, p.250). A lavagem deve ser efectuada por indivíduos do mesmo sexo não existindo restrições a nível de parentesco sendo, excepcionalmente, no caso dos casais, outorgado a participação dos respectivos cônjuges (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.154; Longás, 1915, p.286-287). No decurso desta prática zelava-se reiteradamente pela manutenção do aspecto do defunto. Este deveria manter a sua aparência tal como conservava até ao momento da sua morte. Deste modo, cortar as unhas ou aparar o cabelo e/ou a barba deveria ser evitado (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.157).

Todavia, os mártires que pereciam em combate ficavam isentos destas normas, ou seja, eram inumados com as suas próprias roupas e pertences e sem qualquer tipo de ablução concebida (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.155 e 158; Longás, 1915, p.289).

À parte desta condicionante, os defuntos deveriam ser envoltos num sudário de algodão e de cor branco – ou excepcionalmente amarelo – com cânfora, principalmente na zona do nariz, boca, olhos, ouvidos e região púbica. Esta colmatação dos orifícios do corpo está interligada à crença de um eventual retorno do espírito ao corpo e consequente caos no mundo dos vivos (Longas, 1915, p.287; Ribera y Tarragó, 1928, p.251; Torres e Macias, 1996, p.28)

Após a lavagem e amortalhamento do corpo dava-se seguimento ao funeral. Este deveria ser modesto e trivial e praticado em monotonia pelos entes mais próximos e, por acréscimo, pelo *Imam* que realizava a cerimónia religiosa (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.155, Ribera y Tarragó, 1928, p.252-253).

Deste modo, o defunto era transportado em padiolas, sem demoras, para o cortejo fúnebre acompanhado de orações, proferidas pelo *Imam*, na *musalla* e no cemitério. Embora desencorajado pelos teólogos, as preces seriam acompanhadas por cânticos e lamentos e, segundo os preceitos, os entes repetiam quatro vezes com a face voltada para Meca اللهُ أَكْبَرُ (Deus é grande)¹¹ finalizando as orações do *Imam*¹² com آمين (ámen) (Chávet Lozoya *et alli*, 2006, p.155; Ribera y Tarragó, 1928, p.252-253; Torres e Macias, 1996, p.28)

¹¹ Esta recitação é designada *takbir* (تَكْبِير)

¹² A recitação mais importante era a *Salatul-Yanaza* (oração dos funerais)

Depois da cerimónia, por norma, a família enlutada recebia os pêsames dos seus amigos e conhecidos, que eram acolhidos em casa do defunto, preparando-se um pequeno e modesto banquete fúnebre e distribuindo-se esmola e comida por quem passava (Torres e Macias, 1996, p.37).

4.2.2. Cânones de enterramento e tipologias de sepulturas

Tal como comentado anteriormente, à semelhança dos cemitérios romanos e em oposição aos núcleos funerários medievais cristãos, a necrópole islâmica localizar-se-ia no exterior das cidades e nas imediações dos caminhos que conduziam às portas da cidade (Mazzoli-Guintard, 1996, p.65; Torres Balbás, 1970, p.235).

Devido a esta proximidade, recorrentemente os cemitérios islâmicos adoptavam o nome da porta que os confinava. As próprias fontes escritas transcrevem-nos inúmeros exemplos no território do al-Andalus, principalmente para as necrópoles na actual Espanha, tal como a *maqbarat bab Ilybira* em Granada (ou seja, o cemitério Porta Medina Elvira) e a *maqbarat al-Hanas* em Valência. No contexto actualmente português temos a particularidade da porta da cidade adoptar o nome do cemitério, nomeadamente em Lisboa a *bab al-maqábir* (Torres Balbás, 1970, p.239, 266 e 274).

Embora a adesão do nome da porta da cidade fosse a fórmula mais frequente para o mundo funerário islâmico, registaram-se também outras ocorrências onomásticas relacionadas com outros elementos envolventes e também com os seus fundadores. Mais uma vez, os exemplos espanhóis são os mais representativos que patenteiam necrópoles de um determinado arrabalde, como *maqbarat al-hawd*; nas imediações de uma área comercial, como *maqbarat al-jiyam*; de uma *musalla* mormente *maqbarat al-musalla*; e com o nome do fundador tal como *maqbarat al-Umm Salama* em Córdova (Torres Balbás, 1970, p.239, 267 e 270).

As necrópoles islâmicas deveriam ser constituídas por sepulturas recatadas e despojadas de qualquer tipo de monumentalidade e apartadas entre si de forma a proporcionar algum espaço de circulação entre as demais (López Quiroga, 2010, p.281).

Portanto, do mesmo modo que as prescrições islâmicas regem as cerimónias fúnebres, também ditam a composição dos jazigos incentivando a austeridade, a simplicidade e a igualdade na morte (Torres Balbás, 1970, p.240). Desta forma, as sepulturas deveriam ser simples, escavadas no solo natural, estreitas, de pouca

profundidade e sem caixão (López Quiroga, 2010, p.282; Torres e Macias, 1996, p.32). Todavia, alguns investigadores crêem que a adopção de caixão nos sepulcros islâmicos enquadra-se entre finais do século XI e princípios do XII (Peral Bejarano, 1992, p.23).

Nada obstante, as fossas sepulcrais, mediante a tradição do profeta ou *hadith*, poderiam apresentar duas pequenas variantes no que concerne à sua morfologia. A mais comum seria o *darih* (ضريح) – uma única vala de paredes rectas – distinguindo-se da composição *lahd* (لحد) e *šaqq* (شق). Esta última formava um complexo funerário constituído por uma cavidade mais estreita e profunda (*lahd*) integrada no interior, seja no lado direito ou no centro, de uma fossa maior (*šaqq*) (fig.1). Frequentemente, este último arquétipo podia ser estruturado por telhas ou lajes na cobertura da fossa mais profunda (Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.152 e 153).

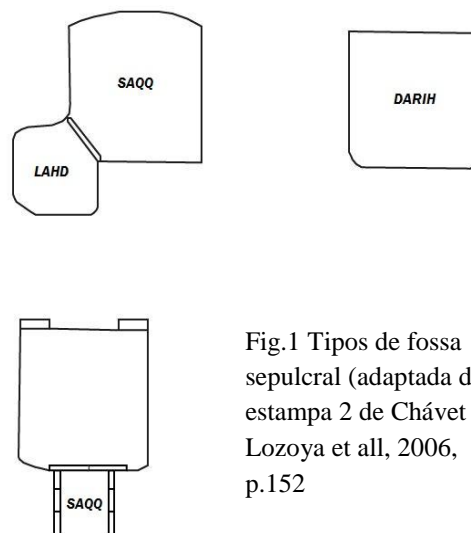


Fig.1 Tipos de fossa sepulcral (adaptada da estampa 2 de Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.152

Outrossim, nenhum tipo de espólio funerário ou votivo deveria acompanhar o defunto no interior da sepultura. Estes elementos, segundo as directrizes do Islão, eram cabalmente proibidos (López Quiroga, 2010, p.283)

Também as prescrições divinas advertem sobre a inumação dos falecidos. Estes deveriam ser meticulosamente colocados directamente na fossa sepulcral – apenas envoltos num sudário, ou mortalha, e sem caixão – apoiados sobre o seu lado direito (mais propriamente em decúbito lateral direito)¹³, com as pernas ligeiramente flectidas, braços apoiados sobre a pélvis e com o corpo e a face voltada em direcção a Meca. No contexto do al-Andalus, esta orientação, grosso modo, rege-se num eixo sudoeste-nordeste (cabeça-pés) estando a face a olhar para sudeste (López Quiroga, 2010, p.282; Mazzoli-Guintard, 1996, p.66).

De forma a não serem afectados por posteriores inumações, as sepulturas eram apenas sinalizadas à superfície, por pequenos montículos de terra, embora por vezes se detectem, na agenda arqueológica, pequenas estelas na zona da cabeceira ou dos pés (Casa e Doménech, 1995, p.70; Fierro, 2000, p.155; López Quiroga, 2010, p.284;

¹³ A própria configuração estreita das sepulturas constrangia o espaço e forçava os inumados a permanecer nesta posição

Mazzoli-Guintard, 1996, p.66), sendo o caso do cemitério de Vascos (Toledo) um exemplo bem ilustrativo da sinalização das sepulturas com cipos (Izquierdo Benito, 1989).

Tal como se registam transgressões nos ditames impostos na sinalização, também existe algum incumprimento das normas impostas na sobriedade dos jazigos islâmicos. Assim, com frequência registam-se nos contextos funerários diferentes tipos de sepulcros – alguns imponentemente estruturados – criando por vezes susceptibilidades interpretativas.

Perante esta realidade, as arqueólogas Carmen Peral e Inés Fernandez, na década de 90, através dos registos arqueológicos no território espanhol, deram o primeiro passo na categorização tipológica e cronológica das sepulturas islâmicas (Fernández Guirado, 1995, p.44-51; Peral Bejarano, 1995, p.26-31).

As duas investigadoras, perante uma grande variedade tipológica sepulcral, organizaram os grandes grupos, primeiramente por letras, e subdividiram numericamente as respectivas nuances tipológicas.

De forma a agilizar a informação compilada, optei por elaborar uma tabela (fig.2 e 3) com a referida informação, organizada e ordenada cronologicamente, que sintetiza e nos mostra a grande variedade, do mais simples aos casos mais complexos, comportando a identificação e estudo dos monumentos funerários de al-Andalus.

TIPO	VARIANTE	DESCRIÇÃO	EXEMPLO	CRONOLOGIA
E	1	Fossa simples escavada no sedimento, frequentemente de planta rectangular, mas pouco regular e de pouca profundidade. Não tem qualquer tipo de cobertura ou delimitação.	Circo Romano de Toledo	Pelo menos desde séc. IX-XI
	1.1	Fossa simples escavada na rocha com um degrau lateral (fossa <i>lahd + šaaq</i>)	Cuevas de la Arena (Baza)	Sem datação
J	1.2	Fossa simples e antropomórfica com fundo e paredes laterais revestidas de argila	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. X-XI

TIPO	VARIANTE	DESCRIÇÃO	EXEMPLO	CRONOLOGIA
G	2	Fossa simples coberta por telhas	Cortijo de Aragaz (Granada)	Séc. IX-X
	2.1	Fossa simples das quais apenas as que comportavam inumados não-adultos eram constituídas por ladrilhos	Cortijo de Aragaz (Granada)	Séc. IX-X
	3	Fossas coberta por adobes	Puerta de Toledo (Saragoça)	Séc. IX-XII
	3.1	Fossa com cobertura de adobes ligeiramente inclinada (ou seja cobertura de meia água)	Puerta de Toledo (Saragoça)	Séc. IX-XII
	3.2	Sepulturas com cobertura de lajes de ardósia	Puerta de Toledo (Saragoça)	834 (±35) (radiocarbono)
	3.3	Sepulturas com cobertura de <i>tegulae</i>	Puerta de Toledo (Saragoça)	Séc. IX-XII
	4	Sepulturas revestidas no interior e cobertas por adobes	Calatrava la Vieja (Cidade Real)	Entre 1195-1212
	5	Fossa lateral (<i>lahd</i>) com cobertura plana de adobes	Calatrava la Vieja (Cidade Real)	Séc. XI-XII
	6	Fossa simples com estrutura piramidal de adobes à superfície	Calatrava la Vieja (Cidade Real)	Séc. IX-XIII
7	Fossa revestida no interior por adobes e com estrutura piramidal à superfície, do mesmo material	Calatrava la Vieja (Cidade Real)	Séc. IX-XIII	

TIPO	VARIANTE	DESCRIÇÃO	EXEMPLO	CRONOLOGIA
F	8	Fossa simples composta à superfície por uma estrutura de silhares colocados em degraus	San Nicolás (Múrcia)	Séc. XI-XII
	9	Sepultura de planta rectangular cujas paredes são constituídas por ladrilhos e rebocadas com gesso sendo visíveis à superfície	San Nicolás (Múrcia)	Séc. IX-XIII
	10	Sepultura com paredes compostas por ladrilhos e rebocadas por gesso	Cieza	Séc. XII-XIII
	11	Fossa com paredes e cobertura de ladrilhos	Plaza Vieja (Almeria)	Séc. X-XI
	12	Sepultura faustosa estruturada por degraus, plinto e por <i>mqabriyya</i> de mármore	Plaza Vieja (Almeria)	Séc. X-XI
	12.1	Fossa simples mas bastante estruturada à superfície por lápides, <i>mqabriyya</i> de mármore, por plinto e degraus de argamassa	Puerta de Purchena (Almeria)	Séc. XI-XV
	13	Fossa simples escavada na rocha, com degrau lateral e com cobertura de lajes colmatada com argamassa e por vários elementos pétreos e fragmentos cerâmicos	Puerta de Purchena (Almeria)	Séc. XI-XV
	14	Panteão constituído por <i>mqabriyya</i>	Puerta de Purchena (Almeria)	Séc. XI-XV
	15	Sepultura de planta rectangular com paredes revestidas por ladrilhos e gesso e com cabeceira semi-circular. A cobertura era composta por lajes colmatas por argamassa e por fiadas de ladrilhos	Muralla (Múrcia)	Entre 1243 e 1265
B	15.1	Sepultura com paredes compostas por ladrilho e pedras e com cobertura de lajes de ardósia	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XIII
H e D	16	Sepultura delimitada à superfície por elementos pétreos. O tipo “D” é um caso particular de uma sepultura dupla	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XII
C	17	Sepulturas cobertas por lajes nas mais diversas disposições	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. X-XV

TIPO	VARIANTE	DESCRIÇÃO	EXEMPLO	CRONOLOGIA
I	18	Estrutura tumular rectangular, sem fossa escavada no solo apenas erigida à superfície, constituída por paredes de argamassa rematadas por ladrilhos. No interior albergava um caixão e a sua cobertura era composta por um prisma rebocado de forma a imitar uma <i>mqabriyya</i>	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XII
A	19	Fossa revestida no interior por argamassa e no exterior por ladrilho vidrado e ainda sinalizada por uma estela	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XIII
	20	Mesquita funerária	Yabal Faruh (Málaga)	Sem datação
L	–	Fossa pouco profunda com cobertura composta por gesso e restos de adobe	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. X
M	–	Sepultura com alçado (caso particular)	Yabal Faruh (Málaga)	Séc.XI-XII
N	–	Sepultura no interior de um panteão coberta por um fino empedrado de cal e areia e composta por azulejos triangulares	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XII
K	–	Grandes panteões com múltiplos enterramentos	Yabal Faruh (Málaga)	Séc. XII

Fig.2. Tabelas de categorização tipológica e cronológica das sepulturas islâmicas da Andaluzia (Fernández Guirado, 1995, p.44-51; Peral Bejarano, 1995, p.26-31).

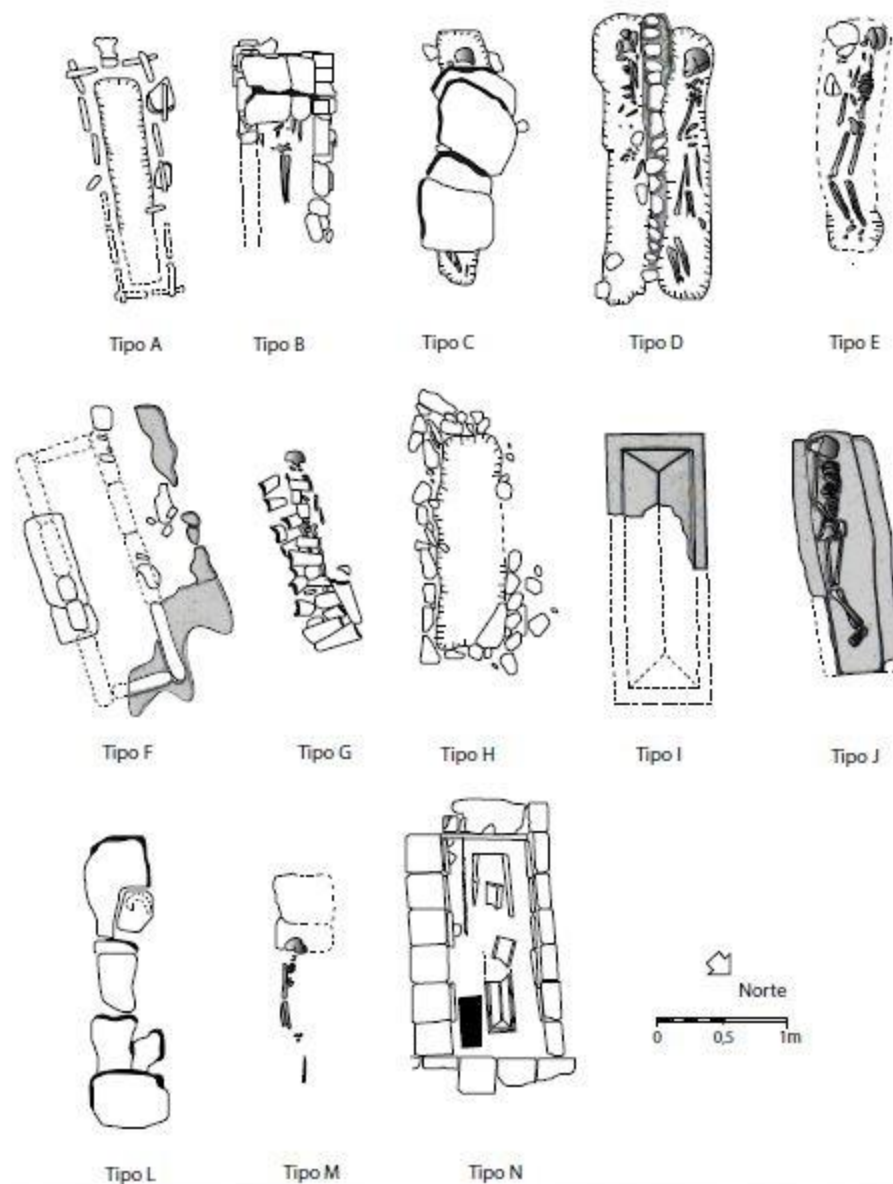


Fig.3. Ilustração da tipologia de sepulturas islâmicas identificadas na Andaluzia (adaptada de Fernandez Guirado, 1995, p.58)

Em síntese, observamos quatro grandes momentos tipológicos, nomeadamente uma primeira fase, entre os séculos IX e XI, caracterizada por sepulturas simples com pontuais variações na morfologia e/ou no tipo de cobertura (telhas, ladrilhos, lajes e por vezes *tegulae* romanas reutilizadas). Na segunda fase, entre os séculos XI e XII, denota-se a presença de alguns silhares que estruturam consideravelmente os sepulcros (Catarino, 1997/98, p.102; Fernández Guirado, 1995, p.44; Peral Bejarano, 1995, p.30)

De seguida, no século XII, embora subsista no registo arqueológico a presença de sepulturas simples, aumenta consideravelmente a diversidade tipológica de jazigos e

surgem, pontualmente, as sepulturas colectivas e os panteões familiares (Catarino, 1997/98, p.102; Fernández Guirado, 1995, p.45; Peral Bejarano, 1995, p.30).

O quarto e último momento, enquadrado entre os séculos XII/XIII até ao XV, mantêm-se a diversidade tipológica (ladrilhos, uso de argamassas, lajes, etc.) e destaca-se o número de panteões com enterramentos colectivos e respectiva monumentalidade (Catarino, 1997/98, p.102; Peral Bejarano, 1995, p.30 e 31).

Todavia, a heterogeneidade não se regista somente na singularidade morfológica de cada sepulcro, mas, também, na disparidade das próprias necrópoles. Ademais das grandes *qubbas* onde se faziam enterrar ilustres figuras reconhecidas pela sua santidade – e em torno dos quais os muçulmanos preferencialmente queriam ser inumados – (López Quiroga, 2010, p.281; Torres Balbás, 1970, p.237) distinguem-se cemitérios de características particulares, tal como a *maqbarat al-marda* (مقبرةالمرض) (destinada aos leprosos) e a *maqbarat al-guraba* (مقبرةالغرباء) (ou cemitério dos estrangeiros) (Torres Balbás, 1970, p.236 e 275).

De igual modo, também se destacam, principalmente nos registos literários, os grandes panteões onde se sepultavam as famílias reais denominados *rawda* (روضة) que, em oposição às restantes necrópoles, localizavam-se intramuros e junto da alcáçova (Mazzoli-Guintard, 1996, p.67; Torres Balbás, 1970, p.236).

II – Almocavares e sepulturas no Gharb “português”

1. O registo arqueológico, documental e toponímico

A definição deste capítulo visa o levantamento das necrópoles e sepulturas de ritual islâmico no *Gharb* “português”, ou seja, do Douro ao Algarve, sem incluir, naturalmente, o actual território de Espanha.

Correspondendo a uma ampla área geográfica, que ao longo do período medieval islâmico sofre oscilações e alterações nas respectivas balizas territoriais, de forma a agilizar tamanha informação, este capítulo estrutura-se em cinco grandes divisões circunscritas aos actuais limites administrativos. Deste modo, a Parte II desta dissertação organiza-se, primeiramente, com os distritos de Viseu e Coimbra; seguido de Santarém; de Lisboa e Setúbal; encetando as necrópoles alentejanas de Portalegre,

Évora e Beja; e engloba, por fim, o distrito de Faro. Naturalmente, estas divisões não excedem à actual fronteira da Estremadura espanhola.

Mediante esta organização, é exequível uma leitura acessível e linear – de norte para sul do País – da implantação de núcleos funerários dentro da esfera do mundo islâmico. Assim, dentro de cada subdivisão regional, reúnem-se os respectivos dados arqueológicos, documentais e toponímicos existentes e referentes aos almocavares locais. A cada uma destas evidências, é atribuído um número correspondente de inventariação, este por si interligado a tabelas de síntese, complementadas com mapas de localização dos arqueossítios, que o leitor poderá consultar nos anexos desta dissertação.

1.1. Distrito de Viseu e Coimbra

A vasta região entre o Douro e o Mondego, integrada na designada Marca Inferior, foi tomada por pactos de capitulação aquando as conquistas de Musa e Abd al-Aziz, em 714 e 715 (Domingues, 1997, p.52 e 58; Chalmeta, 1994, p.252).

No entanto, esta segmentação não seria de todo constante e, conseqüentemente, reflectia o susceptível domínio islâmico desta região, disputada sucessivamente, ora por cristãos, ora por muçulmanos, onde habitaram populações autóctones moçárabes e pequenos grupos arabo-berberes que viviam ao sabor desta realidade (Catarino, 2005, p.195; Coelho, 2010, p.204).

Este amplo território manteve-se sob o domínio muçulmano até à segunda metade do século IX, sendo este período marcado pelo reordenamento político-administrativo de Afonso III e pela breve regência condal austurleonense. Porquanto, nos finais do século X, esta área geográfica é reconquistada – no sentido lato do termo – para al-Andalus por mérito de Almansor e das suas afamadas campanhas militares (Alarcão, 2004a, p.19 e 27; Catarino, 2008, p.124).

Contudo, todas estas circunstâncias não impediram de vivenciar as instabilidades no coração do al-Andalus, mormente a fragmentação do califado em reinos taifa, cessando este território à taifa de Badajoz – embora nunca perdendo a sua autonomia – até à recuperação irrevogável de Lamego, S. Martinho de Mouros, Viseu, Penalva e

Seia entre 1055 e 1058, e de Coimbra¹⁴ em 1064 por Fernando Magno (Catarino, 2008, p.124; Coelho, 2010, p.205).

A intitulada “Reconquista” deste território de fronteira, composto por variadíssimas comunidades de lealdades tão incertas, acarreta um significado mais abrangente que a permanente visão associada ao domínio político. Está, na verdade, intrinsecamente ligada a uma “reconquista cultural” de uma comarca moçárabe pragmaticamente autónoma sujeitando-a a integrar-se na cristandade latina (Conde, 2005, p.44).

Rua do Almacave e Igreja de Santa Maria de Almacave (nº1)

Localização: *Lamego, Viseu*

O topónimo “Almacave” encontra-se materializado numa das grandes artérias de Lamego, na igreja paroquial, e também numa das antigas freguesias – agora extinta – da cidade.

Tal como alguns investigadores defendem, “almacave” poderá ser uma derivação dialéctica do topónimo “al-maqbara” e, subsequentemente, uma evidência indirecta para a localização do almocavar de Lamego.

Ademais da própria evidência toponímica, neste mesmo local, isto é, na rua e nas imediações da igreja de Almacave, enquadradas fora da muralha da cidade, foram identificadas algumas sepulturas graníticas. Todavia, e infelizmente, estão ausentes informações concernentes aos inumados que se encontravam no seu interior.

Bibl.: Lopes, 1968, p.164; Machado, 1993, p.101; Pinto, 2004, p.59 e 92; Pinto, 2009, p.57.

Necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico (nº2)

Localização: *Encosta de S. Bento e Jardim Botânico, Coimbra*

Um conjunto de lápides sepulcrais são os testemunhos que nos conduzem a determinar a localização da antiga necrópole romana. Estas foram identificadas

¹⁴ Devo referir que, na área onde actualmente se encontra a torre sineira da Igreja Matriz de Miranda do Corvo, foi intervencionada uma necrópole com sepulturas escavadas na rocha resultando uma publicação que descreve, na sua íntegra, enterramentos canonicamente cristãos (Santos, 2013). Todavia, Helena Catarino – consultora científica da escavação em questão – informou-me sobre uma terceira sondagem (não publicada) executada a leste do actual cemitério do Alto do Calvário na qual se registou duas sepulturas com orientação distinta das cristãs, posicionadas a nordeste-sudoeste. Contudo, por não se ter concluído a escavação desse sector, apenas se pode conjecturar que possam ser enterramentos muçulmanos.

mediante a destruição do projecto castelo, em época pombalina, e da demolição de um troço de muralha do Arco da Traição na centúria seguinte.

As primeiras encontravam-se integradas nos muros da fortificação e as restantes estavam assimiladas nos panos da muralha, entre o castelo e a Couraça de Lisboa. Todavia, as lápides, na sua totalidade, enquadram-se na época romana, não existindo evidências de períodos posteriores.

Pelo achado de diversas inscrições funerárias parece sugestivo a implantação da necrópole enquadrar-se na encosta de S. Bento e no actual Jardim Botânico, ao longo da via que dava acesso às Portas do Sol, contíguo ao rampeamento natural que o aqueduto romano cursava. Assim sendo, esboça-se a localização para este cemitério numa das entradas da acrópole romana e, muito provavelmente, na confluência de duas antigas vias.

Em todo o caso, pormenorizadas hipóteses e contribuições concernentes a este núcleo funerário serão desenvolvidas na Parte IV desta dissertação.

Bibl.: Alarcão, 1979, p.39; Alarcão, 2008, p.31, 36 e 253; Catarino, 2005, p.39; Correia, 1945, p.2; Correia, 1952, p.42 e 43; Correia, 1946, p.13 e 20; Correia e Gonçalves, 1947, p.IX; Figueiredo, 1884, p.14; Mantas, 1992, p.510; Redentor, 2016, p.66; Simões, 1888, p.19

O almocavar de mouros e judeus (nº3)

Localização: *Montes Claros, Santo António dos Olivais, Coimbra*

Após o processo de Reconquista, numa das zonas arrabaldinas de Coimbra, mais propriamente em Montes Claros – área apartada da alta da cidade – implantara-se o cemitério de mouros e judeus.

Segundo os cronistas, o almocavar manteve a sua actividade até ao século XVI, momento em que foi decretada a expulsão desta população.

Infelizmente, estas são as únicas referências concernentes a esta *maqbara*.

Bibl.: Correia, 1946, p.374.

Necrópole a norte das termas de Conímbriga (nº4)

Localização: *Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, Coimbra*

Na cidade de Conímbriga, designada no período muçulmano por *Madinat Qubdiyaysa* (derivando o nome Condeixa), foram identificados vários núcleos funerários distribuídos pelo perímetro urbano da época romana, em particular na

Insulae, a norte das termas constituída por sepulcros medievais, dos quais podemos classificar alguns seguramente como islâmicos (Estampa I).

Estas sepulturas foram intervencionadas na década de 60 e 70 e, como tal, os registos arqueológicos comportam lacunas e ambiguidades de uma Arqueologia própria do seu tempo. Desta forma, alguns aspectos destes vestígios permanecem indecifráveis persistindo as descrições superficiais e genéricas.

Nada obstante, estamos perante dezanove enterramentos, posteriores à destruição das termas romanas, das quais oito são seguramente islâmicas (inumação nº23; 24; 25; 28; 31; 33; 34 e 35) e duas inumações cuja visibilidade do decúbito é pouco certa (inumação nº21 e 22); no entanto, parecem ter uma maior incidência para a posição lateral. As restantes encontravam-se em decúbito dorsal com a respectiva orientação oeste-este.

As sepulturas eram simples, sem qualquer tipo de estruturação, ou cobertas e delimitadas longitudinalmente por lajes calcárias, existindo a particularidade de um indivíduo não-adulto coberto com *tegulae*.

Os esqueletos, inumados segundo a prescrição corânica, encontravam-se colocados em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) (embora em alguns se tenha registado uma pequena discrepância) cuja face estava virada a sudeste e os membros inferiores flectidos.

A existência de ossários foi outra evidência funerária registada neste local, podendo estes testemunhos atestar alguma reutilização e continuidade deste espaço permanentemente de carácter sepulcral.

Outro aspecto que creio merecer referência é a presença de material cerâmico, que remonta aos séculos III e IV, dentro das sepulturas de ritual islâmico. Sem embargo, esta evidência facilmente pode ser explicada, pela perceptibilidade que temos perante este espólio arqueológico, pois será simplesmente material residual misturado nas terras de enchimento dos próprios sepulcros.

Bibl.: Alarcão e Étienne, 1977, p.169; Farinha, 2012, p.25, 95-100; Gameiro, 1998, p.7

1.2. Distrito Santarém

A cidade de *Shantarîn*, antiga *Scalabis* romana tomada por pactos de capitulação, afirma-se no século X com sede de *kura*. Esta reparte com *Olissipona* o

espaço físico que flanqueava o término do rio Tejo, e circunscreve, no Médio Tejo, o seu território com a *kura* de Beja (Coelho, 1989a, p.48). Por conseguinte, *Shantarîn* tornara-se, a partir do califado, numa importante cidade do *Gharb*, que, se tornará, posteriormente, capital da província de *Balata*, conforme a descrição de Edrici, passo a citar, “De Lisboa, seguindo a margem do rio e dirigindo-se para oriente, a Santarém, contam-se 80 milhas. Pode-se ir por terra ou por água. No caminho estão os campos ditos de *Balata*. (...)” (Coelho, 1989a, p.70; Domingues, 1997, p. 136; Fernandes, 2002, p.54).

Posicionada junto ao rio Tejo e utilizando as velhas confluências viárias romanas, *Shantarîn* era composta por uma ampla rede de vias que conectaria esta urbe ao sul Mediterrâneo e ao norte Atlântico. Assim sendo, torna-se possível para esta *madina* consolidar-se como grande pólo regional do vale do Tejo devido à sua hegemonia sob os terrenos férteis como também através da intercomunicação pelo território do *Gharb* al-Andalus (Coelho, 1989a, p.61; Conde, 2007, p.349 e 350; Fernandes, 55 e 56).

Assim surge um território de moçarabismo e berberismo relativamente islamizado e arabizado que, para além de lançar os pilares da regência administrativa desta cidade, molda uma estrutura religiosa e jurídica que afeiçoa a sociedade e, simultaneamente, vai tornando a presença do Islão oficial. Esta realidade traduz-se na edificação de uma mesquita central (مسجد الجامع) na cidade de Santarém na 1ª década do século IX (Sidarus, 2004, p.125 e 126) conjuntamente com a vivência de uma forte comunidade moçárabe como é demonstrado na subsistência do topónimo *Shantarîn* ou *Sancta Irena* (Lopes, 1968, p.113)

Estamos, portanto, perante uma região de periferia do al-Andalus – não só a nível administrativo como religioso – onde se sentem as flutuações e influências das duas religiões do livro: Cristianismo e Islão (Fernandes, 2002, p.48).

A cidade de *Shantarîn* encarou mudanças e versáteis políticas até ao século XII. A partir de inícios do século XI, surge no al-Andalus os primeiros domínios independentes – os reinos taifa – dos quais os Aftássidas governavam a ampla extensão do reino de Badajoz que incluía a sede de Santarém (Domingues, 1997, p.103) que, mais tarde, são substituídos pela regência dos almorávidas.

Embora tenham sido executadas várias disposições defensivas de forma a enfrentar e de se salvaguardarem da instabilidade sentida, a sua proximidade com a fronteira dos territórios cristãos e, assim, como a flutuação e as disputas políticas

(Fernandes, 2002, p.57) contribuíram para o término da cidade islâmica de Santarém. Esta urbe foi conquistada inicialmente por Afonso IV de Leão e Castela, seguidamente reconquistada pelos Almorávidas e novamente submetida a D. Afonso Henriques pondo um fim à província de *Balata* com o fenómeno da conquista cristã no século XII (Coelho, 2010, p.39; Domingues, 1997, p.103).

Alporão (nº5)

Localização: *Avenida 5 de Outubro, Marvila, Santarém*

Na actual Avenida 5 de Outubro, no extremo oriental do planalto de Marvila titulado *Alpran*, correspondendo à actual designação de Alporão, integrado na área peri-urbanada urbe islâmica, identificaram-se dezoito séculos de ocupação.

Contudo, devido a algumas circunstâncias sentidas aquando o trabalho de campo, parte do registo arqueológico ficou condicionado e como tal incompleto. Desta forma, persistem algumas lacunas na descrição deste arqueossítio.

Nada obstante, estamos perante um núcleo sepulcral de ampla diacronia composto por uma necrópole de incineração, romano imperial, e por inumações paleocristãs e islâmicas.

Este sítio foi eleito como último lugar de repouso em época medieval islâmica encontrando-se os sepulcros, grosso modo, nos cânones correspondentes à ritualização funerária islâmica. Tratam-se portanto de defuntos enterrados em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), dispostos em sepulturas de fossas simples escavadas na rocha, sobrepondo-se e afectando inumações de cronologias anteriores (Estampa II), sem qualquer tipo de espólio associado. Contudo, em alguns destes enterramentos denota-se um pequeno desfasamento relativamente às suas orientações, posicionando-se alguns a sul-norte, com as suas faces viradas a nascente (Estampa III). Fora ainda registado, numa única sepultura, a existência de telhas e tijoleira que confluíam numa eventual estrutura funerária; contudo, não estando o almocavar escavado em toda a sua extensão, ademais dos percalços sentidos no contexto da obra, não podemos de todo excluir a existência de mais sepulcros com esta característica

Após o século XI este local perdera a sua funcionalidade como espaço funerário passando a integrar silos e, posteriormente, adquire várias funcionalidades sempre associadas a actividades peri-urbanas, nomeadamente tratamento de curtumes e extracção de calcário.

Apesar da carência de espólio votivo nos enterramentos islâmicos criar uma verdadeira problemática no que concerne à datação destes sepulcros, uma vez que a ocupação posterior deste local está ligada à fundação de silos datáveis do século XI – cujas fundações chegam a afectar as inumações islâmicas – por exclusão de partes compreendemos que os sepulcros serão anteriores a essa centúria.

Bibl.: Barradas, 2008, p.20; Fernandes, 2011, p.14; Liberato, 2011, p.12, 13 e 14; Liberato, 2012; Santos, Liberato e Próspero, 2013, p.61, 62 e 63.

Largo Cândido dos Reis (nº6)

Localização: *Largo Cândido dos Reis e Avenida Sá da Bandeira, Santarém*

No Largo Cândido dos Reis e no seu prolongamento pela Avenida Sá da Bandeira, na actual freguesia de Marvila, foram intervencionados, no âmbito da arqueologia preventiva, testemunhos de ampla diacronia, mormente do século IX até ao século XIX. Estes vestígios estão nomeadamente associados a um almocavar islâmico; a enterramentos de nomenclatura cristã muito provavelmente inseridos no Convento das Donas de S. Domingos e no de Nossa Senhora do Sítios da Ordem Terceira de São Francisco; e ainda às inumações da Ermida de Santa Maria Madalena.

De todos estes testemunhos encontrados importa-nos reportar à necrópole islâmica implantada na zona planáltica extramuros da cidade, junto à saída ocidental denominada Porta de São Manços, adjacente a um importante eixo viário que interligava Santarém a Lisboa.

Nas suas imediações ainda persistiu o topónimo a “Rua do Almocouvarinho” (Estampa IV), que nos reporta de imediato “almocavar” ou *al-maqbar*

Foram identificados 432 enterramentos individualizados, depositos em decúbito lateral direito – por vezes colocavam blocos pétreos a zona do crânio para manter esta posição – com algumas oscilações na posição dos membros superiores e inferiores, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) e voltados com a face a nascente (Estampa V e VI).

As sepulturas dos enterramentos identificados eram simples fossas estreitas de morfologia sub-rectangular, grosso modo escavadas no calcário margoso, excepcionalmente no substrato argiloso, cujos inumados foram dispostos directamente no afloramento rochoso numa profundidade entre 30-40cm. Apenas um dos sepulcros era detentor de uma cobertura de telha (Estampa VII); no entanto, não é descartável a hipótese de mais sepulturas apresentarem esta tipologia uma vez que as infraestruturas

de actuais obras no Largo Cândido dos Reis, por incosequência de terraplanagens, possam ter afectado em parte os jazigos em causa.

Apenas foi possível analisar, através do registo fotográfico, as dimensões aproximadas de dois sepulcros, mormente:

Sepultura	Comprimento	Largura
Enterramento [529]	1,80m	30cm
Enterramento [521]	2m	30cm

Relativamente aos dados antropológicos, registaram-se 258 indivíduos adultos e 48 não-adultos, sendo 107 do sexo masculino e 86 do feminino. As restantes permanecem indeterminadas. A estatura média dos indivíduos do sexo masculino é entre 1,47m e 1,72m e dos do sexo feminino entre 1,37-1,65m.

Foram identificadas várias patologias a nível dentário, alterações degenerativas articulares e não articulares, nódulos de Schmorl, DISH, e em particular um caso de urolitíase.

Entre os registos destaca-se um inumado do sexo masculino com um projectil de ferro no interior da caixa torácica (Estampa VIII), especificamente na zona onde se aloja o coração que, para além de estar interligado à causa da morte, está certamente associado a um contexto de agressão e violência.

Outra particularidade nesta necrópole é a presença de espólio funerário em duas sepulturas islâmicas, algo incomum na ritualização da morte no Islão, mas que, por outro lado, nos ajudam a ultrapassar dificuldades a nível das datações cronológicas. A respectiva descrição relativamente a este material está exposta no capítulo referente à Epigrafia e Espólio Funerário.

O término deste almocavar está associado a um novo momento ocupacional mortuário de índole cristã, por volta do século XII, cujos sepulcros chegam a atingir e simultaneamente afectar os níveis funerários da necrópole islâmica (Estampa IX).

Bibl.: Fernandes, 2011, p.11-13; Matias, 2009a, p.639, 642, 644, 646, 647; Matias, 2009b, p.659, 660, 664, 666, 667, 668, 671-673; Matias, 2009c, p.29; Rodrigues, 2013, p.1 e 58; Sousa, 2014, p.9

Rua Capelo e Ivens e a Travessa do Froes (nº7)

Localização: *Rua Capela e Ivens e Travessa do Froes, Santarém*

Tomei conhecimento desta necrópole numa das várias dissertações da área da Antropologia Biológica que analisei, na qual é descrito sucintamente que “recentes intervenções urbanas na cidade [de Santarém] permitiram identificar outros complexos funerários de ritual islâmico como o situado na Rua Capelo e Ivens (...)” (Rodrigues, 2013, p.2) seguido nas suas notas de rodapé que referida informação fora transmitida oralmente pelo arqueólogo António Matias.

Para obter mais informações relativamente a este núcleo funerário, dirigi-me aos arquivos da DGPC para consultar os relatórios de escavação nesta mesma rua. Porém, lamentavelmente, os relatórios eram quase nulos. Apenas permanecia nos arquivos um único relatório de acompanhamento de uma pequena sondagem, realizada em 2014, para a colocação de infra-estruturas de telecomunicações. Desta intervenção, perante sedimentos afectados por construções contemporâneas, o relatório consultado referia unicamente três fragmentos ósseos humanos e materiais cerâmicos revolvidos ademais de uma conta de colar.

Os mesmos arqueólogos responsáveis por esta sondagem confirmaram as minhas dificuldades face à pesquisa deste arqueossítio com a seguinte afirmação: “a base de dados do endovélico não possui informação do ano em que foram realizados os trabalhos arqueológicos, nem o arqueólogo responsável pelos trabalhos” (Batata e Pereira, 2014, p.4). Desta forma, não é possível disponibilizar informação concernente a esta necrópole.

Bibl.: Batata e Pereira, 2014, p.3 e 4; Rodrigues, 2013, p.2

Travessa das Capuchas (nº8)

Localização: *Travessa das Capuchas e Largo Pedro António Monteiro, Santarém*

Aquando os trabalhos de acompanhamento arqueológico na Travessa das Capuchas e no subsequente Largo Pedro António Monteiro foram identificadas várias realidades arqueológicas neste arruamento. Ademais dos vinte e dois silos e da capela-mor da Igreja das Capuchas, num contexto estratigráfico desordenado, afectado por várias infraestruturas contemporâneas, foi possível detectar um pequeno conjunto de enterramentos islâmicos.

Dentro do perímetro de afectação da obra foram identificadas oito sepulturas juntando-se mais duas registadas em corte, que permaneceram *in situ*, o que, de certa forma, leva à interrogação sobre as verdadeiras dimensões deste núcleo funerário. Prontamente, dos oito sepulcros intensamente afectados pela colocação das infraestruturas actuais, apenas três eram detentores de espólio osteológico. Apesar disso, destas três inumações foi possível determinar que se encontravam dentro dos cânones dos enterramentos islâmicos, nomeadamente a deposição em decúbito lateral direito e a respectiva orientação para Meca.

Em breves palavras, poucos dados restam a acrescentar relativamente a estas estruturas funerárias. No que concerne à sua composição não foram relatadas descrições nas publicações; contudo, através da análise do registo fotográfico das sepulturas, estas aparentam ser simples e estreitas fossas.

Por último, relativamente ao espólio funerário, embora detectado num dos sepulcros destruídos, foi possível identificar um pequeno botão quadrangular, que receberá informações complementares no capítulo concernente ao espólio.

Bibl.: Boavida *et all*, 2013a, p.937 e 939; Boavida *et all*, 2013b, p.132 e 133

Enterramentos da Alcáçova de Santarém (nº9)

Localização: *Alcáçova de Santarém*

Um arqueólogo que intervenciou a Alcáçova de Santarém relatou, entre as demais variadas materialidades, a descoberta de dois indivíduos enterrados segundo a tradição islâmica.

Infelizmente não existem registos integrais concernentes a estas inumações.

Bibl.: Rodrigues, 2013, p.2

1.3. Distritos de Lisboa e Setúbal

São as fontes escritas que nos aludem ao contexto político, e simultaneamente geográfico, dos vales do Tejo e do Sado que nos transcrevem as inúmeras realidades e mutações aqui sentidas. Assim, de forma a agilizar delimitações espaciais, englobo genericamente neste capítulo o que actualmente se considera a área metropolitana de Lisboa – isto é, o centro da cidade, e seus arredores, como Sintra e Cascais – e o distrito de Setúbal, incluindo o concelho de Alcácer do Sal, embora este último pertença à região do Alentejo.

Este amplo território era polarizado em torno de Lisboa e, subsequentemente, a sua área envolvente se regia em função desta metrópole. De frente com a equiparável Santarém, esta urbe tinha um vasto controlo das rotas comerciais atlânticas e mediterrâneas devido ao seu posicionamento na foz do Tejo (Coelho, 2010, p.42). Detentora de múltiplas edificações fortificadas, mormente Sintra, Almada e Palmela, ademais do seu posicionamento geográfico, seria o necessário para lhe conferir uma implantação estratégica de defesa de uma das áreas mais férteis do território do Al-Andalus (Coelho, 2010, p.42; Bugalhão e Gomez, 2005, p.238).

Para além de Lisboa, Sintra capta a atenção dos autores árabes, os quais a descrevem nos seus modos. Este aglomerado urbano fortificado (Gomez, Macias e Torres, 2007, p.117) tinha o seu centro no castelo, sendo este o principal ponto defensivo do seu território, particularmente rico em recursos naturais hidrográficos e agrícolas (Coelho, 1989a, p.63; Rei, 2005, p.19).

Estamos assim perante uma região composta por uma distinta e ampla rede de vias terrestres, e particularmente fluviais, que interligavam estes pequenos centros urbanos à grande cidade de Lisboa (Torres, 1994, p.80), conjuntamente com Alcácer do Sal que formava um inerente eixo intermédio comercial que interligava *Ushbuna* a Badajoz (Rei, 2012, p.117).

Relativamente às vicissitudes políticas e consequentemente administrativas, em breves linhas Lisboa durante o emirado e o califado de Córdoba é sede do seu próprio termo que incorporava a cidade de Sintra, de Almada e o Monte dos Banu Benamocer (Serra da Arrábida), estando a sua circunscrição confinante com o termo de Santarém e de Beja (Domingues, 2011, p.187; Coelho, 1989a, p.49). No século XI, aquando o período dos reinos taifa, Lisboa passa a integrar o distrito de *Balata* sob o domínio do principado de Badajoz (Domingues, 2011, p.187) embora momentaneamente. Em 1111, a cidade é tomada pelos Almorávidas para, pouco depois, ser alvo do processo da Reconquista cristã, em 1147 (Domingues, 1997, p.120; Rei, 2005, p.18 e 19).

Em contrapartida, o termo a sul do de Lisboa, isto é Alcácer do Sal, persiste e transmuta entre as várias investidas cristãs e reconquistas – no sentido lato do termo – muçulmanas, culminando, por fim, durante o período Almóada, numa das mais importantes cidades do *Gharb al-Andalus*. Assim, a *Madinat al-Qasr Abi Danis* resistiu e conseguiu manter o seu domínio islâmico por quase mais uma centúria comparativamente a Lisboa, sendo apenas e efectivamente reconquistada, pela Ordem de Santiago de Espada, em 1217 (Carvalho, Faria e Ferreira, 2008, p.59).

Calçadinha do Tijolo nº37/43 (nº10)

Localização: *Alfama, São Vicente, Lisboa*

Na zona concernente ao arrabalde oriental da Lisboa islâmica, a nascente da actual Porta do Sol (antiga *bab al-Maqábir*), instalara-se o almocavar nas encostas fronteiras de S. Vicente. Com base nas fontes escritas, este local foi amplamente ocupado no tempo como espaço sepulcral comportando necrópoles paleocristãs, sobrepostas pelas inumações islâmicas e, sequencialmente, por sepulturas cristãs após o processo de Reconquista¹⁵.

Apartado das referências literárias, as intervenções de emergência no imóvel na Calçadinha do Tijolo nº37/43 permitiram atestar as informações dos autores da época que, ademais das materialidades entre a época medieval islâmica e da Idade Moderna identificadas, destacam-se as cinco inumações de índole islâmica.

Estes sepulcros são maioritariamente deposições primárias apresentando apenas uma reutilização funerária. Embora estejamos perante uma pequena parcela do que seria o almocavar islâmico, a presença deste ossário poderá testemunhar uma certa perseverança na sua utilização.

Esta pequena amostra caracteriza-se por sepulturas escavadas no substrato geológico, morfologicamente alongadas, com limites pouco perceptíveis, estreitas e sem qualquer tipo de estruturação. Estavam orientadas aproximadamente sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com o ligeiro desnível norte-sul.

Através da análise fotográfica, as dimensões dos sepulcros identificados eram aproximadamente:

¹⁵ Relatam-nos os cronistas que Afonso Henriques, enquanto travava feroz luta contra os muçulmanos de Lisboa, prenuncia um voto que passo a citar “se o senhor nosso Deus entregar de uma vez nas mãos dos seus servos esta cidade [Lisboa] e se lhe aprouver que seja eliminado da terra o nome destes infiéis, tenha Ele por bem certo que eu, seu servo, hei-de construir-lhe dois mosteiros [São Vicente e a Igreja de Santa Maria] nestes lugares, em que peço que sejam feitos esses cemitérios, e hei-de instalar neles uma comunidade de religiosos, que por mim e por aquele que aí tenham sido sepultados, se devotem aos ofícios divinos e perpetuamente prestem assistência diante do senhor (...)” (Nascimento, 2007, p.183)

Sepultura	Comprimento	Largura
[423]	1,60m	50cm
[416]	—	20cm
[419]	—	20cm
[423]	2m	40cm

As inumações no seu interior foram registadas em decúbito lateral direito, com uma única excepção em decúbito dorsal embora todos os esqueletos tivessem intencionalmente a olhar para Meca, sem apresentarem qualquer tipo de espólio funerário (Filipe, 2015, p.25 e 27; Inocêncio, 2015, 21).

Relativamente aos dados antropológicos, a afectação das inumações e os processos tafonómicos dificultaram a diagnose sexual e a estimativa da idade à morte destes indivíduos. Pode apenas indicar-se com segurança que existem três adultos e dois não adultos. As únicas paleopatologias identificadas foram artroses num único esqueleto.

O término deste almocavar, guiando-nos pelos cronistas da época, deverá coincidir com o ostracismo dos muçulmanos para a Mouraria, após o triunfo dos vencedores.

Bibl.: Bugalhão, 2009, p.387; Filipe, 2015, p.4, 10, 24, 25 e 27; Inocêncio, 2015, p.2, 4, 14-21; Torres Balbás, 1970, p.239; Torres, 1994, p.84; Torres e Macias, 1998, p.99.

Largo das Olarias e a Rua dos Lagares (nº11)

Localização: *Mouraria, Lisboa*

Aqui, no sopé da colina do castelo e nas vertentes do actual morro da Graça, no Bairro da Mouraria, edificou-se uma guarnecida comuna islâmica¹⁶ provida de mesquitas, de *madrassa*, de banhos, cadeia, mercados, curral e, nas imediações de uma das portas da cidade, o imprescindível almocavar. Este imponente cemitério ficou de tal modo gravado na memória dos habitantes que persistiram os topónimos “Rua do almocouar” até ao século XVIII, culminando na actual Travessa do Terreirinho.

¹⁶ Embora a Mouraria não seja exclusiva aos muçulmanos, existindo habitantes judeus e até cristãos. Nada obstante, o elemento islâmico é indubitavelmente persistente neste arrabalde (Oliveira Marques, 1981, p.23)

Assim, entre o Largo das Olarias e a Rua dos Lagares fora intervencionado o afamado almocavar da Mouraria, como também um pequeno conjunto de fornos de olarias que surgiu nas suas imediações.

Embora ainda não tenham sido disponibilizados os dados das intervenções arqueológicas, os meios de comunicação social asseveraram as informações cedidas, mormente a existência de sepulturas islâmicas e a identificação de mais de três centenas de inumações neste local.

As evidências históricas indicam-nos o término deste almocavar interligado com o rei D. Manuel I que, por inspiração dos consórcios castelhanos, no século XV tomou ríspidas medidas relativamente às populações remanescentes nestes bairros preceituando a expulsão dos judeus e mouros que se recusassem a converter ao cristianismo. Por conseguinte, os terrenos onde estas comunidades habitavam foram doados ao município, e, em particular, ao Hospital de Todos-os-Santos, para, posteriormente, serem transformados em rossios ou praças. Sem embargo, não só estava na posse destas duas entidades os lotes da Mouraria, como também os elementos que os arrematavam, inclusive as deleitantes pedras talhadas que compunham os sepulcros mouriscos e judeus. É no âmbito deste contexto que foi identificada, nos anos 60, uma lápide funerária reutilizada como material de construção datada de 1398. Nada obstante, esta epígrafe terá maior foco no capítulo concernente a este tema.

Bibl.: Alemão, 2016; Barros, 1998, p.143; Bugalhão, 2009, p.387; Machado, 1992, p.19 e 20; Machado, 1993, p.106; Oliveira, 1987, p.21; Oliveira Marques, 1981, p.24; Trindade, 2013, p.555 e 566; Vasconcelos, 1936, p.180; Viterbo, 1907, p.249

Rua do Espírito Santo nº16 e 18 (nº12)

Localização: *Castelo de São Jorge, Lisboa*

Em 1997, no âmbito de um projecto de reabilitação da freguesia do Castelo de São Jorge, em Lisboa, intervencionou-se as traseiras de um imóvel na Rua do Espírito Santo, mais concretamente nos nºs 16 e 18.

Esta escavação colocou a descoberto várias estruturas arqueológicas e um enterramento muito afectado por estas mesmas construções.

Embora os arqueólogos que intervencionaram esta inumação não tenham compreendido o seu contexto cronológico, através da análise estratigráfica, corroboraram anterioridade ao século XIV.

Estando parcialmente destruída não foi possível compreender a estrutura sepulcral do indivíduo e, do material osteológico, apenas se recuperaram os ossos correspondentes à zona torácica e o úmero esquerdo. Embora muito afectado, pela posição do espólio osteológico, o indivíduo encontrava-se, aparentemente, em decúbito lateral direito e orientado sensivelmente a sudoeste-nordeste (cabeça-pés).

Bibl.: Gaspar e Gomes, 1997, p.8, 9 e 22.

Topónimo “Almocavara” (nº13)

Localização: *Sintra, Lisboa*

No Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, José Machado refere a existência de um topónimo designado “Almocavara” em Sintra e que poderá estar relacionado com a evolução toponímica de *al-maqbara*. Infelizmente, este investigador não especifica a localização deste lugar.

Bibl.: Machado, 1993, p.106.

Telhal (nº14)

Localização: *Belas, Sintra, Lisboa*

Em 2008, no âmbito de trabalhos de minimização de impactes subsequentes da construção da A16/IC16, numa área correspondente aos terrenos da Casa de Saúde do Telhal, identificou-se este arqueossítio com ocupação romana – *villa* – e de período Medieval Islâmico - almocavar.

Embora a área da necrópole tenha sido parcialmente destruída e não tenha sido totalmente escavada, foi possível identificar 15 sepulturas com 14 indivíduos no seu interior.

Ocupando parcialmente a área onde se implantara a antiga *villa* romana, estes enterramentos enquadram-se na esfera do mundo funerário islâmico: depositados em decúbito lateral direito, aproximadamente sul-sudoeste/norte-nordeste (cabeça-pés), com o corpo ligeiramente flectido, a face voltada para Meca e sem qualquer tipo de espólio a acompanhar os defuntos.

As inumações eram todas primárias e foram depositadas em sepulcros relativamente estreitos, maioritariamente escavados na rocha, à excepção de duas sepulturas escavadas no solo.

As dimensões das sepulturas intervencionadas eram:

Sepultura	Comprimento	Largura
[502]	1,15m	25cm
[524]	2m	50cm
[535]	1,45m	35cm
[570]	1,70m	40cm
[577]	2,05m	35cm
[596]	1,70m	35cm
[598]	1,80m	45cm
[600]	2,10m	55cm
[602]	1,85m	40cm
[607]	1,25m	30cm
[611]	1,50m	35cm
[628]	2,10m	55cm
[633]	75cm	35cm
[636]	1,85m	45cm
[639]	1,20m	30cm

Relativamente aos dados antropológicos, dos 14 indivíduos identificados 9 revelaram ser adultos, um tinha uma idade à morte superior a 16 anos, dois são não-adultos e os outros dois não foi possível determinar a idade. No que concerne à diagnose sexual apenas foi possível determinar dois indivíduos do sexo masculino e um do sexo feminino.

O desgaste dentário acentuado e a presença de patologia degenerativa articular foram as únicas paleopatologias detectadas em alguns dos indivíduos intervencionados.

Bibl.: Sebastião, 2008a; Sebastião, 2008b; Ferreira, 2009, p.4, 8, 27, 41, 44-52, 53-54

O cemitério mourisco de Colares (nº15)

Localização: *Colares, Sintra, Lisboa*

Sem evidências efectivamente arqueológicas de um almocavar islâmico, existe uma única referência literária a um cemitério mourisco em Colares. Fora nesta freguesia que se instalara, após o processo de Reconquista, uma volumosa comunidade de mouros e judeus que implantara para sua serventia um espaço condigno para os seus mortos.

As restantes informações sobre esta necrópole correspondem apenas à doação destes terrenos por parte de D. Manuel a um particular em finais do século XV.

Bibl.: Viterbo, 1907, p.252; Torres e Macias, 1998, p.110

Tapada do Inhaca (nº16)

Localização: *Tapada do Inhaca, Sintra, Lisboa*

Nas imediações do Castelo dos Mouros particularmente no arrabalde designado Tapada do Inhaca foram identificadas, em contexto de escavação de emergência, vários testemunhos arqueológicos enquadrados no período medieval islâmico. Entre estruturas habitacionais e respectivos silos associados destacam-se os enterramentos muçulmanos.

Os esqueletos escavados encontravam-se em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) e a olhar para sudeste. Conquanto as investigadoras não se pronunciem sobre as características das sepulturas, se analisarmos atentamente o registo, tratar-se-iam, aparentemente, de simples sepulcros morfologicamente ovalados e escavados no solo.

Os restantes dados referentes a esta necrópole reportam-se, sem apresentar grandes fundamentos, a um genérico enquadramento cronológico entre os séculos VIII e IX.

Bibl.: Coelho, 2013, p.739; Quaresma, 2001

Arneiro (nº17)

Localização: *Povoação do Arneiro, Carcavelos - Cascais, Lisboa*

Na década de 80 no âmbito dos trabalhos de arqueologia preventiva na urbanização da Quinta de Sta. Maria, na actual povoação do Arneiro, identificaram-se 15 enterramentos de cariz funerário islâmico.

Correspondiam a inumações individuais dispostas em decúbito lateral direito, orientadas a oeste-este (cabeça-pés) e voltadas intencionalmente para Meca.

Sem qualquer tipo de espólio funerário, os inumados encontravam-se inseridos em estreitas sepulturas, sem qualquer tipo de cobertura, de pouca profundidade e escavadas na rocha. Através da análise dos desenhos planimétricos, as dimensões dos sepulcros são aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura
II	Limites pouco perceptíveis	
III	—	25cm
IV	2,10m	20cm
V	—	25cm
VI	1,80m	45cm
VII	—	20cm
VIII	—	25cm

IX	1,90m	20cm
X	—	40cm
XI	1,90m	25cm
XII	2,10m	20cm
XIII	Limites pouco perceptíveis	
XIV	Limites pouco perceptíveis	
XV	—	20cm

Bibl.: Cardoso, 1991, p.24 e 86; Encarnação e Cardoso, 1987a, p.2 e 3; Encarnação e Cardoso, 1987b, p. 59.

Rossio Pelado (nº18)

Localização: *Povoação de Murches, Alcabideche - Cascais, Lisboa*

Foi identificado nas imediações da povoação de Murches, a cerca de 300m a sul da actual capela de Santa Iria de Murches, um núcleo funerário islâmico de consideráveis dimensões.

Embora exista omissão quanto ao número específico de sepulturas escavadas, as informações publicadas relatam-nos sobre sepulcros implantados na rocha local, de pouca profundidade, carecidos de qualquer tipo de cobertura e dispostos metodicamente lado a lado entre os demais inumados.

As inumações eram maioritariamente individuais, com uma única excepção que apresentava três crânios de não adultos. Todos os esqueletos intervencionados encontravam-se orientados a oeste/sudoeste – este/nordeste (cabeça-pés), em decúbito lateral direito, com a face intencionalmente voltada para sudeste e desprovidos de qualquer espólio funerário.

Bibl.: Cardoso, 1991, p.24 e 43

Alto da Vigia (nº19)

Localização: *Praia das Maças, Colares, Sintra, Lisboa*

Implantado num local distinto face ao mar, cingido pela Praia das Maças e pelo extinto Rio de Colares, este arqueossítio tem fundações anteriores remontantes à época romana. Conquanto distinguem-se as materialidades de período islâmico nomeadamente os seus sepulcros.

Identificados na primeira fase de leituras deste arqueossítio – num momento em que a escavação de um *ribat* era uma hipótese deveras longínqua – a ausência de espólio funerário juntamente com a fraca conservação do material osteológico não permitiram aferir uma categorização temporal das sepulturas. Os únicos dados que se depreenderam

destes sete sepulcros são referentes à sua descrição morfológica, grosso modo rectangulares (aproximadamente 2m x 30cm) constituídas por lajes de calcário dispostas em cutelo e de orientação sensivelmente sudoeste-nordeste, e à sua relação estratigráfica que seguramente outorgava anterioridade ao século XVI.

Nas campanhas arqueológicas seguintes, intervencionou-se um sepulcro no qual ainda comportava um esqueleto relativamente preservado, comparativamente com os resquícios e esquirolas dos outros inumados. Este encontrava-se em decúbito lateral direito com a face virada sensivelmente para Meca, deposto numa estreita e rectangular sepultura (2m x 40cm) escavada no substrato geológico e orientada a sul-norte (cabeça-pés). Este enterramento não trazia qualquer tipo de espólio funerário ou votivo.

Embora a perscrutação dos trabalhos arqueológicos esteja num estado relativamente embrionário, até à data apenas podemos enquadrar este núcleo funerário na última fase de ocupação de domínio islâmico deste espaço, provavelmente no século XII.

Bibl.: Borges, 2013, p.116 e 119; Gonçalves, 2013, p.3; Gonçalves, 2016, p.63; 65 e 76; Jordão e Mendes, 2009, p.12, 13 e 17. Juromenha, 1989-90, p.149 e 150.

Rua Francisco Augusto Flamengo n°s 10-12 (n°20)

Localização: *Santa Maria da Graça, Setúbal*

No âmbito de um projecto de renovação urbana de Setúbal, de um imóvel na actual Rua Francisco Augusto Flamengo n°s 10-12, na colina de Santa Maria e a cerca de 70m a sudeste da Sé de Setúbal, a arqueologia preventiva identificou uma notável sequência estratigráfica que testemunha uma ocupação desde da Idade do Ferro até ao século XIX/XX.

Entre as demais evidências arqueológicas destacamos, evidentemente, as inumações de período islâmico.

Estas caracterizam-se por inumações primárias invariavelmente orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com a face voltada para Meca. Os inumados foram sem excepção colocados em decúbito lateral direito, embora tenha sido observado algumas variações que poderão estar associadas à rotatividade *postmortem* dos corpos.

Ainda concernente à posição dos esqueletos intervencionados, os seus membros superiores encontravam-se com as mãos colocadas junto à pélvis e os membros inferiores variavam entre semi-flectidos ou estendidos. Outrossim, não se observou na

agenda arqueológica reutilização funerária ou qualquer tipo de espólio a acompanhar os inumados.

Estas inumações estavam dispostas em simples fossas oblongas escavadas nos depósitos romanos e, através da análise fotográfica e dos desenhos planimétricos, as dimensões destes sepulcros são aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura
I	1,90m	60cm
II	1,50m	25cm
III	1m	20cm
IV	25cm	20cm
V	1,80m	25cm
VI	2,10m	30cm
VII	2m	30cm
VIII	2,20m	30cm
IX	—	20cm
X	—	20cm
XI	1,50m	25cm
XII	1,80m	30cm
XIII	1,70m	30cm
XIV	1,80m	25cm
XV	—	25cm
XVI	1m	25cm
XVII	1m	25cm
XVIII	2m	30cm
XIX	1,90m	25cm
XX	1,60m	25cm
XXI	—	30cm
XXII	—	25cm

É de referência uma das inumações intervencionadas que fora alvo de datações de radiocarbono e cujos resultados apontam para uma cronologia entre o século X e XII.

Relativamente aos dados antropológicos, da totalidade dos 22 esqueletos escavados 40% são adultos e 60 % são subadultos. Devido à presença de muitos indivíduos não adultos assim como a própria preservação do material osteológico nem sempre é possível determinar a diagnose sexual dos indivíduos; contudo, com alguma segurança identificaram-se cinco indivíduos do sexo feminino e apenas um do sexo masculino.

As paleopatologias identificadas nesta amostra abrangem as cáries dentárias, indicadores de stress fisiológico, patologias degenerativas articulares e não articulares e também traumáticas.

Embora estejamos perante um aparente pequeno núcleo funerário, na realidade, foram detectados outros sepulcros no corte estratigráfico ademais das informações orais dos moradores que habitam nas imediações deste imóvel. Estes residentes comunicaram à equipa de arqueologia que, em intervenções urbanísticas anteriores, surgiram também sepulturas. Desta forma, estes testemunhos atestam e apontam para um almocavar de maiores dimensões.

Bibl.: Godinho, 2010, p.3, 4 e 7; Silva, 2010, p.171; 172 e 177; Soares e Godinho, 2009, p. 3, 4, 6, 9, 10, 13 e 16; Soares 2011, p. 2 e 6

Maqbara no lado poente do Castelo de Alcácer do Sal (nº21)

Localização: *Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal*

Aquando as intervenções de emergência no lado poente do castelo de Alcácer do Sal, a cerca de 50m a sudoeste da Alcáçova, fora descoberta a necrópole islâmica desta cidade.

Embora em meados do século XIX José Leite de Vasconcelos tenha descoberto, numa das encostas duas lápides funerárias com inscrições árabes, até à data destas intervenções, o verdadeiro espaço sepulcral permanecia incerto.

Neste local foram escavadas quatro inumações primárias, em decúbito lateral direito, orientadas no sentido oeste-este (cabeça-pés), com o crânio voltado para sul e colocadas directamente no solo sobre a rocha calcária. Os membros superiores encontravam-se esticados e os inferiores semi-flectidos.

Durante a escavação arqueológica verificou-se que os inumados não se sobrepunham o que testemunha uma certa organização do espaço sepulcral e, simultaneamente, conhecimento da presença dos sepulcros e da sua disposição, não sendo subsequentemente afectados.

Embora não tenham perdurado registos descritivos relativamente aos dados sepulcrais desta necrópole, através da análise cartográfica, as dimensões eram aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura
1	2,10m	30cm
2	—	30cm
3 e 4	—	30cm

De entre estes esqueletos dois eram adultos, um do sexo masculino e o outro do feminino, e os restantes eram não adultos. O indivíduo do sexo feminino comportava, entre as suas pernas, um dos indivíduos não adultos, recém-nascido ou nado-morto. Ainda dentro dos parâmetros da Antropologia, as evidências patológicas detectadas foram alterações degenerativas articulares, perda dentária e deformação do sacro no enterramento adulto do sexo feminino, e evidências de mal formação congénita e/ou fractura no indivíduo adulto do sexo masculino.

Ademais das lápides identificadas por José Leite de Vasconcelos, fora registado um único elemento como espólio funerário que acompanhava o defunto do sexo masculino: um dente fóssil de tubarão.

Bibl.: Barceló e Labarta, 1987, p.239-243; Carvalho, 2003, p.2-6; Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.87 e 88; Faria, 2003, p.3, 4 e 6; Vasconcelos, 1895, p.86

Barbacã de Alcácer do Sal (nº22)

Localização: *Barbacã, Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal*

Foram encontrados e exumados enterramentos islâmicos no interior da barbacã de Alcácer do Sal.

Sendo um lugar atípico e peculiar como local de última morada, alguns investigadores crêem estar interligado a um contexto de instabilidade, mormente os ataques das tropas portuguesas aquando a Reconquista.

Infelizmente, não existem dados concernentes a estes enterramentos, persiste apenas o registo fotográfico de uma inumação em fraco estado de conservação que apresentava o seu crânio com a face direita assente no solo e, aparentemente, em decúbito dorsal (Estampa X).

Bibl.: Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.89

Necrópole de São Francisco (nº23)

Localização: *Bairro de São Francisco, Santa Maria do Castelo, Santiago e Santa Susana, Alcácer do Sal, Setúbal*

No âmbito da intervenção de salvaguarda do património no local de implantação de um novo Centro de Saúde de Alcácer do Sal, escavou-se a necrópole de São Francisco. Esta localiza-se no bairro de São Francisco, nas imediações do actual cemitério da cidade, a cerca de 100m a noroeste do Convento de São António.

Esta necrópole demonstrou uma ampla diacronia de utilização, desde a Idade do Ferro até ao Período Medieval Islâmico, com um único representante muçulmano inumado.

Infelizmente, os únicos dados referentes a este defunto resumem-se ao posicionamento em decúbito lateral direito e a orientação para Meca.

Bibl.: Faria, 2000, p.1, 5, 7

Horta do Pinheiro 5 (nº24)

Localização: *Torrão, Alcácer do Sal, Setúbal*

Localizado na freguesia de Torrão, no concelho de Alcácer do Sal, a cerca de 800m a sudeste da vila de mesmo nome, a estação arqueológica Horta do Pinheiro 5 foi intervencionada no âmbito de trabalhos de minimização de impactes.

Ademais das fossas e do enterramento da Idade do Bronze, foram escavados vinte jazigos de ritual islâmico dos quais se recolheram dezanove esqueletos inumados no seu interior.

Os defuntos identificados encontravam-se cabalmente em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) – alguns com uma ligeira discrepância a oeste-este – com a face voltada a sudeste e sem qualquer tipo de espólio funerário a acompanhá-los.

Denotou-se a precaução do posicionamento dos inumados em decúbito lateral através da utilização de vários elementos, nomeadamente pétreos e telhas fixadas na vertical, para esse mesmo propósito.

A colocação dos membros inferiores e superiores apresentavam alternância entre esticados e semi-flectido; contudo, com uma maior prevalência para esta última posição.

Esta amostra é composta por sete esqueletos subadultos e por doze adultos, circunscrevendo-se estes últimos a sete indivíduos do sexo masculino e cinco do feminino, com uma estatura média entre 1,59-1,81m e 1,52-1,60m respectivamente.

O conjunto veio a revelar, de igual forma, uma ampla multiplicidade de patologias, mormente a nível oral (perda e desgaste dentário, cáries, tártaro, lesões periapicais e doença peridontal), patologias degenerativas (articular, não articular e nódulos Schmorl), infecciosas, congénitas e traumáticas. Foram ainda registados indicadores de stress traduzidos em *cribra orbitalia* e em hipoplasias no esmalte dentário.

Grosso modo, estamos perante um espaço funerário relativamente organizado onde apenas se identificou a sobreposição entre dois jazigos e se registou uma relativa variabilidade ao nível tipológico sepulcral. Concomitantemente, estes defuntos encontravam-se inseridos em simples sepulturas escavadas no substracto geológico (registados apenas dois casos) ou em duplas fossas (*šaqq* e *lahd*). Esta última tipologia prevalece na agenda arqueológica e, por vezes, era complementada por coberturas, ora de telhas com decoração digitada, ora de lajes de gabros de grandes dimensões.

Todas as sepulturas que formam o complexo *šaqq* e *lahd* – isto é, constituídas por duas fossas compostas por um covacho mais superficial e de maiores dimensões preenchido por uma fossa mais pequena e mais profunda circunjacente ao defunto – têm a fossa mais pequena no lado lateral direito ou esquerdo do covacho maior, à excepção do sepulcro 12A que a apresenta centralizada.

Aquando o trabalho de campo foram registadas as dimensões de todos os jazigos, mormente comprimento x largura x profundidade e, para as sepulturas *šaqq-lahd*, determinou-se a profundidade de ambas as fossas:

Sepultura	Comprimento	Largura	Profundidade	Simple	<i>Lahd</i>
1	2,20m	50cm	40cm	x	—
2	2,40m	1,50m	40cm + 80cm	—	x
3	2,70m	1,50m	40cm+70cm	—	x
4	2,50m	1,60m	40cm+80cm	—	x
5	3m	1,40m	40cm+60cm	—	X
6	2m	1,20m	40cm+60cm	—	X
7	1,50m	80cm	50cm+70cm	—	X
8	3,20m	1,80m	40cm+70cm	—	x
9	2,80m	2m	40cm+70cm	—	—
10	3m	70cm	70cm	x	—
11	3m	1,60m	30cm+50cm	—	x
12A	1,50m	70cm	1,20m+30cm	—	X
12B	2m	1,50m	30cm+50cm	—	x
13	3m	1,80m	40cm+80cm	—	X
14	3m	1,40m	20cm+70cm	—	X
15	2,60m	1,70m	70cm+90cm	—	X
16	2,80m	1,70m	40cm+70cm	—	x
17	1,60m	1,20m	50cm+60cm	—	X
18	1,90m	1,30m	40cm+60cm	—	X
19	2,80m	1,60m	80cm+1,20m	—	X
20	2,60m	1,60m	80cm+1,20m	—	x

Bibl.: Matias *et all*, 2016, p.8, 14, 17-19, 21, 23-26, 28-43, 45, 123-125, 127, 130, 135, 137

1.4. Distrito de Portalegre, Évora e Beja

A actual região alentejana, desde do distrito de Portalegre até ao de Beja, comporta, indubitavelmente, um intrigante enredo histórico durante o domínio islâmico. Tudo começa, em 711-712, quando chegam os contingentes de Muça Ibn Nusayr à Península Ibérica, comandados por Abd al-Aziz, que conquistam e ocupam definitivamente Mérida, Beja e Ossonoba em 713 (Coelho, 1989b, p.34; Chalmeta, 1994, p.179).

Após esta rápida conquista dos territórios já enfraquecidos, subseqüentemente, nos primeiros momentos de islamização, a *kura* de Beja – adaptada das antecessoras divisões administrativas do mundo clássico – abarca um vasto território¹⁷ (Coelho, 1989a, p.47 e 54; Rei, 2005, p.18; Vallvé, 1986, p.316) onde a metrópole de Beja desempenha um papel fulcral como congruente eixo polarizador.

Dentro deste enquadramento, a primeira fase de domínio islâmico é marcada por várias adversidades desencadeadas após a tomada de Sevilha e pela subseqüente fuga dos cristãos que lá habitavam. Estes últimos abrigam-se em Beja e são protegidos pelos seus autóctones que, indignados perante este cenário, incitam desavenças e inquietações com a guarnição árabe estabelecida em Sevilha (Oliveira Marques, 1993, p.121).

Assim, e em breves linhas, o período compreendido entre o século VIII e os inícios do século X é marcado pela instalação do *jund* egípcio em Beja (que surge para apaziguar as vicissitudes sentidas), e pelas diversas revoltas entre árabes e berberes e rebeliões em torno do poder central, filiadas à formação do Estado Omíada no al-Andalus e à ascensão do poder abássida em Damasco (Chalmeta, 1994, p.349; Domingues, 1988, p.24-25; Oliveira Marques, 1993, p.123).

À parte das instabilidades políticas e sociais sentidas, nesta primeira etapa de domínio islâmico, denota-se um momento de relativa paz religiosa entre cristãos e muçulmanos, nesta região, assinalado por diversos casos de conversão ao novo culto

¹⁷ Este amplo território é composto por algumas sepulturas escavadas na rocha que, por vezes, o seu enquadramento crono-cultural é intrincado. Deixo aqui o caso das sepulturas rupestres do Reguengo, em Alter do Chão, genericamente definidas como Alto-Medievais, que comportam alguns sepulcros orientados a nordeste-sudoeste (nomeadamente o grupo III a, b e c) (Oliveira, 2006, p.183 e 184). Tratando-se de uma região continuamente ocupada pelo Homem, porventura, talvez não seja totalmente descabido enquadrá-las no período cronológico em estudo. Nada obstante, regista-se este pequeno apontamento para futuras contribuições científicas.

(Catarino, 1993a, p.52). Infelizmente, esta conduta não foi duradoura porquanto, nas centúrias seguintes, configuram-se diversas perseguições e ofensivas aos seguidores de Cristo (Domingues, 1988, p.26).

Concomitantemente, é neste momento que se forma no coração da *kura* uma das mais importantes escolas de *fiqh*, de durabilidade até ao século XI, cuja finalidade regia-se na arabização e islamização da população autóctone (Sidarus, 1996, p.31 e 34).

As diligências contra uma determinada facção subsistem, entre o século IX e inícios do X, no decorrer das vicissitudes entre os principados independentes e o califado. Neste âmbito, os oponentes agora em jogo são os muladis que se mantêm contra o poder central. Nada obstante, o tenaz assédio à cidade de Beja, em 929, foi decisivo e a sua submissão foi inevitável (Domingues, 1988, p.26-27).

É, a partir de então, que Beja se torna fortemente militarizada e, curiosamente, começa a perder, paulatinamente, a sua importância e, em contraposição, Mértola vai ganhando destaque e posição nesta região. Este panorama vai culminar com a emergência de pequenos reinos independentes, nomeadamente da taifa de Mértola (embora efémera, conquistada em 1162), e a respectiva divisão do actual Alentejo entre a taifa de Sevilha e a de Badajoz (Gomez Martinez *et all*, 2012, p.34)

Sumariamente, o esmorecer político e militar dos reinos taifas contribuem para o avanço da Reconquista cristã e para o declínio da *kura* de Beja, na qual algumas cidades que a compunham – nomeadamente Alcácer do Sal – desenvolvem-se e constituem novas *kuwar* (Beirante, 1988, p.15; Coelho, 1989a, p.57; Domingues, 1988, p.27).

As centúrias seguintes caracterizam-se pelo aparecimento de novas ordens políticas, Almorávida e Almoadá, que, intrínsecas a sucessivas instabilidades internas, cessaram com o irrevogável avanço cristão no século XII (Beirante, 1988, p.17; Catarino, 1993a, p.60-62; Coelho, 2010, p.63).

Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha (nº25)

Localização: *Fronteira, Portalegre*

No concelho de Fronteira, na Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha, junto da N245, a cerca de 600m a norte do centro de Fronteira, e nas imediações da Ribeira Grande, foram identificados diversos vestígios arqueológicos, nos inícios do século XX, com as investigações de José Leite de Vasconcelos.

Contudo, foi durante o acompanhamento de obra decorrentes da construção de uma conduta de água, na nossa centúria, que fora identificada uma área de necrópole do período islâmico.

Infelizmente, as únicas descrições referentes às sepulturas resumem-se à utilização de xisto nos jazigos e à lateralidade dos defuntos.

Bibl.: Carneiro, 2005, p.53 e 80; Vasconcelos, 1914, p.393.

Herdade da Chaminé (nº26)

Localização: *Vila Fernando, Elvas, Portalegre*

A necrópole da Herdade da Chaminé, a cerca de 4km a leste da povoação de Vila Fernando, implantada numa área aplanada nas imediações do ribeiro do Carrão, fora identificada, nos anos 40 do século XX, por Abel Viana e António Dias de Deus.

Destas intervenções, de registo impreciso e ambíguo, depreendeu-se que existiram três níveis de enterramentos, compreendendo urnas de incineração da Idade do Ferro, inumações do Baixo Império e da Antiguidade Tardia.

Contudo, uma pequena descrição ambígua de Manuel Heleno relativamente a esqueletos “colocado de lado”¹⁸ tem intrigado alguns investigadores que consideram tratarem-se de inumações de índole islâmica (Almeida, 2000, p.110; Fabião, 1998, p.369 e 370).

Conquanto, nas linhas que se seguem redigidas por Manuel Heleno, os defuntos encontravam-se orientados a este-oeste e associados a diversificado espólio funerário de menor antiguidade, mormente fivelas, anéis (um com “SS” gravado), contas amarelas, vários brinços e uma vasilha.

Infelizmente, não persistiram até aos nossos dias registos fotográficos nem representações ilustrativas destas inumações que possam aferir esta conjectura.

Bibl.: Almeida, 2000, p.110; Fabião, 1998, p.369 e 370; Frade e Caetano, 1993, p.850; Heleno, 1951, p.89 e 94.

¹⁸ “Também ali existiam sepulturas de formas rectangulares e trapezoidal, formadas de pedra solta ou lages de cutelo, com ou sem fundo e tapadas com tejos ou telhas. Orientavam-se de Leste para Oeste, e continham um ou mais esqueletos, colocados de lado” (Heleno, 1951, p.89)

Almocavar mourisco de Elvas (nº27)

Localização: *Elvas, Portalegre*

Elucidam-nos as fontes escritas que, em 1436, a população de Elvas, arduamente devota ao cristianismo, sentiu-se molestada com a imprudência dos mouros na cidade. Para além desta comunidade usufruir do espaço intra-muros para inumar os seus mortos segundo os seus costumes, impavidamente enterravam nas imediações da antiga igreja de São Vicente e do mosteiro de S. Domingos¹⁹.

Concomitantemente, a perseverança ao longo do tempo desta crónica, que relata tão lúbrico descontentamento, permitiu atestar a localização do primeiro almocavar mourisco da cidade de Elvas.

Bibl.: Almada, 2013, p.320-323; Barros, 1936, p.211 e 212; Correia, 2013, p.256 e 257; Torres e Macias, 1998, p.129.

Segundo almocavar mourisco de Elvas (nº28)

Localização: *Elvas, Portalegre*

Após as desavenças concernentes à localização intramuros do primitivo almocavar mourisco de Elvas (ver necrópole nº27), a partir da segunda metade do século XV este é deslocado para uma zona pouco tangível nas referências documentais.

Os cronistas descrevem a nova implantação fora das muralhas, num terreno inóspito e pouco atractivo, muito provavelmente entre a Porta dos Banhos e a Porta de Badajoz e relativamente perto das olarias.

Entre a localização do primeiro almocavar e da transladada necrópole, também permaneceu o topónimo “Bairro do Almocovar” até aos inícios do século XX.

Nada obstante, devo frisar que a localização deste segundo almocavar mantém-se no campo das conjecturas até futuras contribuições científicas.

Bibl.: Almada, 2013, p.322 e 323; Correia, 2013, p.258-260.

¹⁹ “que communa dos mouros da villa tem seu fosairo em que se enterram dos muros a dentro, junto com o adro da igreja de são Vicente, e muito perto do adro do mosteiro de são domingos, em tal guisa que, quando estes mouros levam algum mouro ou moura a enterrar, vão per meio do adro da igreja de são Vicente e muito perto do adro do mosteyro de Sam Domingos da dita villa emtanto que as orações e louvores que os clérigos fazem os mouros as ouvem e as que os mouros fazem os christãos as ouvem tam perto he um adro do outro em tanto que os clérigos e frades ho ham por grande mal e que he contra direito e nossa fe e que o nom deviam consentir e assy bollo requeriam da parte de deus (...)” (Barros, 1936, p.211)

Rua do Miradouro (nº29)

Localização: *Juromenha, Alandroal, Évora*

No âmbito da realização de sondagens de caracterização no imóvel na Rua do Miradouro, em Juromenha, do lado oeste da imponente fortificação e a cerca de 200m da saída sudoeste da povoação, foram detectadas três inumações, embora apenas tenham sido escavadas integralmente duas.

Estes dois defuntos correspondiam a dois indivíduos do sexo masculino e feminino com estaturas de 1,63m e 1,56m, respectivamente. Em ambos os indivíduos se registaram patologias a nível dentário, nomeadamente cáries e periodontite.

Estas inumações encontravam-se orientadas a sul-norte (cabeça-pés, incluindo a inumação parcialmente escavada), em decúbito lateral direito, com a face intencionalmente voltada para nascente e com os membros inferiores semi-flectidos.

As duas inumações intervencionadas integravam a mesma estrutura sepulcral parcialmente aberta na rocha. Este sepulcro de planta quadrangular alongada era delimitado por tijolos de adobe de tom amarelado.

Bibl.: Anselmo, 2016, p.2-3; Mataloto, 2015, p.2, 12 e 14-16.

Museu de Évora (nº30)

Localização: *Largo Conde de Vila Flor, Évora*

O Paço Arquiepiscopal em Évora, enquadrado dentro do perímetro da primeira muralha de fundação romana, onde actualmente se encontra o museu da cidade, fora escavado em décadas distintas, com o propósito da revalorização e salvaguarda do património, que desembocou na identificação de vestígios arqueológicos de ampla cronologia.

Entre esses vestígios foi identificado um pequeno núcleo funerário de cariz islâmico composto por oito sepulturas, abertas no antigo pavimento do *fórum* romano.

Estas inumações primárias – as que apresentavam efectivo registo – encontravam-se orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) e intencionalmente a olhar para a Meca. A maioria estava disposta em decúbito lateral direito com os membros inferiores flectidos, registando-se um único indivíduo em decúbito dorsal e com os membros superiores e inferiores estendidos (Estampa XI).

Todos os sepulcros eram simples, de planta ovalada, à excepção de duas sepulturas estruturadas, ambas com um ligeiro antropomorfismo, uma com cobertura de

lajes e tijolo e a outra constituída por tijolos tipo de “burro”, colocados em cutelo e, na cabeceira, dispostos na horizontal.

Em nenhuma das inumações foi registado qualquer tipo de espólio funerário.

Através da análise fotográfica foi possível determinar as dimensões de alguns sepulcros:

Sepultura	Comprimento	Largura
N-925	1,70m	40cm
V-924	—	35cm
6	2m	40cm

Desta pequena amostra, foram registados cinco indivíduos adultos e um não-adulto, um do sexo masculino e dois do feminino. Um dos indivíduos adultos do sexo feminino media uma estatura aproximadamente de 1,60m.

Relativamente aos dados paleopatológicos, foram registados casos de osteoartrose, periostite e nódulos de schmorl.

Posteriormente, mais propriamente a partir do século XIII, este lugar volta a ser alvo de enterramentos, desta vez cristãos, contíguos à construção da Sé da cidade e, simultaneamente, à consagração deste local como espaço religioso.

Bibl.: Gonçalves *et all*, 1998, p.5-7; Hauschild, 1992; Hauschild, 2001, p.81 e 82; Simão e Brazuna, 2008a, p.12, 35-37, 41; Simão e Brazuna, 2008b, p.16, 17, 25, 27, 29; Simão e Brazuna, 2010, p.79 e 80; Teichner, 1998, p.27.

Rua de Avis nº91 (nº31)

Localização: *Rua de Avis, Évora*

A norte da cidade de Évora, a cerca de 200m da Porta de D. Isabel, junto a uma das principais vias desta urbe, identificou-se, em contexto de obra, o almocavar islâmico de *Yabura*.

Embora só tenham sido identificadas quatro sepulturas e destas apenas intervencionadas três, este núcleo sepulcral certamente se prolongaria por maior espaço desta zona da cidade.

Conquanto estas inumações apresentem algumas discrepâncias nos seus gestos funerários, que em seguida aqui iremos expor, as sepulturas que as compunham

caracterizavam-se, invariavelmente, por simples fossas com formato rectangular, estreitas e escavadas no solo.

No que concerne aos dados sobre os três defuntos exumados:

A inumação nº1 apresentava-se em decúbito lateral direito, orientada a este-oeste (cabeça-pés) com as pernas flectidas e os braços esticados. Esta sepultura foi parcialmente afectada pelo que não é possível analisar o seu comprimento máximo (apenas a largura de 35cm) nem a posição do crânio.

A sepultura nº2 foi bastante afectada, sendo apenas registado a largura de 40cm e a posição em decúbito dorsal e orientação este-oeste (cabeça-pés) deste indivíduo.

Por fim, a sepultura nº3 também foi parcialmente afectada, tendo uma largura de 40cm, e o seu inumado encontrava-se em decúbito dorsal, orientado a este-oeste (cabeça-pés), com a face voltada para sul e com os membros superiores e inferiores estendidos.

Nenhum dos inumados apresentava qualquer tipo de espólio.

Nesta pequena amostra registaram-se três indivíduos adultos – dois do sexo masculino e um indeterminado – dos quais um sofria de entesopatia.

Bibl.: BATATA, 2005, p.2, 5, 7, 8; Filipe, 2012, p.73; Santos, 2005, p.4-7

Qubba de Monsaraz / Ermida de S. João Baptista (nº32)

Localização: *Monsaraz, Reguengos de Monsaraz, Évora*

A Ermida de São João Baptista, igualmente conhecida como “Cuba Árabe”, localiza-se fora das muralhas de Monsaraz, no revelim de São João Baptista e, indubitavelmente, é o monumento mais emblemático da ocupação islâmica desta vila.

Esta *qubba* – pequena edificação sepulcral – persistiu aos tempos através da sua readaptação como ermida cristã consagrada a São João Baptista. Concomitantemente, como espaço sagrado durante várias centúrias, em seu torno implantou-se uma extensa necrópole rupestre que, certamente, englobará sepulcros não só cristãos como islâmicos.

Aquando a execução de trabalhos de recuperação deste monumento, nos anos 90, foram elaboradas escavações arqueológicas nesta necrópole que colocaram a descoberto 14 sepulturas escavadas no afloramento xistoso.

Maioritariamente, estes sepulcros tinham a orientação canónica cristã – oeste-este – contudo, distinguem-se três jazigos de orientação sudoeste-nordeste na área adjacente à Qubba que, infelizmente, não foram integralmente escavados. As únicas informações descritivas que persistem resumem-se às dimensões de duas das três

sepulturas, nomeadamente: Sepultura nº7 – 1,22m x 49-16cm (ombros-cabeça, trapezoidal), com cobertura em lajes de xisto; Sepultura nº8 – 1,55m x 45cm.

Bibl.: Gonçalves, 1962, p.30 e 32; Gonçalves, 1964, p.10, 12-14; Gonçalves, 1966, p.13; Nunes, 1997, p.24 e 25

Lancinha 3 (nº33)

Localização: *Alfundão, Ferreira do Alentejo, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património arqueológico no Bloco de Rega de Alfundão, identificou-se a necrópole da Lancinha 3.

Implantada a cerca de 1km a leste da povoação de Alfundão em Ferreira do Alentejo, insere-se numa planície com vários afluentes hidrográficos, nomeadamente a Ribeira do Alfundão.

Foram exumados sete esqueletos invariavelmente orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), em decúbito lateral direito (o esqueleto nº6 apresenta rotatividade *post-mortem*), com a face virada para sudeste e sem qualquer tipo de espólio a acompanhá-los. Estes inumados encontravam-se inseridos em estreitas sepulturas escavadas no substrato geológico, alongadas, de pouca profundidade e com os topos arredondados. Desta pequena amostra, registaram-se apenas dois sepulcros com cobertura em lajes pétreas.

Embora os sepulcros tenham sido parcialmente destruídos por afectações contemporâneas, foi possível determinar as seguintes dimensões:

Sepultura	Comprimento	Largura	Profundidade
1 [203]	1,70m	20cm	30cm
2 [209]	2m	20-30cm	30cm
3 [107]	1,50m	40cm	—
4 [403]	—	30cm	—
5 [206]	—	20cm	—
6 [503]	1,80m	40cm	30-40cm
7 [602]	—	30cm	30-40cm

Embora este almocavar não tenha sido escavado na totalidade, depreende-se com estes resultados que existe alguma organização deste espaço sepulcral, não sendo detectado qualquer sobreposição nos inumados intervencionados.

Relativamente aos dados antropológicos, entre os sete defuntos cinco eram adultos e dois juvenis, sendo quatro do sexo feminino e um do sexo masculino. As

únicas paleopatologias registadas foram desgaste dentário e artroses e, relativamente às estaturas de três indivíduos analisados, estes rondariam entre 1,55m 1,58m de altura.

Bibl.: Pinto, 2012, p.3, 6, 8, 17-22, 24-29, 32, 34-42; Pinto, Lopes e Granja, 2013, p.2032, 2035-2046.

Xancra II (nº34)

Localização: *Cuba, Cuba, Beja*

Sob trabalhos de Minimização de Impactes sobre o património cultural associados a projectos desenvolvidos pela EDIA, S.A. identificou-se, a cerca de 2km a sul do centro da vila de Cuba, o sítio Xancra II.

Implantado numa elevação, nas proximidades de um pequeno curso de água, este arqueossítio revela uma longa diacronia com materialidades desde a Pré-história até ao Período Medieval Islâmico, mormente três contextos funerários culturalmente distintos.

Reportando-nos à necrópole islâmica, foram registadas 33 inumações em decúbito lateral direito, embora apresentem algumas variações associadas a uma rotatividade do corpo *post-mortem*, orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com a face sensivelmente voltada para sudeste. A posição dos membros superiores alternava entre esticados ao longo do corpo ou com as mãos junto à zona da pélvis, e os membros inferiores variava entre flectidos ou esticados.

Não foi detectado qualquer tipo de espólio funerário a acompanhar os inumados e fora apenas registado um caso de reutilização funerária neste almocavar.

Grosso modo, os esqueletos encontravam-se inseridos em simples fossas ovaladas registando-se uma única excepção de um sepulcro estruturado por pequenos blocos de pedra irregulares e por cerâmica. Fora também identificada uma sepultura peculiar, igualmente ovalada mas ligeiramente mais ampla no topo, estruturada por dois degraus laterais em ambos os lados (certamente corresponde ao complexo de dupla fossa centrada) (Estampa XII).

Registou-se também, num dos sepulcros, um fragmento de laje que poderá testemunhar algum tipo de cobertura constituída por este tipo de elemento que estruturaria este jazigo.

Relativamente às dimensões das sepulturas intervencionadas estas, para os indivíduos adultos, alternavam entre o 1,70m e o 2,26m de comprimento e entre os 28 e 50cm de largura, conquanto para os sub-adultos rondavam o 1,30m de comprimento e 30cm de largura.

À exceção de um conjunto de sepulturas sobrepostas (nomeadamente sepultura nº58, 59 e 72), os restantes sepulcros encontravam-se organizados paralelamente e equidistantes uns dos outros, respeitando o seu espaço físico.

Relativamente aos dados antropológicos, dos indivíduos exumados 59% eram adultos e 38% eram sub-adultos sendo os restantes 3% indeterminados e, embora apenas uma pequena parcela tenha sido alvo de diagnose sexual, 26% dos esqueletos eram masculinos e 29% feminino.

No que concerne às paleopatologias, estão presentes variadas ocorrências, nomeadamente patologias dentárias, degenerativas articulares e não articulares, congénitas e traumáticas.

Bibl.: Brazuna e Godinho, 2009, p.66 e 67; Brazuna e Godinho, 2014, p.219-222.

Monte do Peso 1 (nº35)

Localização: *Pedrógão, Vidigueira, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural interligados ao Circuito Hidráulico de Pedrógão, a cerca de 3km a noroeste do centro de Pedrógão, num pequeno serro designado Monte do peso fora intervencionado o arqueossítio de mesmo nome.

Ademais de outras evidências arqueológicas de distintos períodos cronológicos, foi identificada uma única inumação de cariz islâmico.

Introduzido numa sepultura rectangular (1,90m comp. x 40cm larg. – 20cm de profundidade) escavada no substrato geológico, o esqueleto encontrava-se em decúbito ventral – facilmente explicável por processos tafonómicos – orientado a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com a face voltada para nascente, com os membros superiores e inferiores esticados e as mãos sobre a bacia. Este indivíduo adulto (entre os 30-50 anos, com 1,56m de altura) do sexo masculino não comportava qualquer tipo de espólio funerário e apresentava algumas patologias dentárias e degenerativas.

Bibl.: Baptista, Figueiredo e Gomes, 2013, p.10; 14 e 15; Rodrigues, 2013, p.11, 12, 29 e 30.

Fareleira 2 (nº36)

Localização: *Monte da Fareleira, Pedrógão, Vidigueira, Beja*

O arqueossítio da Fareleira 2, localizado na Vidigueira, na freguesia de Pedrógão, mais propriamente no sítio do Monte da Fareleira, foi identificado no âmbito de trabalhos de prospecção para a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho da Vidigueira.

Este sítio, sem grandes dados descritivos, apresenta uma longa ocupação humana representada em fossas pré-históricas, em sepulturas de inumação da Idade do Ferro e de período islâmico. A autora desta carta arqueológica menciona que este arqueossítio deverá estar interligado com os sítios Monte das Aldeias, Monte das Aldeias 1, Fareleira e Fareleira 3.

Bibl.: Costa, 2016, p.59

Rua do Sequeiro (nº37)

Localização: *Santo Agostinho, São João Baptista e Santo Amador, Moura, Beja*

A maqbara de Moura foi alvo das mais antigas intervenções em contexto de obra, mais concretamente a ampliação de uma oficina de reparação de automóveis, localizada a sudoeste do castelo junto à antiga via - escavada na década de 70 do século XX. Como tal, o seu registo arqueológico é praticamente nulo e a inventariação do espólio osteológico inexistente.

Dos relatos da época o período cronológico dos enterramentos não é claro, assim como a vaga definição entre visigótico, romano e islâmico deambula nos registos. No entanto, as descrições das inumações, a identificação de algumas lápides funerárias nas suas imediações e a própria localização dos sepulcros denunciam a presença de um almocavar tipicamente islâmico.

Tal como referido nas linhas anteriores, existe efectivamente uma ausência descritiva da necrópole e esta conjectura inclui a sua própria extensão, resumindo-se a número mínimo de nove sepulturas, pouco amplas, de orientação sudoeste-nordeste (cabeça-pés) cuja posição dos inumados é referida como “violenta”. Esta última e curiosa referência poderá estar associada à posição em decúbito lateral direito, ou seja, a um enterramento islâmico que porventura um olhar pouco familiarizado com este tipo de ritos dificilmente identificaria.

Ademais de um relato relativamente a uma sepultura coberta e as dimensões entre o 1,70m de comprimento e os 35cm de largura, os dados descritos nos parágrafos acima são os únicos existentes até aos nossos dias sobre o almocavar de Moura.

Bibl.: Borges e Macias, 1992, p.65 e 66; Macias, Gaspar e Valente, 2016, p.46 e 47.

Vale da Fonte da Rata 3 (nº38)

Localização: *Beringel, Beja, Beja*

O sítio do Vale da Fonte da Rata 3 foi identificado através de trabalhos de minimização de impactes a cargo da EDIA, S.A., localizado a cerca de 1,5km a sul do centro de Trigaches.

Aquando os trabalhos de campo, intervencionaram-se cinco esqueletos de cariz funerário islâmico. Os seus gestos funerários, grosso modo, correspondiam à posição em decúbito lateral direito, orientação a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com o crânio intencionalmente voltado para Meca. Nenhum dos inumados se fazia acompanhar por espólio funerário.

Foram apenas registados dois casos excepcionais, mormente o enterramento 2, muito afectado, cujo posicionamento não é claro, pois encontrava-se orientado a sul-norte (cabeça-pés); e o enterramento 4, conquanto deposto em decúbito lateral direito, se encontrava orientado a oeste-este (cabeça-pés).

Este pequeno conjunto sepulcral fora fortemente perturbado por afectações posteriores; contudo, foi patente a predilecção de sepulturas estreitas escavadas no substrato geológico sendo apenas perceptíveis as seguintes dimensões:

Sepultura	Comprimento	Largura
Esqueleto 4	1,55m	30cm
Esqueleto 5	2m	30cm

No que concerne aos dados antropológicos, dos cinco indivíduos exumados, apenas um tratava-se de um não-adulto e, de entre os demais adultos, três eram do sexo masculino e um do feminino. A nível patológico, apenas foram registados desgastes e perda dentária *ante-mortem* e patologias degenerativas não articulares.

Bibl.: Santos, 2007, p.3-6; Sousa, 2007, p.13

Ribeira do Álamo 1 (nº39)

Localização: *Trigaches, Beja*

No âmbito dos trabalhos de Minimização de Impactes dos Blocos de Rega de Beringel, a cerca de 2km a nordeste da povoação com o mesmo nome, fora identificado o arqueossítio Ribeira do Álamo 1.

Segundo o Portal do Arqueólogo, este local teve uma intensa ocupação desde a Pré-história até à Época Moderna, abarcando um pequeno núcleo funerário de índole islâmica.

Contudo, sendo uma intervenção relativamente recente, o seu relatório final encontra-se em processo de finalização e, deste modo, as informações concernentes ao mesmo são exíguas.

Bibl.: Portal do Arqueólogo in Url:

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3035450>

Bela Vista 1 e 3 (nº40)

Localização: *Santa Vitória e Mombeja, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes decorrentes da construção da A26 Ferreira do Alentejo-Beja, foi intervencionada a estação arqueológica Bela Vista 1 e 2.

Porém, o relatório de trabalhos arqueológicos deste arqueossítio até à data encontra-se sob apreciação dos técnicos da tutela responsável.

Concomitantemente, até então, conformamo-nos com as parcas descrições no Portal do Arqueólogo que se resumem à simples e breve exposição dos sepulcros como estruturas escavadas no substrato geológico.

Bibl.: Portal do Arqueólogo, in url:

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3009447>

Monte do Bolor 1 e 2 (nº41)

Localização: *Trigaches e S. Brissos, Beja*

A estação arqueológica Monte Bolor 1 e 2 foi intervencionada em diversas campanhas, efectuadas no âmbito de trabalho de minimização de impactes de dois projectos distintos – Blocos de Rega de Beringel-Beja e Troço de Ligação Pisão-Beja – entre 2010 e 2015.

Os trabalhos nos quais se identificaram os contextos funerários islâmicos correspondem às intervenções de 2015 cujos relatórios, até à data, ainda se encontram em fase de análise pela tutela.

Deste modo, cingimo-nos às informações prestadas pela plataforma *Portal do Arqueólogo* que se resumem à sucinta descrição de estreitos interfaces para as inumações islâmicas.

Bibl.: Portal do Arqueólogo, in url:

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2959108>

Ribeira de São Domingos 1 (nº42)

Localização: *Brinches, Serpa, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização decorrentes da construção do bloco de rega de Brinches, foi identificado o arqueossítio Ribeira de São Domingos 1, localizado a cerca de 1km a norte do centro desta povoação.

Este local demonstrou materialidades de época pré-histórica e um pequeno conjunto de sepulcros de cariz funerário islâmico.

Este último compreende seis inumações invariavelmente orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com a face voltada para Meca, em decúbito lateral direito, com as mãos junto à zona da bacia, com as pernas alternadamente estendidas ou semi-flectidas e sem espólio funerário.

Respectivamente estes defuntos foram inumados em sepulcros maioritariamente de dupla fossa lateral (conjunto *šaqq* e *lahd*). Com uma única excepção correspondente a uma simples fossa ovalada, as restantes cinco sepulturas eram então compostas por uma vala quadrangular ou rectangular e por uma segunda fossa escavada na rocha e coberta por lajes de xisto.

As dimensões das sepulturas registadas em campo são as seguintes:

Sepultura	Comprimento	Largura	Profundidade
[102] (simples)	2m	35cm	40cm
[201]	1,40m	1,40m	15cm
[302]	2,80m	1,80m	40cm
[401]	1,70m	1,30m	40cm
[501]	2,40m	1,40m	30cm
[602]	1,90m	1,60m	10cm

Relativamente aos dados antropológicos, quatro dos indivíduos exumados são sub-adultos com uma idade compreendida entre os 12 e os 19anos, os restantes dois são adultos com mais de 29 anos. Contudo, apenas foi possível realizar diagnose sexual em dois indivíduos sendo estes do sexo masculino.

As únicas patologias registadas nesta amostra são a nível dentário, degenerativo, congénito e outros indicadores de stress fisiológico.

Bibl.: Silva e Nunes, 2011, p.4, 11-23; Godinho e Granja, 2011, p.2, 6, 10, 22

Monte Novo de Casqueiros 7 (nº43)

Localização: *Pias, Serpa, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural interligados ao Circuito Hidráulico Caliços-Machado em Serpa, mais propriamente na freguesia de Pias, identificou-se um enterramento de cariz islâmico no sítio Monte Novo de Casqueiros 7.

Este correspondia a uma inumação primária de um indivíduo adulto do sexo masculino, posicionado em decúbito lateral direito, orientado a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), voltado para Meca e com os membros superiores e inferiores esticados.

Este defunto não tinha qualquer tipo de espólio a acompanhá-lo e, através dos métodos antropológicos, apresentava uma estatura média de 1,57m, algum desgaste dentário e patologias degenerativas.

A sepultura que o comportava fora escavada no substracto rochoso, era estreita com paredes convergentes e de fundo plano, apresentava uma planta sub-rectangular com os seus contornos arredondados. As suas dimensões eram aproximadamente 2,10m x 40cm.

Bibl.: Baptista, 2017, p.7, 11; Rodrigues, 2015, p.13, 14, 18, 19, 21

Malhada do Vale da Água (nº44)

Localização: *Ferreira do Alentejo, Beja*

O arqueossítio Malhada do Vale da Água foi identificado aquando os trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural no Bloco de Rega de Ervidel.

Implantado na margem Norte do Barranco do Xacafre, no actual concelho de Ferreira do Alentejo a 5km a noroeste de Ervidel, o sítio da Malhada do Vale da Água teve uma ocupação humana de longa diacronia, designadamente desde a Pré-história até ao Período Medieval Islâmico.

A única evidência funerária enquadrada na esfera do mundo islâmico neste local resume-se a uma singular sepultura. Esta trata-se de uma inumação primária de um indivíduo adulto do sexo feminino, orientado a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com a face virada a sudeste, e em decúbito dorsal. Esta última conjectura traduzida pela rotatividade do corpo *post-mortem*.

Os membros superiores e inferiores encontravam-se estendidos e paralelos entre si e não foi detectado qualquer tipo de espólio funerário ou votivo.

A sepultura que comportava esta inumação fora escavada no substrato geológico, tinha planta sub-rectangular com paredes ligeiramente inclinadas e de fundo plano. Apesar de parcialmente afectado a largura do sepulcro rondava os 50cm e, através da análise dos métodos antropológicos, a estatura do defunto no seu interior era aproximadamente 1,68m.

Bibl.: Baptista, Pinheiro e Gomes, 2013, p.7, 18, 38, 39, 47; Rodrigues, 2011, p.13, 14, 46

Monte Branco 1 (nº45)

Localização: *Santa Vitória e Mombeja, Beja*

No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural interligados ao Bloco de Rega de Ervidel, a cerca de 500m a norte de Santa Vitória, foi identificado o arqueossítio de Monte Branco 1 testemunho de uma ocupação de longa diacronia neste local.

Concernente ao Período Medieval Islâmico, fora identificado um único enterramento primário em decúbito lateral direito, orientado a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com a face voltada para sudeste, com os membros superiores e inferiores estendidos e sem espólio funerário. Tratava-se de um indivíduo adulto jovem de sexo indeterminado com patologias orais.

Este defunto encontrava-se inserido numa sepultura escavada no geológico, com cobertura de tijoleira, de planta rectangular e de paredes e fundo irregular. As suas dimensões eram 1,63m x 30cm com 35cm de profundidade máxima.

Bibl.: Castro, 2012, p.1, 30, 32; Neves, 2012, p.4, 7, 8, 10

Escola Secundária Diogo de Gouveia (nº46)

Localização: *São João Baptista, Beja, Beja*

Nas intervenções de emergência na Escola Secundária Diogo de Gouveia em Beja, a 200km da saída sul da cidade medieval, foram identificadas notáveis evidências arqueológicas.

Neste local fora intervencionado um vasto núcleo funerário composto por um enterramento romano no nível de ocupação mais antigo, mais tarde ocupado por inumações islâmicas, subsequentemente sobrepostas por enterramentos cristãos e posteriormente estruturados silos para a armazenagem de cereais.

A amostra intervencionada da necrópole islâmica apresenta 257 inumações dispostas, grosso modo, em decúbito lateral direito, apenas com pontuais esqueletos em posição intermédia (decúbito lateral-dorsal) ou em decúbito dorsal. Este último caso tem uma inumação em particular, nomeadamente uma grávida, certamente na fase final de gestação, e como tal, foi necessário enterrá-la em decúbito dorsal.

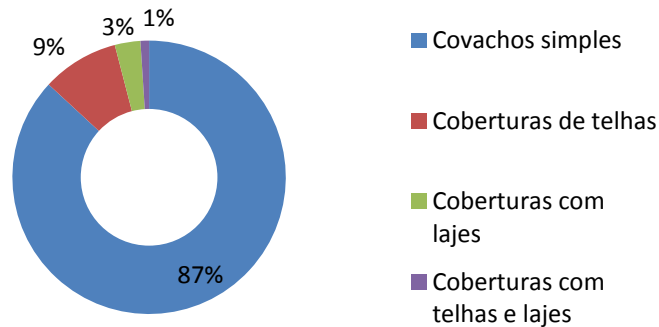
A larga maioria das inumações encontrava-se orientada a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) embora seja observável um ligeiro desfasamento a sul/sudoeste-norte/nordeste e, inclusivamente, pontuais enterramentos orientados a sul-norte e oeste-este (cabeça-pés) (Estampa XIII). Independentemente da orientação em que o defunto se encontrava, o crânio estava sempre intencionalmente voltado para Meca, alternando portanto a orientação entre sul, sudeste e este.

Desta ampla amostra apenas um dos inumados foi acompanhado de espólio funerário: este tinha nos seus calcanhar um par de esporas *in situ*.

Relativamente às tipologias das sepulturas escavadas, estamos perante covachos simples escavados na rocha e/ou no sedimento – a larga maioria – ou estruturadas com lajes de cerâmica ou com telhas, existindo também sepulcros compostos por estes dois elementos. Entre as sepulturas estruturadas estas tinham grande variabilidade na disposição dos seus elementos que alternava com lajes à cabeceira e telhas ao longo da sepultura; com apenas telhas dispostas transversalmente ao longo do sepulcro; ou com apenas lajes de cobertura dispostas na horizontal ou obliquamente (Estampa XIV).

Devo ainda frisar a particularidade da sepultura [6297], em corte, que captou a minha atenção. Através da análise planimétrica dos sepulcros, parece-me que este jazigo trata-se, na verdade, de uma sepultura de dupla fossa centrada.

Tipos de sepulturas



Esta necrópole revelou uma densa ocupação durante e após o período medieval islâmico reflectida na ausência de organização, na sobreposição de sepulcros e nas reutilizações de ossários encontrados.

A nível estratigráfico foram identificados três níveis ocupacionais de sepulcros islâmicos, todos compostos pelas tipologias de sepulturas referidas acima, embora pareça existir uma maior densidade de sepulturas estruturadas no nível intermédio.

As suas orientações e eventuais desfasamentos não aparentam estar interligados a um determinado momento ocupacional e/ou estruturação sepulcral, uma vez que existem diversas sepulturas sobrepostas, que tanto têm exactamente a mesma orientação (o caso das três sepulturas simples [7071]-[7068]-[7183], ou a [7299] simples -[7193] com telhas – [7247] com telhas) como apresentam um ligeiro desfasamento (como por exemplo as sepulturas simples [7035]-[7032]; ou a [7136] com telhas -[7133] simples – [7144] simples, estando neste caso a sepultura intermédia ligeiramente desfasada).

Estes exemplos servem para demonstrar que as orientações desfasadas estarão associadas, muito provavelmente, a uma logística de aproveitamento do espaço cemiterial densamente ocupado ao longo de várias centúrias.

Através da análise planimétrica das inumações desenhadas, as dimensões dos sepulcros – com excepção dos consideravelmente afectados – eram aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura
[502]	2m	30cm
[607]	—	40cm
[903]	—	50cm
[1018]	2,40m	30cm
[1027]	1,90m	30cm
[1033]	2,20m	40cm
[1133]	—	20cm
[1042]	—	40cm
[1051]	—	40cm
[1057]	2,10m	40cm
[1063]	2m	40cm
[1073]	2,10m	40cm
[1082]	1,90m	30cm
[1094]	1,90m	30cm
[1100]	—	30cm
[1109]	—	30cm
[1118]	1,10m	—
[1140]	—	40cm
[1148]	2m	40cm
[1155]	—	30cm
[1162]	—	25cm
[1167]	—	30cm
[3014]	—	40cm
[3025]	2,10m	30cm
[3031]	2,10m	40cm
[3038]	1,90m	40cm
[3063]	2m	50cm
[3070]	2,10m	40cm
[3080]	—	40cm
[3145]	1,70m	30cm
[3162]	1,80m	40cm
[3177]	1,80m	40cm
[3201]	—	50cm
[3211]	—	50cm
[3227]	—	50cm
[3239]	—	40cm
[3279]	—	30cm
[3298]	—	30cm
[6004]	1,90m	30cm
[6010]	1,80m	40cm
[6056]	—	40cm
[6063]	—	30cm
[6069]	—	40cm
[6075]	—	40cm
[6082]	—	40cm
[6088]	—	40cm
[6095]	—	30cm
[6104]	2m	40cm
[6110]	1,20m	30cm
[6119]	1,80m	30cm

Sepultura	Comprimento	Largura
[605]	—	40cm
[702]	1,80m	30cm
[1002]	1,80m	30cm
[1021]	1,80m	40cm
[1030]	2,20m	40cm
[1034]	—	50cm
[1037]	1,80m	40cm
[1047]	2,40m	30cm
[1054]	—	40cm
[1060]	1,80m	40cm
[1066]	Limites pouco perceptíveis	
[1077]	—	40cm
[1085]	2,30m	40cm
[1097]	—	50cm
[1103]	—	40cm
[1112]	—	40cm
[1133]	—	30cm
[1146]	2m	40cm
[1151]	—	30cm
[1158]	—	30cm
[1165]	2m	40cm
[3014]	—	40cm
[3021]	2m	40cm
[3028]	2,60m	50cm
[3035]	1,90m	40cm
[3060]	—	25cm
[3067]	2,10m	30cm
[3074]	—	30cm
[3158]	2m	45cm
[3148]	1,90m	40cm
[3174]	2,20m	40cm
[3181]	2m	40cm
[3208]	2m	50cm
[3219]	2,10m	50cm
[3236]	2,10m	30cm
[3273]	—	30cm
[3288]	—	50cm
[3304]	1,70m	30cm
[6007]	1,70m	30cm
[6040]	—	30cm
[6060]	—	30cm
[6066]	—	30cm
[6072]	—	40cm
[6078]	2,20m	30cm
[6085]	1,80m	30cm
[6092]	—	30cm
[6101]	1,40m	35cm
[6107]	2m	40cm
[6113]	1,70m	30cm
[6125]	1,80m	40cm

Sepultura	Comprimento	Largura
[6134]	—	40cm
[6151]	1,45m	30cm
[6157]	—	40cm
[6165]	2m	50cm
[6178]	2,10m	30cm
[6186]	—	50cm
[6270]	1,90m	30cm
[6218]	—	30cm
[6122]	1,60m	40cm
[6230]	—	50cm
[6237]	2m	40cm
[6246]	—	30cm
[6259]	1m	30cm
[6268]	—	40cm
[6274]	1,60m	30cm
[6293]	—	50cm
[6297]	—	40cm + 10cm
[7003]	—	35cm
[7011]	1,55m	40cm
[7023]	50cm	20cm
[7032]	1,65m	40cm
[7038]	—	30cm
[7044]	2m	40cm
[7051]	1,60m	35cm
[7065]	—	40cm
[7071]	1,90m	40cm
[7077]	—	30cm
[7084]	1,90m	40cm
[7095]	—	40cm
[7114]	—	40cm
[7133]	90cm	30cm
[7139]	Limites pouco perceptíveis	
[7148]	2m	30cm
[7160]	—	30cm
[7174]	—	50cm
[7180]	1,80m	40cm
[7186]	—	40cm
[7196]	—	30cm
[7207]	—	40cm
[7223]	70cm	35cm
[7235]	1,45m	40cm
[7247]	—	30cm
[7256]	—	40cm
[7262]	1,60m	35cm
[7275]	1,80m	30cm
[7282]	1,65m	40cm
[7289]	1,90m	45cm
[7299]	1,80m	50cm
[7306]	1m	40cm
[6128]	2m	40cm

Sepultura	Comprimento	Largura
[6137]	—	35cm
[6154]	—	40cm
[6160]	—	30cm
[6174]	—	30cm
[6183]	90cm	30cm
[6203]	1,70m	40cm
[6211]	—	30cm
[6221]	—	40cm
[6227]	2,20m	40cm
[6233]	—	30cm
[6243]	1,80m	30cm
[6256]	1,70m	30cm
[6262]	1.60m	30cm
[6273]	—	30cm
[6282]	1,90m	40cm
[6296]	—	30cm
[6298]	2m	40cm
[7007]	2,45m	50cm
[7017]	1,80m	30cm
[7029]	—	40cm
[7035]	2m	30cm
[7041]	2,10m	40cm
[7048]	—	40cm
[7062]	1,85m	40cm
[7068]	1,30m	—
[7074]	1,90m	30cm
[7081]	1,95m	40cm
[7087]	1,60m	30cm
[7099]	—	40cm
[7126]	—	40cm
[7136]	1,70m	40cm
[7144]	1,80m	40cm
[7157]	—	30cm
[7163]	90cm	30cm
[7177]	80cm	20cm
[7183]	1,30m	20cm
[7193]	1,70m	35cm
[7202]	90cm	30cm
[7218]	1,90m	40cm
[7232]	1,80m	40cm
[7244]	—	40cm
[7252]	—	40cm
[7259]	—	30cm
[7269]	80cm	25cm
[7279]	1,45m	40cm
[7286]	1,60m	50cm
[7293]	75cm	50cm
[7302]	—	40cm
[7312]	1,90m	30cm
[6131]	1,80m	30cm

Relativamente às dimensões destes sepulcros devo frisar que, embora estejamos perante várias sepulturas de grandes proporções, os inumados no seu interior não tinham uma estatura proporcional a esses tamanhos. No entanto, não deixam de existir, nesta amostra, alguns esqueletos de estaturas efectivamente consideráveis.

Bibl.: Carvalho, 2014, p.20 e 21; Gomes e Santos, 2011, p.12-16, 41-43, 17; Gomes e Santos, 2014, p.6, 15-21, 23, 26, 27, 31, 35, 38, 39, 42, 80, 81; Gomes e Santos, 2015, p.6, 15-31, 35, 38, 41-43, 80-82; Martins e Santos, 2013, p.931-933

Rua de Mértola (nº47)

Localização: *São João Baptista, Beja, Beja*

Entre 2006 e 2007, aquando os trabalhos de acompanhamento arqueológico na Rua de Mértola, em Beja, na zona extramuros e nas imediações de uma das saídas da cidade medieval, foi colocado a descoberto um pequeno núcleo funerário islâmico.

Distribuídos ao longo desta rua foram identificadas 10 sepulturas mas apenas intervencionadas 9 devido às condicionantes determinadas pelo contexto da obra.

Embora estas inumações se encontrassem muito perturbadas por construções contemporâneas, foi possível reconhecer os gestos funerários, mormente a distintiva posição em decúbito lateral direito e a orientação a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com o crânio assente sobre a face direita voltada a sudeste (Estampa XV). Os membros inferiores destes indivíduos encontravam-se ligeiramente flectidos com as mãos posicionadas sobre a zona púbica e, através da análise da disposição das peças ósseas, muito provavelmente foram envoltos num sudário.

Nenhum tipo de espólio foi detectado no interior destes sepulcros.

No que concerne à tipologia dos sepulcros, embora muito afectados, foi possível depreender que se tratavam de simples fossas escavadas sobre um piso em *opus signinum*. Através da análise fotográfica, foi exequível determinar as dimensões de alguns sepulcros:

Sepultura	Comprimento	Largura
Enterramento 1	1,80m	30cm
Enterramento 2	—	30cm
Enterramento 3	Limites pouco perceptíveis	
Enterramento 4	Limites pouco perceptíveis	
Enterramento 5	Muito afectado	
Enterramento 7	1,90m	20cm

Estas inumações primárias, a nível antropológico, correspondem a quatro indivíduos adultos, dois não-adultos e um adolescente, sendo apenas possível a diagnose sexual de cinco elementos do sexo masculino. Os restantes permanecem indeterminados.

As patologias detectadas nesta amostra resumem-se ao desgaste e perda dentária ante-mortem, D.I.S.H., entesopatias e artroses generalizadas.

Bibl.: Ferreira, 2006, p.8-17; s.a, 2007a e 2007b; Serra, 2009, p.646, 678-685; Serra, 2012, p.235; 236; 238-240.

Rua Gomes Palma (nº48)

Localização: *São João Baptista, Beja, Beja*

No âmbito da arqueologia preventiva urbana, no ano de 2006, 2007 e 2011, na Rua Gomes Palma, a cerca de 150m a noroeste da Escola Secundária Diogo Gouveia, um conjunto de 12 inumações, todas de índole funerária islâmica à excepção de um enterramento romano, datado do século III.

Embora estas inumações tenham sido fortemente afectadas por construções posteriores, foi possível compreender a simples composição dos sepulcros escavados no solo, assim como os gestos funerários materializados na posição em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) e a face voltada para sudeste (Estampa XVI).

Estas inumações primárias tinham os seus membros inferiores ligeiramente flectidos e as mãos colocadas sob a zona púbica e, através da disposição das peças ósseas, certamente que os defuntos foram envoltos em sudários.

Das sepulturas intervencionadas apenas foi possível analisar as seguintes dimensões:

Sepultura	Comprimento	Largura
Enterramento 8	—	30cm
Enterramento 9	—	30cm

Embora não tenha sido detectado qualquer tipo de espólio funerário a acompanhar os enterramentos, um dos inumados (dentro dos cânones, portanto) foi alvo de datações de radiocarbono que veio a permitir um enquadramento cronológico entre o século X e os inícios do século XI.

Relativamente aos dados antropológicos, dos 11 esqueletos islâmicos escavados nesta rua foi possível distinguir oito adultos e uma criança e, no que concerne à diagnose sexual, apenas registou-se dois indivíduos do sexo masculino e um feminino.

Quanto às patologias, apenas se registaram desgaste e perda dentária *ante-mortem*.

Bibl.: Carvalho, 2011, p.13; Ferreira, 2007, p.8-11; s.a., 2007a e 2007b; Serra, 2009, p.677-684; Serra, 2012, p.235, 236 e 240.

Quinta das Fontes (nº49)

Localização: *Nossa Senhora das Neves, Beja*

A necrópole da Quinta das Fontes, localizada na freguesia de Nossa Senhora das Neves, no concelho de Beja, foi intervencionada no âmbito dos trabalhos nos blocos de rega do Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos em 2013-2014

Infelizmente, o relatório final dos trabalhos arqueológicos não chegou a ser entregue à DGPC e, como tal, permanecem apenas os poucos dados descritivos disponíveis na plataforma *Portal do Arqueólogo*.

Deste modo, temos conhecimento da identificação de oito sepulturas remontantes ao Período Medieval Islâmico, cujas coberturas eram constituídas por tijoleira, telhas e lajes pétreas.

Bibl.: Portal do Arqueólogo:

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3208420>

Quinta do Estácio 5 (nº50)

Localização: *Quinta do Estácio, Salvada e Quintos, Beja*

A estação arqueológica Quinta do Estácio 5, implantada na povoação de mesmo nome e na confluência de diversos cursos de água, a meio caminho do centro de Salvada e de Beja, fora intervencionada aquando os trabalhos de minimização de impactos do Circuito Hidráulico de Baleizão.

Entre as demais evidências arqueológicas, registaram-se vinte e três sepulturas que comportavam vinte e um esqueletos no seu interior em contexto primário de inumação. Estes defuntos foram posicionados em decúbito lateral direito, à excepção de dois em decúbito dorsal e um em decúbito ventral (associados à rotatividade *post-mortem*), orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) dos quais dois apresentavam uma ligeira discrepância a oeste-este e sul-norte. De igual forma, não fora detectado qualquer

tipo de espólio, à excepção de pregos de ferro, que se encontravam no interior de dois sepulcros.

Também se verificou alguma variabilidade na posição dos crânios. A larga maioria encontrava-se sobre a face direita voltada para sudeste, registando-se quatro casos com a face voltada para baixo e um crânio apoiado sobre o occipital.

O mesmo sucede para o posicionamento dos membros superiores e inferiores, embora prevaleça a posição semi-flectida.

No que concerne aos dados antropológicos, estamos perante uma amostra constituída por três esqueletos subadultos (entre 1 e 5 anos) e dezoito adultos (maioria com idade superior a 30 anos) correspondendo a seis indivíduos do sexo masculino e dez do sexo feminino. Aos dois restantes não foi possível efectuar a diagnose sexual.

Ainda para os inumados adultos, determinou-se a estatura média para os indivíduos do sexo masculino entre 1,55-1,63m e para o sexo feminino 1,47-1,64m.

Foi detectada nesta amostra uma grande variabilidade de paleopatologias, mormente orais (desgaste e perda dentária, atrito oclusal e lesões cariogénicas), degenerativa (artrose e entesopatias), congénitas (microdontia e agénese dentária), infecciosas e traumáticas. Foram registados dois elementos indicadores de stress fisiológico: HLED e *cribra orbitalia*.

Estes defuntos encontravam-se inseridos em covachos simples, estreitos, de planta sub-rectangular e escavados no substracto geológico. Doze destes sepulcros apresentavam cobertura de telhas dispostas perpendicularmente à orientação do jazigo, identificando-se uma única sepultura com cobertura de tijolo.

Durante os trabalhos de campo foram registadas as respectivas dimensões, mormente comprimento x largura x profundidade:

Sepultura	Comprimento	Largura	Profundidade
1	1,75m	40cm	24cm
2	2,19m	40cm	21cm
3	1,83m	30cm	20cm
4	85cm	21cm	5cm
5	1,91m	28cm	25cm
6	2,26m	42cm	29cm
7	1,89m	32cm	26cm
8	2,20m	22cm	28cm
9	2,20m	35cm	35cm
10	1,30m	24cm	19cm
11	1,30m	22cm	20cm
12	1,45m	40cm	16cm

13	2,07m	32cm	37cm
14	1,90m	29cm	28cm
15	2,18m	40cm	36cm
16	80cm	24cm	26cm
17	1,99m	31cm	37cm
18	1,84m	34cm	18cm
19	1,74m	27cm	27cm
20	1,78m	33cm	15cm
21	1,67m	30cm	14cm
22	1,64m	27cm	12cm
23	1,71m	33,5cm	14cm

Bibl.: Mendes, 2014, p.5, 15-32, 35-57, 70, 71, 77, 78; Simão, 2014a, p.40, 52,

53

Quinta do Castelo 1 (nº51)

Localização: *Salvada, Beja*

Em 2014 e 2015, no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes associados ao Bloco de Rega de Baleizão-Quintos, foi intervencionado o arqueossítio Quinta do Castelo 1.

Com materialidades correspondentes ao Calcolítico, à Idade do Bronze, à Antiguidade tardia e ao período Islâmico, este local testemunha uma longa diacronia nas imediações da povoação da Salvada.

Numa suave elevação dominada por diversas linhas de água (ribeira da Cardeira, Barranco do Sardão, Barranco de Quintos e Barranco da Horta do Almada) registaram-se quatro sepulturas paleocristãs e oito de filiação islâmica.

Estas últimas correspondiam a inumações primárias e individuais, posicionadas em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés), com a face voltada para sudeste e sem qualquer tipo de espólio a acompanhá-los.

Todos os sepulcros eram de planta subrectangular escavados no substrato rochoso e, da amostra intervencionada, quatro eram compostos por cobertura em telhas de meia cana a duas águas.

Seguem-se as dimensões das sepulturas registadas em campo:

Sepultura	Comprimento	Largura	Profundidade
6	1,89m	50cm	31cm
7	—	46- 53cm	38cm
8	2m	35- 43cm	38cm
9	2,43m	32- 40cm	16cm
10	1,73m	42- 45cm	30cm
12	1,90m	28- 40cm	38cm
14.2	2,18m	50cm	40cm
15	1,46m	15- 20cm	22cm

Cinco é o número de indivíduos adultos que compõem a amostra e os restantes três são subadultos, correspondendo 60% ao sexo masculino e 40% ao feminino. A estatura média dos indivíduos adultos do sexo masculino ronda o 1,61m contrastando com os do sexo feminino com valores entre o 1,54m.

No que concerne às evidências paleopatológicas, registaram-se patologias dentárias (desgaste e perda dentária *ante-mortem*), degenerativas articulares (artroses) e congénitas.

Bibl.: Carvalho, 2015, p.4, 7, 13-21; Simão, 2014b, p.26-38, 41; Valera, Calvo e Simão, 2016, p.13 e 14;

Torre Velha 3 (nº52)

Localização: *São Salvador, Serpa, Beja*

O arqueossítio da Torre Velha 3, implantado numa área de peneplanície a cerca de 7km a nordeste de Serpa, nas imediações da Ribeira do Enxoé, trata-se de um local com grande potencial patrimonial intervencionado no âmbito do projecto de construção da barragem da Laje.

Ademais das estruturas positivas e negativas tanto de cariz habitacional como funerário, desde o Calcolítico até ao Período Medieval Islâmico, destaca-se esta última época cronológica.

Tal como rege a prescrição islâmica, este núcleo funerário composto por 14 sepulcros encontrava-se apartado do perímetro habitacional, todavia, desfasava nos inconfundíveis gestos funerários.

Conquanto todas as inumações se encontrassem posicionadas em decúbito lateral direito, as orientações alternavam entre sudoeste-nordeste (cabeça-pés, 5 elementos) e oeste-este (cabeça-pés, 8 esqueletos), registando-se ainda um único caso orientado a noroeste-sudeste. Todas encontravam-se com o crânio assente com a face direita, sem espólio funerário e inseridas em simples covachos rectangulares de cantos arredondados escavados na rocha (Estampa XVII).

Relativamente às dimensões destes sepulcros, através da análise cartográfica, eram aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura
[103]	2,40m	45cm
[1994]	1,90m	30cm
[1995]	1,60m	40cm
[1796]	1,50m	40cm
[1983]	1,80m	25cm
[2208]	1,50m	25cm
[2211]	1,40m	25cm
[2266]	2,40m	50cm
[2319]	2m	40cm
[2339]	1,65m	20cm
[2415]	1,60m	30cm
[2433]	1,50m	40cm
[2437]	2,40m	40cm
[2453]	1,60m	30cm

Devo frisar que alguns sepulcros de grandes dimensões comportam esqueletos de estatura consideravelmente mais pequena assim como não foram registadas quaisquer reduções ou ossários.

Relativamente aos dados antropológicos, esta pequena amostra é composta na totalidade por adultos entre os demais seis eram do sexo masculino, cinco do sexo feminino e três não foi possível efectuar a diagnose sexual. Nestas inumações foi possível detectar patologias dentárias, degenerativas, lesões líticas e traumáticas.

Bibl.: Alves *et all*, 2009, p.6, 20, 21, 124; Costa e Faria, 2009, p.2; Ferreira, 2009, p.25-30, 33-37; Vaqueira, 2015, p.32, 54, 120

Alcáçova do castelo de Mértola (nº53)

Localização: *Castelo, Mértola, Beja*

Intervencionada desde os anos 70 do século XX, a Alcáçova do Castelo de Mértola tem revelado notáveis vestígios arqueológicos de ampla diacronia, mormente

uma ampla necrópole da Baixa Idade Média/Época Moderna sobreposta ao antigo bairro islâmico.

Das mais de sete centenas de inumações exumadas, enquadradas entre os séculos XIII e XIX, quinze enterramentos captaram a atenção dos investigadores. Trata-se de esqueletos que se encontravam posicionados em decúbito lateral esquerdo ou direito e com divergentes orientações (Estampa XVIII). Os inumados que se encontravam em decúbito lateral esquerdo eram oito sendo cinco orientados a oeste, um a sudoeste, outra a sul e a restante a leste. Nesta amostra estão representados cinco indivíduos não-adultos de sexo indeterminado, dois adultos de sexos opostos e um indivíduo indeterminado, quer na diagnose sexual, quer na idade à morte.

As inumações em decúbito lateral direito perfazem um total de sete indivíduos dos quais apenas dois adultos do sexo masculino estavam orientados a sul-norte estando os restantes variavelmente orientados a oeste ou nordeste. Estes eram todos adultos masculinos com excepção de um indivíduo indeterminado e de um não-adulto.

Os sepulcros que compunham estas inumações mediam aproximadamente:

Sepultura	Comprimento	Largura	Posição	Orientação
[675]	1,40m	60cm	Decúbito lateral direito	sul-norte
[368]	1,10m	50cm	Decúbito lateral esquerdo	oeste-este
[385]	1,40m	60cm	Decúbito lateral direito	oeste-este

Os investigadores que intervencionaram estas inumações conjecturam sobre uma comunidade mudéjar ou de simples conversos muçulmanos que tentavam manter os seus costumes de forma clandestina.

Bibl.: Gómez, 2008, p.69; Rodrigues e Palma, 2016, p.157, 159 e 164; Rodrigues, Romba e Palma, 2013, p.1170.

Rossio do Carmo (nº54)

Localização: *Largo Rossio do Carmo, Mértola, Beja*

Pela sua configuração topográfica e localização face à grande via, que se dirige para Beja, este espaço foi, durante séculos, um local privilegiado para enterramentos. Nos meados do século V, foi aqui construída a basílica funerária paleocristã, com o respectivo cemitério. A partir do século VIII, o amplo recinto do Rossio do Carmo

acolheria um cemitério islâmico que se sobreporia parcialmente a essa basílica funerária.

Sendo um arqueossítio alvo de intervenções arqueológicas desde o século XIX, este não se fez acompanhar por um registo arqueológico integral desde o princípio, persistindo várias lacunas a nível planimétrico, fotográfico, descritivo, entre outras limitações. Desta forma, e infelizmente, várias questões permaneceram no campo das conjecturas.

Estamos, portanto, perante um registo arqueológico muito irregular que apresenta, grosso modo, enterramentos primários e individuais – com enterramentos colectivos pontuais nos quais presencia-se sempre um indivíduo adulto acompanhado de um não-adulto –, em decúbito lateral direito ou em posição intermédia (lateral-dorsal), orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com uma ligeira discrepância a sul-norte e a oeste-este, e com o crânio assente sobre a face direita voltada a sudeste, alternando alguns mais para leste e outros mais para sul. Os membros inferiores encontravam-se ligeiramente flectidos e os superiores dispostos ao longo do corpo com as mãos, por vezes, sobre a púbis.

Nenhum inumado se fazia acompanhar de espólio funerário, à excepção de um indivíduo não-adulto guarnecido com um pequeno recipiente em vidro (aparentemente um *lacrimarium*) de difícil atribuição cronológica.

Relativamente à organização sepulcral desta *maqbara*, denota-se uma maior concentração e subsequente sobreposição de sepulturas islâmicas a oeste da basílica paleocristã, na actual zona do quartel dos bombeiros de Mértola que, para além de reafirmar a longa ocupação e utilização deste espaço como necrópole, testemunha de certa forma, uma preferência nesta área como “última morada” dos defuntos (Estampa XIX).

Os investigadores do CAM, perante a ausência de diferenciação sepulcral interligada a uma eventual distinção social, crêem que esta concentração poderá estar relacionada com a edificação de um mausoléu santificado como foco atractivo para a implantação de múltiplas inumações. Todavia, a existência de distintos sectores dentro deste almocavar não é totalmente descartável.

Este amplo núcleo funerário apresentava uma vasta variabilidade tipológica, desde os simples covachos escavados no sedimento ou no substracto rochoso, fossas estreitas de pouca profundidade, de contornos pouco definidos e sem qualquer tipo de estruturação (correspondendo à larga maioria); simples valas com cobertura de telhas ou

tegulae romanas reutilizadas; covachos reforçados por tabiques; valas irregulares com coberturas de lajes, dispostas transversalmente; e por sepulcros delimitados e cobertos com lajes de xisto, por vezes argamassados, tipologicamente mais semelhantes às sepulturas paleocristãs (Estampa XX).

Conquanto a nível estratigráfico tenha sido registado um nível de destruição – em concreto o telhado da basílica entretanto desactivada – testemunho de um eventual período de abandono nos inícios da islamização, foram igualmente identificadas algumas inumações islâmicas no mesmo estrato ocupacional dos enterramentos paleocristãos com grandes semelhanças a nível da tipologia sepulcral.

Estas materialidades, embora culturalmente díspares, apresentam uma certa continuidade nas práticas de elaboração das sepulturas estruturadas.

Vários trabalhos no domínio da genética foram elaborados para compreender a paleodemografia da população sepultada, com eventuais relações às práticas funerárias identificadas; todavia, os resultados não revelaram grande variabilidade genética entre as amostras islâmicas e paleocristãs.

Estas observações poderão atestar inumações islâmicas de descendentes de uma população local paleocristã que, posteriormente, se converte ao Islão, confirmando, de certo modo, as ilações anteriores relativamente à evolução tipológica da arquitectura funerária.

A Antropologia também teve o seu papel no estudo da necrópole do Rossio do Carmo identificando diversas paleopatologias nesta população, nomeadamente a nível dentário, malformações congénitas, artroses, osteoporose, lesões traumáticas e hipoplasias.

Estamos, portanto, perante uma excepcional necrópole, densamente ocupada até ao século XIII (segundo os dados epigráficos) podendo prolongar-se no tempo até ao século XIV (elaboradas datações de radiocarbono, a mais recente calibrada remonta a 1398 d.C.).

Bibl.: Candón Morales, 1999, p.288; Candón Morales *et all*, 2004, p.222-224, 227, 228; Candón Morales, 2001, p.87, 88, 90, 94, 95; Gómez, Macias e Torres, 2007, p.122; Gómez *et all*, 2009, p.414; Le Bars, 2005a, p.145; Le Bars, 2005b, p.233, 234, 236, 237, 240, 245-248, 250-252; Lopes, 2004, p.144; Macias, 2002, p.119 e 120; Macias, 2005a, p.225, 227, 239-242, 244, 251; Macias e Torres, 1993, p.31; McMillan, 1997, p.17-19; Torres e Macias, 1996, p.14, 30, 31, 35, 38

Travessa de Nossa Senhora das Neves (nº55)

Localização: *Mértola, Beja*

Em 2005, no âmbito de escavações de emergência num imóvel na Travessa de Nossa Senhora das Neves em Mértola, adjacente às muralhas e na vertente sudoeste da colina extramuros, fora identificado um amplo núcleo funerário de cariz islâmico.

Os trabalhos de campo permitiram registar um total de 47 inumações primárias e individuais – correspondentes a três níveis utilização distintos nesta necrópole – dispostas em decúbito lateral direito, orientadas a sul/sudoeste-norte/nordeste (cabeça-pés) e com a face voltada a este/sudeste.

Desta amostra, cerca de uma quinzena das inumações correspondiam a indivíduos não-adultos, grosso modo de curta idade.

Relativamente à tipologia dos sepulcros, estes divergem consoante o nível ocupacional desta necrópole que passo a descrever nas linhas que se seguem.

O nível de uso mais recente – díspar da fase mais antiga – contém apenas sepulcros simples, escavados no solo, sem qualquer tipo de estruturação à excepção de pontuais alinhamentos de pedras. Sem embargo, encontrando-se estas sepulturas eminentemente perto da superfície, não se excluí a possibilidade de terem sido compostas por algum tipo de cobertura e que, posteriormente, tenham sido afectadas por construções contemporâneas.

Ainda concernente a esta fase ocupacional, não apresentava uma organização amplamente concisa e a saturação do espaço é bastante notória, testemunhando desta forma uma extensa utilização como espaço sepulcral.

O nível estratigraficamente inferior ao descrito acima, apresenta de igual forma, uma ocupação intensa do espaço; mas, nitidamente, mais apartada e organizada. Esta fase mais antiga diferencia-se pela diversidade sepulcral, mormente o apuramento da estruturação destes monumentos funerários. Estes caracterizavam-se por muretes de delimitação superficial rematadas com paredes laterais e coberturas com lajes de xisto.

Numa fase final dos trabalhos de campo, foi ainda possível identificar um terceiro momento ocupacional correspondente apenas a duas sepulturas. Conquanto os seus registos não sejam abundantes, as suas descrições sintetizam-se em lajes de xisto que as compunham.

Relativamente às dimensões dos sepulcros identificados foi possível analisar, através do registo fotográfico, as proporções de alguns destes elementos.

Todos os que foram alvo de análise eram estruturados, à exceção da sepultura nº33 (Estampa XXI).

Sepultura	Comprimento	Largura
3	1,60m	40cm
5	1,60m	40cm
15	1,70m	40cm
33	1,60m	35cm
45	1,50m	35cm

Bibl.: Le Bars e Santos, 2006, p.2, 5-9; Gómez e Le Bars, 2005, p.5 e 6; Le Bars, 2008, p.509-511.

1.5 Distrito de Faro

O distrito de Faro, sucessor da antiga sede episcopal visigótica, é detentor de um amplo território de potencialidades agrícolas notáveis, as quais não passaram indiferentes aos cronistas. A título de exemplo, al-Razí descreve que o termo de Ossónoba “(...) jaz a leste de Lisboa e a oeste de Córdova. E jaz em mui boa terra e mui chã; e de muitas boas árvores e de mui boa sementeira. E em seu termo há mui boas montanhas onde se poderiam criar muitos gados. E é terra de muitas águas corredias. E é mui boa terra de caça (...). E há por vizinho o mar como se estende. E há mui boas ínsoas e mui de sabor em que podem portar as barcas. E há aí mui boas hortas regadias e de mui boas frutas (...)” (Coelho, 1989a, p.49-50; Rei, 2004, p.17 e 18; Gamito, 2004, p.133).

Estamos, assim, perante uma comarca, certamente adaptada ao antecessor território de período visigótico, delimitada a norte, pela serra de Monchique, pela kura de Beja e, alegadamente, pela kura de Lisboa. Os seus primeiros momentos de domínio islâmico, isto é no século VIII, à semelhança da kura de Beja, são assinalados pela sua submissão pela força das armas (em 713, sob o comando de ‘Abd al-Aziz) e subsequente governação militar iemenita e instalação do *Junde* do Egipto (Catarino, 1997-98, p.118; Catarino, 2000, p.31).

Entre esta centúria e as seguintes, em breves linhas, a kura de Ossonoba enreda-se um cenário de instabilidades políticas, caracterizado por diversas revoltas simpatizantes do poder abássida, apaziguadas apenas por ‘Abd al-Rahman I, seguidas da primeira *Fitna* e respectivas movimentações *marwanidas*, das quais Ibn Bakr ascende a governação desta comarca (Catarino, 2000, p.31).

Decerto, estas vicissitudes não são as únicas testemunhadas nesta região. Ademais dos aspectos políticos, a forte liderança e influência que as comunidades moçárabes desempenhavam, veio a reflectir-se, no século X, na paulatina alteração toponímica da capital (igualmente designada Ossonoba) para Santa Maria de Ossonoba ou do Ocidente, tornando-se, mais tarde, Santa Maria de Harun (Faro). Conquanto e concomitantemente, conserva-se a denominação “Ossonoba” para o distrito administrativo (Torres, 1997, p.433; Rei, 2004, p.27; Gamito, 2004, p.137; Gamito, 2007, p.25).

O término desta centúria correlaciona-se com o fim do califado e culmina com a subsequente a formação dos reinos de taifa. Embora momentaneamente, os principados de Ossonoba (com a capital de Santa Maria de Harun) e de Silves²⁰ partilham a estrutura política e económica desta região, respectivamente a zona oriental e ocidental, ou seja, o barrocal e o sotavento algarvio. Estes dois findam, posteriormente, anexados ao imponente reino de Sevilha (Catarino, 1997-98, p.118; Rei, 2004, p.30) relatando os cronistas sobre este feito: “Todo o Garbe do Andaluz este, em dado momento, sob a dominação dos Benu Abade, reis de Sevilha, os mais poderosos sultoes do tempo. Os vultosos rendimentos que derivavam dos seus estados proporcionavam-lhes manter exércitos importantes e rodear a sua corte de homens doutos e de poetas que, encorajados pela sua liberalidade, cultivaram as ciências com o maior zelo e cantaram os seus louvores em eloquentes e primorosas composições (...)” (Coelho, 1989a, p.75).

²⁰ Dos vários vestígios identificados não só no coração da cidade mas também dentro do actual concelho de Silves, foram registadas várias sepulturas escavadas na rocha que, embora a compreensão da sua índole seja indubitavelmente árdua, a orientação de alguns destes elementos é suspicaz (Cabrita, 2008, p.105; p.160 e 162). De entre as demais que foram enquadradas entre os séculos VI e VIII (Cabrita, 2008, p.162), um dos inumados exumados que se encontrava em decúbito dorsal com a face orientada a Sul, indicou através de análises de radiocarbono um intervalo de 660-780 cal A.D., considerado desta forma como visigótico ou moçárabe (Cabrita, 2008, p.163). Sem segurança nos dados, não poderei incluir formalmente neste compêndio estes sepulcros rupestres.

Outro testemunho arqueológico que merece uma pequena nota nesta dissertação trata-se do “insepultado” no castelo de Silves. Embora os resultados de radiocarbono apontem para um inumado entre 1013-1219, mais propriamente para o período almóada (Gomes, 1999, p.58). Não traduzindo nos seus gestos funerários os preceitos islâmicos não poderei incluir formalmente num capítulo oportuno

Os últimos momentos de domínio islâmico de Ossonoba resumem-se aos pedidos de auxílio dos governadores do *Gharb*, nomeadamente do reino de Sevilha, aos almorávidas, face à crescente imposição cristã no território peninsular, e subsequentes segundos reinos de taifa e movimentações dos Almoadas, vindos do norte de África. Corresponde, portanto, a um período em que a região, ora se unificava, ora se dividia, uma vez mais, em reinos independentes. Todavia, todo o esplendor do Algarve não está imune ao processo de Reconquista que marcha em direcção ao Sul do território e, entre 1248 e 1250, esta região é definitivamente conquistada pelos cavaleiros da Ordem de Santiago, comandados por D. Paio Peres Correia (Catarino, 1997-98, p.129; Coelho, 2010, p.127).

Alcaria de Vila Longa (nº56)

Localização: *Martim Longo, Alcoutim, Faro*

Este núcleo habitacional foi identificado através dos trabalhos de prospecção na década de 80 executados por Helena Catarino e, até à data, nunca alvo de escavações arqueológicas.

Alguns autóctones relataram a presença de uma sepultura rectangular com cobertura de telhas. Esta evidência atesta a existência de um núcleo funerário na Alcaria de Vila Longa que, infelizmente, foi destruído por trabalhos agrícolas.

Bibl.: Catarino, 1997-98, p.144

Montado do Pereirão (nº57)

Localização: *Martim Longo, Alcoutim, Faro*

O Montado do Pereirão, um dos vários núcleos arqueológicos prospectados na década de 80 por Helena Catarino, implantado nas encostas do Cerro de S. Bogue, apresenta materialidades que o enquadram no Período Medieval Islâmico.

Relativamente aos dados sepulcrais – que demandam o tema desta dissertação – testemunhos orais da população autóctone relatam que as sepulturas foram inundadas pela ribeira do Vascão.

Bibl.: Catarino, 1997-98, p.197.

Alcarias do Azinhal (nº58)

Localização: *Martim Longo, Alcoutim, Faro*

Identificado na década de 80 – no âmbito de prospecções arqueológicas no “monte “ do azinhal – o arqueossítio Alcarias do Azinhal integra-se cronologicamente no Período Medieval Islâmico.

Este núcleo habitacional era composto na encosta sul, no designado Cerro das Marinhas, por sepulturas que infelizmente não perduraram até aos nossos dias.

Bibl.: Catarino, 1997-98, p.151.

Malhada Velha II (nº59)

Localização: *Cachopo, Tavira, Faro*

Fruto das prospecções arqueológicas de Maria Maia a designada Malhada Velha II é abordada em poucas palavras na Carta Arqueológica do Cachopo, que a descreve resumidamente como necrópole islâmica na qual se identificaram sepulturas de lajes sem espólio funerário associado. Sem mais a acrescentar, este núcleo funerário permanece obscuro e inverosímil de analisar, uma vez que a autora não desenvolve demais ilações concernentes às suas leituras efectuadas no terreno.

Bibl.:Maia, 2000, p.43.

Alcaria Alta VII (nº60)

Localização: *Cachopo, Tavira, Faro*

A Alcaria Alta VII, localizado perto do Ribeiro Barranco do Seixo, fora identificada como necrópole islâmica na década de 90 por Maria Maia. Infelizmente a investigadora apenas regista este arqueossítio como afectado aquando a construção de uma estrada, sem se prolongar com pormenores descritivos.

Bibl.:Maia, 2000, p.35 e 36.

Alcaria Alta (nº61)

Localização: *Cachopo, Tavira, Faro*

Referenciados na Carta Arqueológica da Freguesia do Cachopo a estação arqueológica Alcaria Alta, identificadas no contexto de prospecção do terreno, implantada nas imediações do Ribeiro Barranco do Seixo, é classificada por Maria Maia como necrópole de período islâmico sem qualquer pormenor descritivo.

Bibl.: Maia, 2000, p.35

Cascalheira do Fortim (nº62)

Localização: *Vaqueiros, Alcoutim, Faro*

Prospectada nos anos 80 por Helena Catarino, a estação arqueológica de Cascalheira do Fortim, implantada nos dois cabeços sobranceiros ao Barranco do Curral Telhado, é composta por diversos elementos arquitectónicos – mormente sistemas defensivos, fornos e sepulturas – enquadrados no Período Medieval Islâmico.

Do núcleo funerário preservou-se uma única sepultura de planta rectangular ovalada e muito estreita, contrastando com as restantes que lamentavelmente foram avassaladas pelo alargamento da estrada actual.

Bibl.: Catarino, 1997-98, p.193 e 194.

Alcaria de Arraia (nº63)

Localização: *Azinhal, Castro Marim, Faro*

A prospectada Alcaria de Arraia, implantada nas imediações da ribeira do Beliche, veio a revelar vários vestígios de ocupação islâmica, mormente uma necrópole nas proximidades do núcleo habitacional.

Tomou-se conhecimento que a necrópole deste alcarial fora detentora de sepulcros caracteristicamente cobertos com telhas porém muito afectados pelo labor das actividades agrícolas.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.42; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.210.

Alcaria de Furnazinhas (nº64)

Localização: *Odeleite, Castro Marim, Faro*

A Alcaria de Furnazinhas trata-se de um alcarial implantado a oeste da povoação de mesmo nome que revelou inúmeras materialidades de Período Medieval Islâmico.

Ligeiramente a oeste, aquando o alargamento de uma estrada nas imediações, fora afectada e simultaneamente identificada a necrópole deste núcleo habitacional. Através das leituras em corte depreendeu-se que tratar-se-iam de sepulturas escavadas na rocha, com cobertura em lajes e orientadas a noroeste-sudeste.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.42; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.218.

Castelinho de Altamora (nº65)

Localização: *Odeleite, Castro Marim, Faro*

O Castelinho de Altamora, um dos inúmeros arqueossítios prospectados por Helena Catarino, localizado no cerro de mesmo nome, na margem direita da ribeira do Beliche, revelou várias materialidades enquadradas no período em estudo.

Entre as demais destacam-se sepulturas, testemunhadas pelos autóctones locais, implantadas numa zona planáltica e nas imediações de um antigo caminho. Infelizmente, estas são as poucas informações concernentes a este núcleo funerário.

Bibl.: Catarino, 1990, p.27, 29 e 30; Catarino, 1997-98, p.225-226.

Alcaria de Corte Gago (nº66)

Localização: *Azinhã, Castro Marim, Faro*

Prospectada na década de 80 por Helena Catarino, este arqueossítio demonstra um estabelecimento cabalmente rural do actual concelho de Castro Marim desde o Período Medieval Islâmico.

Abundando em vestígios materiais de díspares cronologias, dos quais David Lopes registou diversos *dirhames* do século X, também era detentora do seu respectivo núcleo funerário

As sepulturas da Alcaria de Corte Gago permaneceram na memória dos habitantes locais que relataram as concernentes inumações com cobertura de telhas que, lamentavelmente, não subsistiram até aos nossos dias.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.32; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.211; Lopes, 1895a, p.97-98.

Alcaria do Marroquil (nº67)

Localização: *Azinhã, Castro Marim, Faro*

Na estação arqueológica Alcarias de Marroquil, prospectada na década de 80, foram detectadas estruturas positivas e vestígios materiais que testemunham um extenso povoamento romano e muçulmano com o seu respectivo e distinto núcleo funerário – nomeadamente de incineração e inumação – implantadas no Barranco dos Mouros e no Barranco dos Negros.

Os autóctones descreveram estas sepulturas sucintamente como sendo de inumação e relatam a existência de telhas na sua cobertura. Inevitavelmente e sem

surpresas, estas não persistiram aos trabalhos agrícolas neste local e foram destruídas na sua totalidade.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.31; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.219.

Alcarias do Tanoeiro (nº68)

Localização: *Castro Marim, Faro*

A estação arqueológica Alcarias de Tanoeiro, identificada no âmbito de trabalhos de prospecção, que entre as demais materialidades enquadradas no Período Medieval Islâmico, testemunhos orais relatam sepulturas com cobertura de telhas destruídas por trabalho agrícolas.

Bibl.: Catarino, 1988, p.40; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.220.

Alcarias de Corte Velho (nº69)

Localização: *Azinhã, Castro Marim, Faro*

Alcarias de Corte Velho é um sítio de cariz habitacional cabalmente rural, implantado nas imediações de cursos de água, testemunha uma ocupação de período islâmico através dos materiais cerâmicos prospectados no terreno.

Em poucas linhas, sabemos que este núcleo habitacional era detentor da sua necrópole que, embora muito afectados por intermédio dos trabalhos agrícolas nesta região, permaneceu na memória dos habitantes locais.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.35; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.214 e 215.

Vale do Bôto (nº70)

Localização: *Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim, Faro*

Localizado no lugar dos Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim, o arqueossítio do Vale do Bôto já tinha captado a atenção de Leite de Vasconcelos e David Lopes no decorrer da viragem do século XX, porém, apenas fora intervencionado na década de 80 da centúria seguinte.

Implantado numa zona relativamente fértil, este povoado demonstrou na agenda arqueológica uma ocupação humana contínua, designadamente entre finais do século I d.C. até ao período da Reconquista, materializada num conjunto de estruturas habitacionais compartimentadas, numa necrópole e numa área de silos.

Na área correspondente à necrópole islâmica, foram identificadas sete sepulturas categoricamente islâmicas escavadas no solo calcário implantadas sob os muros do núcleo habitacional – embora estas estruturas não tivessem conexão evidente com esse conjunto – ou seja, detectadas nos depósitos mais antigos das unidades estratigráficas intervencionadas.

Por conseguinte, as sucintas leituras referentes aos sepulcros transcrevem os inumados em decúbito lateral direito, com os membros inferiores ligeiramente flectidos, dispostos a oeste-este (cabeça-pés) e com a face inclinada a sul/sudeste. Sem aparente presença de espólio, as estruturas funerárias eram fossas estreitas de formato rectangular apresentando coberturas de telhas decoradas com motivos ondulantes, à excepção de um sepulcro com cobertura de lajes. Detectaram-se também duas lajes sob um dos muros que, muito provavelmente, terão pertencido a uma antiga sepultura afectada pela edificação deste (Estampa XXII e XXIII).

Este humilde núcleo sepulcral, embora desprovido de atributos que pudessem individualizá-lo na esfera do mundo funerário, através da análise estratigráfica, resultante de um metódico trabalho de campo, compreendemos que este arqueossítio poderá suscitar cronologias relativas. Desta forma, encontrando-se as sepulturas sob realidades arqueológicas enquadradas entre os séculos XI e XII correspondentes ao período das taifas e almorávida, naturalmente, as inumações serão anteriores a este momento cronológico.

Bibl.: Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.37, 49 e 69; Catarino, 1997-98, p.246; Catarino *et all*, 1981, p.9, 10, 12; Gonçalves *et all*, 1980, p.71-72; Lopes, 1895a, p.102-103; Marques, 1995, p.221; Santos, 1972, p.347; Vasconcellos, 1919, p.228-229.

Cerro do zambujal de Corte de Besteiros (nº71)

Localização: *Santa Maria e Santiago, Tavira, Faro*

Localizada na povoação de Corte de Besteiros, na antiga freguesia de Santa Maria, a alcaria de Cerro do Zambujal fora identificada na década de 80 por Helena Catarino, publicada de forma inédita na sua dissertação de doutoramento e, até à data, nunca escavada.

Aquando o labor da prospecção foi possível depreender a existência de uma necrópole associada a esta alcaria, destruída pela abertura e alargamento de caminhos, sobre a qual informações complementares não foram, infelizmente, relatadas.

Bibl.: Catarino, 1997-98, p.254

Sítio da Torre (nº72)

Localização: *Asseca, Luz de Tavira e Santo Estêvão, Tavira*

A 500m a norte da povoação de Asseca, nas imediações do rio de mesmo nome, no concelho de Tavira, fora encontrada uma inumação muito afectada por obras públicas e sem qualquer tipo de materialidades arqueológicas que pudessem indicar um devido enquadramento cronológico.

Este esqueleto correspondia a um indivíduo adulto com menos de 40 anos e do sexo masculino, registado numa posição intermédia decúbito lateral direito-ventral, com as mãos colocadas na zona da pélvis, orientado a oeste-este (cabeça-pés) e com a face voltada para sul (Estampa XXIV).

Não se fazia acompanhar por espólio funerário e a sua sepultura era escavada no solo e apartada de qualquer tipo de estruturação arquitectónica.

Pela análise da disposição das peças ósseas, o inumado foi alvo de uma decomposição em espaço fechado, por outras palavras muito provavelmente fora envolto num sudário e imediatamente colocado no interior da fossa sepulcral.

A nível paleopatológico, apresentava doenças maxiloalveolares e dentárias.

Posteriormente foram elaboradas análises de datação por radiocarbono que atestaram o enquadramento crono-cultural na esfera funerária islâmica, cujos intervalos obtidos após a calibração são para 1sigma 1216-1309 cal AD e 1354-1387 cal AD; e para 2sigma 1069-1081 cal AD, 1125-1137 cal AD e 1158-1407 cal AD.

Bibl.: Candón, Cavaco e Covaneiro, 2004, p.117-118

Fonte da Rata 1 (nº73)

Localização: *Salir, Loulé, Faro*

Prospectado nos anos 90 da centúria passada, o arqueossítio Fonte da Rata 1 implantado na saída oeste de Salir, apresenta materialidades do período tardo-romano até ao islâmico pleno. Este sítio arqueológico era detentor do seu núcleo funerário no qual, mais propriamente na década de 60, recolheu-se uma lápide funerária que merecerá referência no capítulo correspondente à epigrafia.

Infelizmente, não existem mais informações complementares concernentes às características sepulcrais de povoado.

Bibl.: Catarino, 1999b, p.24; Catarino, 1999/00, p.104; Catarino, 2002, p.139.

Quinta da Boavista (nº74)

Localização: *Terminal rodoviário, Loulé, Faro*

Intervencionada em 1999 em contexto de emergência, a encosta da Quinta da Boavista compõe o vasto almocavar islâmico de Loulé materializado em 41 sepulturas escavadas nesse mesmo ano. De acordo com as informações orais dos habitantes locais, ao longo dos numerosos trabalhos agrícolas e das diversas construções urbanísticas, nomeadamente o Terminal Rodoviário da cidade, surgiam porções de ossadas que brotavam da terra e que dificilmente passavam despercebidas. Certamente, a extensão desta necrópole seria deveras notável.

Implantada junto da via que ligava Loulé a Salir, as 41 sepulturas intervencionadas revelaram simplicidade tipológica na sua edificação – fossas simples sub-rectangulares escavadas no afloramento rochoso – peculiarmente orientadas a oeste-este (cabeça-pés, contudo analisando a planimetria dos sepulcros, parecem ter uma orientação intermédia entre sudoeste/oeste-nordeste/este) estando, todavia, as faces dos inumados meticulosamente dispostas a Sudeste. Embora a larga maioria dos defuntos tenham sido colocados em decúbito lateral direito, foram registados pontuais inumados em decúbito dorsal (estampa XXV e XXVI).

Sep. N.º	U.E. N.º	Comprimento Máximo cm		Largura Cabeceira cm		Largura Pés cm		Prof. Máx. cm	Observações	Sep. N.º	U.E. N.º	Comprimento Máximo cm		Largura Cabeceira cm		Largura Pés cm		Prof. Máx. cm	Observações
		Topo	Base	Topo	Base	Topo	Base					Topo	Base	Topo	Base	Topo	Base		
1	-	-	45	-	-	-	-	-	Cortada. Fossa sem definição.	21	[81]	215	180	67	36	60	36	35	
2	-	-	130	-	-	-	-	-	Fossa sem definição.	22	[71]	90	90	62	62	-	-	15	Cortada.
3	-	-	160	-	-	-	-	-	Fossa sem definição.	23	[74]	63	63	30	30	-	-	37	Cortada.
4	[8]	200	195	34	52	55	48	29		24	[77]	202	193	48	40	48	44	12	
5	[18]	210	195	36	42	41	29	41		25	[85]	161	145	46	40	60	43	38	Cortada.
6	[16]	205	197	40	37	57	40	34		26	[88]	-	145	-	-	-	-	18	Fossa muito mal definida.
7	[23]	148	140	45	35	45	36	12	Fossa mal definida.	27	[91]	160	150	45	40	40	30	35	
8	[24]	215	190	40	38	36	32	43		28	[95]	200	185	42	31	40	25	31	
9	[27]	167	163	30	35	44	38	45		29	[98]	200	185	35	30	45	40	26	
10	[20]	175	155	45	37	43	36	45		30	[101]	224	190	44	47	53	43	35	
11	[33]	148	130	30	45	42	40	42		31	[104]	175	160	30	45	-	-	46	Fossa muito mal definida.
12	[37]	230	210	42	54	44	44	63		32	[107]	205	200	40	40	35	30	33	
13	[40]	192	184	39	36	38	32	46		33	[111]	220	195	30	50	55	45	68	
14	[43]	183	170	48	39	38	28	24		34	[115]	156	145	30	35	30	28	33	
15	[47]	185	164	45	40	42	38	35		35	[119]	170	140	40	38	50	40	31	
16	[51]	165	162	35	73	73	72	52	Cortada.	36	[123]	200	180	45	37	30	27	47	
17	[54]	227	210	33	50	42	38	39		37	[126]	200	190	50	45	32	30	31	Fossa mal definida.
18	[58]	170	160	40	55	60	45	38		38	[129]	190	168	45	40	43	35	23	
19	[61]	192	170	39	42	41	38	42		39	[132]	186	155	40	35	40	30	33	
20	[65]	195	172	35	49	50	40	78		40	[135]	196	170	40	35	40	35	24	
20 T	[68]	60	56	33	31	32	30	20		41	[139]	195	175	30	30	40	30	35	

Fig.4 – Dimensões dos sepulcros da Quinta da Boavista registados em campo (Luzia, 1999/00, p.139).

Da totalidade destes sepulcros escavados, 15 registaram-se efectivamente com coberturas de pedra calcária (estampa XXVII) e, ademais da abundante presença de telhas revolvidas pelos trabalhos constantes no terreno, alude-nos igualmente para uma

hipotética existência de sepulturas detentoras deste tipo de cobertura. Por conseguinte, desta pequena parcela desvendada, todas eram inumações individuais e registaram-se apenas duas sobreposições de enterramentos (nas inumações nº 22 e 23 e nº31 e 37) que poderão atestar - embora com pouca segurança - a consecutiva utilização esta área como espaço funerário.

Estamos perante uma amostra de indivíduos de estatura média a baixa - os homens rondavam 1,65m de altura e as mulheres 1,49m - correspondendo a 36 esqueletos adultos e a 7 não-adultos. Estes últimos eram 6 adolescentes e 1 recém-nascido, conquanto os adultos correspondiam a 39% de indivíduos do sexo masculino e 45% do feminino. Não foi possível elaborar uma diagnose sexual aos restantes 16%.

As inumações exumadas apresentavam uma grande variabilidade de patologias, mormente degenerativas infecciosas, neoplásticas, congénitas e traumáticas, tendo sido observado dois casos particulares: um indivíduo com lesões nas zonas de inserção muscular dos fémures e coxais, condizentes com o “síndrome de cavaleiro”; e um adolescente com assimetria nos úmeros, muito provavelmente interligado a um antigo trauma que afectou o seu crescimento.

Relativamente ao espólio funerário na Quinta da Boavista, foram recolhidos diversos fragmentos cerâmicos, vítreos e alguns objectos metálicos nomeadamente um anel em bronze, sendo que estes últimos elementos lograram sucintas linhas no capítulo concernente a este tema. Curiosamente, foram conjuntamente identificados pregos em quatro sepulturas (nomeadamente nº12; 25; 32 e 34) que suscita a utilização tampas de madeira, e cinco pontas de besta na região torácica de dois esqueletos (nº32 e 38).

Foram elaboradas análises de radiocarbono sobre uma amostra deste almocavar que, de certa forma, atestaram para um enquadramento para a época almóada (estampa XXVIII).

Bibl.: Cunha, Marques e Silva, 2001-2002, p.38-44; Luzia, 1999/00, p.133, 135, 142, 145, 152, 157; Luzia, 2002, p.152; Luzia, 2003, p.19; Pires e Benisse, 2010, p.453.

Hospital da Misericórdia de Loulé (nº75)

Localização: *Avenida Marçal Pacheco, Hospital de Loulé, Faro*

Entre o ano de 2008 e 2009, em contexto de obra no âmbito de remodelações do actual Hospital da Misericórdia de Loulé, foi identificada uma segunda necrópole islâmica que veio a complementar o almocavar da Quinta da Boavista e, conseqüentemente, os dados da topografia urbanística da *madinat Al-ulyã*.

Este novo almocavar localiza-se dentro dos preceitos islâmicos, ou seja, de implantação extra-muros próximo de uma das saídas da cidade (via de ligação a Faro) e, particularmente, junto à antiga mouraria de Loulé (estampa XXIX). Foram os próprios gestos funerários que denunciaram a índole islâmica deste núcleo funerário que se materializaram na característica deposição lateral direita e na respectiva orientação sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com a face virada a sudeste (estampa XXX). Apenas se registaram exceções nos enterramentos infantis e num indivíduo adulto (sepultura nº34) que se encontravam orientados a sul-norte (cabeça-pés) e os enterramentos intervencionados em decúbito dorsal facilmente se traduzem na rotatividade *post-mortem* dos inumados.

Foram identificadas 36 inumações primárias e cinco secundárias, ressaltado número que não constitui a totalidade das sepulturas desta necrópole na íntegra, uma vez que se registaram várias das deposições secundárias que testemunham a intensa utilização deste local como espaço funerário.

Desta amostra, 25 eram indivíduos adultos – 5 do sexo feminino e 8 do masculino – e 11 não-adultos (perinatal até à adolescência). Ainda relativamente aos dados antropológicos, foram apenas registadas patologias a nível degenerativo.

Estas sepulturas caracterizavam-se, em suma, por simples sepulcros escavados no afloramento rochoso, morfologicamente ovalados ou rectangulares, e apenas se registaram dois casos, nomeadamente a sepultura 1 e 2, com cobertura de lajes de xisto.

Através da análise do registo fotográfico foi possível determinar as dimensões aproximadas dos seguintes jazigos:

Sepultura	Comprimento	Largura
19 – [123]	1,70m	30cm
22 – [136]	2m	60cm

Grosso modo, as inumações não apresentaram espólio funerário, à excepção da análoga presença de pregos num dos enterramentos – a sepultura nº34 – curiosamente correspondente ao único enterramento adulto discrepante da orientação canónica.

Foram ainda elaboradas análises de datação de radiocarbono num dos esqueletos exumados que proporcionaram um enquadramento cronológico no período almóada (estampa XXVIII).

Bibl.: Pires e Benisse, 2010, p.439, 443, 446, 448, 452, 453.

Bairro de Letes (nº76)

Localização: *Bairro de Letes, Faro, Faro*

O bairro de Letes, localizado nos quarteirões imediatamente a norte do Museu Regional do Algarve – integrando as actuais ruas D. João de Castro, João Lúcio, Almeida Garrett, Mouzinho de Albuquerque, Bartolomeu Dias, Dr. Justino Cumano, entre outras – revelou no século XX um dos mais emblemáticos sítios arqueológicos da cidade de Faro: a necrópole romana da velha Ossónoba.

Foi nessa mesma centúria que, aquando as intervenções urbanas neste bairro, Abel Viana registou múltiplas inumações de índole romana e descreveu os seus gestos funerários.

Entre as demais, destaca-se o registo de um enterramento em particular (sepultura nº3) que se apresentava em decúbito lateral direito, contudo, nos restantes parâmetros não se enquadra devidamente na esfera do mundo funerário islâmico.

Esta inumação correspondia a um indivíduo adulto orientado a norte/noroeste-sul/sudeste (cabeça-pés), com o crânio assente sobre a face direita, com as palmas das mãos unidas em frente ao rosto e com os cotovelos defronte do peito (estampa XXXI).

A sua sepultura era de planta rectangular, com cerca de 40cm de largura, constituída por ladrilhos dispostos em cutelo.

No seu interior junto aos pés do inumado foi identificado um crânio de criança sob alguns ladrilhos, e foram exumados dois pregos de cobre, um de ferro, uma moeda, um jarro e um pote de barro e um copo de vidro, de cronologia imprecisa, do século IV ou posterior.

Bibl.: Pereira, 2014, p.281; Viana, 1951, p.146, 147, 149, 150

Quinta do Lago/Tejo do Praio (nº77)

Localização: *Campo de Golfe de São Lourenço da Quinta do Lago, Almancil, Loulé, Faro*

Aquando a edificação do campo de golfe de São Lourenço da Quinta do Lago nos anos 80 do século XX, constataram-se os vestígios do arqueossítio do Tejo do Praio durante a respectiva intervenção de emergência.

Estes trabalhos de campo realizados na Quinta do Lago foram executados em distintos momentos – mormente na década de 80 sendo retomados nos finais dos anos

90/inícios de 2000 – que trouxeram à tona os testemunhos ocupacionais deste local em duas inerentes épocas cronológicas.

Constatou-se então dois núcleos ocupacionais diferenciados no espaço e no tempo, ou seja dois povoamentos com balizas cronológicas distintas cuja fixação na orla costeira algarvia junto à Ria Formosa, embora próximos, nunca se sobrepuseram nas suas fundações.

A ocupação mais antiga identificada remonta ao período romano retratado num conjunto de estruturas habitacionais e fabris atribuíveis à manufactura da salga de peixe e, ligeiramente mais próximo da ria numa pequena elevação do terreno, implantam-se as estruturas habitacionais islâmicas e a sua respectiva necrópole.

Localizado a noroeste das habitações, compenetramo-nos agora no correspondente almocavar, do qual 73 sepulturas foram escavadas, permanecendo outras demais em corte sem intervenção arqueológica. Do conjunto foram individualizados 76 inumados, registando-se maioritariamente enterramentos individuais, à excepção de três sepulcros: dois compostos, respectivamente, por um par de adultos; e uma inumação constituída por um adulto e uma criança.

Prosseguindo no enlaço desta necrópole de extensão pouco concreta, aparentemente segue, invariavelmente, os preceitos característicos dos enterramentos islâmicos, nomeadamente a deposição dos inumados em decúbito lateral direito, a respectiva orientação sudoeste-nordeste (cabeça-pés), ademais da inexistência de espólio funerário associado aos mesmos. Apenas um dos inumados foi registado diferenciadamente, em decúbito dorsal, sem descurar a orientação sudoeste-nordeste, estando o membro superior esquerdo disposto sob o coxal e o direito sobre a bacia. Facilmente esta disposição poderá ser explicada através da rotação do corpo após a deposição no respectivo sepulcro ou mediante uma outra subjectiva circunstância *post-mortem*.

Contudo, existe uma outra excepção singular de um dos enterramentos deste conjunto. Curiosamente, este em particular não se aglomerou com os restantes. O local de eleição para o seu último repouso foi, na verdade, a área habitacional islâmica, prerrogativa que merece ser abordada ponderadamente no capítulo referente às problemáticas.

As restantes leituras interpretadas nesta *maqbara* transcrevem-se na caracterização das próprias sepulturas, fundadas no próprio substracto geológico, que apresentam forma simples e oval cujas dimensões variavam de acordo com as

proporções dos corpos inumados (entre 80 x 35cm e 50 x 20cm). Por fim, estes jazigos de pouca profundidade (25-30cm), grosso modo não apresentavam qualquer tipo de cobertura, à excepção de dois sepulcros com cobertura de telhas. Foram também registadas sepulturas com algumas pedras colocadas de forma aleatória no seu topo, contudo, as mesmas não aparentavam formar algum tipo de cobertura definida.

Bibl.: Arruda, Almeida e Freitas, 2003, p.248, 250, 253, 256, 259; Arruda *et all*, 2002, p.9; Ferreira, 2002, p.2; Gomes e Gomes, 1988, p.80; Marques, 1992, 261-263; s.n., 1986, p.44.

Cerro da Vila (nº78)

Localização: *Avenida Cerro da Vila, Quarteira, Loulé, Faro*

Conhecido desde os anos 60 do século XX e alvo de escavações consecutivas a partir das décadas seguintes, foi possível identificar inúmeros aspectos deste arqueossítio. Com operatividade desde o século I d.C. identificou-se um conjunto de estruturas que inclui um imponente edifício principal (A); um corredor com instalações sanitárias (B); um grande edifício termal (C); um pequeno *nymphaeum* (D) algumas casas de pequenas dimensões (E, F, G e M); vários complexos produtivos ou fabricae (H, I, J e L) uma barragem e uma necrópole (N) com dois monumentos funerários (K e O); e um aqueduto (P) (vide planta na estampa XXXII).

Este arqueossítio é detentor de uma ampla necrópole complementada por monumentos funerários integrados cronologicamente no século IV d.C., conquanto, existem alguns enterramentos cujos gestos funerários merecem ser considerados.

Existe pelo menos um inumado depositado em decúbito lateral direito (E²/-4y S2) mas orientado a oeste-este (cabeça-pés). Nada obstante, por vezes a orientação não é uma característica fidedigna para categorizar os defuntos muçulmanos e, perante esta conjectura, seria a disposição do crânio que complementaria os dados. Todavia, nesta sepultura, este elemento encontrava-se ausente aquando a escavação arqueológica.

Existem outros inumados orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) com a face virada a Este embora em decúbito dorsal (E²/-3 β S5 e E²/-3 α S4) integrados em sepulturas cobertas por *tegulae* romanas e xisto. Este conjunto de dados inatingíveis não permitem aferir com segurança se estes dois enterramentos seriam islâmicos.

Todavia, foram identificados dois enterramentos que inequivocamente enquadraram-se no mundo funerário islâmico. Um dos sepulcros, identificado na década de 80 do século passado, fora implantado perto da antiga necrópole tardo-romana, mais

propriamente na área designada “L” (vide planta na Estampa XXXII). José Luís de Matos, arqueólogo responsável por esta intervenção, regista esta inumação em decúbito lateral direito, orientada a nordeste-sudoeste (cabeça-pés), com a face voltada para sul, com 1,57m de comprimento (medição *in situ*) e sem espólio a acompanhá-la. Embora a leitura morfológica da sepultura fora uma dificuldade sentida pelo investigador, através da minha apreciação do registo fotográfico disposto no relatório de escavação, parece-me tratar-se duma simples fossa escavada no solo.

O restante enterramento fora detectado por Felix Teichner e apresentado na sua dissertação de Doutoramento. Trata-se de um enterramento em decúbito lateral direito na área H da *villa* (vide planta na Estampa XXXII e XXXIII).

Bibl.: Lucas, 2006, p.19, 20, 22, 23; Matos, 1971, p.202; Matos, 1983, p.5; Matos, 1997a, p.387; Matos, 1997b, p.392 e 459; Teichner e Schierl, 2005, p.123 e 124; Teichner, 2006a, p.214, 215, 334.

Castelinho (nº79)

Localização: *Paderne, Albufeira, Faro*

A estação arqueológica de Castelinho, localizada numa pequena elevação sobranceira às margens da ribeira de Quarteira, a Este da povoação de Mem Moniz e acerca de 1,5km a nordeste de Paderne, evidenciou testemunhos certamente interligados com a linha defensiva do castelo de Paderne.

Os vestígios registados na agenda arqueológica aludem a estruturas habitacionais, troços de muralha, silos, diversas materialidades de Período Medieval Islâmico, e a uma vasta necrópole.

No que concerne a este último elemento, lamentavelmente, não se perseverou qualquer tipo de informação descritiva.

Bibl.: Albergaria, 2001, p.96; Amado, 1995, p.20; Catarino, 1993b, p.73; Marques, 1992, p.166 e 167; Nobre, 1997, p.13; Paulo, 2003.

Portela 3/Cerro da Portela/Cômoros da Portela (nº80)

Localização: *S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro*

O antigo núcleo de povoamento islâmico de Portela 3, integrado no actual concelho de Silves no barrocal algarvio, fora inicialmente identificado no século XX por Francisco de Oliveira que vislumbrou a abundância de materiais cerâmicos à

superfície e, na década de 90, Rosa Varela Gomes colmatara esta descoberta através da realização de trabalhos de prospecção no campo.

Esta última constatando estruturas habitacionais e material cerâmico, de enquadramento cronológico entre o período medieval islâmico e moderno, cartografa este sítio arqueológico designando-o “Cerro da Portela/Cômoros da Portela”.

Contudo, após sensivelmente uma década, no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental interligado com o planeamento da A2 (Sublanço S. Bartolomeu de Messines/VLA) foi imprescindível elaborarem-se escavações arqueológicas no então titulado sítio da Portela 3, das quais foi possível identificar um povoado de ocupação islâmica, entre o século IX até ao século XIII, e respectivo núcleo funerário, e ainda um enterramento paleocristão (de difícil enquadramento com as restantes realidades).

O pequeno núcleo funerário islâmico, a leste deste povoado, já se encontrava muito afectado pela remoção mecânica das terras anterior à chegada da equipa de arqueologia no campo. Deste modo, foram tomadas medidas de salvaguarda do património e, conseqüentemente, escavadas nove inumações em fraco estado de conservação. A própria afectação dos depósitos estratigráficos, juntamente com os limites estipulados da intervenção arqueológica, não permitem compreender a extensão e dimensões do almocavar desta alcária.

Genericamente, os sepulcros de fossa simples escavadas no substrato geológico sem qualquer estruturação²¹ compunham inumações primárias orientadas a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) em decúbito lateral direito, com os braços estendidos e os membros inferiores semi-flectidos à direita, e com face virada para Meca. Foram apenas registadas duas excepções onde os esqueletos se apresentavam em decúbito dorsal, ainda que crânios estivessem orientados para Sudeste.

Todo o conjunto encontrava-se muito afectado e, como tal, as dimensões dos sepulcros são imperceptíveis e a análise antropológica intricada. Desta última, apenas foi observável a presença de dois indivíduos adultos do sexo masculino. O restante material osteológico foi definido genericamente como adultos.

Juntamente com a ausência de espólio funerário associado, através da análise parcelar destas inumações islâmicas dificilmente se estabelecem balizas cronológicas entre os inícios e o abandono deste núcleo funerário. Ademais, a disposição espacial da necrópole com o povoado rural de ampla diacronia não permite igualmente aferir esta

²¹ Embora a presença de telhas digitadas à superfície resolvidas pela maquinaria não descarte a hipótese da existência de sepulturas com este tipo de cobertura (Albergaria, 2001a, p.49)

conjectura. Os dados cingem-nos apenas à posição geográfica entre ambos que outorga sua utilização simultânea, estando o almocavar sempre em função do povoado.

Bibl.: Albergaria, 2001a, p.30, 32, 35, 36, p.38-43; Albergaria, 2001b, p.94-96; Gomes, 1999, 199 e 200; Gomes, 2002a, p.152; Marques, 1992, p.121-125; Pires e Ferreira, 2003, p.280, 281, 283, 305.

Alcarias da Torre (nº81)

Localização: *Sítio da Torre, Armação de Pêra, Silves, Faro*

A necrópole de Alcarias da Torre identificada por volta dos anos 40 é, indubitavelmente, dos primeiros núcleos funerários islâmicos a ser reconhecido no *Gharb* português.

Este fora implantado numa pequena elevação do denominado sítio da Torre, na freguesia de Armação de Pêra, na qual a quantidade de espólio osteológico que brotava da terra captou a atenção dos agricultores que lavaram este terreno.

No âmbito de uma época tão recuada, não nos surpreende a ausência de registos concernentes à ritualização destes inumados, todavia, a recolha de espólio funerário deste arqueossítio colmatou a carência de informações relativamente aos mesmos. Os materiais recolhidos compreendiam uma “lucerna” e uma vasilha designadamente “arábicas” e uma intitulada “bola de calcário” e, embora o espólio seja pouco frequente no contexto funerário, através destes foi possível categorizar os enterramentos categoricamente como islâmicos.

Já muito afectado pelos constantes trabalhos agrícolas no terreno, infelizmente pouco dados restam relativamente a este núcleo funerário, permanecendo apenas o seu registo neste compêndio.

Bibl.: Gomes, 1970, p.91-93; Gomes e Gomes, 1988, p.102; Marques, 1992, p.151-152; Moita, 1959, p.229.

Rua 25 de Abril (nº82)

Localização: *Rua 25 de Abril, Silves, Faro*

As primeiras referências literárias sobre o almocavar de *Xelb* são assinaladas no *livro do Almoraxifado* o qual o localiza nas imediações da denominada Porta do Sol.

Após várias centúrias, sob uma legislação em conformidade com o valor patrimonial do território, foram elaboradas escavações em contexto de obra que atestaram a localização deste almocavar. Foram postas a descoberto, num troço da

actual Rua 25 de Abril, paralela à Câmara Municipal de Silves, 87 sepulturas (ademais do material osteológico disperso entre outras estruturas positivas²²) compostas por enterramentos de indubitável índole islâmica.

Sem aparente presença de espólio funerário – à excepção dos análogos pregos identificados em duas sepulturas –, grosso modo, os inumados individualizados encontravam-se em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nortedeste (cabeça-pés), com um ligeiro desnível a oeste-este (apenas um se encontrava a norte-sul) com o crânio virado para sul (Meca), e com os membros superiores estendidos e os inferiores ligeiramente flectidos ou esticados (estampa XXXIV). Os esqueletos registados em decúbito dorsal poderão estar ligados à rotatividade dos corpos *post-mortem*.

A implantação numerosa de inumações neste espaço reflecte o incessante uso do local como última morada, estando repleto de sepulturas simples, escavadas no solo ou no substrato rochoso, onde dois enterramentos se destacaram nesta pequena amostra intervencionada. Estes correspondem a um inumado delimitado por fiadas de grés, calcários e arenitos, dispostos ao longo do corpo; e uma sepultura, morfologicamente rectangular, cuja estrutura era composta por um pavimento, formado por blocos lajeados de grés avermelhado, sob uma tampa semicilíndrica de argamassa esbranquiçada. A equipa de arqueologia, perante esta sepultura de verosímil monumentalidade, identificou-a como um *Murabit* (estampa XXXV).

Através da análise do registo fotográfico foi possível verificar aproximadamente as dimensões de alguns sepulcros, nomeadamente dos enterramentos:

Sepulturas	Comprimento	Largura	Altura	Simples	Estruturadas
14	1,60m	—	—	x	—
15	1m	25cm	—	x	—
18	1,80m	30cm	—	x	—
34	37	32	—	—	x
	Tampa: 1,64m	40cm	40cm	—	Mausoléu
[637]	Lajeado: 30cm	25cm	—		

Os dados Antropológicos demonstram que esta amostra era composta por 61 indivíduos adultos, dos quais 20 são do sexo masculino e 16 do feminino; e 26 não-

²² Muros sem ligação com o contexto funerário. Algumas das estruturas foram comprovadamente posteriores aos enterramentos e de carácter habitacional (Penisga, 2009, p.36)

adultos maioritariamente da 1ª infância. Estes apresentavam patologias a nível dentário, degenerativo articular e algumas lesões traumáticas.

Após a intervenção em campo optou-se, para uma melhor compreensão da relação entre esta necrópole e os outros núcleos funerários em Silves, efectuar análises laboratoriais de radiocarbono. Procedeu-se à datação de um dos inumados posicionado nos estratos mais antigos da necrópole, que proporcionou uma cronologia 898-920 cal AD para 1 sigma de 25% de probabilidade, 946-1013 cal AD para 1 sigma com 75% de probabilidade, e 869-1030 cal AD com 100% de probabilidade. Em suma, os dados apontam para os inícios da utilização da necrópole, entre o século IX e o século XI. Embora as datações radiocarbono proporcionem cronologias absolutas, estas análises, em particular, apresentaram datações que englobam três séculos num só esqueleto. Desta forma, estamos perante períodos cronológicos que abarcam díspares fases culturais dentro do contexto da História do Al-Andalus, mormente desde o período emiral aos inícios dos primeiros reinos taifas. Não obstante, estas datações serão tidas em conta para a análise deste almocavar, nesta dissertação, todavia com a devida prudência.

Bibl.: Gomes, 1999, p.1606; Gonçalves, 2009, p.495; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves *et all*, 2010, p.854 e 855; Penisga, 2009, p.30, 33, 35, 38 Santos, Barbosa e Ramos, 2008, p.420 e 424.

Largo José Correia Lobo (nº83)

Localização: *Rua do Saco, Largo da Sé e Largo José Correia Lobo, Silves, Faro*

No âmbito do Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves fora intervencionada a Rua do Saco e um troço de via de ligação entre os Largos da Sé e de José Correia Lobo. As escavações revelaram várias materialidades de período medieval islâmico e de época moderna, mormente enterramentos de ritual islâmico.

Trata-se de um pequeno núcleo funerário situado no caminho de acesso à alcáçova, composto por 24 inumações individuais, implantadas sobre pisos de circulação e de estruturas também de período islâmico, posicionadas em decúbito lateral direito, orientadas variavelmente entre sudoeste-nordeste e oeste-este (cabeça-pés) e com a cabeça voltada para sudeste/sul.

Estes enterramentos não se sobrepunham nem apresentavam qualquer tipo de espólio a acompanhá-los, à excepção da presença de análogos pregos de caixão registados no interior de três sepulturas.

Os sepulcros eram muito irregulares e de difícil leitura; todavia, tratava-se de simples fossas escavadas, ora no substracto geológico, ora no solo, e de morfologia sub-rectangular. Fora apenas registado uma sepultura composta por materiais reaproveitados das estruturas prévias, compondo uma planta quadrangular algo irregular e formando uma cabeceira para o inumado.

Seguem-se as dimensões de alguns sepulcros cujos limites eram perceptíveis e que não foram afectados por posteriores infraestruturas:

Sepulturas	Comprimento	Largura
[2070]	1,90m	35cm
[2073]	1,50m	40cm
[5029]	1,65m	40cm

Relativamente aos dados antropológicos, nesta amostra estamos perante 58% de indivíduos adultos e 42% não-adultos, correspondendo estes últimos a três adolescentes, quatro da 1ª infância, um da 2ª infância, um recém-nascido e um feto. Entre os demais, 36% são do sexo masculino, 14% do sexo feminino e os restantes 50% não foi possível realizar a diagnose sexual.

A nível patológico, não foram reveladas lesões severas, apenas indícios de patologias degenerativas articulares e não articulares, e um caso particular de hiperostose porótica severa num indivíduo não-adulto.

Devido à implantação deste pequeno núcleo funerário – intramuros e nas imediações da alcáçova – rapidamente nos sentimos impelidos em classificar este arqueossítio como *rawdā*. Contudo, devido à aparente curta utilização deste local como espaço sepulcral, juntamente com o enquadramento estratigráfico das sepulturas, no século XII-XIII, ademais da considerável presença de inumações de tenra idade, leva alguns investigadores a conjecturarem diferentes cenários.

A hipótese mais defensável aponta para um determinado período conturbado (neste caso o memorável cerco de 1189), no qual a população, estando sob eminente perigo, permaneceu dentro das muralhas sem possibilidades de inumar os seus defuntos segundo o preceito islâmico, no cemitério exterior à cerca muralhada da cidade. Esta

situação justificaria a elevada percentagem de enterramentos não-adultos pois estes são os elementos mais susceptíveis nos momentos de instabilidade e guerra (Gonçalves, 2010, p.136).

Nada obstante, eventuais análises de radiocarbono auxiliariam a atestar esta hipótese que, até à data, permanece no campo das conjecturas.

Bibl.: Gonçalves, 2009, p.495 e 496; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves *et all*, 2010, p.855 e 861; Santos *et all*, 2006, p.1, 3, 5-27; Santos *et all*, 2008, p.424; Vieira, 2007, p.29; Vieira e Ribeiro, 2007, p.3, 31, 32, 44, 70, 71-73

Comporta (nº84)

Localização: *Fabrica do inglês, Silves, Faro*

Embora não tenha sido alvo de acompanhamento arqueológico, o arqueossítio da Comporta foi assinalado nas componentes arqueológicas como necrópole islâmica a partir das informações orais prestadas por testemunhos autóctones.

Na década de 50 do século passado, aquando a abertura da estrada marginal contígua ao rio, foram exumadas da terra diversas sepulturas, junto à entrada sul da fábrica do inglês, que captaram a atenção os locais. Confinantes a estes enterramentos encontrava-se um talismã com a representação da “mão de Fátima”, e ainda duas epígrafes funerárias gravadas com a inconfundível caligrafia árabe. Estas últimas duas foram foco de análise no capítulo concernente à epigrafia e ao espólio.

Embora não se possam reportar mais informações relativamente a esta *maqbara*, as últimas investigações sobre a topografia urbanística da cidade de Silves levaram a determinar que, através da contemporaneidade deste almocavar com outros núcleos funerários, certamente o arqueossítio da Comporta terá sido um espaço sepulcral destinado à população arrabaldina de Silves.

Bibl.: Gomes, 1999, p.1606; Gomes, 2002b, p.115; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves *et all*, 2010, p.861

“Armazém”/Alcaria de Arge (nº85)

Localização: *São Bartolomeu de Messines, Silves, Faro*

Dentro da circunscrição administrativa da *Xelb* islâmica, o designado “Armazém de Arge” fora identificado através de Estudos de Impacte Ambiental correlacionados com a construção da IC-4 que liga Alcantarilha a Lagos e, seguidamente, fora escavado no âmbito de intervenção de emergência.

Implantado numa colina, entre a confluência da ribeira de Boina e o rio Arade, com amplo domínio visual, instalou-se uma povoação rural islâmica que, em breves linhas, materializou as suas vivências em estruturas habitacionais constituídas por múltiplos compartimentos e guarnecidas por silos.

Indubitavelmente, este arqueossítio apresenta diversos aspectos pertinentes para o estudo do povoamento rural islâmico do Algarve; contudo, para o tema desta dissertação, a descoberta de sepulturas nas suas imediações é o factor a ter em consideração.

Infelizmente, sem dados descritivos destes jazigos, não posso apresentar uma análise apreciativa quanto aos gestos funerários. Nada obstante, permanece a indicação desta necrópole para futuros contributos na agenda arqueológica.

Bibl.: Sabrosa e Henriques, 2001, p.198 e 199; Sabrosa, Henriques e Soares, 2005, p.204 e 211

Ribat da Arrifana (nº86)

Localização: *Ponta da Atalaia, Aljezur, Faro*

No âmbito de um projecto arqueológico sob a direcção dos arqueólogos Rosa e Mário Varela Gomes foi possível, na Ponta da Atalaia, no actual concelho de Aljezur, descobrir um conjunto significativo de estruturas identificadas como *ribat*, onde se instalaram monges guerreiros que se dedicavam à prática da *jihad*.

As materialidades que foram colocadas à vista desta instalação incluem vários compartimentos habitacionais, várias mesquitas com os respectivos *mihrab*, um minarete, uma hipotética *madrassa*, e uma extensa necrópole associada a um edifício de preparação dos defuntos antes da inumação.

Este almocavar de dimensões consideráveis no qual, até à data, foram identificados mais de setenta sepulcros, dos quais sete inumações foram alvo de escavações arqueológicas. Todavia, esta pequena parcela criteriosamente intervencionada proporcionou-nos dados que se enquadram canonicamente na esfera do mundo funerário islâmico: sepulturas individuais cujos inumados foram devidamente colocados em decúbito lateral direito, estando os seus corpos orientados a sudoeste-nordeste (cabeça-pés) e a cabeça virada para Meca, sem qualquer tipo de espólio funerário associado. Embora denote-se rotatividade *post-mortem* dos corpos, assim como três inumações orientadas excepcionalmente a norte-sul, os gestos são bastante claros e indicativos desta prática funerária.

Até à data, as pequenas vicissitudes registadas nas inumações baseiam-se apenas na posição dos membros inferiores que alternavam entre flectidos e estendidos, sendo este último aspecto o mais frequente na agenda arqueológica.

Quanto às características dos jazigos identificados eram, grosso modo, fossas estreitas escavadas no solo que alternavam morfológicamente entre rectangulares, sub-rectangulares, trapezoidais e ovaladas que, por vezes, podiam ser estruturadas por blocos pétreos que delimitavam a sepultura, como também poderiam revestir o seu interior. Também comumente se observam coberturas compostas por variados elementos pétreos, tais como xistos e arenito, compactados por cal e terra batida (estampa XXXVI).

Foi identificado um sepulcro (sepultura nº9), em particular, que se distingue morfológicamente comparativamente com as restantes estruturas. Fora arquitectado um aparente patamar do lado poente à fossa de inumação (complexo *lahd* e *šaqq*), estando ambos devidamente delimitados com fiadas de lajes, que configuravam um espaçoso compartimento sepulcral de configuração rectangular.

As dimensões dos jazigos dos indivíduos certamente adultos alternam entre 3m de comprimento a 1,50m de largura, e dos indivíduos não-adultos entre 84cm x 57cm. Deste modo, seguem-se as medidas dos mesmos registados em campo:

Sepultura	Comprimento	Largura	Altura	Sepultura	Comprimento	Largura	Altura
1	2,56m	1,14m	44cm	32	2,41m	86cm	25cm
2	90cm	51cm	17cm	33	2,76m	95cm	9cm
3	2,22m	78cm	20cm	34	2,41m	1,04m	5cm
4	2,56m	1,32m	21cm	35	2,31m	99cm	2cm
5	2,36m	65cm	18cm	36	2,57m	1,09m	16cm
6	2,63m	1,42m	16cm	37	2,66m	1,27m	5cm
7	3,30m	1,36m	12cm	38	2,54m	1,05m	10cm
8	2,39m	1,18m	15cm	39	1,62m	1,74m	40cm
9	2,67m	1,46m	12cm	40	2,16m	1,18m	21cm
10	2,41m	76cm	24cm	41	1,50m	96cm	26cm
11	2,40m	1,34m	19cm	42	2,02m	78cm	19cm
12	2,46m	1,06m	18cm	43	2,72m	1,15m	27cm
13	93cm	89cm	14cm	44	1,80m	68cm	15cm
14	82cm	60cm	6cm	45	2,29m	60cm	10cm
15	82cm	43cm	10cm	46	1,15m	64cm	11cm
16	81cm	43cm	13cm	47	1,59m	94cm	12cm
17	1,16m	48cm	12cm	48	1,36m	81cm	10cm
18	96cm	41cm	15cm	49	2,22m	82cm	12cm
19	1,05m	57cm	8cm	50	1,70m	82cm	11cm
20	1,24m	45cm	4cm	51	2,21m	91cm	15cm
21	1,20m	92cm	12cm	52	2,97m	1,34m	19cm
22	1,05	68cm	2cm	53	1,32m	73cm	9cm
23	1,88m	78cm	3cm	54	2,12m	70cm	20cm
24	2,04m	1,04m	5cm	55	1,68m	69cm	28cm
25	2,97m	95cm	5cm	56	1,54m	1,34m	7cm
26	1,08m	41cm	5cm	57	1,29m	51cm	11cm
27	2,57m	1,79m	20cm	58	92cm	66cm	12cm
28	2m	94cm	11cm	59	2,31m	85cm	9cm
29	84cm	57cm	5cm	60	1,99m	96cm	9cm
30	92cm	64cm	8cm	61	2,28m	1,13m	21cm
31	2,21m	1,72m	14cm	62	1,12m	1,44m	19cm

Conquanto a concepção de anonimato seja o mais comum no mundo funerário islâmico, fora identificado uma boa parcela de sepulturas demarcadas com estelas, todavia, anepígrafas. Até à data, as sepulturas com estelas na sua composição perfaz um total de 17 jazigos, dos quais, apenas duas são detentoras, excepcionalmente, de texto epigráfico, sendo estes elementos bons indicadores cronológicos para os contextos funerários do al-Andalus, serão abordados apropriadamente no capítulo concernente à epigrafia.

Esta pequena parcela de inumações intervencionada corresponde, a nível antropológico, a seis indivíduos adultos sendo apenas um do sexo feminino, e a uma criança com cerca de 12 anos de sexo indeterminado. As patologias mais representativas nesta amostra são as cáries dentárias e todos os indivíduos do sexo masculino sofriram de discartrose e osteoartrose. Um dos adultos, de sexo masculino, também apresentava

indícios de osteomielite e um outro tinha uma fractura numa das falanges do pé. O esqueleto do sexo feminino e do não-adulto apresentava sinais de *cribra orbitalia*.

Em suma, os inumados estudados, correspondendo a esqueletos de pequena a média estatura, apresentavam indícios de uma alimentação pobre em nutrientes e ferro.

Após esta descrição detalha das materialidades da necrópole, em jeito de conclusão, aferimos os testemunhos das evidências dos *murabitum* aqui instalados, certamente ao longo do século XII, que culminam com a morte de Ibn Qasi e consequente abandono deste estabelecimento.

Bibl.: Gomes e Gomes, 2007, p.80; Gomes e Gomes, 2014a, p.4 e 6; Gomes e Gomes, 2014b, p.16-18; Gomes e Gomes, 2015a, p.156, 158, 159, 167; Gomes e Gomes, 2015b, p.618, 619, 625; Gomes e Gomes, 2015c, p.21, 49, 156-158

III – Epigrafia e Espólio Funerário

1. Introdução à epigrafia do “mundo dos mortos”

Ademais de testemunhos de arabização e de islamização, os dados epigráficos demonstram-nos, também, estratificação social num contexto onde a diferenciação da morte não deveria existir (Martínez Nuñez, 2009, p.41 e 42).

De forma a respeitar o espaço e evitar a sobreposição de sepulcros, recomendava-se apenas a sua sinalização por intermédio de montículos de terra à superfície ou mediante sóbrias e modestas estelas anepígrafas à cabeceira e/ou nos pés do defunto. Qualquer tipo de ornamentação ou inscrição que transparecesse o estatuto social do indivíduo era cabalmente condenável (Casa e Doménech, 1995, p.70; Fierro, 2000, p.155; López Quiroga, 2010, p.284; Mazzoli-Guintard, 1996, p.166).

Contudo, do mesmo modo que surgem panteões, mausoléus ou *rawdā(s)* que contrastam com as despojadas e típicas *maqbara(s)*, erguem-se faustosas estelas, quer a nível epigráfico, quer decorativo (Casa e Doménech, 1995, p.70).

Para além dos elementos decorativos, estas peças apresentam um imutável esquema epigráfico com base nos dados genealógicos e sociais do defunto – nome, o seu ofício, a data e, por vezes, a causa da morte – e fórmulas litúrgicas – entre os demais versículos corânicos, o *bismillah* e a *shahada* são os mais frequentes (Barceló, 1990,

p.42 e 43; Borges, 1998, p.230 e 231; Casa e Doménech, 1995, p.69; Martínez Nuñez, 1994, p.425; Martínez Nuñez, 2008, p.126; Torres Balbás, 1970, p.241).

São estes elementos – a decoração e o campo epigráfico – juntamente com o tipo de grafia – desde a cúfica à cursiva – que permitem estabelecer e atribuir cronologias aos epitáfios (Martínez Nuñez, 1994, p.425).

Perante a diversidade de estelas identificadas, Maria Antonia Martínez Nuñez inventariou e estabeleceu cinco divisões tipológicas com base nos estudos de Torres Bálbas e nos exemplares exumados das *maqbara(s)* andaluzes.

O primeiro grupo corresponde às *šahidat* (شاهدات) (fig.4, estampa 1 e 2) que, abundantes na região de Almeria e com algumas variantes tipológicas, tratam-se genericamente de grossas lápides rectangulares de mármore, por vezes com decoração, colocadas à cabeceira e/ou aos pés do defunto. Estas peças foram utilizadas durante todo o período de domínio islâmico (Martínez Nuñez, 1994, p.421 e 424; Torres Bálbas, 1970, p.241).

De seguida as *Mqabriyya(s)* (مقبرية) (fig.4, estampa 3A, B e C), enquadradas entre o século XI e o XV, correspondem a estelas prismáticas (de pedra ou em argamassa) de secção triangular, com ou sem epigrafia, eram colocadas longitudinalmente numa base escalonada ou rectangular no topo do sepulcro (Barceló, 1990, p.43; Martínez Nuñez, 1994, p.421; Torres Bálbas, 1970, p.242).

As *'Amud Qabr* (عمود قبر) (fig.4, estampa 4A e B), que constituem o terceiro grupo tipológico, caracterizam-se por cipos ou fustes cilíndricos, por vezes com decoração ou inscrições e rematados na parte superior, eram colocados na cabeceira ou nos quatro cantos da sepultura. Estas estelas são enquadradas no século XI e são abundantes na região de Toledo (Barceló, 1990, p.44; Martínez Nuñez, 1994, p.422 e 424; Torres Bálbas, 1970, p.242).

O quarto arquétipo corresponde às estelas discoidais (fig.5, estampa 5) que, à semelhança das *šahidat*, eram colocadas ao nível da cabeceira e/ou dos pés do inumado. Contudo, comparativamente com o primeiro grupo de lápides, estas estelas são efectivamente de tamanho mais reduzido e, grosso modo, eram feitas em cerâmica vidrada de cor verde ou branca com decoração (Martínez Nuñez, 1994, p.422 e 424; Torres Bálbas, 1970, p.242).

Por último, as *Yannabyyat* (بنابيات) (fig.4, estampa 6) ou estelas funerárias secundárias, com ou sem decoração, correspondem às pedras ou ladrilhos que, fincados verticalmente na terra, delimitavam o rectângulo da sepultura. Estas podem

complementar as *šahidat* (1º grupo), as *‘Amud Qabr* (3º grupo) e as estelas discoidais (4º grupo), existindo numerosos exemplares em Toledo e em Almeria (Martínez Nuñez, 1994, p.424).

Após compiladas e categorizadas as lápides funerárias torna-se perceptível que, ao longo de todo o domínio islâmico, existem algumas transformações no fenómeno epigráfico do al-Andalus. Estas traduzem-se em cinco grandes momentos: um primeiro, correspondendo ao período emiral, no qual existe uma notória carência de epitáfios; seguido da época califal, onde se dá uma cabal generalização de estelas; logo após o período dos reinos taifa, caracterizado pela proliferação de epígrafes e diversificação do tipo de grafia e decoração; culminando na época almorávida e almóada com o aparecimento de novos tipos de estelas e com o uso da escrita cursiva respectivamente (Martínez Nuñez, 2001, p.183, 187, 188, 194, 199, 200-202).

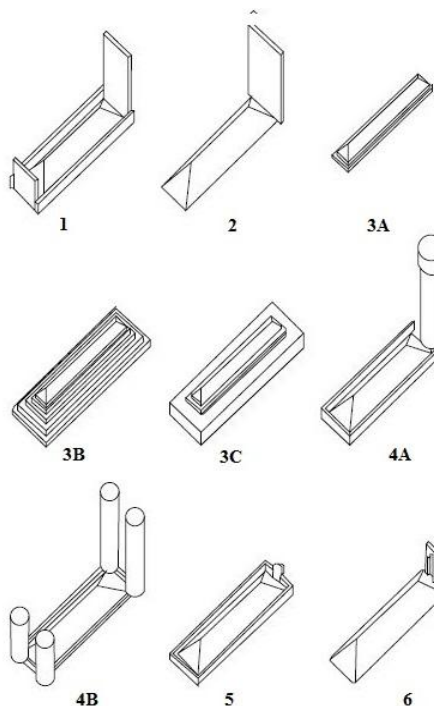


Fig.5. Tipologias de epígrafes funerárias
(Martínez Nuñez, 1994, p.423)

Sumarizados os aspectos fundamentais e elementares no âmbito epigráfico funerário prosseguimos, nos tópicos que se seguem, aos epitáfios árabes descobertos no actual território português.

2. Epigrafia funerária do Gharb “português”

A identificação de elementos epigráficos trata-se de uma tarefa intrincada e, das cerca de 60 estelas árabes constatadas no actual território português, grosso modo não se encontram no seu local de origem. Por norma, permanecem descontextualizadas posteriormente reutilizadas em edifícios actuais ou integradas e dispersas em museus ou colecções privadas.

Neste sentido, sem uma associação directa entre os jazigos e as epígrafes que os compunham, uma vez mais, não será possível ultrapassar os entraves cronológicos das

tipologias das sepulturas. De todos os exemplares epigráficos funerários em Portugal, apenas as estelas do *Ribat* da Arrifana foram, efectivamente, encontrados *in situ*.

Conquanto, alguns destes exemplares são pertinentes noutros aspectos, mormente na identificação aproximada dos respectivos núcleos funerários e, desta forma, logram foco e análise nas linhas que se seguem.

Devo frisar que este subsequente capítulo, tal como sistematizado anteriormente, fora organizado por localização geográfica (dentro dos limites actuais administrativos) e, dentro desta, sempre que possível, organizada por enquadramento cronológico (do mais antigo para o mais recente).

Também existem algumas estelas de índole funerária cuja proveniência não é totalmente clara, resultantes de ofertas a museus ou fruto de trocas comerciais, mas que, no entanto, merecem menção neste capítulo.

2.1 Epígrafes de Lisboa

Nº1

Proveniência: Frielas, Loures

Datação: V-VII H./ século XI-XII d.C.

Esta lápide funerária rectangular de mármore foi identificada no século XIX numa propriedade privada (na designada casa do Sr. José Castanheira das Neves) em Frielas²³.

Preservou-se apenas a parte superior do epitáfio que não abrange nem o nome do defunto nem a data do seu perecimento. Todavia, o tipo de arco estilizado em relevo que forma a moldura do texto epigráfico e a particularidade arcaizante da letra, ambos com paralelos peninsulares, denuncia um enquadramento cronológico entre o século V e o VII da Hégira (estampa XXXVII).

Bibl.: Barroca, 2000, p.61; Borges, 1998, p.251; Labarta e Barceló, 1987, p.408; Lopes, 1896, p.207; Nykl, 1942, p.23 e 24.

Nº2

Proveniência: Praça da Figueira, Santa Maria Maior

Datação: 1398d.C./800 H.

²³ É de destaque, nesta mesma freguesia, a existência da *villa* romana de Frielas com continuidade ocupacional até ao período medieval. Talvez se assinale uma eventual correlação entre este arqueossítio e a epígrafe em questão.

Tal como foi descrito no tópico concernente à necrópole mourisca de Lisboa (nº11 do inventário – Largo das Olarias e Rua dos Lagares), o terreno do cemitério e as lápides que o compunham foram doados ao Hospital de Todos-os-Santos.

Na sequência das obras do metropolitano de Lisboa, realizados nos anos 60 na Praça da Figueira (localização desse antigo imóvel), fora identificada um dos epitáfios mouriscos (estampa XXXVIII).

A decoração, com arcos polilobulados e com motivos vegetais, e a própria inscrição, apontam para uma datação no ano de 800 Hégira / 1398 d.C.

Todavia, posteriores estudos demonstram que esta estela apresenta inúmeras lacunas insólitas a nível estilístico e textual – sem paralelos no contexto peninsular, mas antes na Anatólia, Tremecén e Marrocos – que indicam estarmos, possivelmente, perante uma falsificação.

Bibl.: Amaro, 1997, p.67; Barroca, 2000, p.71; Borges, 1991, p.95 e 98; Borges, 1998, p.255; Labarta, 2015, p.227; Moita, 1967, p.81-86; Torres e Macias, 1998, p.102.

2.2. Estelas Alentejanas

Nº3

Proveniência: Rua João de Olivença, Elvas

Datação: século VI H./ XII d.C.

Na actual Rua João de Olivença, em Elvas, foi identificada um fragmento de lápide funerária, de um indivíduo incógnito, escrita em cúfico simples rematado com motivos florais, remontante ao século VI da Hégira, correspondente ao século XII do calendário cristão.

Bibl.: Borges, 1998, p.247; Torres e Macias, 1998, p.129 e 130

Nº4

Proveniência: Rua Diogo Cão, Évora

Datação: 525 H./1131 d.C.

Esta estela foi encontrada na antiga igreja paroquial de S. Pedro, em Évora, na actual Rua Diogo Cão (associada ao núcleo funerário nº30), reaproveitada numa das paredes do edifício. Tem inscrição em cúfico simples, em relevo, e testemunha o falecimento Ahmad filho do vizir Abu Bakr Muhammad Ibn Rayhan (estampa XL).

Existem várias propostas de leitura da data da morte deste indivíduo, contudo, esta corresponderá a 525 do ano da Hégira, equivalente a Dezembro de 1130 até Novembro de 1131 do calendário cristão.

Bibl.: Barroca, 2000, p.64; Borges, 1991, p.99; Borges, 1998, p.245; Nykl, 1942, p.31; Torres e Macias, 1998, p.127

Nº5

Proveniência: Évora

Datação: século XIII d.C.

Infelizmente, as informações relativamente a esta inscrição são consideravelmente insuficientes. A sua proveniência não é, de todo, especificada, sendo indistintamente atribuída à cidade de Évora. Corresponde a uma estela rectangular em mármore branco, decorada com motivos vegetais e com um arco polilobulado sobre duas colunas. No interior destes últimos elementos insere-se o campo epigráfico, composto por três versos escritos com letra cursiva em relevo. Deste texto depreende-se um genérico enquadramento no século XIII.

Bibl.: Barroca, 2000, p.69; Labarta e Barceló, 1987, p.405.

Nº6

Proveniência: Peninha, Monsaraz

Datação: indeterminada

Foi encontrada no lugar da Peninha, entre Monsaraz e Espanha, uma estela funerária árabe em xisto e em fraco estado de conservação. Nada obstante, é possível analisar a inconfundível fórmula corânica “[...] o Clemente, o Misericordioso [...]”.

Bibl.: Barroca, 2000, p.79

Nº7

Proveniência: Castelo de Alcácer do Sal

Datação: 449/459 H./1057-58 /1066-67 d.C.

Identificada no castelo, nas imediações da respectiva *maqbara* (almocavar nº21), uma estela em mau estado de conservação que, gravada em cúfico simples, apresentava o nome do defunto – Muhammed – e a data da morte.

Bibl.: Barroca, 2000, p.56 e 57; Labarta e Barceló, 1987, p.400

Nº8

Proveniência: Castelo de Alcácer do Sal

Datação: 472/492 H. / 1079/1099

No século XIX, foi recolhida numa das encostas do castelo (almocavar nº21), nas imediações da *maqbara*, por José Leite de Vasconcelos, e mostra o epitáfio de ‘Ubayad Allah Ibn ‘Abd Allah. As dificuldades sentidas nesta epígrafe regem-se apenas

na determinação da data da morte do indivíduo, não sendo totalmente consensual entre os investigadores. Nada obstante, esta insere-se, de qualquer modo, no século XI (taifa de Badajoz).

Bibl.: Barroca, 2000, p.59; Barceló e Labarta, 1987, p.239-241; Vasconcelos, 1895, p.86.

Nº9

Proveniência: Beja, Beja

Datação: 440-479 H./1048-1086 d.C.

Este epitáfio de Malik Ibn Hassan, que reaproveitara um antigo friso romano em mármore, foi posteriormente integrada no degrau de uma casa privada em Beja (nº46, 47 e 48 do inventário), embora de difícil leitura, apresenta decoração vegetal estilizada e seis linhas gravadas em cúfico simples em relevo de paginação muito irregular (estampa XLI).

Bibl.: Barroca, 2000, p.55 e 56; Borges, 1998, p.237; Labarta e Barceló, 1987, p.403; Torres e Macias, 1998, p.149

Nº10

Proveniência: Beja, Beja

Datação: 487 H./1091/92-94 d.C.

Esta epígrafe, em calcário, embora não se possa atribuir um posicionamento específico da sua exumação, têm-se conhecimento que foi descoberta no perímetro urbano da cidade de Beja. Esta estela corresponde à parte inferior de um epitáfio de uma mulher, cujo nome não persistiu até aos nossos dias. Foi possível patentear sete linhas de cúfico simples em relevo, sendo que, a verdadeira problemática, está em torno do enquadramento cronológico em relação à data de falecimento desta senhora. Mário Barroca e Artur Goulart Borges apontam para 1094, conquanto Ana Labarta e Carmen Barceló defendem o ano de 1091/92 do calendário cristão (estampa XLI).

Bibl: Barroca, 2000, p.58; Borges, 1998, p.241; Labarta e Barceló, 1987, p.402; Torres e Macias, 1998, p.149.

Nº11

Proveniência: Beja, Beja

Datação: séc. V H./século XI d.C.

À semelhança da estela anterior (nº10), esta epígrafe foi, também, genericamente identificada no perímetro urbano da cidade de Beja, sem referência a um local

específico dentro deste. Trata-se então do epitáfio de [...] Ibn Ahmad, falecido no século V da Hégira, equivalente ao calendário cristão entre 1009 e 1106 (estampa XLI).

Bibl.: Barroca, 2000, p.60; Torres e Macias, 1998, p.149.

Nº12

Proveniência: “Alçaçarias” ou “Casa dos Corvos”, Beja **Datação:** 520-529 H./1126-1135 d.C.

Trata-se de um fragmento de uma lápide funerária rectangular encontrada no século XIX, na designada “Alçaçarias” ou “Casa dos Corvos” na cidade de Beja (nº46, 47 e 48 do inventário). Esta testemunha a inumação de ‘Abd ar-Rahman Ibn [...] que falecera entre os anos 520 e 529 da Hégira, correspondendo aos anos 1126 e 1135 d.C. do calendário cristão (estampa XLI).

Bibl.: Barroca, 2000, p.63; Borges, 1998, p.244; Labarta e Barceló, 1987, p.403; Torres e Macias, 1998, p.149

Nº13

Proveniência: Beja, Beja **Datação:** século VI H./século XII d.C.

Lamentavelmente, esta inscrição funerária não comporta grandes informações epigráficas. Deste elemento sabe-se apenas que foi, genericamente, identificada em Beja pertencendo a [...] Ibn Abd Al-Aziz, e que, segundo os seus caracteres cúficos, deverá enquadrar-se entre o século VI da Hégira, correspondendo ao século XII do calendário cristão (estampa XLI).

Bibl.: Barroca, 2000, p.67; Torres e Macias, 1998, p.149.

Nº14

Proveniência: Convento da Conceição, Beja **Datação:** 531 H./1136 d.C.

Reintegrada nos alicerces do Convento da Conceição em Beja (associado ao nº46, 47 e 48 do inventário), encontrava-se uma epígrafe composta por uma inscrição visigótica, complementada por motivos vegetais, e por um texto árabe materializado em sete linhas em cúfico simples em relevo (estampa XLI).

Primeiramente de índole paleocristã, esta estela fora reaproveitada, posteriormente, para nela figurar o epitáfio de Muhammad Ibn Mufarrij Ibn Hud e integrar o seu sepulcro. Esta mostra a data do seu falecimento: Domingo de Rabi I de 531 da Hégira, correspondendo a Novembro de 1136 do calendário cristão.

Bibl.: Barroca, 2000, p.64-65; Borges, 1998, p.246; Labarta e Barceló, 1987, p.401

Nº15

Proveniência: Casa dos Corvos, Beja

Datação: indeterminada

Aquando a elaboração de escavações na designada “Casa dos Corvos”, em Beja, (associado às necrópoles nº46-48 do inventário), no século XIX, identificou-se dois fragmentos de uma estela com seis linhas gravadas em cúfico inciso. Infelizmente, poucas descrições podem ser acrescentadas relativamente a este epitáfio.

Bibl.: Barroca, 2000, p.72; Labarta e Barceló, 1987, p.402

Nº16

Proveniência: Moura, Beja

Datação: 769 H./1368 d.C.

Foi identificado um epitáfio nas imediações da Rua do Sequeiro (ver *maqbara* nº37), gravado em grafia cursiva, de Abu Al-Walid Isma’il Ibn Abi Abd Allah al-Ansari, perecido a 17 do mês Saban de 769 da Hégira, correspondente a 8 de Abril de 1368 do calendário cristão (estampa XLII).

Bibl.: Barroca, 2000, p.70; Borges, 1991, p.254; Borges, 1998, p.231; Borges e Macias, 1992, p.68 e 69; Macias *et all*, 2016, p.46 e 66

Nº17

Proveniência: Ladeira do Carmo, Moura

Datação: indeterminada

Foi encontrada, em meados do século XX, uma inscrição funerária na Ladeira do Carmo, em Moura. Infelizmente, o paradeiro desta estela é ignorado e, conseqüentemente, poucas informações descritas restam relativamente à mesma.

Bibl.: Barroca, 2000, p.73; Macias *et all*, 2016, p.46

Nº18

Proveniência: Quinta dos Frades, Moura

Datação: indeterminada

Foi identificada nos anos 40, do século XX, uma inscrição funerária integrada no edifício da Quinta dos Frades, em Moura. Lamentavelmente, desconhece-se o paradeiro desta epígrafe e poucos dados descritivos restam relativamente à mesma.

Bibl.: Barroca, 2000, p.75; Macias *et all*, 2016, p.46

Nº19

Proveniência: Castelo de Noudar, Beja

Datação: século V H./XI d.C.

A lápide funerária em xisto, recolhida na década de 80, aquando as escavações arqueológicas no castelo de Noudar, apresenta quatro linhas em grafia cúfica simples, de um defunto cujo nome não é perceptível. Apenas se depreende que o indivíduo era filho de Musa ([...] ibn Musa ibn [...]) e falecera nos finais do século V da Hégira, ou seja, nos finais do século XI do calendário cristão (estampa XLIV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.62; Borges, 1998, p.242

Nº20

Proveniência: Castelo de Noudar, Beja

Datação: 473 H. / 1080 d.C.

Aquando as escavações arqueológicas no Castelo de Noudar (Barrancos), nos anos 90, foi descoberta uma epígrafe funerária em xisto gravada rudemente com caracteres cúficos simples. Este exemplar representa Khalaf Ibn Qâsin e testemunha que o mesmo pereceu no ano de 473 de Hégira na vigília de sexta-feira de sete dias de Rabi II, correspondendo a 25 de Setembro de 1080 do calendário cristão (estampa XLIV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.57; Borges, 1998, p.242.

Nº21

Proveniência: Nossa Senhora da Cola, Ourique

Datação: 486 H. / 1093 d.C.

Parcialmente fracturada, foi encontrada na década de 30, uma epígrafe perto da capela de Nossa Senhora da Cola aparentemente a actuar como cobertura de um sepulcro.²⁴ Esta estela rectangular de xisto, embora tenha gravada cinco linhas em cúfico simples inciso, não apresenta o nome do defunto. No entanto, testemunha que o falecido perecera na “noite da lua cheia na metade do mês *Dhu-Gac*” e ostenta uma gravação posterior de um tabuleiro de jogo na metade inferior (estampa XLIII).

Bibl.: Barroca, 2000, p.58; Borges, 1998, p.240; Labarta e Barceló, 1987, p.413; Torres e Macias, 1998, p.171.

²⁴ Infelizmente, não foram elaboradas descrições relativamente ao inumado inserido nesta sepultura. Não sendo possível elaborar uma leitura dos gestos funerário, dificilmente podemos compreender se de facto tratar-se-ia de um muçulmano directamente associado a um epitáfio ou simplesmente de um enterramento moderno que reaproveitara esta lápide. De qualquer modo, esta peça testemunha que o castro de Nossa Senhora da Cola tinha, efectivamente, o seu núcleo funerário.

Nº22 e 23

Proveniência: Nossa Senhora da Cola, Ourique

Datação: indeterminada

Foram identificadas, nos anos 50, por Abel Viana, duas epígrafes árabes funerárias na ermida de Nossa Senhora da Cola, em Ourique. Ambas apresentam a sua grafia em cúfico simples inciso e em relevo.

Bibl.: Barroca, 2000, p.76; Labarta e Barceló, 1987, p.414-415; Torres e Macias, 1998, p.171

Nº24 e 25

Proveniência: Ourique

Datação: indeterminada

Infelizmente, não se registam grandes informações concernentes a estes elementos. Sabe-se apenas que foram encontradas, em 1933, em Ourique, duas estelas funerárias, de xisto, sem atribuição cronológica. Uma comportava duas linhas, e outra tinha nove linhas, de cúfico inciso.

Bibli: Barroca, 2000, p.75; Labarta e Barceló, 1987, p.414

Nº26

Proveniência: Mértola, Beja

Datação: 346 H. / 957 d.C.

Esta estela, das mais antigas no contexto português, encontrada em Mértola (associado ao nº54 e 55 do inventário) apresenta um texto gravado em cúfico simples inciso de desenho irregular indicando o nome do defunto – Ishaq al-Ansari – a data da sua morte – correspondente a 27 de Outubro de 957 do calendário cristão – e as fórmulas corânicas *basmallah* e *šahada* (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.54; Borges, 1991, p.99; Borges, 2001, p.181-182; Labarta e Barceló, 1987, p.412; Macias, 2005a, p.244; Torres e Macias, 1998, p.164

Nº27

Proveniência: Mértola

Datação: século V H./XI-XII d.C.

Encontrada no século XIX, em Mértola (nº54 e 55 do inventário), este fragmento de uma estela rectangular em mármore de fraca conservação apresenta cinco linhas gravadas em cúfico simples em relevo. Este epitáfio pertencia a Abdallah Ibn Khâliç e Muhammad Ibn [...] cuja data da morte não é clara, abarcando o século V da Hégira que engloba grande parte do século XI-XII do calendário cristão (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.61; Borges, 1998, p.243; Borges, 2001, p.182-183; Labarta e Barceló, 1987, p.411; Nykl, 1942, p.25-26; Torres e Macias, 1998, p.164

Nº28

Proveniência: Mértola

Datação: 498 H. /1105 d.C.

Esta estela rectangular encontrada em Mértola (associado ao nº54 e 55 do inventário) e cujo paradeiro é desconhecido, contem seis linhas gravadas que apresentam o nome do defunto – ‘Abd Allah Ibn Abd Allah – e a data da sua morte – sábado do mês de Jumada de 498 da Hégira. Ou seja, corresponde a 21 de Janeiro de 1105 no calendário cristão (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.63; Labarta e Barceló, 1987, p.410; Nykl, 1942, p.28; Torres e Macias, 1998, p.164

Nº29

Proveniência: Convento dos Religiosos Franciscanos, Mértola
VI H./XII d.C.

Datação: século

Foi identificado por Frei João de Sousa, no século XVIII, um fragmento de estela funerária, perto do Convento de S. Francisco em Mértola (associado aos almocavares nº54 e 55 do inventário). Esta, em mármore cor-de-rosa, é decorada com um arco que, segundo Ana Labarta e Carmen Barceló, corresponde ao tipo “almeriense” e apresenta oito linhas gravadas, em cúfico em relevo, com a sura XXXV verso 5, a XXXI verso 34, e a II verso 255 (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.67; Borges, 1998, p.248; Labarta e Barceló, 1987, p.412

Nº30

Proveniência: Mértola, Rossio do Carmo

Datação: 598 H./1202 d.C.

Foi recolhida por Estácio da Veiga, no século XIX em Mértola, uma inscrição rectangular em mármore muito desgastada inserida no revestimento de uma das torres do castelo de Mértola (associado aos almocavares nº54 e 55 do inventário). Foi possível identificar treze linhas escritas em árabe em relevo, gravadas em nasji ou cursiva e sem pontos diacrítico. Estas testemunham o perecimento do Sheikh Abu Bakr Yahyâ Ibn Abdallah, filho de Al-Hawâri, na quarta-feira do mês de Dhu-L-Hiyya de 598 da Hégira, ou seja, a 28 de Agosto de 1202 (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.68; Borges, 1991, p.99; Borges, 1998, p.252; Borges, 2001, p.183-184; Labarta e Barceló, 1987, p.409-410; Macias, 2005a, p.244; Nykl, 1942, p.29-31; Torres e Macias, 1998, p.164

Nº31

Proveniência: Mértola

Datação: indeterminada

Esta estela muito fragmentada, em granito, identificada por Estácio da Veiga, no século XIX, encontrava-se integrada na Torre de Menagem do castelo de Mértola (associada às necrópoles nº54 e 55 do inventário). Esta inscrição funerária apresenta duas linhas gravadas em cúfico simples em relevo, no entanto de difícil leitura, apresenta o texto corânico da Sura XXXVI (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.73; Labarta e Barceló, 1987, p.410; Macias, 2002, p.120-121

Nº32

Proveniência: Mértola

Datação: indeterminada

Inscrição funerária quadrangular em mármore, encontrada em Mértola (associada à *maqbara* nº54 e 55), em fraco estado de conservação, apresenta três linhas gravadas com caracteres cúficos em relevo (estampa XLV).

Bibl.: Barroca, 2000, p.73; Labarta e Barceló, 1987, p.411

2.3. Epígrafes de Faro

Nº33

Proveniência: Ruínas romanas de Milreu, Estói

Datação: século IX-X d.C.

Numa das colunas de mármore provenientes do templo romano/basílica paleocristã de Milreu, em Estói, foram gravadas seis inscrições árabes em cúfico arcaico, correspondentes às mais antigas identificadas no território português²⁵ (estampa XLVI).

As traduções e subseqüentes interpretações epigráficas não são consensuais entre os vários investigadores. Adel Sidarus e Felix Teichner defendem que se trata de inscrições funerárias pertencentes a uma família muladi, originária de Alfama, ou seja

²⁵ Tal como as inscrições árabes, também do século IX, nas colunas da basílica paleocristã de Casa de Herrera, em Mérida (Barceló, 2002).

de um bairro instalado na zona das antigas termas romanas. Em contrapartida, Carmen Barceló nas suas leituras não identifica o vocábulo *al-hamma* nem nenhum topónimo correspondente à designada família. Esta investigadora considera que o antigo templo de Milreu adquire uma nova funcionalidade não religiosa durante os primeiros momentos de domínio islâmico, neste caso transfigura-se para penitenciária, onde os encarcerados muçulmanos cinzelaram os graffitis na coluna.

Bibl.: Barceló, 2001, p.129-131; Barroca, 2000, p.80; Borges, 1991, p.99; Borges, 1998, p.231; Martínez Nuñez, 2009, p.42; Martínez Nuñez, 2000, p.108; Sidarus e Teichner, 1997, p.177-179, 181-182

Nº34

Proveniência: Odeleite, Castro Marim

Datação: V H./XI d.C (?)

Uma pequena lápide rectangular de arenito foi descoberta, no século XIX, nas margens da ribeira de Odeleite, em Odeleite (concelho de Castro Marim), e testemunha, em cúfico simples inciso e impreciso, o falecimento de Abdallah Alad Ibn Tumar em data ambígua (estampa XLVII).

Esta epígrafe funerária poderá estar interligada aos alcariais de Odeleite embora, aparentemente, não se tenham registado evidências de cariz funerário neste povoado.

Bibl.: Barroca, 2000, p.79; Borges, 1998, p.243; Catarino, 1997-98, p.211 e 212; Labarta e Barceló, 1987, p.404.

Nº35

Proveniência: Salir, Loulé

Datação: 407 H. / 1016-1017 d.C.

A inscrição rural encontrada numa propriedade privada, nos anos 60, nas imediações do núcleo funerário Fonte da Rata 1 (nº73), no designado Sítio das Pontes, escrita em cúfico simples inciso, testemunha o falecimento de Muhammad Ibn Sad. Infelizmente, esta estela foi encontrada avulsa, numa parede divisória de propriedade, não tendo uma associação directa com nenhum enterramento (Estampa XLVIII).

Bibl.: Barceló e Labarta, 1994, p.238; Barroca, 2000, p.55; Borges, 1991, p.97; Borges, 1998, p.236; Labarta e Barceló, 1987, p.408 e 409; Torres e Macias, 1998, p.222 e 223.

Nº36

Proveniência: *Ribat* da Arrifana, Aljezur **Datação:** 461 H./1069 ou 1070 d.C.

Ademais das estelas anepígrafes, esta epígrafe corresponde a uma das duas recolhidas no sítio arqueológico *Ribat da Arrifana* (nº86), sendo as únicas no território português identificadas *in situ* e directamente associadas aos respectivos enterramentos (neste caso, sepultura nº4).

Este epitáfio, pertencente a Ibrahim Ibn ‘Abd al-Malik, apresenta características típicas das inscrições do mundo rural, mormente as fórmulas e citações corânicas (capítulo LV verso 78 e capítulo III verso 18) juntamente com a singularidade da pedra autóctone e o uso estilístico do cúfico simples e anguloso (estampa XLIX).

Esta peça de xisto apresenta uma peculiaridade: foram gravadas incisões filiformes que se materializaram num tabuleiro de jogo de Alquerque.

Bibl.: Barceló, 2016, p.125; Barceló *et all*, 2011, p.149, 153-155; Barceló *et all*, 2013, p.307, 310-314.

Nº37

Proveniência: *Ribat* da Arrifana, Aljezur **Datação:** 540 H./1148 d.C.

À semelhança da estela nº36, esta peça também foi encontrada em contexto arqueológico (almocavar nº86) e associada ao defunto da sepultura nº54, e apresenta as particularidades epigráficas do mundo rural do al-Andalus.

Este epitáfio pertencente a Zarif Ibn Ibrahim Ibn Sulayman Ibn Hayyan (família de renome), talvez membro dos muridun de Ibn Qasi, falecido em combate no ano 540 da Hégira, correspondente a 1148 do calendário cristão (estampa XLIX).

Bibl.: Barceló, 2016, p.127, 130 e 131; Barceló *et all*, 2013, p.308, 319 e 320

Nº38

Proveniência: Comporta, Silves **Datação:** indeterminada

Fora identificada nas imediações da fábrica do inglês, em Silves, perto da *maqbara* designada Comporta (vide inventário nº84), uma estela funerária em calcário, com três linhas inscritas em cúfico simples inciso, testemunhando o perecimento de *Hisham Ibn Ali Ibn Jalifa*. Infelizmente, não foi possível patentear a data de falecimento deste defunto.

Bibl.: Gomes, 2002b, p.115; Labarta e Barceló, 1987, p.417-418

Nº39

Proveniência: Silves

Datação: indeterminada

Esta estela funerária, sem grandes detalhes sobre a sua exumação, é enquadrada na região de Silves. Trata-se de um fragmento de uma epígrafe rectangular, de xisto, com três linhas com caracteres cúficos simples e incisos. Embora não seja possível atribuir uma data de perecimento, é possível descodificar o nome do defunto: Hisam b. Ali b. Jalifa.

Bibli: Barroca, 2000, p.80-81; Labarta e Barceló, 1987, p.417-418.

2.4. Estelas de proveniência incerta

Nº40

Proveniência: S. Tomé de Aguiã, Arcos de Valdevez

Datação: VII H./ XIII d.C.

Certamente, esta é a evidência epigráfica encontrada mais a norte em território nacional. Esta encontrava-se reaproveitada, na base de uma píxide, no sacrário da igreja paroquial de S. Tomé de Aguiã, em Arcos de Valdevez (Viana do Castelo).

Trata-se de um pequeno fragmento trapezoidal gravado sobre mármore de Estremoz. Todo o campo epigráfico fora preenchido com caracteres cursivos com diacríticos e, parte do seu texto, comportava um versículo corânico, mormente o verso 5 do capítulo XXXV. Estas características, conjuntamente com os pontuais elementos decorativos, apontam para um enquadramento no século VII da Hégira, ou seja, no século XIII d.C (estampa L).

O enquadramento geográfico e cronológico desta inscrição é, naturalmente, contestável. Sem grandes dados para indagar, debruçando-se apenas sobre as propriedades geológicas desta peça, os investigadores deduzem que a mesma seja oriunda do Alentejo.

Bibli: Barroca, 2000, p.83-84; Borges, 1998, p.252; Labarta e Barceló, 1987, p.400-401

Nº41

Proveniência: Rua João Afonso, nº23, Santarém

Datação: 893 H./1488 d.C.

Seguido da epígrafe de Arcos de Valdevez, esta inscrição corresponde à segunda evidência epigráfica mais a norte, identificada no actual território português. Esta fora encontrada na soleira, de um nicho, de uma habitação na Rua João Afonso nº23, em

Santarém. O fragmento apresentava caracteres árabes e persas que invocavam o perecimento, de um desconhecido, em 893 da Hégira, ou seja, em 1488 d.C.

Para além de corresponder a uma inscrição tardia, identificada num território que desde há muito tempo tomado por cristãos, esta curiosa mescla linguística é, simultaneamente, suspeita. É, portanto, fruto de trocas comerciais, sendo, possivelmente, procedente da Índia.

Bibli.: Barroca, 2000, p.71.

Nº42

Proveniência: Rua das Madres, Lisboa

Datação: V-VII H./XIV-XV d.C.

Foi descoberta na actual Rua das Madres, no bairro de Santos, em Lisboa, um singelo epitáfio composto por um arco estilizado e por um versículo corânico, passo a citar: “Tudo o que existe sobre a Terra está destinado a desaparecer. Apenas Deus é eterno” (estampa LI). Alguns investigadores crêem que tratar-se-á de um testemunho, enquadrado no V/VII da Hégira, de um outro almocavar nas imediações da cidade islâmica (Torres e Macias, 1998, p.102).

Nada obstante, estudos mais recentes reconhecem a grafia e a pontuação moderna ademais da tendencial expressão corânica, entre os séculos XIV-XV, em particular no contexto marroquino. Em suma, estas evidências apontam simplesmente para uma peça importada e não tanto para uma localização indirecta de uma necrópole.

Bibli.: Barroca, 2000, p.82; Borges, 1998, p.250; Labarta, 2015, p.227; Torres e Macias, 1998, p.102

Nº43

Proveniência: Distrito de Beja

Datação: 484 H./1081 d.C.

Esta estela rectangular gravada em xisto, entregue a uma colecção privada em Messejana, é, naturalmente, correlacionada com esta mesma freguesia. Todavia, a sua proveniência não é de todo clara, pelo que, genericamente, enquadra-se no distrito de Beja.

Esta epígrafe, escrita em cúfico simples inciso, pertencia a Muhammad Khalifa, falecido a 484 do ano da Hégira, ou a 1081 do calendário cristão. Este epitáfio apresenta uma curiosa particularidade - uma composição poética, que passo a citar: “ Ó gentes! Eu esperava muito da vida. A morte impediu-me de o alcançar. (Todo) o homem teme a

Deus seu Senhor enquanto a vida lhe permite ainda agir bem. Não sou o único que passou a esta campa. Qualquer um passará do mesmo modo” (estampa LII).

Bibli.: Barroca, 2000, p.57; Borges, 1998, p.239; Labarta e Barceló, 1987, p.403-404.

Nº44

Proveniência: Silves

Datação: Indeterminada

Aparentemente proveniente da região de Silves, este fragmento quadrangular corresponde a uma estela epigráfica da qual é possível descodificar seis linhas em cúfico simples com o capítulo corânico XXXV, verso 5, e parte do capítulo XXV, verso 58. Todavia, pela ausência de um nome e atribuição cronológica, esta peça, possivelmente, corresponde a um ensaio de um aprendiz e não necessariamente a um epitáfio exclusivo de um defunto.

Bibli: Barroca, 2000, p.80; Labarta e Barceló, 1987, p.417

3. Representação do espólio funerário no mundo islâmico

Tal como descrito anteriormente no capítulo concernente às prescrições religiosas, as necrópoles islâmicas caracterizam-se pela total ausência de espólio funerário no interior das sepulturas²⁶. Esta peculiaridade, aliada à típica paridade sepulcral, dificulta a atribuição de datações cronológicas a estes jazigos.

Todavia, ademais dos análogos pregos que testemunham a utilização de caixões ou de padiolas, pontualmente surgem na agenda arqueológica alguns objectos de adorno e peças cerâmicas²⁷.

Destes últimos, destaca-se a presença de candis e de jarras que, tratando-se de elementos utilitários do quotidiano, inseridos no contexto funerário adquirem uma nova

²⁶ Segundo as fontes escritas, era aceite por alguns *mufti(s)* a presença de um único elemento a acompanhar o defunto: a designada “carta da morte”. Esta consistia num pergaminho com orações escritas que testemunhavam a fé e suplicava pelo perdão dos pecados do defunto (Fierro, 2000, p.181; Longas, 1915, p.295).

²⁷ Existem outros elementos, ainda mais raros, encontrados excepcionalmente no contexto espanhol, mormente um pote com uma oferenda no interior, que consistia num ovo de galináceo; um esqueleto de um felino a acompanhar um defunto (Galve Izquierdo e Benavente Serrano, 1989, p.386; Peral Bejarano, 1995, p.24); e a presença de alguns ossos de animais relacionados com banquetes fúnebres (Fierro, 2000, p.176; León Muñoz, 2008/09, p.46)

incumbência simbólica. Segundo esta concepção, os candis – associados à prática das orações nocturnas junto aos sepulcros nos sete dias seguintes à inumação dos defuntos – têm igualmente o propósito figurativo de iluminar o caminho até Deus. Esta relação entre Deus e a luz não é de todo invulgar sendo, frequentemente, referenciada em contínuas passagens no Alcorão²⁸ (Fierro, 2000, p.177; León Muñoz, 2008/09, p.45; Martínez García *et all*, 1992, p.107).

No que diz respeito às jarras, peças destinadas a conter líquidos, tornam-se elementos litúrgicos intrinsecamente ligados à purificação do corpo e, simultaneamente, da alma. Similarmente à luz, a água é uma componente indispensável e fundamental na doutrina do Islão (Martínez García *et all*, 1992, p.108).

Para alguns investigadores, a utilização singular destes elementos simbólicos poderá estar interligada a determinados defuntos que, devido à vida leviana que levavam na Terra, teriam dificuldades em ascender ao Paraíso (Martínez García *et all*, 1992, p.108 e 109)

Relativamente aos objectos de adorno – desde anéis, contas de colar, pendentes, brincos, etc. dispostos nos seus lugares correspondentes – tratar-se-iam simplesmente de ornamentos pertencentes aos próprios inumados. Exceptuando os amuletos e os talismãs, estes objectos careciam de qualquer tipo de conotação espiritual ou ritual (Peral Bejarano, 1995, p.24).

Concomitantemente, demonstradas as premissas concernentes ao inusitado espólio funerário no interior das sepulturas islâmicas, apresento, no tópico que se segue, os exemplos identificados no contexto arqueológico português.

3.1. Espólio funerário descoberto em contexto arqueológico

3.1.1. Em Santarém

Proveniência: Largo Cândido dos Reis, Santarém

Nº de Inventário: 6

Material: Uma moeda e uma panela

²⁸ Tal como no capítulo XXIV, verso 35 “Allah é a luz dos céus e da terra. O exemplo da Sua Luz é como o de um nicho, em que há uma candeia; esta está num recipiente; e este é como uma estrela brilhante. (...)” (Hayek, 2010).

Aquando as intervenções arqueológicas de salvaguarda na necrópole do Largo Cândido dos Reis, foi identificado, em dois enterramentos distintos, um fragmento de uma moeda de cobre e uma panela com caneluras (estampa LII).

Segundo os arqueólogos que as intervencionaram, a moeda (designada Felus) encontrava-se entre os membros inferiores do inumado e, segundo a legenda em caracteres árabes gravada no numisma, insere-se entre os séculos XI e XII.

A panela, também disposta entre os membros inferiores do remanescente esqueleto, enquadra-se na mesma centúria: XI/XII (Matias, 2009a, p.646).

A presença de peças cerâmicas em contexto funerário islâmico, embora pouco frequente, tem alguma representatividade nos núcleos funerários espanhóis, sendo exemplos, a necrópole de Santa Eulalia, em Múrcia (Martínez García *et all*, 1995, p.87); na necrópole de Callosa de Segura, em Alicante (García Macía e Alfosea Sáez, 1997, p.447 e 448); na necrópole de Yabal Faruh, em Málaga (Fernández Guirado, 1995, p.51); ou na necrópole de Herrerias, em Tudela (Bienes Calvo, 2006, p.52), entre outros.

Nada obstante, a presença de uma panela – um objecto cerâmico interligado ao âmbito alimentício – em oposição às jarras, poderá estar associado aos banquetes fúnebres propostos por Maribel Fierro (Fierro, 2000, p.176).

No que concerne à identificação de numismas no interior de sepulturas islâmicas estes são exponencialmente mais invulgares. Apenas constatei um único paralelo que, infelizmente, a sua interpretação é contestável. Trata-se de um pequeno elemento metálico circular – similar a uma moeda – identificado na necrópole Roterós, em Valência (Pascual Pacheco e Serrano Marcos, 1996, p.240).

Proveniência: Travessa das Capuchas, Santarém

Nº de Inventário: 8

Material: Botão de quartzo

No núcleo funerário situado na Travessa das Capuchas, em Santarém, foi identificado um botão quadrangular, em quartzo hialino, associado a um inumado. Segundo os arqueólogos responsáveis por esta intervenção, este ornamento enquadrar-se-á entre os séculos IX-X à semelhança do botão identificado (embora não associado a nenhuma sepultura) nas escavações da necrópole moçárabe do Mosteiro de São Vicente de Fora (Boavida, Casimiro e Silva, 2013a, p.939; Cunha e Ferreira, 1998, p.132 e fig.97) (estampa LIV).

No contexto espanhol, na necrópole de Lorca, foi também identificado um esqueleto que, na zona das costelas, ainda conservava pedaços de tecido adjacentes a um botão em osso. Todavia, neste paralelo, não só o material deste objecto é díspar, como também o seu formato: no exemplo espanhol, o botão é troncocónico em ambas as faces. Nada obstante, ambas as inumações vêm a testemunhar eventuais enterros nos quais os defuntos preservam as suas roupas (Ponce García, 2002, p.138).

3.1.2. No Alentejo

Proveniência: Escola Secundária Diogo de Gouveia, Beja **Nº de Inventário:** 46

Material: Esporas

Na necrópole da cidade islâmica de Beja foi registado um único enterramento que se fazia acompanhar de espólio funerário: um par de esporas na zona dos seus calcanhares (Martins e Santos, 2013, p.933 e 936) (estampa LV).

Este invulgar conjunto, aparentemente, não tem paralelos nos pontuais objectos identificados no interior das sepulturas islâmicas na actual Espanha.

Todavia, prontamente interpretamos as esporas como um elemento pertencente a um cavaleiro, ou até projectamos um contexto bélico no qual este defunto terá enfrentado a morte. Esta conjectura não será de todo descabida visto que, segundo os preceitos islâmicos, existe uma ressalva no que concerne à ritualização de mortos considerados mártires (comentados na primeira parte desta dissertação).

Neste sentido, consideramos poder aplicar-se os ditames litúrgicos que, indicam, para todos os que pusessem, em nome do Islão, no campo de batalha não ser obrigatório o habitual ritual fúnebre. Ou seja, os seus corpos não deveriam ser lavados nem se procediam a orações, sendo imediatamente enterrados com as suas roupas ensanguentadas e, certamente, com os seus pertences (Chávet Lozoya et al, 2006, p.154 e 158).

Neste sentido, perante este *sui generis* espólio funerário, coloco aqui esta proposta interpretativa para o inumado da *maqbara* de Beja.

Proveniência: Maqbara do castelo, Alcácer do Sal **Nº de Inventário:** 21

Material: Dente de tubarão

Na necrópole no lado poente do castelo de Alcácer do Sal foi identificado, num dos esqueletos, um dente fóssil de tubarão (Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.88). Infelizmente, aliada à ausência de descrição e registos fotográficos, não me foi possível

identificar paralelos associados a este tipo de espólio. Contudo, creio que este elemento agrupa-se nos categóricos objectos pessoais.

3.1.3. No distrito de Faro

Proveniência: Horta, Vila Nova de Cacela

Material: Candil

A integração da necrópole da Horta²⁹, aparentemente romana, neste compêndio não é de todo ousada.

Para além das inumações, que constituíam esta necrópole, apresentavam o seu material osteológico em mau estado de conservação³⁰ (o que não permitiu aferir eventuais gestos funerários) à parte das descrições morfológicas dos sepulcros³¹, foi recolhida, no interior de uma sepultura, uma “candeia arábica” (Santos, 1972, p.343; Torres e Macias, 1998, p.218 e 219; Vasconcelos, 1900, p.248; Vasconcelos, 1903, p.119; Vasconcelos, 1919, p.229).

Este elemento parece comprovar a categorização deste arqueossítio no período islâmico e, com vários paralelos no contexto espanhol³², é singular pela sua composição. Deste candil metálico, apenas nos resta a ilustração de José Leite de Vasconcelos (estampa LX), que apresenta figuras zoomórficas, mormente três pássaros estilizados, a ornamentar a asa e o seu bico. A investigadora Eva-Maria von Kemnitz defende que esta peça, com influências decorativas orientais, tratar-se-á de uma produção peninsular e muito provavelmente local (Kemnitz, 1993/94, p.457, 461 e 462).

Proveniência: Quinta da Boavista, Loulé

Nº de Inventário: 74

Material: Anel e faca

Foi identificado um anel, embora descontextualizado, em bronze de aro aberto com as extremidades sobrepostas e semicirculares. Apresenta cinzelagem, embora

²⁹ Localizada no sítio de mesmo nome, entre a designada “fazenda” da Torre de Frades e a “fazenda” do Arrifes, na actual freguesia de Cacela, foi perscrutada por Leite de Vasconcelos nos inícios do século XX.

³⁰ “(...) apareceram muitas sepulturas com ossadas, que ao contacto das mãos de quem as remexia se desfazião.” (Vasconcelos, 1919, p.229).

³¹ Formadas por lajes calcárias e com cobertura de *tegulae* engendrando telhados de duas águas (Santos, 1972, p.343).

³² Alba Calzado, 2011, p.27; Fernández Guirado, 1995, p.51-52; Márquez Pérez, 2002, p.343; Martínez García *et al*, 1995, p.87; Pascual Pacheco e Serrano Marcos, 1996, p.242; Pizarro Altuzarra e Sierra Montesinos, 2007, p.178; Rosselló Bordoy, 1989, p.156

pouco clara, cujas interpretações alternam entre uma inscrição ou um desenho geométrico (Luzia, 1999/00, p.151).

À parte dos análogos pregos, no interior da sepultura nº8 foi identificada uma ponta de faca morfologicamente sub-triangular, de ponta arredondada e de secção em cunha; e na sepultura nº5 fora encontrado um pequeno fragmento de bronze, também sub-rectangular, cuja funcionalidade não é clara (Luzia, 1999/00, p.151).

No âmbito dos objectos de adorno, os anéis têm alguma representação no contexto espanhol, mormente o anel-selo da necrópole islâmica da Igreja del Carmen, em Lorca (século VIII), (Chávet Lozoya e Sánchez Gallego, 2010, p.21 e 22); o anel de prata da necrópole da Puerta Gil Ricla (Calle Rubira, sem atribuição cronológica) (Ponce García, 1997, p.335 e 336); os anéis e cornalinas com inscrições do cemitério do Arrabalde de Córdoba³³ (Labarta, López Flores e López Jiménez, 2014-15; Pizarro Altuzarra e Sierra Montesinos, 2007, p.178 e 183) e outros anéis anepígrafos, em bronze e em cobre, de difícil atribuição cronológica, nas várias sondagens nas ruas de Valência (Pascual Pacheco e Serrano Marcos, 1996, p.239, 240 e 242), os anéis de Puerta de Almansa (Villena), de La Torre Grossa e da necrópole de Garroferets (Alicante), de Palau de Raga e do cemitério Camí La Bola (Valência), da necrópole meriní (Algeciras), da *maqbara* da Puerta de Elvira (Granada), de Santa Clara (Segovia) e de Cuevas del Almanzora (Almeria) (séc. XIII-XV) (Labarta, 2017, p.161, 165-168, 171-173, 176-183).

Voltando ao exemplar da Quinta da Boavista, o respectivo anel tem paralelos em congéneres mais tardios, até ao século XV. Dá-se como exemplo o anel de Castillo de Felí (Lorca, Murcia), entre outros que apresentam decoração incisa representando uma estrela de cinco e de seis pontas (Labarta, 2017, p.191) (estampa LVI).

No que concerne à faca, infelizmente não identifiquei paralelos nos contextos funerários islâmicos.

Proveniência: Alcarias da Torre, Silves

Nº de Inventário: 81

Material: Candil, vasilha e “bola de calcário”

Lamentavelmente, os materiais não subsistiram até aos nossos dias pois, pouco tempo após terem sido descobertos, foram integralmente descartados. Deste modo, contentamo-nos com as parcas descrições redigidas na época.

³³ Para anéis com inscrições existem inúmeros exemplares, desde o séc. X até ao XIV/XV (Labarta, 2017, p.101, 106-112, 155-154, 158-160, 161, 169, 175, 176, 183)

Relativamente à designada “bola de calcário” creio tratar-se de um projectil de funda, para o qual não encontrei paralelos, quer em contexto funerário português, quer espanhol.

Quanto à vasilha e a intitulada “lucerna arábica” (ou, por outras palavras, o candil), infelizmente não é possível depreender informações complementares relativamente à mesma, todavia, tal como descrito anteriormente, este tipo de objectos são os mais frequentes dentro da panóplia limitada de espólio funerário³⁴.

Proveniência: Comporta, Silves

Nº de Inventário: 84

Material: Talismã

Na necrópole islâmica da Comporta, em Silves, foi recuperado um talismã com a representação da mão de Fátima que, segundo Rosa Varela Gomes, seria semelhante ao molde com inscrição árabe identificado por Garcia Domingues (Domingues, 1956, p.33 fig. 5; Gomes, 1999, p.1606; Gomes, 2002b, p.115) (estampa LVII). Conquanto, e infelizmente, não chegaram até aos nossos dias ilustrações ou registos fotográficos do talismã em questão.

De entre os pontuais objectos no interior de sepulcros islâmicos, não é de todo invulgar a presença de amuletos para protecção do defunto, registando-se exemplares na nossa vizinha Espanha (Gallardo Carrillo e Egea Vivancos, 2000-03, p.737-738). Contudo, não constatei, tanto em contexto português como espanhol, amuletos especificamente inerentes à mão de Fátima.

IV – Discussão, Problemáticas e Perspectivas

1. Leituras possíveis dos espaços funerários

A implantação das necrópoles, o arquétipo de sepulcros e a disposição dos seus mortos, por vezes não convencionais, são aspectos que revelam pressupostos mentais latentes nas comunidades coevas.

³⁴ Vide nota número 32

Neste sentido, no capítulo em foco, são analisadas, primeiramente, as idiossincrasias presentes no território português – interpretando as dinâmicas urbanas e as práticas doutrinárias de cada distrito – seguido de uma leitura macro-espacial dos costumes canónicos, em paralelo com as evidências no contexto espanhol, procurando padrões nas práticas funerárias, assim como nos locais de eleição para “última morada”.

1.1. Síntese e panorama dos registos no contexto do Gharb “português”

1.1.1. Necrópoles da região de Viseu e Coimbra

Após compiladas, inventariadas e mapeadas todas as ocorrências funerárias islâmicas identificadas no actual território português, prontamente observamos que a região entre o Douro e o Mondego é, indubitavelmente, a que mais carece deste tipo de evidências (vide mapa nº1). Os seus testemunhos resumem-se a um topónimo (nº1), uma referência documental (nº2), uma hipotética *maqbara* (nº3) e apenas um núcleo funerário efectivamente escavado (nº4). Decerto, esta ausência não é sinónimo de inexistência, mas, em contrapartida, estará interligada a ideias pré-concebidas que limitam os investigadores de identificar estes arqueossítios. Contrastando com esta realidade, os nossos colegas e vizinhos espanhóis, despojados de concepções deste género, foram aptos a registar almocavares nos pontos mais equidistantes da Península. A título de exemplo, fora escavada a necrópole de San Nicolas, em Ávila (Moreda Blanco e Serrano Noriega, 2008), a necrópole de Puerta de Toledo, em Saragoça (Galve Izquierdo, 1995), a *maqbara* de Herrerías (Bienes Calvo, 2006) e a *maqbara* de Pamplona (Faro Carballa, Barbena Unzu e Unzu Urmeneta, 2007-08), ambas em Navarra.

Assim, perante estes poucos testemunhos referenciados, começamos este percurso de decifração e interpretação dos almocavares do centro do País. No distrito de Coimbra existem dois núcleos funerários que merecem ser alvo de análise: a necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico (nº2) e os enterramentos islâmicos de Conímbriga (nº4).

A alusão à necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico, categoricamente romana, não é de todo despropositada. Embora tentador, devemos evitar uma catalogação maquinal dos nossos arqueossítios em estáticas repartições

cronológicas e, contrariamente, encará-los como componentes que se moldam e se recriam ao sabor das necessidades dos homens ao longo do tempo.

Os cemitérios romanos e islâmicos partilham os mesmos modelos de implantação sepulcral, portanto, e tal como descrito na primeira parte desta dissertação, ambos instalam-se preferencialmente fora dos espaços urbanos, perto das portas da cidade e ao longo dos caminhos. A identificação de necrópoles com continuidade ocupacional - que mantêm portanto a sua função sepulcral por vários períodos cronológicos - tem sido atestada em diversos sítios arqueológicos na Península Ibérica. Sem exceção, em território nacional têm sido identificados alguns almocavares com jazigos de antiguidade precedente ao período medievo, tal como a necrópole do Alporão (nº5), os núcleos funerários de Beja (nº46, 47 e 48), a necrópole do Rossio do Carmo (nº54), entre outras.

Desta forma é convidativo, embora nos parâmetros das pressuposições, interpelar uma permissível continuidade ocupacional da necrópole romana de Coimbra como almocavar islâmico. Assim sendo, esta hipotética *maqbara* encontrar-se-ia junto à Porta da Traição (da Genicoca ou de Ibn Bodron/Bab Bodron), numa colina voltada a sul/sudeste e nas imediações do vale por onde corre o Mondego. De qualquer modo, é imperativo frisar que a leitura destas evoluções urbanísticas não é, indubitavelmente, uma tarefa linear e nem sempre os dados são totalmente perceptíveis, ou inteiramente decifráveis, sendo que estas conjecturas apresentadas permanecem no campo das especulações interpretativas.

Relativamente aos enterramentos islâmicos identificados na Insulae a norte das termas de Conímbriga (nº4), estes denunciam, de igual forma, inerentes evidências concernentes às dinâmicas e evoluções urbanísticas deste local.

Por mérito das inúmeras escavações realizadas em Conímbriga, foram registados, no interior do antigo perímetro da muralha romana, nos níveis mais recentes (mormente tardo-antigos e medievos), vários espaços destinados a diversas funcionalidades, tais como oficinas, fornos de fundição, e múltiplos núcleos funerários (De man e Soares, 2007). De entre as várias inumações distribuídas pelo perímetro urbano, a sua proximidade com as sepulturas da designada “basílica paleocristã” da *domus tancinus* devem ser tidos em conta³⁵ (estampa LVIII). Concentrar-nos-emos,

³⁵ Os inumados identificados no fórum da cidade estão igualmente perto dos enterramentos islâmicos, todavia, ao contrário das escavações realizadas na *domus tancinus*, existem várias lacunas e

primeiramente, nas linhas que se seguem, nesta necrópole e a sua relação com o conjunto sepulcral islâmico a norte das termas (nº4).

À parte das conjecturas sobre o edifício de culto “paleocristão” (anteriormente debatidas por vários investigadores e as quais não me debruçarei evitando desviar-me do tema em questão) (Correia *et alli*, 2011; López Quiroga e Martínez Tejera, 2012) os enterramentos da “basílica” não são certamente classificáveis como muçulmanos, uma vez que os seus gestos funerários se traduzem em cânones caracteristicamente cristãos. Portanto, todos os inumados identificados encontravam-se em decúbito dorsal e a orientação dos corpos regia-se pela típica fórmula este-oeste (Ventura, 2010, p.68). Conjuntamente, foram elaboradas datações de radiocarbono nos restos osteológicos destas mesmas inumações cujas análises enquadram-nas entre os séculos X/XI e o XII, podendo prolongar-se até ao século XV (De man, Soares e Martins, 2010, p.6).

Em suma, na zona da antiga *domus tancinus* e nas imediações das sepulturas islâmicas, identificou-se uma área funerária, de índole cristã, de ampla diacronia, utilizada desde período alto-medieval até aos inícios da época moderna.

Posto isto, estamos perante um cenário aparentemente caótico e desorganizado, onde múltiplos núcleos caracteristicamente extramuros, invadem o interior do espaço urbano e amuralhado de época romana. Todavia, esta particularidade da implantação de vários núcleos funerários (no fórum, na “basílica”, na “casa dos esqueletos”, etc) em vários pontos da cidade, testemunha um paulatino processo de transformação e consequente desarticulação do conjunto urbano da Conímbriga romana (consideravelmente desocupada aquando a conquista da cidade) e a sua própria concepção do espaço intra e extramuros, que vai dar origem à Condeixa Medieval (Alarcão, 2004b, p.101-102; Lopez Quiroga, 2013, p.321 e 324; Lopez Quiroga e Martinez Tejera, 2015, p.462 e 463). Neste sentido, e analisando simultaneamente as dinâmicas e a organização do espaço urbano, não será de todo incoerente considerarmos que os enterramentos islâmicos na Insulae a norte das Termas possam ser a extensão da necrópole medieva da designada “basílica paleocristã” (Lopez Quiroga, 2013, p.324; Lopez Quiroga e Martinez Tejera, 2015, p.465).

E é nesta vigente génese topográfica que o núcleo funerário que engloba os enterramentos na Insulae e na “basílica” vai constituir, ao longo do tempo, o cemitério medievo deste novo espaço urbano.

ambiguidades nos registos arqueológicos que não permitem elaborar uma relação entre os dois núcleos funerários (López Quiroga, 2013, p.323-324; López Quiroga e Martínez Tejera, 2015, p.463-464).

1.1.2. Necrópoles de Santarém

À semelhança da realidade observada entre o Douro e o Mondego, as evidências sepulcrais identificadas no distrito de Santarém, são, de igual forma, consideravelmente parcas. Embora estas tenham sido efectivamente atestadas por intermédio de escavações arqueológicas, ao contrário das necrópoles mais a norte (nº1-3), se observarmos o mapas em anexo (vide mapa nº1), os núcleos funerários são integralmente de índole urbana. Caso não existisse uma legislação em conformidade com o valor patrimonial do território, certamente, o número de testemunhos funerários seria reduzido senão mesmo inexistente. Assim, à excepção da própria cidade de Santarém, temos um vasto território, entre Conímbriga e Coruche, que, notoriamente, reúne um número inexistente de evidências funerárias islâmicas.

A recriação da paisagem medieva de *Shantarîn* trata-se de um percurso intrincado e por vezes difuso, onde a pluralidade de necrópoles e de pontuais enterramentos islâmicos coadjuvam a análise morfológica da cidade à época.

Durante as cinco centúrias em que Santarém esteve sob domínio islâmico, à parte das inumações identificadas na Alcáçova, a cidade era provida de duas necrópoles de dimensões consideráveis (Alporão nº5 e Largo Cândido dos Reis nº6) e de dois pequenos núcleos funerários (Rua Capelo e Ivens e Travessa do Froes nº7 e Travessa das Capuchas nº8). Devo sublinhar que estes são os conjuntos sepulcrais islâmicos identificados até à data, pelo que o seu número poderá ser superior.

Nada obstante, podemos considerar que estamos perante um número significativo de núcleos funerários, implantados nos diversos pontos da cidade (vide em anexo tabela 5 a 9 e respectiva carta militar), grosso modo contemporâneos entre si. Isto é, a necrópole do Alporão (certamente a mais antiga, com continuidade ocupacional do espaço sepulcral desde período visigótico) é amortizada no século XI; a necrópole do Largo Cândido dos Reis, através da análise do espólio, foi ocupada pelo menos desde o século XI e reutilizada por inumações cristãs no século XII; e os enterramentos na Travessa das Capuchas enquadrados entre o século IX e X.

Perante este panorama, os dados arqueológicos parecem revelar que a estrutura urbana de *Shantarîn* transcreve-se num espaço multinucleado, no qual se implantaram vários núcleos funerários ao sabor e ao serviço das comunidades e bairros que aqui se instalaram. A estas evidências aliam-se as fontes documentais que, subtilmente e

fugazmente, descrevem Santarém como “(...) situada numa montanha de grande altura. No seu lado sul, há um grande precipício. Não tem muralhas. No sopé da cidade está um arrabalde que se estende ao longo do rio. (...)” (Coelho, 1989, p.61).

No que concerne aos enterramentos identificados na Alcáçova de Santarém (nº9), devido à escolha deste local como última morada para os inumados, instintivamente interpretamos como defuntos de considerável estatuto integrados numa eventual *rawda*. Todavia, a identificação de enterramentos cristãos associados a uma possível ermida no mesmo local suscita adicionais interpretações para ambos os núcleos (Caron, 2014, p.9 e 40).

Face a esta circunstância, evoco as inumações canonicamente islâmicas no seio dos enterramentos cristãos na Alcáçova do castelo de Mértola (nº53) sobre as quais alguns investigadores conjecturam sobre a eventual permanência de costumes islâmicos pós-Reconquista. Neste sentido, à semelhança dos defuntos na Alcáçova de Mértola, seriam os muçulmanos de Santarém uma comunidade que perseverava os seus costumes secretamente e os materializara na morte?

Contudo, sem um registo arqueológico adequado e convenientemente publicado, até à data, não é possível retirar mais ilações de forma a compreender a relação espacial e cronológica entre os dois conjuntos sepulcrais – islâmico e cristão. Guardaremos, deste modo, eventuais publicações dos relatórios finais e futuras apreciações científicas relativamente a esta questão.

1.1.3. Necrópoles de Lisboa e Setúbal

Caminhando agora em direcção à região de Lisboa, e atendendo novamente o mapa com as evidências funerárias (vide mapa nº1), denotamos que os locais de inumação de índole islâmica avolumam-se consideravelmente. Em contraste com toda a área entre o Douro e a lezíria do Tejo, a partir desta região, o número de testemunhos sepulcrais – desde toponímicos, documentais e arqueológicos, tanto em contexto urbano como rural – multiplicam-se substancialmente. Esta abundância de núcleos funerários no registo arqueológico, aliado a intervenções de salvaguarda, coaduna-se com uma maior consciencialização dos investigadores relativamente à influência islâmica no sul do território nacional.

Assim, no que respeita apenas ao distrito de Lisboa, até à data, foram identificadas nove evidências funerárias islâmicas, quer de cariz rural, quer urbano. No

entanto, e infelizmente, algumas destas necrópoles, principalmente de meio rural, são detentoras de um registo arqueológico insuficiente, das quais só é possível depreender análises, a nível macro-espacial, relativamente a padrões e dissemelhanças nos rituais islâmicos (abordadas nos tópicos 1.2. e 1.3.).

Neste sentido, de entre os locais de inumação no seio urbano de Lisboa, existem dois almocavares em particular que merecem ser aprofundados neste tópico: a necrópole da Calçadinha do Tijolo nº37/43 (nº10) e o conjunto do Largo das Olarias e Rua dos Lagares (nº11).

Em breves linhas, o almocavar da Calçadinha do Tijolo nº37/43 corresponde ao principal e, quiçá ao primeiro, núcleo funerário islâmico da cidade cujo término, segundo as fontes escritas, decorre aquando a Reconquista de Lisboa (em 1147).

Após o duro cerco de Afonso Henriques e da sua armada de cruzados alemães, flamengos e ingleses, a subsequente capitulação da cidade (Pradalié, 1975, p.20; Domingues, 1997, p.120) naturalmente teve as suas repercussões na organização urbanística desta urbe.

A parcela de habitantes que decidira não desertar a cidade, fora afastada dos núcleos intramuros e extraviada para os arrabaldes com menor potencialidade e menos atractiva para os conquistadores. Embora no bairro de Alfama seja registado alguma continuidade ocupacional pós-Reconquista, grosso modo estes cidadãos foram deslocados para a Mouraria (Trindade, 2013, p.555 e 556), a norte da cidade e no actual cerro da Graça, onde permaneceram e persistiram até ao século XV (Torres, 1994, p.84).

É neste contexto que se fixa e cresce a célebre mouraria de Lisboa, munida de uma série de edificações indispensáveis à comuna islâmica que, entre as demais, destaca-se a respectiva *maqbara*.

Infelizmente, perante a ausência de dados arqueológicos poucas ilações podem ser deduzidas relativamente a este almocavar. Apenas podemos afirmar, com alguma segurança, através dos relatos históricos dos cronistas da época, que o período de funcionalidade deste núcleo funerário deverá enquadrar-se entre o século XII e o XV. Outrossim, teremos de aguardar as respectivas publicações das intervenções arqueológicas na Mouraria para aprofundar a investigação e, subsequentemente, encetar novas deduções.

Nada obstante, estamos perante, indubitavelmente, dois arqueossítios fulcrais para a compreensão da evolução urbanística da cidade medieval.

Dirigindo-nos agora um pouco mais a sul, ao actual distrito de Setúbal, a metrópole de Alcácer do Sal é detentora de inerentes testemunhos funerários que merecem ser escrutinados. A *maqbara* de Alcácer do Sal (nº21) implantou-se num local auspicioso, notavelmente perto do castelo e da alcáçova da cidade, que certamente nos incita a ponderar sobre uma eventual classificação como *rawda*. Todavia, embora a amostra de esqueletos intervencionada seja bastante reduzida, segundo os dados antropológicos, os inumados apresentam consideráveis patologias resultantes de uma vida de trabalho árduo e de uma deficiente alimentação. Ora, estes aspectos, seguramente, não coincidem com as elites que compunham as necrópoles palatinas. Perante este cenário, não excluindo a eventualidade destes pontuais inumados integrarem o almocavar da cidade, a minha primeira interpretação apoia-se numa solução precipitada face aos problemas sentidos na época, difíceis de aferir no registo arqueológico, e à semelhança do enterramento na barbacã (nº22) e da necrópole do Largo José Correia Lobo, em Silves (nº83).

Ainda no âmbito da cidade de Alcácer do Sal, fora identificada, nas imediações do cemitério actual, uma única inumação de índole islâmica (nº23) de difícil enquadramento crono-cultural. Tratando-se de uma evidência isolada, sem grandes descrições e informações complementares, a sua interpretação é uma tarefa intrincada, senão mesmo impossível. Estaremos perante um cenário semelhante ao descrito no parágrafo anterior para os inumados da encosta do castelo? Será um defunto islâmico integrado na necrópole cristã de São Francisco, que se encontra a poucos metros, que teimava em manter os seus costumes religiosos num contexto pós-Reconquista, à semelhança dos enterramentos na Alcáçova do castelo de Mértola (nº53)? Conquanto, para esta última conjectura, creio ser mais improvável, uma vez que estamos perante um convento edificado no século XVI. Sem embargo, apenas se pode aferir o contexto desta inumação mediante uma escavação arqueológica mais completa deste local.

1.1.4. Núcleos funerários do Alentejo

Entrando agora na vasta região alentejana, deparamo-nos com uma multiplicidade substancial de núcleos funerários registados, principalmente de índole rural no distrito de Beja (vide mapa nº1). Ademais das investigações em Mértola e das intervenções de salvaguarda na cidade de Beja e Évora, a larga maioria dos almocavares

identificados no Alentejo devem-se aos trabalhos executados, nos últimos anos, por parte da Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas do Alqueva (EDIA). É, certamente, por mérito destas escavações que o reportório arqueológico alentejano se aprimora consideravelmente. Todavia, e apesar deste contributo, ainda persistem muitos hiatos informativos neste amplo território, principalmente no litoral alentejano, a sul do Baixo Alentejo, e consideravelmente nos distritos de Portalegre e Évora.

Em todo caso, independentemente da carência informativa nalguns pontos desta região, temos diante de nós um número significativo de ocorrências funerárias registadas e que, de entre algumas, devem ser patenteadas. Existem duas grandes aglomerações de enterramentos situados em cidades diferentes: em Beja com três grupos adjacentes (Nº46-48), e em Mértola com dois (nº54 e 55) (vide em anexo as tabelas nº46-48 e 54-55 e respectivas cartas militares).

Conquanto todas estas intervenções arqueológicas tenham decorrido em diferentes momentos, ao observarmos esta concentração e proximidade entre núcleos funerários, naturalmente, depreendemos que correspondem, nas duas urbes, a uma única e extensa *maqbara* (Gomes e Santos, 2011; Gómez *et all*, 2009, p.419; Macias, 2005a, p.239; Macias, 2014, p.49; Macias e Torres, 1993, p. 39; Martins e Santos, 2013, p.931; Serra, 2012, p.241; Torres e Macias, 1996, p.13). Desta forma, as próprias dimensões das duas necrópoles urbanas corroboram a longa diacronia tão proclamada nos dados epigráficos (vide inventário epigráfico nº9-15 e nº26-32).

Similarmente existem duas outras necrópoles alentejanas que, apesar do parco registo arqueológico, os elementos epigráficos adjacentes revelam pertinentes informações. Reporto-me, portanto, aos almocavares de Moura (nº37) e de Elvas (nº27 e 28).

Depreendemos que o primeiro, com uma datação referente a 1368 d.C. (epígrafe nº16), seguramente corresponderá a um almocavar mourisco, isto é, a um núcleo funerário instituído ou que se manteve após o processo de Reconquista.

No que concerne a Elvas, a identificação da singela epígrafe do século XII d.C. (epígrafe nº3) contribuiu para a compreensão da evolução e sequência cronológica dos núcleos funerários desta urbe. Para além dos dois almocavares mouriscos revelados nas fontes escritas (vide nº27 e 28), perante esta estela, Cláudio Torres e Santiago Macias consideraram que a primeira *maqbara* da cidade (utilizada durante o domínio islâmico) encontrar-se-ia nas imediações da actual Praça da República. (Torres e Macias, 1998,

p.129 e 130). Posto isto, Elvas seria detentora de três subsequentes necrópoles de índole islâmica.

Ainda a respeito das necrópoles urbanas do actual Alentejo, a cidade de Évora é detentora de inerentes evidências funerárias que merecem foco nas linhas que se seguem. Nesta metrópole identificaram-se duas necrópoles de índole islâmica (nº30 e 31) que, devido à sua localização intramuros e extramuros, prontamente classificamos como *rawda* e como banal *maqbara* que servia a população (vide tabelas nº30-31 e respectiva carta militar). Contudo, relativamente aos enterramentos intramuros, no actual Museu da cidade (nº30), alguns investigadores tentam incessantemente correlacioná-los a um contexto de guerra, mais propriamente às incursões de Geraldo Sem Pavor, à semelhança da teoria sugerida para a necrópole do Largo José Correia Lobo, em Silves (nº83) (Filipe, 2012, p.147; Teichner, 1998, p.27).

Decerto poucas evidências podem comprovar essa teoria, porém, a identificação de uma estela epigráfica (epitáfio nº4) a cerca de 100m desse mesmo núcleo funerário, enquadrada em 1131 d.C., anterior à chegada de Geraldo Sem Pavor, em 1165, pode contrariar essa hipótese. Ademais, a meu ver, creio tratar-se de uma situação consideravelmente remota comparativamente com a conjecturada *rawda*.

Relativamente à necrópole da Rua de Avis (nº30), prorrogo a simples categorização como necrópole da cidade. Considerando a localização da designada Mouraria “Nova” de Évora – implantada nas actuais Rua da Mouraria, Rua do Inverno, Rua da Corredoura, no Largo 13 de Outubro e Beco do Meirinho (Pereira, 1934, p.251; Rei, 2009, p.113 e 122; Simplício, 2002-06, p.105-106), coincidindo com esse mesmo núcleo funerário (estampa LIX) – possivelmente corresponderia ao almocavar dessa mesma comunidade, ou simplesmente à *maqbara* da cidade que continuara a ser utilizada após o processo de Reconquista.

De entre os numerosos núcleos funerários rurais identificados nesta região, a Herdade da Chaminé merece uma sumária referência neste capítulo. Excepcionalmente, incluí na dissertação este arqueossítio pois, embora os gestos funerários não sejam totalmente claros, alguns investigadores consideram-nos como muçulmanos (Almeida, 2000, p.110; Fabião, 1998, p.369 e 370). Sendo as descrições parcas relativamente às inumações, decerto é-me impossível debruçar sobre uma eventual atribuição religiosa. Nada obstante, a ocupação de *villas* romanas durante o período islâmico encontra-se amplamente documentado no nosso território, e nelas também se fizeram enterrar os seus mortos segundo as prescrições da religião do Crescente. Entre as demais, temos o

arqueossítio do Telhal (nº14), do Cerro da Vila (no qual alguns dos esqueletos não têm os gestos funerários bem definidos) (nº78) e, muito provavelmente, Milreu (apesar de só existire uma epígrafe a atestar).

Em suma, embora de inverosímil categorização crono-cultural, não é de todo improvável que se tratasse de inumações islâmicas.

1.1.5. Núcleos funerários de Faro

Faro fora o distrito português onde o domínio islâmico perdurou durante mais tempo e, à semelhança da região alentejana, é detentor de um número significativo de almocavares. Conquanto, perfazendo um total de 31 necrópoles identificadas até à data, constata-se alguns hiatos no mapa, difíceis de ignorar (vide mapa nº1).

Neste sentido, o número de núcleos islâmicos algarvios seria certamente superior e, como tal, restam englobar algumas necrópoles urbanas que ficaram por apurar (por exemplo de Tavira) como também diversos almocavares que compunham os vários núcleos rurais distribuídos por toda a região. Seguramente, para cada núcleo de povoamento rural existiria uma necrópole para servir a comunidade aí instalada e no âmbito dos almocavares rurais identificados no concelho de Silves, Portimão, Loulé, Albufeira, Tavira, Alcoutim e Castro Marim (nº56-73, nº77-81 e 85) não seria excepção.

De entre estes núcleos funerários rurais inventariados existem algumas particularidades que merecem ser abordadas e discutidas neste capítulo.

No arqueossítio Quinta do Lago/Tejo do Praio (nº77) foi registado um defunto muçulmano inumado invulgarmente na área habitacional, sendo o único, até à data, testemunhado no actual território português. Todavia, para compreender esta ressalva temos de nos reportar às fontes escritas da época, mormente as *fatwa(s)* (فتوى) discutidas então.

É certo que chegaram até nós várias *fatwa(s)* sobre familiares muçulmanos que desejariam que os seus entes queridos fossem sepultados em propriedades privadas (para além dos já descritos mausoléus e *rawda(s)*) e que obtiveram aprovação dos *mufti(s)*. A escolha do interior das casas como “última morada” não é excepção (Fierro, 2000, p.162-163).

No contexto do al-Andalus, conhece-se o registo de Ibn Jayr (falecido no ano 575 da Hégira - 1179 do calendário cristão) que obteve permissão para ser enterrado no

interior da sua própria casa (Fierro, 2000, p.163). Nesta perspectiva, depreendemos que, embora este tipo de enterramentos sejam situações incomuns e pontuais, estas ocorrências não são de todo improváveis e deveremos ter isso em consideração quando intervencionamos estes contextos em campo.

No sítio arqueológico do Cerro da Vila (nº78), amplamente ocupado ao longo do tempo, à parte dos dois defuntos efectivamente muçulmanos identificados na área “L” e “H”, foram registados três inumados (designados como E’/-4y S2; E’/-3 β S5 e E’/-3 α S4) cuja categorização não é considerada ou sequer interpelada como fora da esfera funerária romana.

Não sendo os gestos funerários de todo lineares, juntamente com a utilização de materiais romanos na cobertura dos sepulcros, faz com que não se interrogue sobre uma eventual cronologia mais tardia para estes esqueletos.

Contudo, dentro do mundo funerário islâmico, ocasionalmente registam-se algumas discrepâncias, quer na posição, quer na orientação canónica nos inumados (dos quais temos vários exemplos no território português), como também a fortuita reutilização nos sepulcros de materiais construtivos de época romana que se encontravam nas imediações. Para esta última alegação temos como exemplo as inumações canonicamente islâmicas identificadas em Córdova, que comportavam nas suas sepulturas *tegulae* romana a servir de cobertura (Leon Muñoz, 2008-09, p.34).

Relativamente ao almocavar do *Ribat* da Arrifana (nº86) existem apenas alguns pequenos apontamentos que creio merecerem referência. Estes são concernentes à sobreposição de algumas sepulturas assim como à identificação de várias destas estruturas adossadas a outras edificações, mormente as mesquitas e o muro de delimitação do *ribat* (Gomes e Gomes, 2014b, 16). Nada obstante, podemos deduzir que estes dois aspectos sejam o reflexo de uma intensa ocupação deste espaço como última morada. Outrossim, pode ser aplicável às três sepulturas com orientação desfasada a norte-sul (que os investigadores sem uma escavação prévia presumem tratarem-se de enterramentos cristãos) (Gomes e Gomes, 2015a, p.158) os quais, perante um espaço saturado e densamente ocupado por sepulcros, tentam se encaixar da melhor forma neste local. Embora este tipo de solução seja observável com maior frequência nos contextos funerários cristãos, esta prática também fora adoptada para as grandes necrópoles islâmicas. Todavia, apenas a apresentação e publicação de uma planta criteriosa do espaço sepulcral poderá aferir esta conjectura.

Concentrar-nos-emos agora, nas linhas que se seguem, nas necrópoles urbanas islâmicas algarvias. De entre as demais, a inumação do Bairro de Letes (nº76) integrada neste compêndio deve ser abordada neste capítulo.

Tal como descrito nos capítulos iniciais, foram estipulados alguns limites no repertório de dados funerários que foram desconsiderados para um determinado enterramento na necrópole romana do Bairro de Letes. Este inumado, embora esteja inserido numa sepultura composta por materiais romanos (já discutidos neste tópico em relação ao Cerro da Vila) e não siga todos os preceitos canónicos islâmicos, encontrava-se em decúbito lateral direito: um factor intrinsecamente ligado a este contexto e aparentemente sem lugar no mundo funerário romano³⁶. Ademais, tal como referido para a necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico (nº2, ver capítulo sobre as necrópoles de Viseu e Coimbra), não é de todo incomum identificarmos necrópoles cujo espaço sepulcral tenha sido ocupado como tal ao longo do tempo.

Não existindo, até à data, outro núcleo funerário em Faro (independentemente da integração cronológica) e sendo o Bairro de Letes uma necrópole de consideráveis dimensões, será de todo descabido considerarmos que este espaço terá sido posteriormente moldado como almocavar islâmico? Nada obstante, devo frisar que estamos dentro do campo das suposições e, deste modo, esta conjectura não deixa de ser uma hipotética ilação. Esperemos que futuras escavações arqueológicas neste local tragam novos contributos científicos neste âmbito.

Relativamente à *maqbara* de Silves (nº82) devo reportar a uma outra necrópole nas proximidades que fora identificada aquando a construção, nos anos 50, do actual edifício dos correios (na contemporânea Rua dos Correios) cujas informações orais reportaram para a presença de abundante material osteológico que dificilmente ignoraram. Através da tentativa descritiva das tipologias sepulcrais por parte dos autóctones, Rosa Varela Gomes enquadra estes enterramentos categoricamente como romanos ou tardo-romanos (Gomes, 1999, p.1605).

Despojada de argumentos que contradigam esta afirmação, proponho apenas para estas últimas sepulturas uma simples continuidade ocupacional deste espaço de

³⁶ Embora Carlos Pereira, na sua dissertação sobre necrópoles romanas do Algarve, apresente um exemplo de uma necrópole tardia onde se identificou um esqueleto em decúbito lateral direito (Pereira, 2014, p.436), este na verdade trata-se de uma inumação particular que integra uma sepultura dupla. Isto é, o inumado que se encontra em decúbito lateral direito foi assim disposto de forma a manter-se voltado para o defunto ao seu lado direito, este por si posicionado em decúbito lateral esquerdo, permanecendo ambos os esqueletos a encararem-se um ao outro eternamente no interior do sepulcro (Rodero Pérez e Asensi Llácer, 2008, lâmina 4).

funcionalidade cemiterial (nº82) sem nunca excluir a hipótese destes enterramentos poderem ser de nomenclatura islâmica e, por conseguinte, reportarem-se ao mesmo núcleo funerário.

Esta mesma *maqbara* é também detentora de uma estrutura presumivelmente única no repertório arqueológico português³⁷ – um mausoléu – embora, segundo Torres Balbás, a presença deste tipo de edifícios nas necrópoles urbanas fosse bastante recorrente (Torres Balbás, 1970, 240) e estejam amplamente representados em Espanha (principalmente no sul) (Casal Garcia, 2001, p.293 e 294; Curto Homedes *et alli*, 1985, p.656; Fernández Domínguez, 1995, p.72-75; Fernández Guirado, 1995, p.47; Ponce García, 2002, p.124 e 125). Nada obstante, os panteões de Lorca serão os paralelos mais próximos, sendo datados do século XI (Ramírez Águila e González Guerao, 2005, p.115 e 119).

Todavia, a equipa de arqueologia que intervencionou esta estrutura definiu-a como um *Murabit*, não sendo, na minha modesta opinião, a designação mais apropriada para a mesma. Desta forma, facetemos uma pequena apreciação em breves linhas sobre os denominados Morabitos.

Derivado etimologicamente de uma antiga tribo norte africana correlacionada com a fundação dos Almorávidas, trata-se na verdade de um muçulmano devoto e asceta, de corrente mística com base no sufismo, que é reconhecido pela população pela sua fé e santificado após a sua morte. A mesma nomenclatura aplica-se à edificação que alberga o túmulo deste “santo” (Alarcão e Barroca, 2012, p.242; Alves, 2013, p.658; Larousse 1866-77, p.1142) que, arquitectonicamente, se assemelha a uma pequena mesquita, ou seja, era provida de uma planta quadrangular, de um *mihrab* e rematado com uma pequena cúpula (Larousse, 1866-77, p.1142).

Existe um outro monumento de índole islâmica semelhante aos morabitos congénere na forma arquitectónica: as *qubba*(s). Estes de carácter funerário, configuravam num modesto edifício de pequenas dimensões, de planta quadrangular e composto por uma inerente cúpula (Larousse, 19866-77, p.1258). Concomitantemente, para além de desprovido de um *mihrab*, a *qubba* distingue-se igualmente na sua função.

Embora estejamos perante dois monumentos que se confundem no seu aspecto construtivo, os morabitos conquanto alberguem um “santo” no seu interior serviam

³⁷ À parte das conjecturadas capelas que reaproveitam este tipo de edifícios, à semelhança da *Qubba* de Monsaraz, mas que não estão efectivamente atestadas.

igualmente de local para as orações da comunidade, em oposição às *qubba(s)* que acolhem simplesmente um inumado com determinada distinção.

Com esta sucinta caracterização e distinção de *murabit* e *qubba* e, após uma análise pondera da morfologia do sepulcro encontrado na Rua 25 de Abril (U.E. 637), depreendemos, intuitivamente, que dificilmente estamos perante um morabito. Coerentemente correspondemos esta estrutura funerária a uma *qubba* ou a um simples mausoléu sem a conotação de santidade.

A antiguidade desta estrutura é outra prerrogativa que merece ser abordada. Segundo as análises de radiocarbono num dos inumados do nível de enterramentos mais antigo e sendo que o mausoléu enquadra-se nessa mesma fase (Gonçalves, 2010, p.136; Penisga, 2009, p.28-29), logicamente, esta estrutura insere-se entre os séculos IX e XI. Esta datação não será de todo despropositada pois, embora este tipo de estruturas esteja intrinsecamente ligado às correntes eremíticas dos almorávidas, os primeiros protótipos são de época omíada e logram grande adesão no século IX e X, no Oriente, apesar das restrições religiosas. Ademais, embora as fontes escritas não sejam claras e os registos arqueológicos ambíguos, muito provavelmente eram utilizados mausoléus em Córdova, desde o século VIII (Abad Castro e Gonzále Caveró, 2008, p.8 e 12).

Para terminar este tópico, debrucemo-nos, por último, sobre as duas necrópoles urbanas de Loulé: Quinta da Boavista (nº74) e Hospital da Misericórdia (nº75) (vide estampa XXIX).

A escavação do almocavar no Hospital da Misericórdia contribuiu na complementaridade dos dados arqueológicos e, indubitavelmente, surtiu novas abordagens na redescoberta da topografia da urbe medieva de Loulé. De entre as várias questões que surgem sobre a identificação deste sítio, a presença de duas necrópoles islâmicas numa cidade – no sentido lato – fundacional almorávida é um tema que persiste. Em pouco mais de duas centúrias foi necessária a instalação de dois núcleos funerários para servirem esta metrópole. Uma vez que a Quinta da Boavista fora enquadrada no período almóada, procurou-se elaborar datações radiocarbono nos elementos do Hospital da Misericórdia de Loulé para ir ao encontro da intuitiva resposta com base na sequência ocupacional da cidade (Pires e Benisse, 2010, p.453).

Os resultados das análises de radiocarbono indicam que a necrópole da Quinta da Boavista e a do Hospital da Misericórdia de Loulé são zelosamente contemporâneas (estampa XXVIII) (Pires e Benisse, 2010, p.453). Embora outras hipóteses porfiam na justificação de dois núcleos funerários diferenciados, mas coevos no tempo, esta

conjectura facilmente poderá ser explicada através do desmesurado crescimento demográfico – tão perceptível nas cidades durante o período almorávida e almóada – que motivou a instalação de dois almocavares que servissem os numerosos habitantes da *madinat al-Ulyã*.

1.2. Variantes e discrepâncias na orientação e posição dos inumados

Considerados os preceitos corânicos, na cabal observância dos rituais de enterramento estaríamos, portanto, perante um sistema funerário meticuloso e rígido que, tal como descrito anteriormente, superintende de forma clara o modo de sepultar os seus mortos. No entanto, e curiosamente, nem sempre esta norma foi constatada no decurso desta dissertação.

Verificam-se, contudo, discrepâncias em alguns aspectos dos gestos funerários – seja a posição em decúbito lateral direito, e/ou a posição da face voltada para a cidade sagrada, e/ou a orientação padronizada sudoeste-nordeste – conquanto pelo menos um dos preceitos esteja sempre em concordância.

Estas alternâncias, de certa forma, podem estar interligadas a diversos factores externos que influenciaram e determinaram uma posição final não padronizada de sepultamento dos inumados.

Posto isto, no que respeita à disposição do decúbito lateral direito/dorsal e por vezes ventral dos esqueletos, esta pode ser correlacionada com um sepulcro insuficientemente estreito e conseqüente rotatividade *postmortem* do corpo no seu interior (atestada diversas vezes pelos antropólogos no repertório arqueológico, vide inventário nº34; 33; 44; 50; 82; 75; 86).

No que concerne ao desfasamento da convencional orientação sudoeste-nordeste, este pode estar associado a vários parâmetros mormente topográficos, logísticos e/ou astronómicos. Ou seja, a própria configuração do terreno, cuja altitude e respectivo relevo concebe algum desnível, por vezes incita a tomar diferentes orientações ligeiramente desfasadas da orientação prescrita. O mesmo tipo de ocorrência pode ser observada nas necrópoles de grandes dimensões, cujo espaço sepulcral se encontra densamente saturado (tal como nas necrópoles nº46; 54; 74; 75; 82; 86), nas quais as sepulturas perspicazmente se vão encaixando e intercalando subsequentemente até se sobreporem e se desalinham com os restantes e mais antigos sepulcros correctamente orientados.

Por seguinte, a restante condicionante estará relacionada como a própria leitura do sol. A trajectória e respectivas movimentações do astro-rei ao longo do ano (por outras palavras as estações do ano) interferem nas observações criando consequentes variações no eixo de sepultamento sudoeste-nordeste.

Certamente, em alguns destes núcleos funerários, as variações rituais poderão estar interligadas à realidade circundante e a problemas vivenciados no momento de implantação do almocavar (por exemplo Largo José Correia de Lobo nº83) mais difíceis de aferir no contexto arqueológico.

Todavia, é notório o avolumado número de ocorrências deste género, registadas tanto no actual território português (vide mapa nº4) como espanhol, que porventura nos levam a interpelar sobre diferentes propostas para além destas condicionantes externas.

Deste modo, ponderemos nos parágrafos que se seguem sobre eventuais factores internos, coesos aos pressupostos ideológicos, das comunidades que enterraram e, simultaneamente, materializaram os seus gestos funerários.

Para aprofundarmos esta matéria devemos, antes de mais, perscrutar sobre quem são estas comunidades, quais os seus ideais e, por seguinte, de que forma vão influenciar os testemunhos que nos deixaram.

Em síntese, do que foi abordado na primeira parte desta dissertação, estamos inicialmente (mais propriamente entre o século VIII-IX) perante um primeiro momento versátil, de fraca consolidação ritual islâmica, marcado por oscilações doutrinárias, relacionado com os autóctones em fase de islamização. Nesta mesma fase, os preceitos islâmicos eram orientados em função da opinião de determinadas personalidades com algum protagonismo jurídico, não existindo deste modo um rito verdadeiramente convencionalizado (Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.152 e 156). No entanto, esta mesma fase, não se caracteriza uniformemente por necrópoles compostas por sepulturas globalmente desfasadas. Registam-se casos, certamente correlacionados com as populações exógenas (isto é, com os muçulmanos, seguros dos seus ritos, que entram na península) como na *maqbara* de Pamplona (Faro Carballa, Barberena Unzu e Unzu Urmeneta, 2007-08), que desde o século VIII, atestam uma imutabilidade dos gestos funerários, singular de uma população efectivamente islamizada.

De seguida, deparamo-nos com um segundo momento de viragem, entre o século IX-X, marcado pela adopção da doutrina malaquita no Andalus e, essencialmente, com a introdução de tradições fundamentais do direito canónico

islâmico (*fiqh*) reflectindo-se, efectivamente, nas formas de inumação tal como as conhecemos (Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.152 e 156).

Se bem que temos como referência estes dois grandes momentos de fixação deste novo culto, indubitavelmente a islamização e inclusive arabização do território do al-Andalus não foi certamente uniforme. Por certo, as zonas a sul e mais orientais da Península detiveram uma maior influência cultural e religiosa, fruto da proximidade com o Mar Mediterrâneo e dos povos que o atravessavam (Guichard, 1998, p.145; Macias, 2005b, 818), e sobretudo por aí, desde cedo, se terem instalado árabes, chegados com Musa, seguindo-se os membros do Jundes e outros clientes Omíadas.

Afiliado neste enlace, o *Gharb* al-Andalus (especialmente no seu extremo poente que corresponde hoje a Portugal) assiste de igual forma a processos de islamização díspares nos pontos equidistantes do seu espaço. Neste sentido, as regiões mais a norte e, subsequentemente, mais autónomas (particularmente Coimbra e Santarém) eram detentoras de grande afluência cristã onde o processo de islamização foi lento, moroso e nunca ascendeu na sua totalidade (Sidarus, 1998, p.258; Sidarus, 2004, p.113, 115 e 127). Em contraposição, foi justamente mais prolongada a islamização na região a sul do Tejo (embora com a presença de uma vincada comunidade moçárabe que nunca se esbateu), na qual Beja desempenhou um papel fulcral com a instituição de uma escola de teologia e respectiva instrução jurídica de notáveis *ulema(s)* (Macias, 2005b, p.822; Sidarus, 1998, p.258; Sidarus, 2004, p.115, 116, 121, 122).

Conjuntamente com as condicionantes geográficas e com os critérios temporais referidos acima, o fenómeno da islamização também teve os seus contrastes entre o meio urbano e a realidade rural. O mundo urbano em conformidade com os seus interesses comerciais e políticos – em oposição ao desusado fundamento de invasão militar – bem como familiarizado com a multiplicidade étnica, é naturalmente mais receptivo a um processo de aculturação comparativamente com o meio rural (Torres, 1992a, p.371-373).

Mas em que sentido estas circunstâncias se reflectem no repertório arqueológico funerário? Se analisarmos os dados cartografados referentes a estas variações na posição e/ou orientação dos inumados (mapa nº4) denotamos que estas ocorrências se registam em várias necrópoles, tanto de índole urbana como rural, com origens anteriores (seja tardo-romanas ou simplesmente romanas) e subsequente continuidade ocupacional do espaço sepulcral. Reportamo-nos, deste modo, às necrópoles urbanas efectivamente atestadas de Conímbriga (nº4), do Alporão em Santarém (nº5), à de Beja (nº46), de

Mértola (nº54), e muito provavelmente à Calçadinha do Tijolo em Lisboa (nº10); e aos núcleos funerários rurais seguramente constatados de Torre Velha 3 (nº52), Portela 3 (nº80), Cerro da Vila (nº78), e talvez da Rua 25 de Abril em Silves (nº82) e do Bairro de Letes (nº76).

Ademais dos dados recolhidos em campo, alguns destes arqueossítios são complementados com datações relativas e/ou absolutas (vide mapa nº6) que nos auxiliam a compreender, de certa forma, o decurso destas variações canónicas. Observamos então que os almocavares com maior antiguidade³⁸ implantados nas regiões a norte do Tejo, apresentam vicissitudes nos padrões de sepultamento; juntamente com as necrópoles que cingem vários momentos cronológicos, nas quais se regista uma certa transmutação nos gestos funerários (tal como se contemplou na necrópole paleocristã-islâmica de Mértola nº54-55; e quiçá na de Beja nº46-48 e de Silves nº82³⁹).

Em contraposição a este contexto, foram analisadas através de radiocarbono inumações dentro dos cânones, ou seja em decúbito lateral e devidamente orientadas, identificadas em Beja, na Rua Gomes Palma (nº48) e em Setúbal, na necrópole da Rua Francisco Augusto Flamengo (nº20), enquadradas nos séculos X-XI e X-XII respectivamente. Em vista disto, podemos estar perante uma pequena amostra representativa do segundo momento de consolidação ritual, portanto posteriores ao século IX-X, em contraste com os exemplos anteriores inseridos numa fase de inicial de assimilação cultural?

Contudo, os cerca de vinte registos detentores de datações (mapa nº6) – principalmente concernentes aos dados epigráficos que, grosso modo, não são recolhidos *in situ* – lamentavelmente, não estão directamente associadas a um determinado inumado. A mesma situação ocorre com as datações absolutas que, embora sejam respeitantes ao material osteológico de um esqueleto, são empregues genericamente como parte do enquadramento da necrópole em questão sem grandes detalhes sobre o inumado datado (isto é, a sua orientação, decúbito como também sepulcro). Desta forma, a compreensão da evolução e fixação do culto religioso –

³⁸ Certamente anteriores ao século XI devido ao processo de Reconquista, juntamente com os dados estratigráficos e com o espólio funerário identificado (vide Alporão nº5, anterior ao século XI, e Largo Cândido dos Reis nº6, pelo menos entre os séculos XI-XII)

³⁹ Os dados indicam que em Beja há inumações do século III, do século X-XI (radiocarbono) e os dados epigráficos prolongam o enquadramento até ao século XII. Relativamente a Silves, para além da proximidade com um núcleo funerário hipoteticamente tardo-romano, as datações radiocarbono apontaram para o século IX-X num dos níveis mais antigos da necrópole.

mediante os diversos aspectos regionais, os níveis de rapidez e aceitação entre os núcleos urbanos e rurais e, quiçá, uma eventual miscigenação ritual – torna-se num percurso intrincado e difícil de trilhar.

Porém, sem querer cair na descrença e no cepticismo, debruçar-nos-emos nos exemplos de almocavares identificados no contexto espanhol para colmatar estas lacunas e consolidar as hipóteses expostas.

A cidade de Mérida é um dos melhores e mais representativos exemplares para manusear considerando o número de *maqbara(s)* que a constitui e a respectiva antiguidade das mesmas. Estas enquadram-se entre os séculos VIII e IX (algumas prolongam-se até ao século XI, sendo que a necrópole a norte da cidade estende-se até ao XIII) (Alba, 2002, p.372; Alba, 2011, p.1, 27, 32, 45) e apresentam pontuais variações nas directrizes canónicas. Entre as demais, o almocavar a leste da cidade, de consideráveis dimensões e com inumações paleocristãs, apresenta os enterramentos islâmicos maioritariamente em decúbito dorsal que, naturalmente, só se distinguem dos cristãos pela sua orientação (sudoeste-nordeste) e pela face voltada para Meca (Alba, 2011, p.28 e 30). Outrossim, na necrópole a sul da cidade, embora todos os inumados se encontrassem em decúbito lateral direito, existem claras alternâncias na orientação interligadas a dois momentos ocupacionais do espaço sepulcral, isto é, identificou-se uma primeira fase, mais antiga, de inumações inerentes à orientação oeste-este comparativamente com a fase subsequente de enterramentos orientados a sudoeste-nordeste (Alba, 2002, p.300; Alba, 2011, p.25; Barrientos Vera, 2001, p.19-21). A mesma situação se regista no almocavar a norte da cidade, no qual se depreendeu que parte das inumações na fase mais antiga encontrava-se em decúbito dorsal com a face voltada para Meca, ao passo que os níveis posteriores englobam apenas enterramentos em decúbito lateral direito (Alba, 2011, p.32 e 33).

Passemos aos testemunhos de uma das várias necrópoles de Córdova: a necrópole da Avenida del Campo de la Verdad ou a *Maqbara al-Rabad*. Segundo as fontes literárias e os dados arqueológicos, estamos perante um núcleo funerário romano que se prolonga como almocavar islâmico (pelo menos desde o século IX até ao século XIII, embora se considere que a maioria dos inumados seja entre o IX e X), no qual a maioria dos esqueletos se regista em decúbito lateral direito, embora alguns alternem entre decúbito dorsal, posição fetal, decúbito lateral esquerdo ou ventral no interior de sepulcros com cobertura de *tegulae*. De igual modo, constataram-se pontuais variações

na orientação, nomeadamente a nordeste-sudoeste ou a este-oeste (Casal García, 2001, p.301- 304; León Muñoz, 2008-09, p.34).

Perante este cenário, caso os esqueletos em decúbito lateral direito não fossem contemporâneos às restantes variantes, dificilmente classificávamos estas exceções como inumações muçulmanas e rapidamente as englobávamos com os enterramentos romanos (León Muñoz, 2008-09, p.34). À semelhança destas evidências, porventura não será de todo descabido considerarmos os enterramentos de categorização ambígua do Cerro da Vila (nº78) e do Bairro de Letes (nº76) como pertencentes a este primeiro período de transmutação ritual.

Avancemos agora ligeiramente para oeste no território espanhol, mais propriamente para Jaén. Esta cidade é detentora de vários núcleos funerários que, entre os demais, concentrar-nos-emos na necrópole Marroquies Bajos.

Estamos diante de um núcleo sepulcral de consideráveis dimensões no qual se registaram três fases de utilização que atestam variáveis na evolução e fixação dos gestos funerários. Deste modo, identificou-se uma primeira fase de ocupação, enquadrada entre a segunda metade do século VIII e a primeira do século IX, com enterramentos em decúbito lateral direito, mas distintamente orientados a oeste-este (embora alguns tendencialmente a sudoeste-nordeste) com a face voltada para sul. De seguida, a fase intermédia, entre o século IX e X, assinala uma maior consolidação ritual na qual o decúbito lateral direito mantém-se e generaliza-se a orientação a sudoeste-nordeste. Por último, na terceira fase, provavelmente com término no século XI (interligado ao fim do califado em 1014), todos os inumados estavam devidamente dentro dos cânones prescritos (Castillo Armenteros *et alli*, 2011, p.287 e 288; Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000, p.99-102).

Por último, mas não menos importante, temos o exemplo da necrópole visigótica de Santa Clara, em Segóvia, na qual foram identificados vinte e três enterramentos islâmicos, muito provavelmente correspondentes ao primeiro momento de contacto com muçulmanos, registados em decúbito lateral mas orientados norte-sul com a face voltada a leste (Souto, 1991, p.57).

Existem, naturalmente, outras evidências no repertório arqueológico espanhol; contudo, estes são certamente os testemunhos com datações mais precisas e, subsequentemente, os mais adequados para compreender os indícios que se preservam dos costumes anteriores e a adaptação das novas normas culturais islâmicas.

De certa forma, esta conjectura exposta acima poderá aplicar-se igualmente aos vestígios materiais excepcionalmente identificados no interior dos sepulcros. Embora reprováveis pelos teólogos, e à parte dos adornos pessoais, o espólio funerário e simultaneamente ritual (mormente os cândis e as jarras) porventura poderão testemunhar certas crenças, anteriores à vinda destas novas gentes, e que nunca cessaram de existir totalmente. As lucernas, a título de exemplo, que já desempenhavam o papel de orientação dos defuntos desde o período romano, certamente sucederam-se como cândis e prolongaram o seu legado durante todo o domínio islâmico, uma vez que estas peças surgem na agenda arqueológica em todas as centúrias que abarcam este período (vide nota de rodapé nº32).

No que diz respeito aos adornos pessoais, segundo Carmen Peral Bejarano, estes objectos exclusivos dos inumados tratar-se-iam simplesmente de ornamentos sem qualquer tipo de significado ritual, os quais têm maior profusão nas grandes cidades com maior afinidade com a corte, nomeadamente em Granada (Peral Bejarano, 1995, p.24). Neste sentido, este tipo de espólio funerário representará, de certa forma, os estatutos sociais dos defuntos, embora esta exibição e hierarquização da morte fosse altamente censurável pelos teólogos.

No contexto português, o espólio funerário identificado até à data, quer ritual como pessoal, está grosso modo associado a necrópoles de índole urbana. Apenas os núcleos funerários do sítio da Horta (Tavira) e das Alcarias da Torre (Silves), detentores de espólio cultural, são de cariz rural.

1.3. Levantamento tipológico e interpretação dos sepulcros

No repertório arqueológico, tanto espanhol como português, deparamo-nos com uma ampla variedade de tipos de sepulcros, desde os grandes mausoléus às sepulturas simples sem qualquer tipo de estruturação. Neste sentido, à semelhança da tabela concebida para as tipologias sepulcrais espanholas (vide fig.2), elaborei, do mesmo modo, uma síntese tipológica das sepulturas identificadas no *Gharb* “português”(fig.6 e mapa nº5). De igual forma, esta tabela fora organizada, primeiramente, pelo tipo de sepultura (simples, complexo de dupla fossa, sepulturas duplas e mausoléus); seguido das sincrónicas variantes; colmatados com os respectivos exemplares e, quando possível, guarnecidos com datações cronológicas.

Tal como indica Guiller mó Roselló Bordoy, esta diversidade está interligada às condicionantes locais e regionais, principalmente geológicas, que ditam o tipo de material que compõem os sepulcros. Todavia este investigador, sem dar grande ênfase às sepulturas estruturadas e perante um tipo de ritualização caracteristicamente sóbrio, pressupõe que a única forma de compreender a estratificação social no contexto funerário islâmico será através dos elementos epigráficos (Roselló Bordoy, 1989, p.162-163). Nada obstante, devo discordar desta conjectura.

Sem querer subestimar o valor dos dados epigráficos – pois são estes os mais elucidativos no que concerne aos cargos, títulos, origens étnicas, entre outras informações sobre os inumados – estes, infelizmente, são ocasionais no registo arqueológico (Roselló Bordoy, 1989, p.163-164), sendo que, os sepulcros com maior zelo poderão ser testemunhos alternativos para compreender as diferenciações sociais destas comunidades.

Tipo	Variante	Descrição	Exemplos	Cronologia
Simples (ou “darih”)	x	Sem estruturação, estreitas e de pouca profundidade, escavadas no solo ou na rocha	Amplamente documentado no nosso território	Pelo menos desde o século IX-X até ao século XII-XIII (datações radiocarbono nº20 e nº75)
	Com cobertura de blocos pétreos de média dimensão ou lajes de pedra local ou de cerâmica	Por vezes argamassadas estas também podiam em simultâneo delimitar os sepulcros	Conímbriga (Condeixa, nº3), Alto da Vigia (Sintra, nº19), Escola Secundária Diogo de Gouveia (Beja, nº21), Lancinha 3 (Beja, nº32), Rossio do Carmo (Mértola, nº43), Travessa Nossa Senhora das Neves (Mértola, nº44), Museu de Évora (nº51), Quinta da Boavista (Loulé, nº67), Hospital da Misericórdia de Loulé (nº68), Cerro da vila (Loulé, nº69), Malhada Velha II (Tavira, nº78), Alcaria de Furnazinhas (Castro Marim, nº89)	Muito provavelmente representados durante todo o período islâmico pois estão amplamente documentados nas necrópoles mais antigas e de longa diacronia: nº3; nº21; nº43; nº44; nº67 e 68.
	Com cobertura de telhas	Dispostas transversalmente ou longitudinalmente, numa ou em duas fileiras	Alporão e Largo Candido dos Reis (Santarém, nº5 e 6), Escola Secundária Diogo de Gouveia (Beja, nº21), Quinta do Estácio (Beja, nº28), Quinta do Castelo 1 (Beja, nº34), Rossio do Carmo (Mértola, nº43), Quinta da Boavista (Loulé, nº67), Quinta do Lago/Tejo do Praio (Loulé, nº72), Alcaria de Vila Longa (Alcoutim, nº80), Alcaria de Corte Gago, Alcaria do Marroquil, Alcarias do Tanoeiro, Alcaria de Arraia e Vale do Bôto (Castro Marim, nº84, 85, 86, 88 e 91)	Muito provavelmente representados durante todo o período islâmico pois estão amplamente documentados nas necrópoles mais antigas e de longa diacronia: nº5, nº6, nº21, nº43 e 67)

Com cobertura de <i>tegulae</i>	Reutilização dos materiais romanos	Conímbriga (Condeixa, nº3), Rossio do Carmo (Mértola, nº43), Cerro da vila (Loulé, nº69)	Representado nas necrópoles com maior antiguidade
Com cobertura de tijolos ou ladrilhos	Os tijolos por vezes são de adobe e pode estar simultaneamente a delimitar a sepultura	Alporão (Santarém, nº5), Quinta do Estácio (Beja, nº28), Monte Branco 1 (Beja, nº35), Museu de Évora (nº51), Rua do Miradouro (Juromenha, nº54), Bairro de Letes (Faro, nº74)	Pelo menos anteriores ao século XI
Com cobertura de pequenos elementos pétreos e fragmentos cerâmicos	Também podiam delimitar a sepultura	Xancra II (Beja, nº24), Travessa Nossa Senhora das Neves (Mértola, nº44), Rua 25 de Abril (Silves, nº60), <i>Ribat</i> da Arrifana (Aljezur, nº66)	—

Tipo	Variante	Descrição	Exemplos	Cronologia
Complexo dupla fossa <i>lahd</i> e <i>šaqq</i>	<i>Lahd</i> lateral esquerdo ou direito	Sepultura composta por duas fossas: uma pré-fossa (<i>šaqq</i>) de maiores dimensões e mais superficial preenchida por um covacho mais pequeno (<i>lahd</i>) que circunscreve o inumado	Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal, nº50)	—
	<i>Lahd</i> centrada		Escola Secundária Diogo de Gouveia (Beja, nº21), Xancra II (Beja, nº24), Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal, nº50)	—
	Com cobertura de telhas	Na fossa mais pequena (<i>lahd</i> , seja lateral ou centrada) com ou sem decoração	Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal, nº50)	—
	Com cobertura de lajes ou por blocos pétreos	Na fossa mais pequena (<i>lahd</i>), seja lateral ou centrada. Por vezes também podem estar a delimitar a sepultura	Ribeira de São Domingos 1 (Beja, nº39), Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal, nº50), <i>Ribat</i> da Arrifana (Aljezur, nº66)	—
Sepulturas duplas	x	Sepultura que alberga mais do que um inumado	Rossio do Carmo (Mértola, nº43), Maqbara do castelo (Alcácer do Sal, nº46), Rua do Miradouro (Alandroal, nº54), Quinta da Boavista (Loulé, nº67), Quinta do Lago/Tejo do Praio (Loulé, nº72)	—
Mausoléu	x	Estrutura rectangular pavimentada, composta por blocos lajeados e por uma tampa semicilíndrica de argamassa	Rua 25 de Abril (Silves, nº60)	Entre os séculos IX e XI

Fig.6. Tabela de síntese das tipologias sepulcrais identificadas no *Gharb* “português” e respectiva cronologia.

À semelhança do espólio funerário referente aos objectos pessoais, as sepulturas estruturadas (principalmente as mais trabalhadas) despontam nas áreas com maior vínculo urbano⁴⁰, assim como os grandes mausoléus surgem frequentemente nas zonas subordinadas à corte, isto é, na Andaluzia e, especialmente, em Córdova (Casal García, 2001, p.291-294; Fernández Domínguez, 1995; Fernández Guirado, 1995; Martínez García *et all*, 1995; López López *et all*, 1995).

Para além dos dados arqueológicos, os relatos literários indicam-nos que os próprios juristas demonstraram um patente desagrado materializado na implementação de várias *fatwa*(s) ao longo do tempo. Uma delas, que desaprovava este tipo de construções, remonta à primeira metade do século IX, estas meramente revestidas em gesso ou estuque, somando as proibições até ao período almorávida referentes aos grandes panteões. Este tipo de edificações, desde as mais simples aos grandes mausoléus, eram consideradas para os teólogos claras manifestações de aparato da vida mundana e, simultaneamente, discriminação entre muçulmanos (Fierro, 2000, p.157, 159, 162, 163).

Nada obstante, em concordância com a proposta de Roselló Bordoy, as únicas estelas epigrafadas directamente associadas a inumações islâmicas em Portugal, portanto as do *Ribat* da Arrifana (vide epígrafes nº36 e 37), encontravam-se incorporadas em sepulcros estruturados (Barceló, 2016, p.125 e 132).

Após esta abordagem sobre a diferenciação social, estamos agora perante um vasto conjunto tipológico, díspar da prescrita sepultura simples, que nos leva a colocar uma nova questão sobre a “mesa”: de que forma esta pluralidade de sepulcros está filiada a um enquadramento cronológico?

Neste sentido, tentaremos nos parágrafos que se seguem encontrar um critério cronológico para estes arquétipos.

Indubitavelmente, o fenómeno das sepulturas simples, sem qualquer tipo de estruturação, é observável em plenitude na Península Ibérica, independentemente do seu enquadramento espacial (urbano ou rural) e cronológico⁴¹. Perante este cenário, Maribel

⁴⁰ Incluindo as grandes propriedades periféricas que se encontravam nas mãos dos senhores citadinos. Idealmente, deveria aplicar algumas ferramentas de SIG para compreender esta influência com os núcleos urbanos, abrangendo as vias de circulação utilizadas na época. Todavia, devido à extensão desse tipo de análise, não me debrucei, de momento sobre essa matéria.

⁴¹ São inúmeros os testemunhos desta presença, ademais dos exemplares portugueses apresentados ao longo desta dissertação, no território espanhol incluem Pamplona (séc. VIII-X) (Faro Carballa, Barberena Unzu e Unzu Urmeneta, 2007-08), Puerta de Toledo em Saragoça (séc. IX-XI/XII) (Galve Izquierdo, 1995), San Nicolas em Ávila (séc. VIII-IX) (Moreda Blanco e Serrano Noriega, 2008), Circo romano/San Lazaro de

Fierro defende que este tipo de sepulcro não estará globalmente interligado às condicionantes sócio-económicas; mas também poderá estar igualmente associado à devoção face aos princípios do Islão (Fierro, 2000, p.178).

De igual forma, as sepulturas com revestimento interior ou exterior, com delimitação e/ou cobertura de lajes, telhas ou ladrilhos (por vezes combinados num mesmo sepulcro) são outro fenómeno recorrente que abarca todo o período islâmico⁴². Aparentemente, as restrições malaquitas toleravam o uso de alguns materiais de construção, incluindo os acima indicados, sob o pretexto de conceber robustez e durabilidade aos túmulos (Fierro, 2000, p.178-179).

Documenta-se também, num número significativo de necrópoles, a reutilização de materiais romanos (mormente silhares, ladrilhos, *tegulae* e figuras escultóricas⁴³) na composição dos jazigos islâmicos. A presença destes elementos será, muito provavelmente, fruto do sentido de oportunidade destas comunidades face aos materiais sem finalidade e ao seu alcance.

Diante deste panorama, alguns investigadores consideram que a utilização destes elementos mais acessíveis e singelos, para além da função de contraforte dos túmulos e quiçá distintiva da morte, será simultaneamente um reflexo da continuidade de costumes de outras culturas cristãs, mormente visigoda e moçárabe, principalmente por parte dos muladis e das comunidades rurais (Alba, 2011, p.24 e 41; Peral Bejarano, 1995, p.16). Infelizmente esta conjectura é difícil de aferir no contexto do *Gharb* al-Andalus uma vez que, à excepção do mausoléu de Silves e dos complexos de dupla fossa centrada ou lateral (*lahd* e *šaqq*), a larga maioria dos sepulcros são estruturados com estes elementos.

Também no território português observam-se fossas sepulcrais que albergam mais do que um esqueleto no seu interior. Conquanto que no *Gharb* compõem apenas dois inumados (tal como observado na Rua do Miradouro nº29, na necrópole de Beja

Toledo (séc. VIII-XII) (Rodríguez Fernández e Rosado Tejerizo, 2015; Juan Garcia, 1985), as necrópoles de Mérida (séc.VIII-XIII) (Alba, 2002; Alba, 2011; Barrientos Vera, 2001), San Nicolas e Puerta Gil Rida em Lorca (séc. XI-XIII) (Navarro Palazon, 1986; Ponce García, 2002; Ramírez Águila e González Guerao, 2005), Maroques Bajos em Jaén (com sepulturas simples em todos os níveis de enterramentos, desde séc. VIII-XII/XIII) (Castillo Armenteros *et alli*, 2011; Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000), os vários almocavares de Córdova (séc. VIII-XV) (Casal García, 2001; León Meñoz, 2008-09), Bab Bayyanna em Almeria (séc. XI-XIV) (Martínez García, Mellado Sáez e Muñoz Martín, 1995), entre outros.

⁴² Engloba praticamente as necrópoles referenciadas no rodapé anterior

⁴³ Nomeadamente no Rossio do Carmo (Mértola, nº54), no Cerro da Vila (Loulé, nº78), na Puerta de Toledo (Saragoça) (Galve Izquierdo, 1995) e nas necrópoles de Mérida, A reutilização de uma estátua foi registado na necrópole sul de Mérida (Alba, 2002, 343; Alba, 2011, p.29, 33; Barrientos Vera, 2001, p.19).

nº46, na Quinta do Lago nº77 e no Rossio do Carmo nº54) podendo alcançar excepcionalmente os quatro esqueletos (como na maqbara de Alcácer do Sal nº21), no contexto espanhol excedem estes números⁴⁴ podendo atingir oito defuntos num mesmo sepulcro (Bienes Calvo, 2006, p.56).

Logicamente interpretamos esta partilha do mesmo túmulo como alusivos a laços de parentesco – uma vez que os indivíduos que se acompanham grosso modo são do sexo oposto e por vezes estão agrupados com um inumado não adulto – sendo que alguns autores propõem também como solução para as adversidades sócio-económicas dos defuntos (Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.153).

Relativamente às sepulturas de dupla fossa central ou lateral (o complexo *lahd* e *šaqq*) pouco logram de complementares informações. Segundo as fontes escritas, à parte das fossas simples, este seria dos invólucros mais piedosos e mais adequados para albergar um muçulmano, sendo frequentemente usado por *ulema*(s) (Chávet Lozoya *et all*, 2006, p.153 e 159; Ribera y Tarragó, 1928, p.254). Certamente em reflexo desta indicação, o complexo *lahd* e *šaqq* tem alguma representação na Península Ibérica mas sem nunca alcançar os numerosos testemunhos das sepulturas simples sem estruturação. Em Portugal apenas se identificam a sul do Tejo (mormente os nº24, 34, 42 e 86) e em Espanha registam-se na necrópole sul e leste de Mérida (séc. VIII-IX e VIII-XIII) (Alba, 2011, p.28 e 45), no Cabezo de Aljezar em Múrcia (Sanchez Pravia, Gallego Gallardo e Bernal Pascual, 1987, p.150-154), na necrópole da Iglesia del Carmen em Lorca (séc. VIII-XI) (Chávet Lozoya e Sánchez Gallego, 2010, p.20), em Maroques Bajos em Jaén (nos níveis VIII-IX e IX-X) (Castillo Armenteros *et all*, 2011, p.287; Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000, p.103-104) e em Priego de Córdoba (séc. VIII-XV) (Carmona Ávila, 2005, p.96).

Após esta exposição, depreendemos que as sepulturas islâmicas representadas em Portugal correspondem às mais sóbrias e modestas de entre as múltiplas variantes tipológicas definidas por Carmen Peral Bejarano e Inés Fernandez Guirado (vide fig.2, fig.6 e mapa nº5). Se observarmos a tabela delineada e articularmos com os dados apresentados neste tópico, atestamos a ilação de Fernandez Guirado relativamente ao século XII. Como indica esta investigadora, nessa mesma centúria assiste-se ao

⁴⁴ Abarcam também todos os períodos cronológicos. À parte dos panteões familiares, identificaram-se em Espanha numa das necrópoles de Mérida (Alba, 2002, p.353), na necrópole na calle Polo Medina em Múrcia (Pozo Martínez, 1989, p.415), na maqbara de Marroques Bajos em Jaen (Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000, p.102), na necrópole Umm Salama em Córdoba (Casal García, 2001, p.291), entre outros.

despontar de sumptuosos sepulcros nas mais diversas formas (desde adobes, ladrilhos vidrados, cabeceiras semicirculares, grandes panteões, etc), época em que parte do território actualmente português já não estava sob domínio islâmico, embora as sepulturas simples nunca tenham desvanecido no registo arqueológico devido à sua fácil execução e baixo custo económico (Fernandez Guirado, 1995, p.48).

Ademais desta conjectura, o território do *Gharb* sempre teve uma forte componente moçárabe e actuou como região periférica do Andalus, longe dos centros de poder onde se registam em maior número este tipo de túmulos e, porventura, com maior viabilidade de prorrogar e manter as materialidades sepulcrais cristãs.

Por fim, antes de terminar este tópico, devo fazer uma breve referência à identificação de pregos e por vezes de madeiras, indicativos da presença de caixões, no interior das sepulturas islâmicas.

Nada obstante, a utilização destes elementos para o transporte dos defuntos até às necrópoles era recorrente; contudo e em contrapartida, era na inumação no interior dos caixões que consistia a verdadeira reprovação por parte dos juristas (Fierro, 2000, p.158 e 181).

Alguns investigadores crêem que esta utilização de caixões nos sepulcros tem maior adesão, entre finais do século XI e inícios do XII, principalmente nos núcleos urbanos, e relacionam esta realidade com uma degeneração ritual devido à pressão cristã sob os muçulmanos. Estes propõem também que esta adopção poderá ser uma solução tomada para preservação dos esqueletos (Fierro, 2000, p.180; Peral Bejarano, 1995, p.23).

Infelizmente, ambas as conjecturas são difíceis de aferir no repertório arqueológico. No contexto português, as *maqbara*(s) com presença de pregos localizam-se a sul do Tejo (nomeadamente nº50, 82, 83, 74, 75), onde o domínio islâmico mais perdurou, e nas quais não existem cronologias referentes precisas dos inumados associados a estes elementos. Deste modo, estes pregos enquadram-se genericamente em todo o período islâmico.

No território espanhol as necrópoles com presença de pregos e madeiras nos sepulcros abarcam as várias centúrias do período islâmico, como demonstrado, por exemplo, na *maqbara* de Herrerias na Cantábria (séc. IX) (Bienes Calvo, 2006, p.51), na necrópole de San Nicolas em Ávila (séc. VIII-XI) (Moreda Blanco e Serrano Noriega, 2008, p.209), no almocavar do circo romano de Toledo (séc. VIII-XII) (Juan Garcia, 1985, p.642; Rodriguez Fernandez e Rosado Tejerizo, 2015, p.227), o de Roteró

em Valência (séc. XI-XII/XIII) (Pascual Pacheco e Serrano Marcos, 1996, p.236), de Marroquies Bajos em Jáen (no nível estratigráfico séc.VIII-IX apenas) (Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000, p.99 e 103), no de Puerta de Puerchena em Almeria e no de Almoina y Roterros em Valencia (séc.XI) (Peral Bejarano, 1995, p.24).

1.4. Implantação das sepulturas e a sua articulação com a paisagem

Decerto que as cidades altomedievais incorporaram as velhas estruturas urbanas romanas e tardo-antigas reaproveitando e adaptando os seus edifícios públicos e religiosos. Invariavelmente, o mesmo sucede em relação aos espaços funerários, onde a continuidade do uso do espaço é também uma realidade.

Tal como indicado na primeira parte desta dissertação, as necrópoles islâmicas implantaram-se extramuros, junto às portas da cidade e nas imediações das vias principais. Neste sentido, frequentemente os núcleos funerários sobrepõem-se ao longo do tempo, encontrando-se esta realidade amplamente documentada no território peninsular⁴⁵.

Somente as *rawda(s)* onde se inumavam os altos dignitários e a “família real”, e os sepulcros privados nos núcleos habitacionais (vide o exemplo da Quinta do Lago no capítulo referente aos núcleos funerários de Faro), localizar-se-iam excepcionalmente intramuros. Caso se registem almocavares que não correspondam a estes padrões e se encontrem no interior do perímetro das antigas muralhas, tratar-se-ão seguramente de núcleos funerários primitivos, localizados em espaços que, ao longo do tempo, foram sendo absorvidos pelo crescimento urbano. Todavia, para rectificar esta premissa devem ser considerados os momentos fundacionais dessas mesmas necrópoles como também analisadas as dinâmicas, os padrões e subseqüentes transformações urbanas.

Relativamente às *maqbara(s)* rurais, embora não persistam volumosos dados concernentes às mesmas, é unânime entre os investigadores que estas se encontrassem nas imediações das alcarias, dos *husun* e dos caminhos que os compunham (Catarino, 1997-98, p.104; Peral Bejarano, 1995, p.16).

⁴⁵ Mais uma vez os exemplos são numerosos. Em Portugal atestam-se continuidades nas necrópoles urbanas nº4, 5, 10, 46-48 e 54-55. Em Espanha registam-se na necrópole de Almoina em Valência, de Puerta de Toledo em Saragoça, de Santa Clara em Segóvia (Peral Bejarano, 1995, p.20; Souto, 1991, p.57), na necrópole a norte de Mérida (Alba, 2011, p.34), e na Maqbarat Amir al-Qurasi, na Maqbarat mut'a e na Maqbarat Al-Rabad em Córdova (Casal García, 2001, p.301, 304 e 306).

Em todo o caso, independentemente do meio onde estes núcleos funerários se inserem, existem dois aspectos que ambos partilham: a proximidade com a água – nas mais diversas formas, sejam termas, banhos, mananciais, fontes ou linhas de água sujeitas a inundação – e de zonas destinadas à produção oleira (Casal García *et all*, 2006, p.270; Catarino, 1997-98, p.101; Fierro, 2000, p.171; León Muñoz, 2008-09, p.41).

Não é de todo incógnita a íntima relação entre a água e os seguidores do Crescente. Ademais da sua utilidade concernente aos cuidados diários de higiene, tem também uma vertente ascética que integra as práticas culturais incluindo as prescrições funerárias (Epalza, 1987, p.15; Fierro, 2000, p.172).

Este vínculo vital e transcendente documenta-se nos almocavares portugueses, mormente nas imediações de antigas termas romanas e de banhos islâmicos: necrópole das termas de Conímbriga (nº4); Rua de Avis (nº31); Calçadinha do Tijolo (nº10); Largo das Olarias e Rua dos Lagares (nº11); Rua 25 de Abril (nº82)⁴⁶. Junto de fontes: Rua do Sequeiro (nº37)⁴⁷. Perto de linhas de água e de mananciais: Telhal (nº14); Quinta do Estácio 5 (nº50); Malhada do Vale da Água (nº44); Monte Branco 1 (nº45); Torre Velha 3 (nº52); Rua do Miradouro (nº29); Comporta (nº84); Alcaria de Arge (nº85); Fonte da Rata 1 (nº73)⁴⁸; Castelinho (nº79); Sítio da Torre (nº72); as necrópoles rurais prospectadas (nº56-69 e 71); o Castelinho de Altamura (nº65) e Vale do Bôto (nº70). Em outros casos, porventura, associados ao mar e a sapais: Alto da Vigia (nº19); Rua Francisco Augusto Flamengo (nº20); Quinta do Lago (nº77); e Cerro da Vila (nº78).

Nos almocaveres espanhóis registam-se nas antigas termas romanas e banhos islâmicos em Pamplona (Faro Carballa, Barberena Unzo e Unzo Urmeneta, 2007-08, p.9-10) e na Calle Polo de Medina em Múrcia (Pozo Martínez, 1989, p.415), entre outras estruturas hidráulicas e mananciais como Yabal Faruh (Málaga) (Fernandez Guirado, 1995, p.41) e na necrópole sul de Mérida (Barrientos, 2001, p.25).

⁴⁶ Para a necrópole da Rua de Avis, as termas romanas na actual Câmara Municipal de Évora encontram-se relativamente perto, contudo, não tenho garantia sobre a sua relação. A calçada do tijolinho está nas imediações dos banhos de Alfama. Embora não se conheça a localização exacta, a mouraria de Lisboa era detentora dos seus próprios banhos e porventura poderiam ser anexos ao Largo das Olarias (Gomez, Macias e Torres, 2007, p.119; Oliveira Marques, 1981, p.21 e 24; Sidarus e Rei, 2001, p.38 e 71; Torres e Macias, 1998, p.99). Relativamente à Rua 25 de Abril, esta está associada aos *hammam(s)* instalados na antiga prisão de Silves (Gomes, 1999, p..1588)

⁴⁷ Mais propriamente, a fonte de Santa Comba (Macias, Gaspar e Valente, 2016, p.67)

⁴⁸ “junto do caminho este/oeste ficava a cova da fonte da rata, onde ainda brota agua (sobretudo no inverno), já sem quaisquer vestígios de fonte, mas com antigos canais de rega nas proximidades” (Catarino, 1990/00, p.104)

Todavia, devemos ter em consideração que alguns destes elementos, principalmente as linhas de água, poderão ter sofrido alterações e, nesse sentido, não serem contemporâneos aos núcleos funerários islâmicos. Indubitavelmente, seria deveras interessante explorar esta problemática; contudo, devido ao avolumado número de necrópoles, debruçarmo-nos nessa análise sobrecarregaria substancialmente esta dissertação. De qualquer das formas, ficam sinalizados em anexo estes locais para futuras contribuições.

Relativamente às áreas de produção oleira, em oposição, creio que a proximidade das *maqbara(s)* é simples fruto do acaso. Considerando que ambos os arqueossítios, embora de distintas funções, se implantam extramuros, estes fortuitamente podem coincidir no local (a escassos metros de distância) como também no tempo. Esta conjectura é observada no almocavar de San Nicolas em Múrcia, no do circo romano de Toledo, no de Denia e no da Puerta de Puerchena, em Almeria (Peral Bejarano, 1995, p.21), e em Portugal no Largo das Olarias e na Rua dos Lagares (nº11), assim como, no segundo almocavar mourisco de Elvas (nº28).

Outro aspecto importante e que merece ser mencionado neste tópico são as sepulturas escavadas na rocha, uma vez que se trata de uma realidade constatada no contexto funerário islâmico. Embora inequivocamente tendemos a considerar estes sepulcros como de índole cristã, de facto, eram de igual modo utilizados por comunidades de diferentes credos religiosos, incluindo judeus e muçulmanos. Tal como indica Jorge López Quiroga, as sepulturas escavadas na rocha não são propriamente um fenómeno característico de um único grupo populacional (López Quiroga, 2010, p.358).

À semelhança das olarias, interpreto as sepulturas islâmicas escavadas na rocha como mera casualidade. Creio que as prescrições doutriniais – que incluem o distanciamento dos núcleos habitacionais, a proximidade das portas, das vias, e da água – são um factor de excelência para a eleição do espaço sepulcral que, eventualmente, podia atingir o afloramento rochoso. A título de exemplo, a necrópole da cidade de Beja (nº46) e o núcleo funerário Lancinha 3 (nº33) atingem uma parte da rocha mãe e, por conseguinte, alguns dos seus sepulcros são parcialmente escavados no solo e na rocha.

V. Conclusões gerais e perspectivas futuras

“Nenhum autor está obrigado a esgotar a matéria de que trata, nem se deve envergonhar se, entre muitas coisas que sabe, ignore algumas”

Rafael Bluteau, 1712, tomo I, Prólogo do Autor, p.36

Num emaranhado de informações dispersas, perdidas e por vezes incompletas, compenetrei-me e aventurei-me na sistematização possível destes dados, a partir da bibliografia disponível, enquanto me absorvia, paralelamente, nos padrões e excepções dos rituais funerários.

Perante a conjugação e cruzamento desses arquétipos levantei interrogações, lancei propostas e procurei alcançar sempre uma resposta, por vezes sem sucesso. Por outro lado, as limitações instituídas nesta dissertação de igual modo não permitiram aprofundar e explorar, tanto quanto desejaria, alguns aspectos pertinentes. É, pois, neste sentido que a primeira parte da citação de Rafael Bluteau se enquadra.

Ademais dessas vicissitudes, o próprio tema em questão é consideravelmente duradouro, senão mesmo infundável, visto que os dados estão em constante actualização. Ainda que, da compilação reunida até à data, não consigo garantir que esteja efectivamente completa, podendo ter-me escapado eventualmente alguma publicação⁴⁹.

Com este depoimento, passamos à segunda parte da citação de Rafael Bluteau: o reconhecimento das nossas limitações enquanto investigadores.

Na ousadia do começo de um novo tema surgem, naturalmente, lacunas que no futuro se podem transfigurar em propostas obtusas e inadequadas. Todavia, é neste sentido que enfatizo a palavra “começo”. Para além de aceitar os meus limites enquanto mestranda, essas mesmas falhas fazem parte do princípio de qualquer tipo de estudo que se inicie.

De qualquer modo, sem querer cair na descrença, certamente este não será o último trabalho concernente às necrópoles do *Gharb* e, por seguinte, colmatar-se-ão ocasionais lacunas e aperfeiçoar-se-ão deduções.

⁴⁹ Curiosamente, após a defesa desta dissertação e durante o período de retificação da mesma, enquanto me debruçava em ocasionais leituras, deparei-me fortuitamente com mais dois enterramentos islâmicos identificados no interior da abside de Monte Mosteiro (Mértola) e no Santuário de S. Miguel da Mota (Real, 2015, p.65; Guerra *et all*, 2003, p.440-441). Aqui fica a indicação para futuras contribuições.

Ao longo desta dissertação, a partir da formação de um *corpus* inicial de testemunhos funerários, procurei apurar sobre a tão proclamada sobriedade da ritualização islâmica, e sobre a tão evidente, e no entanto tão contraditória, estruturação de sepulcros e variação do posicionamento final de inumação. Afinal, de entre as oitenta e seis evidências registadas, cinquenta e cinco apresentam, de alguma forma, discrepâncias nos preceitos corânicos (23 na orientação e/ou posição, e 32 no tipo de sepultura). Estaríamos perante comunidades, de tal maneira obsoletas das normas religiosas, que se equivocavam com tanta frequência no modo de sepultar os seus mortos?

Mediante este avolumado número de *maqbara(s)* (compreendendo 61 almocavares escavados, 16 prospectados, 5 referências documentais, 2 toponímicas e 2 indeterminados; perfazendo um total de 32 necrópoles urbanas e 54 rurais), foi possível abordar esta conjectura e averiguar, de certa forma, o seu paralelismo com a evolução litúrgica, e categorizar as tipologias sepulcrais presentes. De igual forma, foi exequível a análise da distribuição dos cemitérios e sepulturas islâmicas, no território nacional, e a sua relação com o espaço envolvente, nomeadamente os seus pontos cruciais e predilectos de implantação topográfica. Por certo, espero ter progredido para a convenção de um padrão sistemático e organizacional dos sepulcros islâmicos do *Gharb* “português”, não descurando nunca, necessariamente, a sua correlação com o restante território de al-Andalus.

Idealmente, para o tema abordado, seria interessante confirmar, através de escavações arqueológicas, os dados indirectos – isto é topográficos, documentais e epigráficos – como também articular e verificar as conjecturas referentes às evoluções culturais e tipológicas através de datações por radiocarbono.

Em jeito de conclusão, apelo para uma reformulação do registo arqueológico de campo que, por norma, se caracteriza por uma exumação mecânica do material osteológico. Sugiro que se desenvolva um olhar mais atento para a implantação topográfica dos almocavares e, sobretudo, para a leitura do próprio espaço sepulcral, e sua envolvência, tal como Philip Barker defendia: “a carefully surveyed plan of the whole cemetery is vital if its growth, use and abandonment are to be fully understood. Changes of orientation or the size and shape of the graves, or their grouping, can only be studied from a full and accurate plan. (...)” (Barker, 1993, p.125). Só desta forma será possível compreender as áreas de circulação, de aglomeração, e eventuais traços de hierarquização ou diferenciação social, através da leitura não só dos jazigos como dos

próprios inumados que os compõem (mormente distinção de género e étnica, esta última analisada após o trabalho de campo).

VI. Glossário

Almocavar – evolução toponímica de *Al-maqbara* (vide *maqbara*)

Al-qarya قرية (pl. القرى Qura) – aldeia

Bab باب (pl. Abuáb أبواب) – porta

Fatwa فتوى – opinião/interpretação de um clérigo em relação a um determinado assunto religioso de forma a esclarecer e orientar os crentes em certas decisões

Fiqh فقه – direito canónico islâmico

Hadith حديث (pl. Ahadith الأحاديث) – registos dos relatos orais da *sunna* do profeta Muhammed

Hammam حمام = banhos públicos

Hisn حصن (pl. Husun حصون) – fortaleza, castelo e o seu território

Imam إمام (pl. Aymá أئمة) – líder religioso

Iqlim إقليم (pl. Aqalim أقاليم) – “subdistrito”

Jihad جهاد – conceito com vários significados que erroneamente se generaliza como “guerra santa”. À parte de acções militares, *jihad* pode indicar uma luta pessoal e interior associada a uma constante senda que o muçulmano percorre para se tornar um virtuoso e piedoso crente aos olhos do Criador

Kura كورة (pl. Kuwr كور) – distrito/ comarca

Madina مدينة (pl. Mudun مدن) – cidade

Madrassa مدرسة (pl. Madáris مدارس) – actualmente aplicável às escolas como estabelecimento de ensino; contudo, neste contexto, tratar-se-ia de uma instituição educacional corânica para o estudo da *Shariah*

Masjid مسجد (pl. Masájid مساجد) – mesquita

Masjid Aljama مسجد الجامع – Mesquita central

Maqbara مقبرة (pl. Maqábir مقابر) – cemitério/necrópole

Mihrab محراب (pl. Mahárib محاريب) – literalmente “nicho”. Corresponde à abertura semi-circular numa das paredes das mesquitas que indica a direcção que os muçulmanos devem adoptar para rezar;

Mqabriyya مقبرية – Estela prismática, normalmente de secção triangular, com ou sem inscrições epigráficas, colocada em cima de uma sepultura. Estas conferiam alguma monumentalidade às jazidas. O tipo de material mais comum utilizado era argamassa, cerâmica e mármore.

Mufti مفتي (pl. Muftiin مفتيين) – erudito muçulmano que interpreta a *sharia* e o *fiqh*

Muladi مولد (pl. Muwaladun مولدون) – autóctone convertido ao Islão ou filho de um casamento misto entre um muçulmano e uma cristã que seguiu o legado islâmico.

Murábit مرابط (pl. Murábitun مرابطون) – termo com variados significados: dinastia almorávida; militante muçulmano; eremita sufi santificado após a sua morte; pequenas mesquitas (de planta quadrangular, com mihrab e cúpula) que albergavam estes “santos”.

Musalla مصلى – oratório ao ar livre

Mustarab مستعرب (pl. Mustaribun مستعربون) – moçarabe; cristãos que se arabizaram, sob o domínio muçulmano, no Al-Andaluz mantendo as suas práticas religiosas

Qabr قبر (pl. Qubur قبور) – sepultura

Qubba قبة (pl. Qibáb قباب) – literalmente “cúpula” ou “abóbada”, mas pode corresponder igualmente a um monumento funerário que facilmente pode ser confundido com um *murabit* pela sua arquitectura. Igualmente detentora de uma planta quadrangular e de uma abóbada, distingue-se pela ausência de um mihrab e, por seguinte, diferencia-se na sua função.

Rawda روضة – literalmente significa jardim; corresponde à necrópole palatina instalada no interior das muralhas e nas imediações da alcáçova.

Ribat رباط (pl. Ruwabit روابط) – convento-fortaleza; centro onde se estabeleciam guerreiros devotos que se dedicavam à vida religiosa e à prática da *jihād*

Shaada شهادة – literalmente “certificado” ou “testemunho”, fórmula religiosa dos muçulmanos para testemunhar a sua fé

Shariah شريعة – código legislativo e religioso com base no Corão e na *Sunna* do profeta

Sunna سنة (pl. Sunan سنن) – literalmente “caminho”; compreende as práticas diárias segundo a tradição do profeta Muhammed, nomeadamente as suas acções e hábitos, seguindo-as como exemplo

Ulema علماء (‘alim عالِم) – semelhante a mufti.

VII. Referências bibliográficas

ABAD CASTRO, Concepción; GONZÁLEZ, Ignacio (2008) – Los enterramientos reales de Córdova y el particularismo religioso andalusí en el contexto de la arquitectura funeraria islámica hasta el siglo X. *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*. Madrid. Vol. 20, p.7-18.

ALARCÃO, Jorge de (1979) – As origens de Coimbra. *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra. P.23-40.

ALARCÃO, Jorge de (2004a) – In território Colimbrie: lugares velhos (e alguns deles, deslembados) do Mondego. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. Nº38.

ALARCÃO, Jorge de (2004b) – Conímbriga, 20 anos depois. *Perspectivas sobre Conimbriga*. Coimbra. P.97-114.

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra: a Montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

ALARCÃO, Jorge; BARROCA, Mário (2012) – *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinha.

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert (1977) – *Fouilles de Conimbriga I**, L'architecture. Paris: diffusion de Boccard.

ALBA, Miguel (2002) – Un área funeraria islámica emplazada sobre un barrero de época romana: intervención arqueológica realizada en el solar situado en la confluencia de la calle Dámaso Alonso y la Avenida de Lusitania (Mérida). *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida. Nº8, p.343-374.

ALBA, Miguel (2011) – Las áreas funerarias paleoislámicas de Mérida. *I-II Jornadas de Arqueología e Historia Medieval*. Mérida. P.13-56.

ALBA CALZADO, Miguel (2011) – Las áreas funerarias paleoislámicas de Mérida. *La Marca Inferior de al-Andalus. I-II Jornadas de Arqueologia e História Medieval*. Mérida. P.13-56.

ALBERGARIA, João (2001a) – *Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico: A2 – Sub-Lanço de S. Bartolomeu de Messines\VLA. Escavação arqueológica na Portela 3 (Sítio 2)*. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Era – Arqueologia, Lda. Lisboa. [Não publicado]

ALBERGARIA, João (2001b) – Contributo para um modelo de estudo de impacte patrimonial: o exemplo da A2 (Lanço de Almodôvar/VLA). *Era Arqueologia*. Lisboa. Nº4, p.84-101.

ALEMÃO, Samuel (2016, 16 de Junho) – Descoberta grande necrópole medieval de “enorme importância” na Mouraria. *O Corvo*. Disponível em: <http://ocorvo.pt/descoberta-grande-necropole-medieval-de-enorme-importancia-na-mouraria/>

ALMADA, Victorino d' (2013) – *Elementos para um Dicionário de Geographia e Historia Portuguesa: Concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boím e Villa Fernando*. Elvas: Câmara Municipal, 2ªed. Tomo Primeiro.

ALMEIDA, Maria José (2000) – *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ALVES, Adalberto (2013) – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ALVES, Catarina *et all* (2009) – *Relatório Final – 2ª Fase – Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*. Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

AMADO, Adelaide (1995) – *Cronologia do Concelho de Albufeira*. Albufeira: Câmara Municipal.

AMARO, Clementino (1998) – Arqueologia islâmica em Lisboa: um percurso possível. *Portugal Islâmico: os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. P.61-71

ANSELMO, Daniela (2016) – *Relatório Antropológico acerca do estudo do espólio osteológico proveniente da necrópole islâmica de Juromenha (Alandroal)*. [Não publicado]

ARÍE, Rachel (1983) – Espanha musulmana (siglos VIII-XV). *História de Espanha*. Barcelona: Editorial Labor. Tomo III.

ARRUDA, Ana Margarida; CAMPOS, Carla; FREITAS, Vera; FERREIRA, Maria (2002) – *Intervenção Arqueológica Realizada no Loteamento de S. Lourenço, Quinta do Lago, 2001-2002. Relatório Final*. [Não publicado]

ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui; FREITAS, Vera (2003) – O Sítio Islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e

caracterização. *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. Silves. Nº4, p.247-264.

BAPTISTA, Lúcia (2017) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico Caliços-Machados e respectivos blocos de rega – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica: Monte Novo de Casqueiros 7. Relatório Final*. Arqueologia e Património, Lda. [Não publicado]

BAPTISTA, Lúcia; FIGUEIREDO, Margarida; GOMES, Sérgio (2013) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra. Intervenção arqueológica: Monte do Peso. Relatório Final*. Arqueologia e Património, Lda. [Não publicado]

BAPTISTA, Lúcia; PINHEIRO, Rui; GOMES, Sérgio (2013) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Malhada do Vale da Água. Relatório Final*. Arqueologia e Património, Lda. [Não publicado]

BARCELÓ, Carmen (1990) – Estructura textual de los epitáfios andalusíes (siglos IX-XIII). *Homenaje a Manuel Ocaña Jiménez*. Córdoba. P.41-54.

BARCELÓ, Carmen (2001) – Columnas “Arabizadas” en Basílicas y Santuários del Occidente de Al-Andalus. *La islamización de la Extremadura Romana*. Mérida. P.87-137.

BARCELÓ, Carmen (2002) – Escritos árabes en la basílica paleocristiana de Casa de Herrera (Mérida, España). *Madridier Mitteilungen*. Wiesbaden. Nº43, p.299-315.

BARCELÓ, Carmen (2016) – Inscripciones en ribat de al-Andalus (Guardamar y Arrifana). *MARQ, Arqueología y Museos*. Alicante. Nº7, p.117-139.

BARCELÓ, Carmen; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011) – Estela Funerária Epigrafada, do Ribat da Arrifana (Aljezur). *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa. P.147-156.

BARCELÓ, Carmen; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2013) – Lápides islâmicas da necrópole do Ribat da Arrifana (Aljezur). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, Volume 3, p.305-323.

BARCELÓ, Carmen; LABARTA, Ana (1987) – Dos inscripciones Árabes Halladas en Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. Vol.VIII, p.239-243.

BARCELÓ, Carmen; LABARTA, Ana (1994) – Epitafio árabe del museo de Faro (Portugal). *Al-Qantara*. Madrid. Nº15: 1, P.236-240.

BARKER, Philip (1993) – *Techniques of archaeological excavation*. London: Routledge.

BARRADAS, Elisabete (2008) – Relatório final do acompanhamento e das sondagens arqueológicas de prédio sito na Avenida 5 de Outubro, Santarém. Ozecarus, Serviços de Arqueologia, Lda. [Não publicado]

BARRIENTOS VERA, Teresa (2001) – Excavación en la maqbara andalusí de la zona sur de Mérida: intervención arqueológica realizada en el solar nº60 de la calle Concordia. *Mérida, excavaciones arqueológica*. Mérida. Nº7, p.15-34.

BARROCA, Mário (2000) – Epigrafia Medieval Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I-III.

BARROS, Maria Filomena (1998) – *A comuna muçulmana de Lisboa: sécs. XIV e XV*. Lisboa: Editora Hugin.

BARROS, Henrique da Gama (1936) – Communas de judeus e comunas de mouros. *Revista Lusitana*. Lisboa. Vol. XXXIV, p.165-265.

BATATA, Carlos (2005) – *Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e Escavação na Rua de Aviz, nº91 Évora*. Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. [Não publicado]

BATATA, Carlos; PEREIRA, Rui (2014) – *Relatório Final de Sondagem e Acompanhamento Arqueológico realizado na Travessa do Froes, Santarém, para colocação de infra-estruturas de telecomunicações da PT*. Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. [Não publicado]

BEIRANTE, Maria Ângela (1988) – *Évora na Idade Média*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BIENES CALVO, Juan José (2006) – La Necrópolis Islámica de Herrerías. *Revista del Centro de Estudios Merindad de Tudela*. Tudela. Nº14, p.41-62.

BLUTEAU, Rafael (1712-1728) – *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, cómico, critico, chimico, dogmatico, dialéctico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero...autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinus...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Tomo I. Disponível em: <http://purl.pt/13969>

BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia; SILVA, Telmo (2013a) – Silos Medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material. *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia; SILVA, Telmo (2013b) – Travessa das Capuchas (Santarém). Silos e espólios trecentistas numa necrópole islâmica: primeira notícia. *Al-madan online*. Almada. II Série (18), Tomo I, p.132-134. Disponível em: https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18_1_online

BORGES, Artur Goulart de Melo (1991) – Panorâmica da epigrafia árabe em Portugal. *Estudos Orientais: II: O Legado Cultural de Judeus e Mouros*. Lisboa. P.91-102

BORGES, Artur Goulart de Melo (1998) – Epigrafia árabe no Gharb. *Portugal Islâmico: Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa. P.227-255.

BORGES, Artur Goulart de Melo (2001) – Epigrafia. *Museu de Mértola: arte islâmica*. Mértola. P.181-187.

BORGES, Artur Goulart de Melo; MACIAS, Santiago (1992) – Almocavar de Moura. Localização e epigrafia. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº1, p.64-70.

BORGES, Marco (2012) – A defesa costeira do litoral de Sintra-Cascais durante o Garb al-Ândalus. I – Em torno do porto de Colares. *História*. Porto. IV série, vol. 2, p.109-128.

BRAZUNA, Sandra; GODINHO, Ricardo (2009) - Culture and taphonomy at the islamic Necropolis of Xancra II, Beja. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Nº 4, p. 65-70.

BRAZUNA, Sandra; GODINHO, Ricardo (2014) – Xancra II (Cuba, Beja): resultados preliminares da necrópole islâmica. *Memórias d’Odiana, Estudos Arqueológicos do Alqueva: 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002-2010)*. 2ª Série, p.219-224.

BUGALHÃO, Joaquina (2009) – Lisboa Islâmica: uma realidade em construção. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9. P. 377-391.

BUGALHÃO, Joaquina; GOMEZ, Susana (2005) – Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Palmela. P.237-262.

CANDÓN MORALES, Alicia (1999) – La Colección Antropológica del Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI): Reconstruir La Sociedade y los Modos de Vida a partir del Registro Funerario. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº6, p.277-292.

CANDÓN MORALES, Alicia (2001) – A necrópole islâmica de Mértola. *Museu de Mértola: arte islâmica*. Mértola. P.83-99.

CANDÓN MORALES, Alicia; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2004) – Estudio osteoarqueológico del enterramiento del “Sítio da Torre”, Tavira. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular – A Ocupação Islâmica da Península Ibérica*. Faro. Vol. XI, p.117-123.

CANDÓN MORALES, Alicia *et all* (2004) – El registro Funerario de Mértola, Portugal (siglos II-XVI). Análisis Preliminar de las Necrópolis Palocristiana e Islámica del Rossio do Carmo. *Actas do II encontro de arqueologia do sudoeste peninsular (Faro, 7 e 8 de Novembro de 1996)*. Faro. P.221-231.

CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.

CARMONA ÁVILA, Rafael (2005) – El Palenque (Priego de Córdoba): introducción a su evolución urbana según la aportación de la arqueología y una revisión de las fuentes bibliográficas y documentales. *Antiqvitas*. Córdoba. Nº17, p.83-136.

CARNEIRO, André (2005) – *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri.

CARON, Laurent (2014) – *Construção para a Requalificação e Valorização do Jardim das Portas do Sol, em Santarém*. Relatório de escavação arqueológica. [Não publicado].

CARVALHO, António; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol Aires (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica: Arqueologia e História de uma Medina do Garb Al-andalus (Séculos VIII-XIII)*. Câmara Municipal: Alcácer do Sal.

CARVALHO, António; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2008) – *Al-Qasr Arqueologia e História de uma Madina do Garb al-Andalus sécs VIII-XIII*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal.

CARVALHO, Carmen (2003) – *Intervenção Antropológica na encosta ocidental do castelo de Alcácer do Sal – Obra EDP*. Relatório de Escavação Antropológica [Não publicado]

CARVALHO, Helder (2011) – *Remodelação da rede de águas de abastecimento público de Beja – 2ª Fase. Acompanhamento Arqueológico*. Novarqueologia. [Não publicado]

CARVALHO, José (2015) – *Execução do Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos e Respectivos Blocos de Rega – Quinta do Castelo 1: Sondagens Arqueológicas*.

Relatório Final. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultural, Lda. [Não publicado]

CASA, Carlos de la; DOMÉNECH, Manuela (1995) – La estela funerária en la Península Ibérica: Desde los orígenes a nuestros días. *Cuadernos de etnología y etnografía de Navarra*. Navarra. Nº65, p.63-76.

CASAL GARCÍA, Maria Teresa (2001) – Los cementerios islámicos de Qurtuba. *Anales de arqueología cordobesa*. Córdoba. Nº12, p.283-313.

CASAL GARCÍA, María Teresa; LEÓN MUÑOZ, Alberto; LÓPEZ GUERRERO, Rosa; VALDIVIESO RAMOS, Ana; SORIANO CASTRO, Patricio José (2006) – Espacio y usos funerarios en la Qurtuba islámica. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. Nº17, p.257-290.

CASTILLO ARMENTEROS, Juan Carlos; NAVARRO PÉREZ, Mercedes; SERRENO PEÑA, José Luis (2011) – Las Maqbaras de marroquíes bajos (Jaén) en torno al 711. *711. Arqueologia e História entre dos mundos*. Madrid. Nº15, vol. I, p.273- 292.

CASTRO, Luís (2012) – *Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico em Fase Prévia à Execução do Projecto de Construção do Bloco de Rega de Ervidel, Sítio do Monte Branco 1. Trabalhos de Arqueologia: Relatório Final*. Ecovisão. [Não publicado]

CATARINO, Helena (1984) – Questões gerais sobre o povoamento árabe medieval no Algarve oriental. *3º congresso sobre o Algarve*. Montechoro. Vol. 1, p.15-26

CATARINO, Helena (1988) – *Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental (Concelhos de Alcoutim e Castro Marim)*. Prova de aptidão pedagógica e científica. Coimbra.

CATARINO, Helena (1989) – Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve Oriental e o castelo de velho de Alcoutim. *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo. Vol. II, p. 296-305

CATARINO, Helena (1990) – Vestígios muçulmanos no nordeste algarvio e o castelo velho de Alcoutim. *6º congresso do Algarve*. Vol.1, p.25-31

CATARINO, Helena (1993a) – A ocupação islâmica. *História de Portugal – dos tempos Pré-históricos aos nossos dias*. Amadora. Vol. 3, p.47-92.

CATARINO, Helena (1993b) – O Castelo de Paderne (Albufeira): Resultados da Primeira Intervenção Arqueológica. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº3, p.73-87.

CATARINO, Helena (1997-98) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – povoamento e recintos fortificados. *Al-Ulyã*. Loulé. Vol.I, II e III.

CATARINO, Helena (1999a) – O Garbe Al-Andaluz: definição territorial e administrativa. *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias*. Lisboa. P. 69-74.

CATARINO, Helena (1999b) – *Castelo de Salir: Relatório da Campanha de 1998*. [Não publicado]

CATARINO, Helena (1999/00) – O castelo de Salir: escavações da campanha de 1998. *Al-'ulyã*. Loulé. Nº7, p.77-128.

CATARINO, Helena (2000) – Castelos e território omíada na kura de Oconoba. *Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Lisboa. P.29-44.

CATARINO, Helena. (2002) - Herança islâmica na *Madinat al-'Uliã* (Loulé) - arqueologia e território *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro*. Lisboa. P.130-142.

CATARINO, Helena (2005) – Notas sobre o período islâmico na Marca Inferior (Tagr al-Gharbí) e as escavações na Universidade de Coimbra. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*. Palmela. P.195-214.

CATARINO, Helena (2008) – A marca inferior em Portugal na época de Almansor: hipóteses de trabalho e os exemplos de Viseu e Coimbra. *La Península Ibérica al filo del año 1000: Congreso Internacional Almanzor y su época*. Córdoba. P.123-146.

CATARINO, Helena; ARRUDA, Ana Margarida; GONÇALVES, Vitor (1981) – Vale do Bôto: escavações de 1981 no complexo árabe/medieval. *Clio*. Lisboa. Vol. 3, p.9-28.

CHALMETA, Pedro (1994) – *Invasión e Islamización: La sumisión de Hispania y la formación de al-Andalus*. Madrid: MAPFRE.

CHÁVET LOZOYA, María; SÁNCHEZ GALLEGO, Rubén (2010) – Hallazgos Arqueológicos Inéditos en la Ciudad de Lorca: Resultados de la Intervención Científica desarrollada en el Entorno de la Iglesia del Carmen (Barrio de Gracia). *Clavis*. Lorca. Nº6, p.9-31.

CHÁVET LOZOYA, María; SÁNCHEZ GALLEGO, Rubén; PADIAL PÉREZ, Jorge (2006) – Ensayo de Rituales de Enterramiento Islámicos en Al-Andalus. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. Vol. 22, p.149-161.

COELHO, António Borges (1989a) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: Editora Caminho (2^ad). Vol. 1 – Geografia e Cultura.

COELHO, António Borges (1989b) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: Editora Caminho (2^ad). Vol. 2 – Geografia e Cultura.

COELHO, António Borges (2010) – *História de Portugal: Donde viemos*. Lisboa: Editorial Caminho. Vol. I.

COELHO, Catarina (2013) – Castelo de Sintra: evidências arqueológicas do quotidiano entre os séculos IX-XII. *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*. Lisboa. Vol. II, p.739-744.

CONDE, Manuel (2005) – Fronteira, guerra e organização social do espaço: o Vale do Tejo, entre muçulmanos e cristãos (séculos IX-XIII). *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*. Palmela. P.43-52.

CONDE, Manuel (2007) - Madînat Shantarîn. Uma aproximação à paisagem da Santarém Medieval (séculos X-XII). *Actas do Colóquio Santarém na Idade Média*. Santarém. P. 348-350.

CORREIA, António (1945) – *Toponímia Coimbrã. Zona da Sé Velha e Arco de Almedina*. Coimbra: Edições da Biblioteca Municipal. Volume I.

CORREIA, António (1952) – *Toponímia Coimbrã. Zona da Universidade*. Coimbra: Edições da Biblioteca Municipal. Volume II.

CORREIA, Fernando Branco (2013) – *Elvas na Idade Média*. Lisboa e Évora: Edição Colibri e CIDEHUS.

CORREIA, Vergílio (1946) – *Obras*. Vol. I. Coimbra: Actas Universitatis Conimbrigencis.

CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira (1947) – *Inventário Artístico de Portugal: Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

CORREIA, Virgílio Hipólito; DE MAN, Adriaan; REIS, Maria Pilar (2011) – A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *Conímbriga*. Coimbra. Vol. L, p.127-146.

COSTA, Catarina; FARIA, Fernando (2009) – *Relatório Antropológico – Torre Velha (Serpa)*. Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

COSTA, Maria Luísa (2016) – *Carta Arqueológica do Concelho da Vidigueira*. Vidigueira: Câmara Municipal.

CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1998) – *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. Hugin Editores, Lda.

CUNHA, Eugénia; MARQUES, Carina; SILVA, Ana Maria (2001-2002) – O passado em al-Ulyã: estudo antropológico de uma população muçulmana. *Al-ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé. Nº8, p.35-49.

CURTO HOMEDES, Albert; LORIENTE PEREZ, Ana; LANDIN, Maria Rosario; ROS BARBOSA, Elisa (1985) – El cementeri musulma del castell de la suda de Tortosa (Tarragona). *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*. Huesca. Vol. III, p.655-665.

DE MAN, Adriaan; SOARES, António Monge (2007) – A datação pelo radiocarbono de contextos pós-romanos de Conimbriga. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 10, nº2, p.285-294.

DE MAN, Adriaan; SOARES, António Monge; MARTINS, José (2010) – A Datação pelo radiocarbono de contextos funerários da denominada basílica paleocristã de Conímbriga. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº11, p.5-9.

DOMINGUES, José Garcia (1956) – *Novos aspectos da Silves arábica: documentos e comentários*. Vila Nova de Famalicão: Tipografia Minerva. Figura 5.

DOMINGUES, José Garcia (1988) – Beja na Época Árabe. *Arquivo de Beja*. Beja. II Série: volume II, p.21-31.

DOMINGUES, José Garcia (1997) – *Portugal e o Al-Andalus*. Lisboa: Hugin.

DOMINGUES, José Garcia (2011) – *O Gharb Al-Andalus. Textos de Garcia Domingues*. Silves: Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves.

ENCARNAÇÃO, José d'; CARDOSO, Guilherme (1987a) – Relatório da Sondagem Efectuada no Arneiro (Carcavelos). *Relatório de Escavação*. [Não publicado]

ENCARNAÇÃO, José d'; CARDOSO, Guilherme (1987b) – Cemitério Medieval do Arneiro. *Informação Arqueológica*. Lisboa. Nº9, p.59.

EPALZA, Milkel de (1987) – El agua en el derecho musulman. *Agua y poblamiento musulman (Simposium de Benissa)*. Benissa. P.13-19.

FABIÃO, Carlos Jorge (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FARIA, João Carlos (2000) – *Intervenção Arqueológica na Necrópole de São Francisco (Alcácer do Sal, Setúbal)*. Arqueohoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda. [Não publicado]

FARIA, João Carlos (2003) – *Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico do Troço Subterrâneo entre o PT Enatur – Castelo de Alcácer do Sal e o PT Santa Luzia*. Relatório Final. [Não publicado]

FARINHA, Elisa (2012) – *As necrópoles do espaço urbano de Conímbriga: inventariação, documentação, e estudo de espólios associados*. Relatório de estágio de 2º ciclo apresentada à Universidade de Coimbra.

FARO CARBALLA, José Antonio; BARBERENA UNZU, María García; UNZU URMENETA, Mercedes (2007-08) – Pamplona y el Islam. Nuevos testimonios arqueológicos. *Trabajos de arqueología Navarra*. Navarra. Nº20, p.229-284.

FERNANDES, Hermenegildo (2002) – Em torno de Santarin: Posição e Funções. *De Scallabis a Santarém*. Lisboa. P.47-58

FERNANDES, Pedro Queirós (2011) – *O Mundo Funerário na Santarém Medieval. O Largo Cândido dos Reis no contexto das necrópoles medievais escalabitanas. Análise paleobiológica de uma amostra osteológica humana*. Relatório de Estágio no Mestrado em Arqueologia e Território. Coimbra: Universidade de Coimbra.

FERNÁNDEZ DOMÍNGUEZ, Carmen (1995) – Último sondeo en el cementerio islámico de Málaga. *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga. P.69-82.

FERNÁNDEZ GUIRADO, Inés (1995) – La necropolis musulmana de Yabal Faruh (Malaga). Nuevas aportaciones. *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga. P.37-68.

FERREIRA, Ângela (2009) – *Intervenção Arqueológica do Sítio do Telhal – Sintra. Minimização de Impactes Sobre o Património Arqueológico Decorrentes das Obras de Construção do IC 16 (inclui projectos do Nó de Interligação A16/19 e A16/IC16: lanço CREL/Lourel)*. Relatório Final. Ecovisão, Tecnologias do Meio Ambiente, Lda. [Não publicado]

FERREIRA, Maria (2002) – *Relatório do Estudo Antropológico realizado ao material osteológico proveniente do loteamento de São Lourenço, Campanha de 2001, Quinta do Lago*. [Não publicado]

FERREIRA, Maria Teresa (2006) – *Rua Portas de Mértola, Beja. Estudo de Análise Antropológica*. Styx – estudos de antropologia, lda. [Não publicado]

FERREIRA, Maria Teresa (2007) – *Rua de Mértola, Beja. Estudo de Análise Antropológica*. Styx – estudos de antropologia, lda. [Não publicado]

FERREIRA, Maria Teresa (2009) – *Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Relatório dos Trabalhos de Antropologia Biológica Desenvolvidos no âmbito da Minimização de Impactes no Sítio da Torre Velha 3*. Styx – Estudos de Antropologia, Lda.

FIERRO, Maríbel (2000) – El espacio de los muertos: fetuas andalusíes sobre tumbas y cementerios. *L'urbanisme dans l'Occident musulman au Moyen Âge. Aspects juridiques*. Madrid. P.153-189.

FIERRO BELLO, Maria Isabel (1991) – El Derecho Maliki en Al-Andalus: Siglos II/VIII-V/XI. *Al-qantara: Revista de estudos árabes*. Madrid. Vol.12, fasc. 1, p.119-132.

FIGUEIREDO, Borges de (1884) – Oppida retituta. As cidades mortas de Portugal. Emínio. Separata do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Lisboa. 5ª série, 2.

FILIPE, Vanessa (2012) – *Contributo para o conhecimento da presença islâmica em Yabura*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

FILIPE, Vanessa (2015) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica: Calçadinha do Tijolo nº37/43, Lisboa*. Relatório de Escavação. [Não publicado]

FRADE, Helena; CAETANO, José Carlos (1993) – Ritos funerários romanos no nordeste Alentejano. *II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra. P.847-872.

GALVE IZQUIERDO, Pilar (1995) – Necrópolis islâmica de la puerta de Toledo (Zaragoza): nuevas excavaciones. *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga. P.117-136.

GALLARDO CARRILLO, Juan; EGEA VIVANCOS, Alejandro (2000-03) – La necrópolis islâmica de Lorquí. Excavación de urgência en la calle Huertos. *Memorias de Arqueología de la Región de Murcia*. Murcia. Nº15, p.731-740. Disponível em: <http://www.patrimur.es/web/patrimonio-cultural/-/memorias-de-arqueologia-15>

GALVE IZQUIERDO, Pilar (1995) – Necrópolis islâmica de la puerta de Toledo (Zaragoza): nuevas excavaciones. *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga. P.117-136.

GALVE IZQUIERDO, Pilar; BENAVENTE SERRANO, José (1989) – La necrópolis islâmica de la Puerta de Toledo de Zaragoza. *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo. II Comunicaciones, p.383-387.

GAMEIRO, Ana Lisa (1998) - *A necrópole de Conímbriga: Estudo Antropológico de alguns dos seus restos humanos*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.

GAMITO, Teresa (2004) – Uqxûnuba and its territory. *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*. Faro. P.133-141.

GAMITO, Teresa (2007) – *O Algarve e o Magreb*. Faro: Universidade do Algarve.

GARCÍA GOMEZ, Emilio (1978) – *Poesías: Ibn Al-Zaqqaq*. Madrid: Instituto Hispano-árabe de cultura. 2ªedição, nº1.

GARCÍA MACÍA, José; ALFOSEA SÁEZ, Emilia (1997) – Un cementerio islámico en Callosa de Segura, Alicante. *Actas del XXIII Congreso Nacional de Arqueología*. Murcia. Vol. II, p.445-456.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1997) – *Relatório das Escavações Arqueológicas do Espírito Santo II*.

GODINHO, Ricardo (2010) – *Relatório dos Trabalhos de Antropologia: Rua Francisco Augusto Flamengo (Setúbal)*. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado]

GODINHO, Ricardo; GRANJA, Raquel (2011) - *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra). Sub-bloco da Magoita – C6: Ribeira de S. Domingos 1. Relatório dos Trabalhos Antropológicos*. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado]

GOMES, Maria Elisa (1970) – Monumentos arqueológicos inéditos do Concelho de Silves. *Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia*. Vol. II. Lisboa. P.75-94.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1988) – *Levantamento arqueológico-bibliográfico do Algarve*. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa.

GOMES, Mónica; SANTOS, Raquel (2011) – *Segundo Relatório Preliminar da Intervenção Arqueológica na Escola Secundária Diogo de Gouveia, Beja*. Neoépica, Arqueologia e Património. [Não publicado]

GOMES, Mónica, SANTOS, Raquel (2014) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica na Escola Secundária Diogo de Gouveia, Beja*. Neoépica, Arqueologia e Património. [Não publicado].

GOMES, Mónica, SANTOS, Raquel (2015) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica na Escola Secundária Diogo de Gouveia, Beja*. Neoépica, Arqueologia e Património. [Não publicado].

GOMES, Rosa Varela (1999) – *Silves (Xelb) – uma cidade do Gharb Al-Andalus: arqueologia e história (séculos VIII-XIII)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

GOMES, Rosa Varela (2002a) – Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. Nº23.

GOMES, Rosa Varela (2002b) – Silves Islâmica. *O Mediterrâneo Ocidental: Identidades e Fronteiras*. Lisboa. P.93-118.

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2007) – Quotidiano, religião e guerra santa. *Ribat da Arrifana. Cultura Material e Espiritualidade*. Aljezur. P. 65-81

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2014a) – The Arrifana Ribat (Algarve). The study of the necropolis. *Bulletin Fondation Max Van Berchem*. Genève. Nº28, p.3-6

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2014b) – *Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). Relatório Final dos Trabalhos de 2011*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. [Não publicado]

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2015a) – The Arrifana Ribat (Algarve). Sacred spaces and ideological context (12th century). *Arqueologia Medieval: els espais sagrats*. Agira. VII, p.151-176.

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2015b) – O Ribat da Arrifana – dos textos ao contexto. *D'Aquém, D'Além e D'ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*. Lisboa. Vol. I, p.617-632.

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2015c) – *Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). O estudo da Necrópole. Relatório dos Trabalhos de 2014*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. [Não publicado].

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (coord) (2008) – *Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008: Trinta Anos de Arqueologia*. Mértola: Câmara Municipal.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana *et all* (2009) – Mértola Islâmica. A madina e o arrabalde. *Xelb: revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9, p.405-427.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana *et all* (2012) – A cidade e o seu território no Gharb al-Andalus através da cerâmica. *Actas do Congresso Internacional: A cerâmica medieval no mediterrâneo*. Silves. P.19-50.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LE BARS, Dominique (2005) - *Trabalhos Arqueológicos na Travessa Nossa Senhora das Neves, nº4, Mértola*. Relatório preliminar [Não publicado]

GOMEZ MARTÍNEZ, Susana; MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (2007) – Las ciudades del Garb al-Andalus. *Al-Ándalus país de ciudades*. Toledo. P.115-132

GONÇALVES, Alexandre (2013) – *Alto da Vigia (Colares, Sintra) Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. [Não publicado]

GONÇALVES, Alexandre (2016) – *Alto da Vigia: Santuário Romano Astral e Ribat de Alconchel. AVISRARA (Projecto de Investigação. Escavação Arqueológica do Alto da Vigia (Colares – Sintra): Relatório da Intervenção realizada em 2015*. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. [Não publicado]

GONÇALVES, Ana. *et all*. (1998) - *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª fase – 1997), Relatório dos Trabalhos Realizados*, ARKHAIOS. [Não publicado]

GONÇALVES, José Pires (1962) – *Monsaraz e o seu termo: ensaio monográfico*. Évora: Junta Distrital. I Parte.

GONÇALVES, José Pires (1964) – A Cuba de Monsaraz. *A Cidade de Évora*. Évora. 1ª Série, nº74, p.9-27.

GONÇALVES, José Pires (1966) – *Monsaraz: vida, morte ressurreição de uma vila alentejana*. Lisboa: Edição da Casa do Alentejo.

GONÇALVES, Maria José (2009) – Silves Islâmica: deambulando pelo Arrabalde Oriental. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9, p.489-524.

GONÇALVES, Maria José (2010) – Novas problemáticas relacionadas com a topografia da cidade islâmica de Silves. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº11, p.121-138.

GONÇALVES, Maria José; PEREIRA, Vera; PIRES, Alexandra; RODRIGUES, Zélia (2010) – Novos dados sobre os espaços sepulcrais da cidade de Silves. Resultados

preliminares dos trabalhos de Acompanhamento Arqueológico da instalação de infra-estruturas na rua de acesso ao Castelo. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº10. P.851-863.

GONÇALVES, Vitor; CATARINO, Helena; ARRUDA, Ana Margarida (1980) – O sítio romano-árabe do Vale do Bôto. Notícias da sua identificação. *Clio*. Lisboa. Vol. 2, p.71-79

GONÇALVES, Vitor; ARRUDA, Ana Margarida; CATARINO, Helena (1983-84) – Três intervenções sobre a arqueologia do Algarve. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. Nº1, p.191-196.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos; ALMEIDA, Rui (2003) – Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal) a campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol.6, nº2, p.415-479.

GUICHARD, Pierre (1998) – *Al-Andalus. Estructura Antropológica de una Sociedad Islámica en Occidente*. Colección Archivum. Granada: Editorial da Universidade.

HAUSCHILD, Theodor. (1992) – *Relatório preliminar das escavações junto ao templo romano, 1989-1992*. Instituto Arqueológico Alemão. [Não publicado]

HAUSCHILD, Theodor. (2001) - Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções. *Lusíada. Arqueologia, História da Arte e Património*. Lisboa. 1ª Série: nº1, p.69-91.

HAYEK, Samir el (2010) – *Alcorão*. Colecção: os vinte livros que mudaram o Mundo. Lisboa: jornal O Público.

HELENO, Manuel (1951) – Arqueologia de Elvas. Notícia preliminar: parecer apresentado na sessão da 2ª sub-secção da 6ª secção da J.N.E. de 17 de Dezembro de 1949. *Arqueólogo Português*. Lisboa. 2ª série, 1ª volume, p.83-94.

INOCÊNCIO, Joana (2015) – *Projecto de Salvaguarda de Valores Arqueológicos do Imóvel sito na Calçadinha do Tijolo n.ºs. 37 a 43, Alfama (Freguesia de Santa Maria Maior, Lisboa)*. Relatório de Antropologia. [Não publicado]

IZQUIERDO BENITO, Ricardo (1989) – Los cementerios de la ciudad hispanomusulmana de Vascos. *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo. Vol. 2, p.391-396.

JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2009) – *Alto da Vigia (Colares, Sintra) Trabalhos arqueológicos de 2008*. Relatório de escavação. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. [Não publicado]

JUAN GARCIA, Antonio de (1985) – Enterramientos medievales en el circo romano de Toledo: estudio tipológico. *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*. Huesca. Tomo III, p.641-654.

JUROMENHA, Visconde de (1989-90) – *Sintra Pinturesca ou Memória Descritiva da Vila de Sintra, Colares e seus arredores*. Sintra: Câmara Municipal.

KEMNITZ, Eva-Maria von (1993-94) – Candis da coleção do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, nº11/12, p.427-472.

LABARTA, Ana (2015) – Epigrafía Árabe sobre Piedra en el Garb Al-Andalus. *Epigrafía árabe y Arqueología medieval*. Granada. P.205-238.

LABARTA, Ana (2017) – *Anillos de la Península Ibérica (711-1611)*. Valência: Gráficas Alhorí.

LABARTA, Ana; BARCELÓ, Carmen (1987) – Inscripciones Árabes Portuguesas: Situación Actual. *Al-Qantara*. Madrid. Vol. VIII, p.395-420.

LABARTA, Ana; LÓPEZ FLORES, Inmculada; LÓPEZ JIMÉNEZ, Agustín (2014-2015) – Anillos y cornalinas de época califal hallados en cuatro enterramientos cordobeses. *Anales de Arqueología Cordobesa*, Cordova, Vol. Nº 25-26, p 255-278.

LAROUSSE, Pierre-Athanase (1866-77) – *Grand Dictionnaire Universel du XIXe siècle: français, historique, géographique, mythologique, bibliographique, littéraire, artistique, scientifique, etc.* Paris: Administration du grand Dictionnaire universel. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&collapsing=disabled&rk=64378;0&query=%28gallica%20all%20%22le%20grand%20dictionnaire%20universal%20du%20siele%20xix%22%29%20and%20dc.relation%20al%20%22cb33995829b%22>

LE BARS, Dominique (2005a) – Nouveau projet de recherche sur le site funéraire de Rossio do Carmo, Mértola. *Al-Ândalus, Espaço de Mudança: Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais*. Mértola. P.140-147.

LE BARS, Dominique (2005b) – Étude archeo-antropologique de la nécropole musulmane de Rossio do Carmo, Mértola: bilan des fouilles anciennes (1981-1990). *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº9, p.233-259.

LE BARS, Dominique (2008) – Intervenção de emergência na necrópole islâmica de Mértola (2005-2006). *Vipasca*. Aljustrel. IIª Série, nº2, p.508-512.

LE BARS, Dominique; SANTOS, Ana Rita (2006) – *Trabalhos Arqueológicos na Travessa Nossa Senhora das Neves, nº4, Mértola*. Relatório Final [Não publicado]

LEÓN MUÑOZ, Alberto (2008-09) – “Hombres! La promesa de Dios es verdadera”...El mundo funerário islâmico en Córdoba (siglos VIII-XIII). *Arqueologia Medieval*. Catalunha. Nº4-5, p.24-49. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/ArqueologiaMedieval/article/view/254544>

LEWIS, Bernard (1995) – *Os árabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa, lda.

LIBERATO, Marco (2011) - *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de Mestrado apresentada para a Universidade de Lisboa

LIBERATO, Marco (2012) – Novos dados sobre a paisagem urbana da Santarém Medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão. *Medievalista online*. Nº11. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11/liberato1107.html>

LONGÁS, Pedro (1915) – *La vida religiosa de los moriscos*. Madrid: Imprenta Ibérica.

LOPES, David (1895a) – Algumas moedas árabes da Península encontradas no Algarve. *Archeologo português*. Lisboa. Vol. I. P. 97-103

LOPES, David (1895b) - Cousas arábico-portuguesas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Vol. I. p.273-279.

LOPES, David (1896) – Cousas arábico-portuguesas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Vol. II, p.204-210.

LOPES, David (1968) – *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes.

LOPES, Virgílio (2004) – *Mértola na Antiguidade Tardia*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LÓPEZ LÓPEZ, Manuel; FRESNEDA PADILLA, Eduardo; TORO MOYANO, Isidoro; PEÑA RODRÍGUEZ, José Manuel; ARROYO PÉREZ, Encarnación (1995) – La necrópolis musulmana de Puerta Elvira (Granada). *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga. P.137-155.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2010) – *Arqueología del mundo funerário en la Península Ibérica (siglos V al X)*. Madrid: La Ergastula.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2013) – De Conimbriga a Condeixa: Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldea’ medieval. *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. Oxford. P.319-341.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio Manuel (2012) – Sobre las excavaciones arqueológicas en la domus Tancinus (2004-2008) y la Conimbriga tardo-antigua y medieval. *Antiguidad y Cristianismo. Monografías Históricas sobre la Antiguidad Tardía*. Múrcia. Vol. XXIX, P.413-430.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio Manuel (2015) – Conímbriga después de Conimbriga. Evolución y transformación durante la Antiguidad Tardía y la Edad Media. *Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León. P.459-487.

LUCAS, Margarida (2006) – *A necrópole de Cerro da Vila, em Vilamoura: análise antropológica dos indivíduos exumados*. Dissertação de Antropologia Biológica apresentada à Universidade de Coimbra.

LUZIA, Isabel (1999-2000) – A escavação arqueológica de emergência do cemitério muçulmano da “Quinta da Boavista”. *Al-ulyã Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé. Nº7, p.129-185.

LUZIA, Isabel (2002) – O passado de *Al-ulyã*: a escavação arqueológica do cemitério muçulmano. *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro*. Lisboa. P.151-156.

LUZIA, Isabel (2003) – O contributo da investigação arqueológica para o conhecimento do passado histórico da cidade de Loulé. *Acta do 4º encontro de arqueologia urbana*. P.11-21.

MACHADO, José (1992) – Arabismos na Toponímia Lisboeta. Separata do boletim *Língua Portuguesa*. Lisboa. Série Estudos e Conferências, nº13, p.1-42.

MACHADO, José (1993) – *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

MACIAS, Santiago (2002) – Mértola – memórias de cidade islâmica. *Património Islâmico dos Centros Urbanos do Algarve: Contributos para o Futuro*. Algarve. P.112-128.

MACIAS, Santiago (2005a) – *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico. Volume I.

MACIAS, Santiago (2005b) – Islamização no território de Beja – reflexões para um debate. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXXIX, nº173, p.807-826.

MACIAS, Santiago (2014) – Basílica Paleocristã. *Museu de Mértola: Catálogo Geral*. Mértola. P.43-63

MACIAS, Santiago; GASPAS, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo (2016) – *Castelo de Moura. Escavações Arqueológicas 1989-2013*. Moura: Câmara Municipal. Vol. I e II.

MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (1993) – *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico.

MAIA, Maria (2000) – *Levantamento da Carta Arqueológica da Freguesia do Cachopo*. Tavira: Associação Campo Arqueológico.

MANTAS, Vasco (1992) – Notas sobre a estrutura urbana de *Aeminium*. *Biblos LXVIII*. Coimbra

MARQUES, Teresa (1992) - *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagos, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel*. IPPAR. Lisboa.

MARQUES, Teresa (1995) - *Carta Arqueológica de Portugal: concelhos de faro, Olhão -Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim - Alcoutim*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

MÁRQUEZ PÉREZ, Juana (2002) – Excavación de una de las áreas funerárias al sur de la ciudad, desde la segunda mitad del s.I d.C. hasta época andalusí: una maqbara al sur de Marida. *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida. Nº8, p.281-308.

MARTINEZ GARCÍA, Juana; MUÑOZ MARTÍN, María del Mar; MELLADO SÁEZ, Carmen (1995) – Las necrópolis hispanomusulmanes de Almería. *Estudios sobre cementerios islâmicos andalusíes*. Málaga. P.83-117.

MARTÍNEZ GARCIA, Julián; MELLADO SÁEZ, Carmen; MUÑOZ MARTÍN, Maria del Mar (1995) – Las necrópolis hispanomusulmanas de Almeria. *Estudios sobre cementerios islâmicos andalusíes*. Málaga. P.83-115.

MARTÍNEZ GARCÍA, Julián; MUÑOZ MARTÍN, María del Mar; MELLADO SÁEZ, Carmen (1995) – Las necrópolis hispanomusulmanes de Almería. *Estudios sobre cementerios islâmicos andalusíes*. Málaga. P.83-117.

MARTÍNEZ NÚÑEZ, Maria Antonia (1994) – La Estela Funeraria en el Mundo Andalusi. *Actas del V Congreso Internacional de Estelas Funerarias*. Soria. P.419-444.

MARTINEZ NUÑEZ, Maria Antonia (2000) – Al-Andalus y la documentacion epigráfica. *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*. Lisboa. P.89-121.

MARTÍNEZ NÚÑEZ, Maria Antonia (2001) – Epigrafía funerária en al-Andalus (siglos IX-XII. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Disponível em: <http://mcv.revues.org/3907>

MARTÍNEZ NÚÑEZ, Maria Antonia (2008) – El Corán en los textos epigráficos andalusies. *El Corán ayer y hoy. Perspectivas actuales sobre el islam*. Córdoba. P.125-144.

MARTÍNEZ NÚÑEZ, Maria Antonia (2009) – Epigrafia árabe e história de al-Andalus: nuevos hallazgos y datos. *Xelb: revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9, p.39-53.

MARTINS, Inês; SANTOS, Raquel (2013) – Rituais Funerários na Necrópole Medieval Islâmica de Beja. *Arqueologia em Portugal, 150 anos: I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. P.931-936.

MATALOTO, Rui (2015) – *Juromenha Rua do Miradouro – Sondagens de Caracterização*. [Não publicado]

MATIAS, António (2009a) - Culturas distintas, um mesmo espaço. O Largo Cândido dos Reis na caracterização de gestos do quotidiano e rituais funerários de Santarém medieval. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9, p. 637-654.

MATIAS, António (2009b) – Anatomia de um complexo funerário. Perspectivas bioantropológica do Largo Cândido dos Reis em Santarém. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº 9, p.655-676

MATIAS, António (2009c) – *Largo Cândido dos Reis 2. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos e Antropológicos*. Santarém. [Não publicado].

MATIAS, Henrique; SIMÃO, Inês; NUNES, Tiago (2016) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Vale do Gaião (Fase de obra) e do Adutor de Vale do Gaião (troço 4): Fase de obra. Sondagens Arqueológicas. Horta do Pinheiro 5. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado]

MAZZOLI-GUINTARD, Christine (1996) – *Villes d'al-Andalus. L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIII-XV siècles)*. Rennes: Presses Universitaires.

MATOS, José Luís de (1971) – Vilamoura. Cerro da Vila – Escavações de 1971. *Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III: volume V. p.201-214.

MATOS, José Luís de (1983) – *Relatório de Trabalhos Arqueológicos. Cerro da Vila*. Projecto Arqueologia Árabe no Sul de Portugal. [Não publicado]

MATOS, José Luís de (1996) – Cerro da Vila. *Al-ulyã*. Loulé. Nº5, p.23-28.

MATOS, José Luís de (1997a) – Cerro da Vila. *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa. P.387-393.

MATOS, José Luís de (1997b) – O período islâmico no Cerro da Vila. *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa. P.459-467.

MAZZOLI-GUINTARD, Christine (1996) – *Villes d'al-Andalus. L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIII-XV siècles)*. Rennes: Presses Universitaires.

MCMILLAN, Garnett P. (1997) – A Preliminary Analysis of the Paleochristian and Islamic Cemeteries of Rossio do Carmo, Mértola, Portugal. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº5, p.13-22

MENDES, David (2014) – *Circuito Hidráulico de Baleizão-Quintos e respectivos Blocos de Rega (fase de obra) – Quinta do Estácio 5. Relatório Final*. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda. [Não publicado]

MOITA, Irisalva (1959) – *I Congresso Nacional de Arqueologia*. Ocidente. Vol. LVI. Nº252, p.218-232.

MOITA, Irisalva (1967) – Lápide Funerária proveniente de um Almocavar de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. Vol. XXVIII, nº114-115, p.81-86.

MOREDA BLANCO, Francisco Javier; SERRANO NORIEGA, Rosalía (2008) – Excavación Arqueológica en el Cementerio de Rito Islámico de San Nicolás. Ávila (Mayo-Junio de 2002). *Oppidum: Cuadernos de investigacion*. Segóvia. Nº4, p.185-212.

NASCIMENTO, Aires (2007) – *A Conquista de Lisboa aos Mouros: relato de um Cruzado*. Lisboa: Vega.

NAVARRO PALAZÓN, Julio (1986) – El cementerio islámico de San Nicolás de Murcia. Memoria preliminar. *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*. Zaragoza. Tomo IV, p.7-37.

NEVES, Daniela (2012) - *Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico em Fase Prévia à Execução do Projecto de Construção do Bloco de Rega*

de Ervidel, Sítio do Monte Branco 1. *Trabalhos de Antropologia: Relatório Final*. Ecovisão. [Não publicado]

NOBRE, Idalina (1997) – *Património Histórico Monumental*. Albufeira: Câmara Municipal.

NUNES, Margarida Ataíde (1997) – *Projecto de Restauro / Musealização “Revelim de S. João – Cuba Islâmica” (Monsaraz)*. Fundação Convento da Orada para a Salvaguarda e Reabilitação do Património Arquitectónico. [Não publicado]

NYKL, Alois Richard (1940) – Algumas inscripciones árabes de Portugal. *Al-Andalus*. Nº5, p.399-411.

NYKL, Alois Richard (1942) – As inscrições árabes no Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos. *Etnhos*. Nº2, p.23-31.

NYKL, Alois Richard (1946) – Arabic inscriptions in Portugal. *Ars Islamica*. Michigan. Vol. 11/12, p.167-183.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de (1987) – *Lisboa em 1551: Sumário em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa (1551)*. Lisboa: livros horizonte

OLIVEIRA, Jorge (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Évora: Edições Colibris

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique (1981) – A persistência do elemento muçulmano na História de Portugal após a “Reconquista”. O exemplo da cidade de Lisboa. *História e Crítica*. Lisboa. Nº7, p.19-24.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique (1990) – *Atlas de cidades medievais portuguesas: séculos XII-XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique (1993) – O Portugal Islâmico. *Nova História de Portugal*. Lisboa. Vol. II.

PASCUAL PACHECHO, Josefa; SERRANO MARCOS, Maria Luisa (1996) – Necrópolis Islâmicas en la Ciudad de Valencia. *Saitabi*. Valência. Nº46, p.231-252.

PAULO, Luís Campos (2003) – *Levantamento arqueológico do Algarve*. [Não publicado]

PENISGA, Ana (2009) – *Rua 25 de Abril – Polis de Silves. Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico e Escavação Arqueológica de sondagens na Rua 25 de Abril – Silves*. Omniknos: Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda. [Não publicado]

PERAL BEJARANO, Carmen (1995) – Excavacion y Estudio de los Cementerios Urbanos Andalusies. Estado de la Cuestion. *Estudios sobre cementerios islâmicos andalusies*. Málaga. P.11-36.

PEARSON, Mike Parker (1999) – *The Archaeology of Death and Burial*. Texas: A&M University Press.

PEREIRA, Carlos (2014) – *As necrópoles romanas do Algarve: acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Vol.I e II

PEREIRA, Gabriel (1934) – *Estudos Diversos – Arqueologia, História, Arte, Etnografia*. Coimbra: Imprensa da Universidade

PINTO, Adelaide (2012) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Alfundão. Lancinha 3. Escavação Arqueológica. Relatório Final*. Crivarque, estudos de impacte – trabalhos geoarqueológicos. [Não publicado]

PINTO, Adelaide; LOPES, Gonçalo; GRANJA, Raquel (2013) – Lancinha 3: uma necrópole islâmica nos limites da Kura de Beja. *VI Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros. P.2029-2051.

PINTO, Manuel da Cerveira (2004) – *O Douro no Garb al-Ândalus: a região de Lamego durante a presença árabe*. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo apresentada à Universidade do Minho.

PINTO, Manuel da Cerveira (2009) – O Douro no Gharb al-Ândalus: a História e a Arquitectura do Douro entre os Séculos VIII e XIII. *A Obra Nasce*. Porto. Nº6, P.52-65.

PIRES, Alexandra; BENISSE, Vanda (2010) – A intervenção no Hospital da Misericórdia de Loulé – contributo para a percepção da organização espacial da cidade medieval. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte e Etnologia e História*. Silves. Nº10, p.437-454.

PIRES, Alexandra; FERREIRA, Mulize (2003) – Povoado islâmico da Portela 3: Resultados preliminares. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº4, p.279-306.

PIZARRO ALTUZARRA, David; SIERRA MONTESINOS, Manuel (2007) – Excavación en el sector meridional de la necrópolis islâmica de Qurtuba. *Antiqvitas*. Córdoba. Nº18-19, p.177-187.

PONCE GARCÍA, Juana (1997) – Excavaciones en el cementerio islâmico y necrópolis ibérica de C/ Rubira, nº12 (Lorca, Murcia). *Memorias de Arqueología*. Murcia. Nº6, p.328-362.

PONCE GARCÍA, Juana (2002) – Los cementerios islâmicos de Lorca: aproximación al ritual funerário. *Alberca: Revista de la Asociación de Amigos del Museo Arqueológico de Lorca*. Lorca. Nº1, p.115-148

PRADALIÉ, Gérard (1975) – *Lisboa da Reconquista ao Fim do Século XIII*. Lisboa: Palas Editores.

POZO MARTÍNEZ, Indalecio (1989) – El cementerio islâmico de la Calle Polo Medina (Múrcia). *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo. II Comunicaciones, p.413-421.

QUARESMA, Susana (2001) – Necrópole Islâmica descoberta no Parque da Pena. Jornal: *O Público*. Nº50, terça-feira 24 de Abril.

RAMÍREZ ÁGUILA, Juan Antonio; GONZÁLEZ GUERAO, José Antonio (2005) – Dos intervenciones en la Maqbara de la Calle Corredera de Lorca. Los Solares Número 46 y 47. *Alberca: Revista de la Asociación de Amigos del Museo Arqueológico de Lorca*. Lorca. Nº3, p.107-124.

REAL, Manuel (2015) – Os moçárabes entre a convivência e a intolerância: resistências, apostasias, dissimulações e ambiguidades. *Cristãos contra muçulmanos na Idade Média Peninsular. Bases ideológicas e doutrinárias de um confronto (séculos X-XIV)*. Lisboa. P.39-73.

REDENTOR, Armando (2016) – Sobre a Epigrafia Romana de *Aeminium*. *Conimbriga*. Coimbra. Volume LV, p.57-89.

REI, António (2004) – Descrições árabes do espaço algarvio entre os séculos III h./IX d.C. e VIII h./XIV d.C. *Promontoria*. Algarve. Ano 2: nº2, p.9-34.

REI, António (2005) – O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XIII: Yâqût al-Hamâwî e Ibn Sa'îd al-Maghribî. *Medievalista*. Nº1. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA1/medievalista-andalus.htm>

REI, António (2009) – Mourarias de Évora (1165-1497). *A Cidade de Évora*. Évora. II série, nº8, p.111-162.

REI, António (2012) – *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsa na Geografia Árabe (séculos III h./ IX d.C. – XI h./ XVII d.C.)*. IEM: Instituto de Estudos Medievais.

RIBERA Y TARRAGÓ, Julián (1928) – Cerimónias fúnebres de los árabes españoles. *Disertaciones y Opúsculos*. Madrid. Vol.II, p.248-256.

RODERO PÉREZ, S.; ASENSI LLÁCER, Maria (2008) – Nuevos datos sobre la necrópolis tardoantigua de “El Ochavillo” (Homachuelos, Córdoba). Campaña de excavación 2007. *Romula*. Sevilha. Nº7, p.271-298. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/romula/article/view/202/197>

RODRIGUES, Ana Cristina (2013) – *A maqbara de Shantarîn: enfermidade e saúde numa amostra esquelética de adultos*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.

RODRIGUES, Clara; PALMA, Maria de Fátima (2016) – Necrópole Medieval e Moderna de Mértola – Novos Dados. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº13, p.157-170.

RODRIGUES, Clara; ROMBA, Nélia; PALMA, Maria de Fátima (2013) – A necrópole medieval e moderna de Mértola: arqueologia funerária. *VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Aroche-Serpa. P.1161-1173.

RODRIGUES, Zélia (2011) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel – Fase de Obra. Trabalhos de antropologia no âmbito da intervenção arqueológica em Malhada do Vale da Água. Relatório Final*. Arqueologia e Património, Lda. [Não publicado]

RODRIGUES, Zélia (2013) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão – Fase de Obra. Trabalhos de antropologia no âmbito da intervenção arqueológica em Monte do Peso*. Arqueologia e Património, Lda. [Não publicado]

RODRIGUES, Zélia (2015) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Caliços-Machados – Fase de Obra. Monte Novo de Casqueiros. Relatório Antropológico*. Arqueologia e Património, Lda [Não publicado]

RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Antonio; ROSADO TEJERIZO, Elena (2015) – Excavación Arqueológica en la Necrópolis medieval de San Lázaro, Toledo. *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário. Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora. P.224-233.

ROS BARBOSA, Elisa (1985) – El cementeri musulma del castell de la suda de Tortosa (Tarragona). *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*. Huesca. Vol. III, p.655-665.

ROSELLÓ BORDOY, Guiller mó (1989) – Almacabras, ritos funerarios y organización social en Al-Andalus. *III Congreso de Arqueologia Medieval Española*. Oviedo. P.153-168.

s.a. (1986) – Loulé. Quinta do Lago. *Informação Arqueológica*. Nº6, p.44-45.

s.a. (2007a) – *Obras no centro histórico de Beja desvendam 20 esqueletos humanos*. RTP: Diário Digital. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/obras-no-centro-historico-de-beja-desvendam-20-esqueletos-humanos_n160189

s.a. (2007b) – *Obras no centro histórico de Beja põem a descoberto esqueletos humanos*. RTP: Diário Digital. Disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/cultura/obras-do-centro-historico-de-beja-poem-a-descoberto-esqueletos-humanos_n159608

SABROSA, Armando; HENRIQUES, Fernando Robles (2001) – Arqueologia de Emergência no IC-4 (Via do Infante). *Almadan*. Almada. 2ª Série: 10, p.198-199.

SABROSA, Armando; HENRIQUES, Fernando Robles; SOARES, Isabel (2005) – A “Alcaria” de Arge – Portimão. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº5, p.201-212.

SANCHEZ PRAVIA, José; GALLEGO GALLARDO, Juana; BERNAL PASCUAL, Francisca (1987) – Una necropolis musulmana en el Cabezo del Aljezar (Ricote, Murcia). *II Congreso de Arqueologia Medieval Española*. Madrid. III comunicaciones, p.149-156.

SANTOS, Cláudia (2005) – *Relatório antropológico de escavação na Rua de Aviz, Évora*. Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. [Não publicado]

SANTOS, Cláudia (2007) – *Relatório de escavação antropológica do Sítio do Vale da Fonte da Rata 3. Beringel (Beja)*. Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. [Não publicado]

SANTOS, Cláudia; RAMOS, Sílvia; BARBOSA, Carla (2006) – *Relatório antropológico de escavação. Rua A: ligação entre o Largo Correia Lobo e o Largo da Sé. Silves*. [Não publicado]

SANTOS, Cláudia; BARBOSA, Carla; RAMOS, Sílvia (2008) – Contributo da antropologia biológica para a História de Silves: resultados das intervenções arqueológicas durante o programa Polis (2004-2006). *Xelb: revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Vol. I, Nº8, p.417-430.

SANTOS, Helena; LIBERATO, Marco; PRÓSPERO, Ricardo (2013) - Alterações urbanísticas na Santarém pós-medieval. A diacronia do abandono de uma rua no planalto de Marvila. *Actas de Velhos e Novos Mundos - Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. Lisboa. P. 61-66.

SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga dos (1972) – *Arqueologia Romana no Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses. Vol.II.

SANTOS, Vera (2013) – Intervenção arqueológica no Alto do Calvário, Miranda do Corvo: a necrópole rupestre. *Medievalista online*. Nº14. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA14/santos1405.html>

SEBASTIÃO, Luís Filipe (2008a, 04 de Outubro) – Arqueólogos temem que trabalhos na A16 destruam vestígios romanos e islâmicos. *O Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/arqueologos-temem-que-trabalhos-na-a16-destruam-vestigios-romanos-e-islamicos-278507>

SEBASTIÃO, Luís Filipe (2008b, 07 de Outubro) – Responsáveis de instituições arqueológicas defendem que vestígios no traçado da A16 sejam mais estudados. *O Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/responsaveis-de-instituicoes-arqueologicas-defendem--que-vestigios-no-tracado-da-a16-sejam-mais-estudados-278873>

SERRA, Miguel (2009) – Necrópole Islâmica de Beja – Notícia preliminar da sua identificação. *Xelb: revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. Nº9, p.677-684.

SERRA, Miguel (2012) – Análise Arqueológica da Necrópole Islâmica de Beja. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº12, p.235-245.

SERRANO PEÑA, José Luis; CASTILLO ARMENTEROS, Juan Carlos (2000) – Las necrópolis medievales de Marroquíes Bajos (Jaén). Avance de las investigaciones arqueológicas. *Arqueología y Território Medieval*. Jaén. Vol.7, p.93-120. Disponível em: <http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/ATM/article/view/1662/1441>

SIDARUS, Adel (1996) – Assentamento Árabe e Primórdios do Domínio Islâmico em Beja (712-788). *Arquivo de Beja*. Beja. III Série: vols II/III, p.27-39.

SIDARUS, Adel (1998) – Religião e Cultura no extremo Gharb al-Ândalus. *Portugal Islâmico: Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa. P.257-263.

SIDARUS, Adel (2004) – A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andalus (séculos VIII-IX). *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*. Faro. P.113-132.

SIDARUS, Adel; REI, António (2001) – Lisboa e o seu termo segundo os geógrafos árabes. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº7, p.37-72

SIDARUS, Adel; TEICHNER, Felix (1997) – Termas romanas no Gharb Al-Ândalus. *Arqueologia Medieval*. Porto. Nº5, p.177-189.

SILVA, Carlos *et alli* (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12. *Musa*. Setúbal. Nº3, p.165-178.

SILVA, Hugo; NUNES, Fátima (2011) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra). Sub-bloco da Magoita – C6: Ribeira de S. Domingos 1. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado]

SIMÃO, Inês; BRAZUNA, Sandra (2008a) – *Remodelação e Valorização do Museu de Évora – Zona A. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Era – Arqueologia, S.A. [Não publicado]

SIMÃO, Inês; BRAZUNA, Sandra (2008b) – *Remodelação e Valorização do Museu de Évora – Vala de Drenagem. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Era – Arqueologia, S.A. [Não publicado]

SIMÃO, Inês; BRAZUNA, Sandra (2010) – Evolução urbana na colina central de Évora. Contributo da intervenção arqueológica no museu de Évora. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Nº6. P.75-82. Disponível em: www.nia-era.org

SIMÃO, Patrícia (2014a) – *Relatório Antropológico de Campo da intervenção realizada entre Setembro e Outubro de 2013. Quinta do Estácio 5* [Não publicado]

SIMÃO, Patrícia (2014b) – *Trabalhos Antropológicos efectuados na Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja). Relatório Antropológico de Campo*. [Não publicado]

SIMÕES, Augusto Filipe (1888) – *Escreptos diversos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas (2002-2006) – Évora: algumas etapas fundamentais na evolução da cidade até ao século XVI. *A Cidade de Évora*. Évora. II Série, nº6, p.97-112.

SOARES, Maria Joaquina; GODINHO, Ricardo (2009) – *Intervenção Arqueológica: Rua Francisco Augusto Flamengo, nº10-12 (Setúbal)*. MAEDS. [Não publicado]

SOARES, Maria Joaquina (2011) – *Relatório de Intervenções Arqueológicas. Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12 (Setúbal) (2ª Campanha)*. MAEDS. [Não publicado]

SORIANO CASTRO, Patricio (2006) – Propuestas metodológicas en informática para la investigación arqueológica funerária. *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba. Vol. 1, nº17, p.47-66.

SOUSA, Isabel (2014) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica Campo Sá da Bandeira. Santarém*. [Não publicado]

SOUSA, Vanessa (2007) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de Emergência no Sítio do Vale da Fonte da Rata 3 (Beringel) Beja. Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. [Não publicado]

SOUTO, Juan (1991) – Las almacabras saraqustíes en el contexto de las almacabras de Al-Andalus. *Cuadernos de Zaragoza: Las necrópolis de Zaragoza*. Saragoça. Nº63, p.50-65.

TEICHNER, Felix (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana a contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa). *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. P.17-31

TEICHNER, Felix; SCHIERL, Thomas (2005) – Cerro da Vila (Algarve, Portugal) Aldeia do Mar na época islâmica. *Al-Ándalus Espaço de Mudança. Balanço de 25 anos de História e Arqueologia Medievais*.

TEICHNER, Felix (2006a) – De lo romano a lo árabe. La transición del sur de la província Lusitania a Al-Gharb Al-Andalus. Nuevas investigaciones en los yacimientos de Milreu y Cerro da Vila. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Madrid. XXXIX, p.207-220.

TEICHNER, Felix (2006b) – *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise landlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien*. Stvdia Lvsitana (MNAR) / Madrider Beitr.

TORRES, Cláudio (1992a) – A Terra e os Homens. *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p.363-383.

TORRES, Cláudio (1992b) – Os rituais da vida e da morte. *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p.405-415.

TORRES, Cláudio (1994) – Lisboa muçulmana. Um espaço urbano e o seu território. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. P.80-85.

TORRES, Cláudio (1997) – O Al Garbe. *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa. P.431-448.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1996) – Rituais Funerários Paleocristãos e Islâmicos nas Necrópoles de Mértola. *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa. P.11-44.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1998) – *O Legado Islâmico em Portugal*. Lisboa: Fundação Círculo de Leitores.

TORRES BALBÁS, Leopoldo (1970) – *Ciudades hispanomusulmanas*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura. Tomo I.

TRINDADE, Luísa (2013) - *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: University Press.

VALERA, António; CALVO, Ever; SIMÃO, Patrícia (2016) – Enterramento Campaniforme em Fossa da Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. Vol. 11, p.13-19.

VALLVÉ, Joaquín (1986) – *La División Territorial de la España Musulmana*. Madrid: Instituto de Filología, Departamento de Estudios Árabes.

VAQUEIRA, Livia (2015) – *O Sítio de Torre Velha 3 entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média: Contextos Materiais do “Ambiente II”*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Universidade de Coimbra.

VASCONCELOS, José Leite de (1895) – Excursão archeológica a Alcácer do Sal. *Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª Série, Vol. I, nº1, p.65-92.

VASCONCELOS, José Leite de (1900) – Da Lusitânia à Bética. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I, V, p.247-248.

VASCONCELOS, José Leite de (1903) – Candeias árabes do Algarve. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I, VII, p.119-123.

VASCONCELOS, José Leite de (1914) – Crónica-excursão alentejana. *Archeologo português*. Lisboa Vol XIX, p.392-397.

VASCONCELLOS, José Leite de (1919) – Coisas Velhas. *Archeologo português*. Lisboa. 1ª série: XXIV. P.215-237.

VASCONCELOS, José Leite de (1936) – Judeus e Mouros em Portugal em tempos passados (apontamentos histórico-etnográficos). *Revista Lusitana*. Lisboa. Vol. XXXIV, p.165-265.

VEIGA, Sebastião Philippes Estácio da (1880) – *Memórias das antiguidades de Mértola*. Lisboa: Impressão Nacional. Disponível em: <https://archive.org/details/memoriasdasantig00veig>

VIANA, Abel (1951) – O cemitério luso-romano do Bairro de Letes. *Brotéria*. Lisboa. Vol. LIII, Fasc.2-3, p.145-168.

VIEIRA, Ana Isabel (2007) – Projecto Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves – Relatório Final de Intervenção Arqueológica: R. das Portas da Azóia, Largo José Correia Lobo 1ª fase e Rua do Saco. [Não publicado]

VIEIRA, Ana Isabel; RIBEIRO, Ricardo (2007) – *Projecto de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Silves. Relatório Final de Escavação Arqueológica. Rua A: ligação entre o Largo da Sé e o Largo José Correia Lobo.* [Não Publicado]

VITERBO, Francisco Sousa (1907) – Occorrencias da Vida Mourisca. *Arquivo Historico Portuguez.* Lisboa. Vol. V, p.249-265.

ZEKRI, Mostafa (2009) – O contexto religioso no al-Andalus: o domínio do malekismo. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História.* Silves. Nº9, p.155-159.

Software utilizado para a cartografia:

Quantum GIS Development Team (2015). Quantum GIS Geographic Information System. Open Source Geospatial Foundation Project. <http://qgis.osgeo.org>

VIII. Anexos

Anexo 1. Estampas



Est. I – Enterramentos islâmicos identificados a norte das termas romanas de Conímbriga (nº4) (Alarcão e Étienne, 1977, planche XCVI).



Est. II – Enterramento visigótico sobreposto por uma inumação islâmica na necrópole do Alporão (nº5) (Liberato, 2012)



Est. III – Sobreposição de dois enterramentos islâmicos com orientações divergentes na necrópole do Alporão (nº5) (Liberato, 2012)



Est. IV – Topónimo Rua do Almocavarinho, em Santarém (Oliveira Marques, 1990, p.67)



Est. V – Inumação n°529 canonicamente islâmica no Largo Cândido dos Reis (n°6) (Matias, 2009a, p.653)



Est VI – Inumação nº183 com cabeceira formada por blocos calcários no Largo Cândido dos Reis (nº6) (Matias, 2009b, p.659)



Est. VII – Enterramento nº577 no interior de um sepulcro com cobertura de telhas no Largo Cândido dos Reis (nº6) (Matias, 2009b, p.659)



Est. VIII – Inumação nº487 com projectil na caixa torácica no Largo Cândido dos Reis (nº6) (Matias, 2009b, p.673)





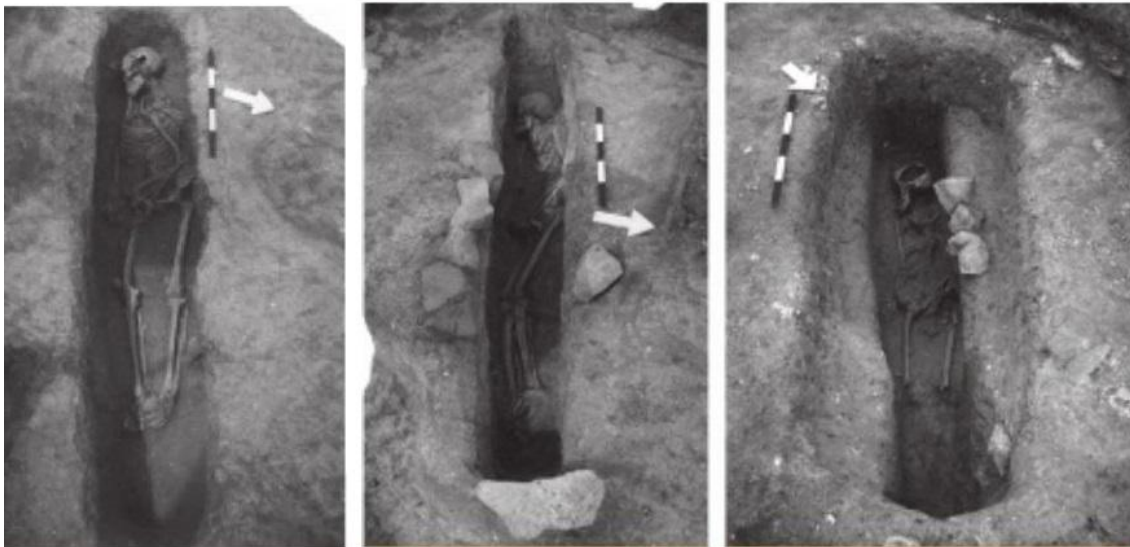
Est. IX – Inumação islâmica (n°355) sobreposta por enterramento cristão (n°392) no Largo Cândido dos Reis (n°6) (Matias, 2009b, 648)



Est. X – Inumação identificada na barbaca do castelo de Alcácer do Sal (n°22) (Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.90)



Est. XI – Sepultura e respectiva inumação islâmica identificada no Museu de Évora (n°30) (Simão e Brazuna, 2010, p.79)



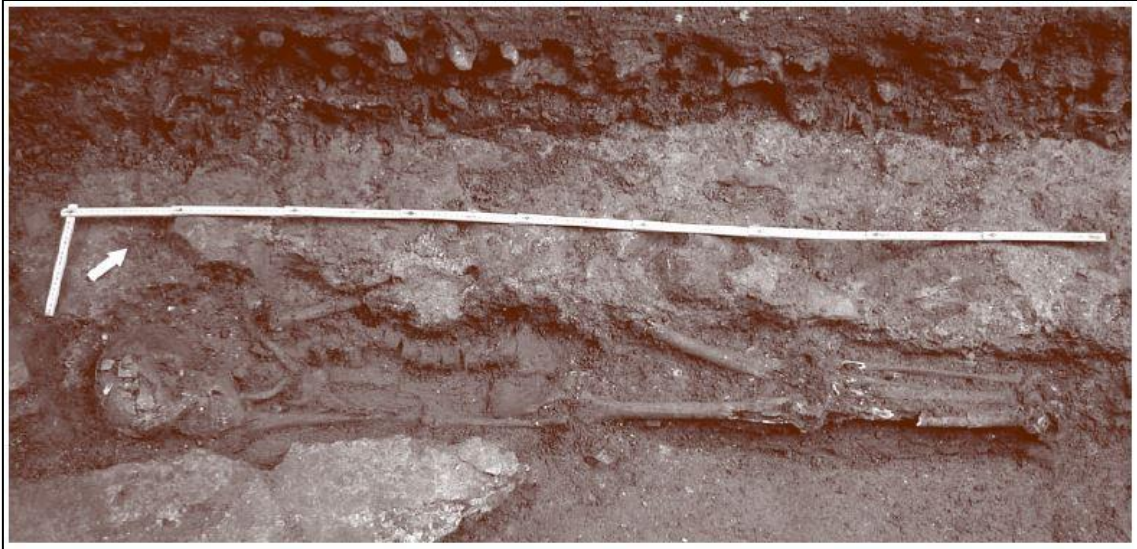
Est.XII – No arqueossítio Xancra II (Nº34), da esquerda para a direita: sepultura nº52 tipo fossa simples, sepultura nº18 estruturada com blocos pétreos irregulares, e sepultura nº24 correspondente ao complexo de dupla fossa centrada (Brazuna e Godinho, 2014, p.221)



Est. XIII – Orientações desfasadas (norte-sul/oeste-este) na necrópole da Escola Secundária Diogo Gouveia (Beja) (nº46) (Martins e Santos, 2013, p.936).



Est. XIV – Tipos de sepultura identificados na necrópole na Escola Secundária Diogo Gouveia, em Beja (nº46) (Martins e Santos, 2013, p.935)



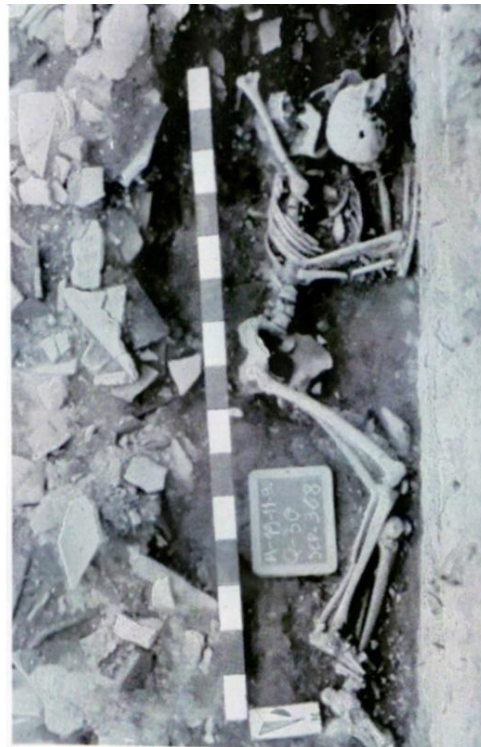
Est. XV- Enterramento nº1 identificado na Rua de Mértola, em Beja (nº47) (Serra, 2009, p.647)



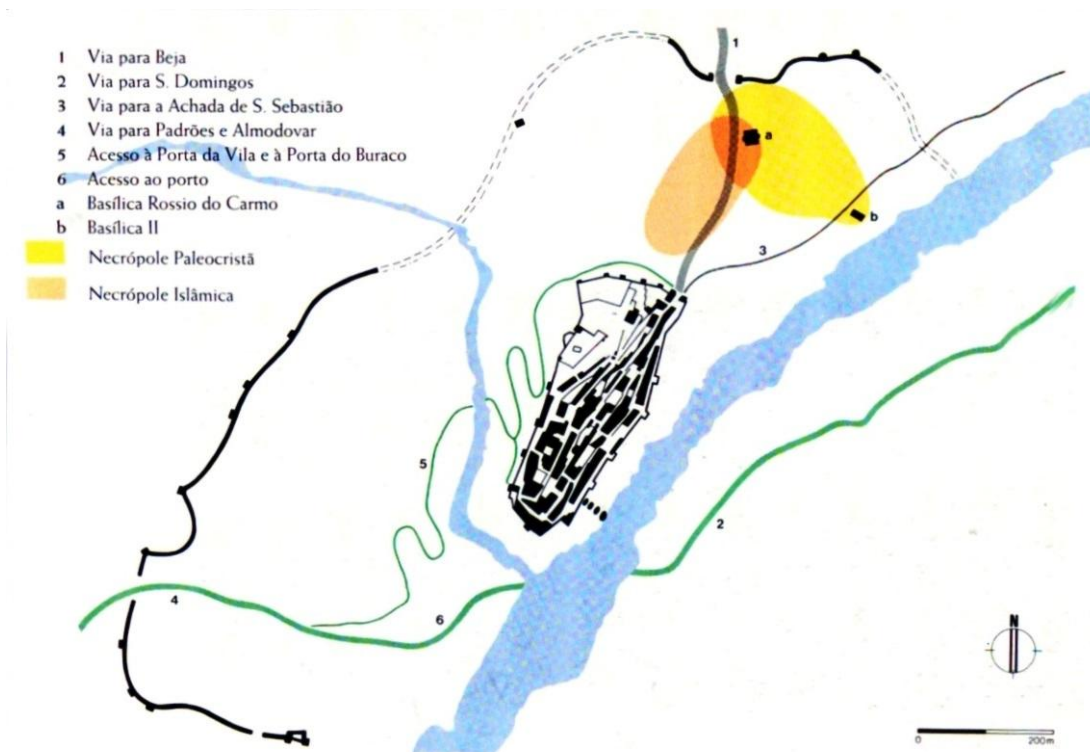
Est. XVI – Inumação nº8, à esquerda, e inumação nº11, à direita, na Rua Gomes Palma (Beja, nº48) (Serra, 2009, p.649)



Est. XVII – Sepultura [2478] tipo fossa simples, identificada na Torre Velha 3, em Serpa (nº52) (Vaqueira, 2015, p.275)



Est. XVIII – Inumação nº675 (à esquerda) e nº368 (à direita) identificados na alcáçova de Mértola (nº53) (Rodrigues e Palma, 2016, p.158)



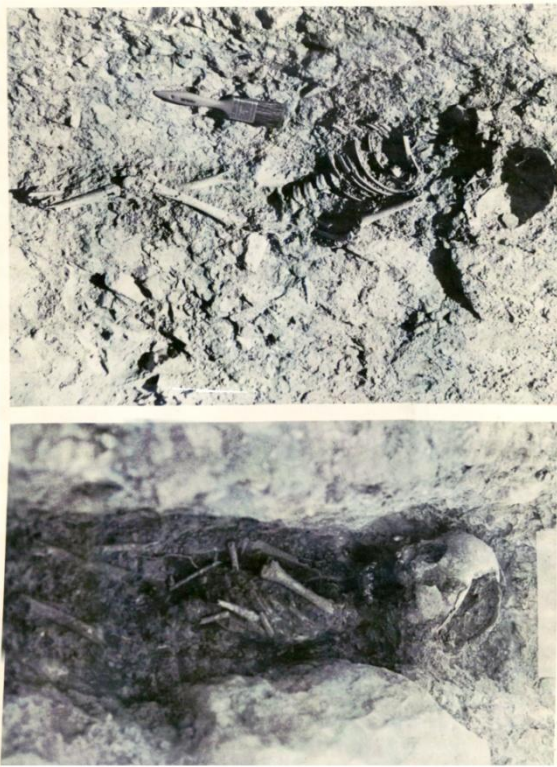
Est. XIX – Concentração dos núcleos funerários paleocristão e islâmico de Mértola (Macias, 2014, p.33)



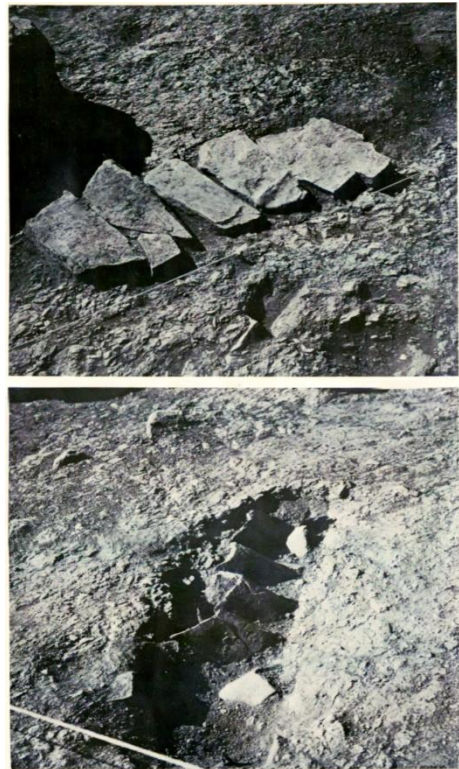
Est. XX – Sepulcro em covacho simples e sepulturas estruturadas identificadas no Rossio do Carmo (nº54) (Candón Morales, 2001, p.91)



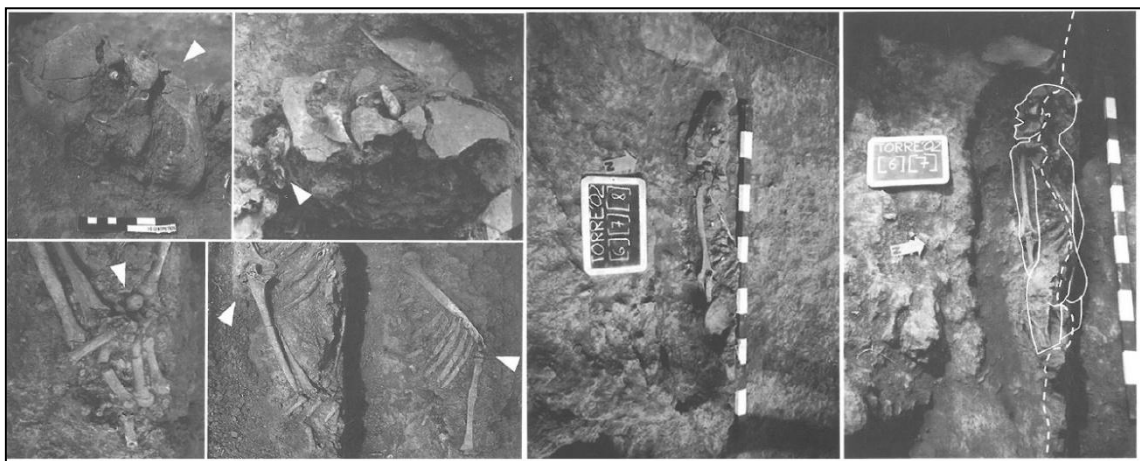
Est. XXI – Inumação e sepulturas estruturadas identificadas na Travessa da Nossa Senhora das Neves (Mértola, nº55) (Le Bars, 2008, p.510-512)



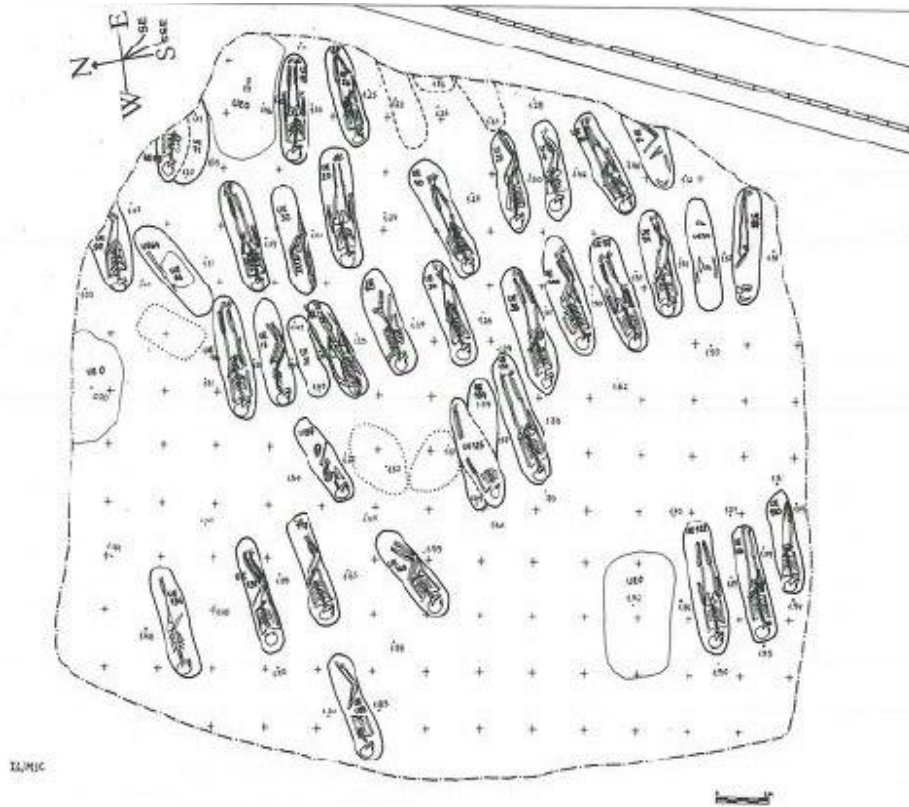
Est. XXII – Enterramentos islâmicos escavados no Vale do Bôto (nº70) (Castro Marim) (Catarino, Arruda e Gonçalves, 1981, p.31)



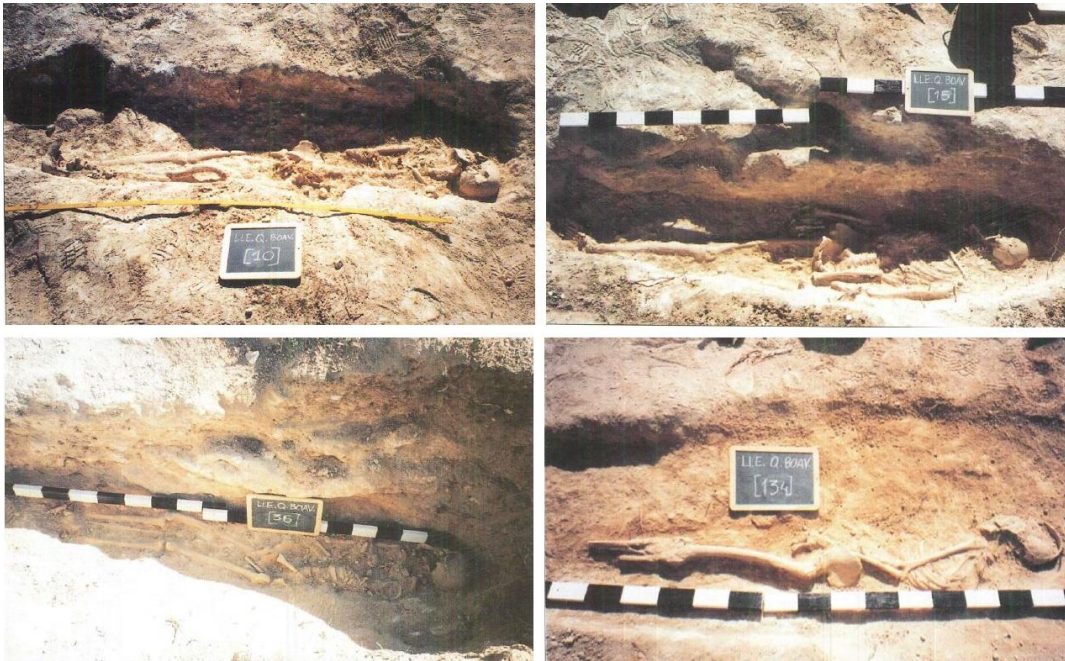
Est. XXIII – Dois tipos de sepultura identificados no Vale do Bôto (nº70) (Castro Marim): com cobertura de lajes e com cobertura em telhas (Catarino, Arruda e Gonçalves, 1981, p.30)



Est. XXIV – Inumado registado no Sítio da Torre (Tavira, nº72) (Candón, Cavaco e Covaneiro, 2004, p.120, 122 e 123)



Est. XXV – Planta da orientação das inumações na Quinta da Boavista (Loulé) (Luzia, 1999/00, p.161).



Est. XXVI – Alguns dos esqueletos intervencionados na Quinta da Boavista (Loulé) (Luzia, 1999/00, p.178-180 e 182)



Est. XXVII – Sepultura com cobertura em lajes identificada na Quinta da Boavista (Loulé) (Luzia, 1999/00, p.179).

Misericórdia	Ref. Laboratório	Osso	$\Delta^{13}\text{C}$ (‰)	Idade (Anos BP)	1 sigma Cal AD	2 sigma Cal AD
	Sac-2502	Fémur	-19,60	940±40	1033-1054 (0,213435) 1078-1153(0,786565)	1019-1185 (1,)
	Sac-2503	Tíbia	-20,62	1000±40	989-1045 (0,756495) 1097-1119 (0,203398) 1142-1147 (0,040107)	975-1115 (1,)
	Sac-2504	Fémur	-19,03	820±40	1187-1199 (0,146346) 1206-1261 (0,853654)	1058-1072 (0,013395) 1155-1277(0,986605)
Quinta da Boavista	Sac-2505	Fémur	-17,83	870±45	1051-1082 (0,224987) 1126-1135 (0,056522) 1152-1220 (0,71849)	1041-1109 (0,267541) 1116-1257 (0,732459)
	Sac-2506	Fémur	-19,70	810±40	1193-1195 (0,01928) 1208-1267 (0,98072)	1160-1277 (1,)
	Sac-2507	Fémur Costelas	-19,78	930±40	1041-1058 (0,177307) 1064-1107 (0,432833) 1116-1155 (0,38986)	1023-1187 (0,98824) 1199-1206 (0,01176)

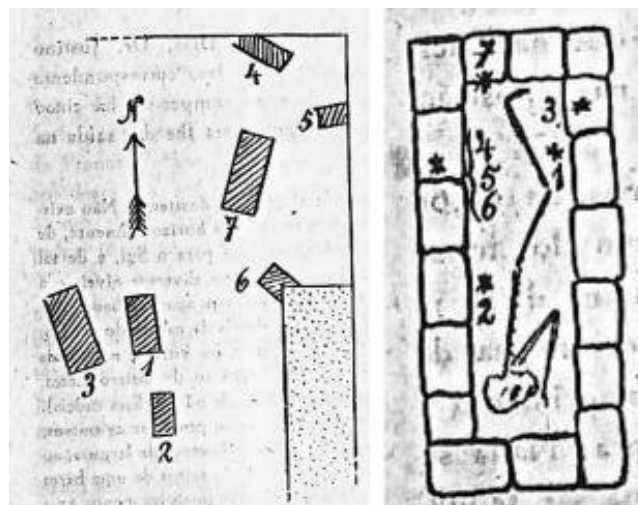
Est. XXVIII – Datações de radiocarbono efectuadas no material osteológico das duas necrópoles de Loulé (Hospital da Misericórdia e Quinta da Boavista) (Pires e Benisses, 2010, p.453)



Est. XXIX – Planificação de algumas áreas de destaque da cidade de Loulé (Pires e Benisses, 2010, p.440)



Est. XXX – Uma das inumações intervencionadas na necrópole do Hospital da Misericórdia de Loulé (Pires e Benisses, 2010, p.446).



Est. XXXI – Inumação atípica (nº3) e respectiva orientação na necrópole do Bairro de Letes (Faro) (Viana, 1951, p.147 e 148).



Est. XXXII – Planta do sítio arqueológico do Cerro da Vila (Quarteira) (Teichner, 2006b, p.280)



Est. XXXIII – Inumação, aparentemente, em decúbito lateral direito, identificada no Cerro da Vila (Quarteira) e, à direita, tentativa de reconstrução da posição original do material osteológico (dos membros inferiores) (Teichner, 2006b, estampa 84 e respectiva adaptação)



Est. XXXIV – Uma das inumações intervencionadas na Rua 25 de Abril (Silves) (Santos, Barbosa e Ramos, 2008, p.422)



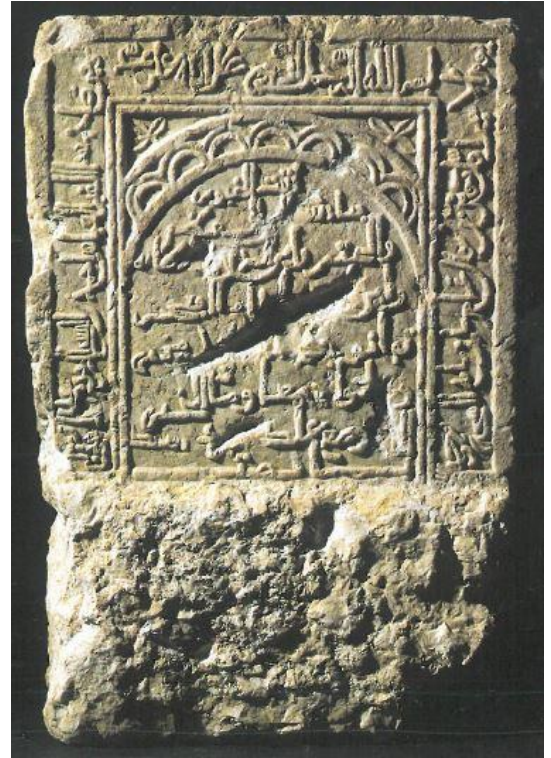
Est. XXXV – Mausoléu identificado na necrópole da Rua 25 de Abril (Silves) (Gonçalves *et all*, 2010, p.854)



Est. XXXVI – Vista geral de alguns sepulcros da necrópole do *Ribat* da Arrifana, em Aljezur (Gomes e Gomes, 2014a, p.5)



Est. XXXVII – Epígrafe funerária registada em Frielas (Loures, Lisboa) (inv. n.º1) (Borges, 1998, 251)



Est. XXXVIII – Estela funerária encontrada na Praça da Figueira, em Lisboa (inv. n.º2) (Borges, 1998, p.255)



Est. XXXIX – Epígrafe funerária identificada na Rua João de Olivença, em Elvas (inv. n.º3) (Borges, 1998, p.247)



Est. XL – Estela funerária encontrada na Rua Diogo Cão, em Évora (inv. n.º4) (Borges, 1998, p.245)



Est. XLI – Epígrafes identificadas na cidade de Beja. Da esquerda para a direita, inventário nº9; 10; 11; 12; 14 e 13 (Borges, 1998, p.237, 241, 244, 246, 252)



Est. XLII – Estela encontrada no centro de Moura (inv. nº16) (Borges, 1998, p.254)



Est. XLIII – Epígrafe funerária encontrada no Castro da Nossa Senhora da Cola, em Ourique (inv. nº21) (Borges, 1998, p.240)



Est. XLIV – Estelas funerárias registadas no Castelo de Noudar, em Beja (inv. n.º19 e 20) (Borges, 1998, p.238 e 242).



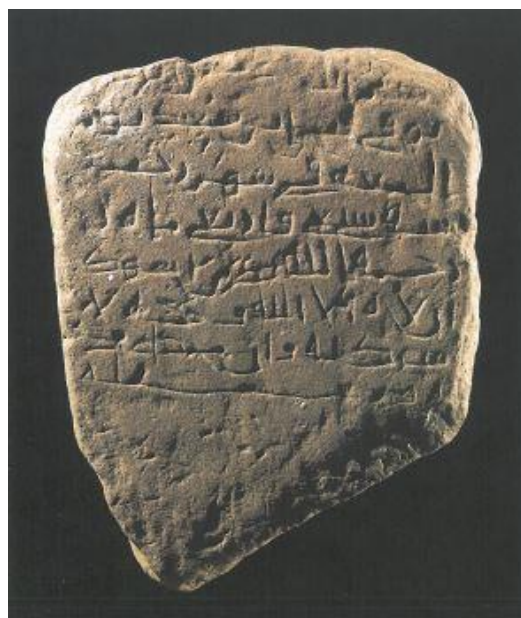
Est. XLV – Epígrafes funerárias encontradas em Mértola, Beja. Da esquerda para a direita, peças do inventário n.º26, 27, 28, 29, 30, 31 e 32 (Borge, 1998, p.243, 244, 247, 249, 252; Borge, 2001, p.181).



Est. XLVI – Frente e verso da coluna epigrafada da basílica paleocristã de Milreu (inv. nº33) (Sidarus e Teichner, 1997, p.178)



Est. XLVII – Estela funerária encontrada nas margens da ribeira de Odeleite, em Castro Marim (inv. nº34) (Borges, 1998, p.241)



Est. XLVIII – Epígrafe funerária identificada em Salir, Loulé (inv. nº35) (Borges, 1998, p.236)



Est. XLIX – Estelas funerárias encontradas *in situ* na necrópole do Ribat da Arrifana (da esquerda inv. nº36, e da direita inv. nº37) (Barceló *et al*, 2013, p.311 e 316)



Est. L – Pequeno fragmento de uma estela funerária encontrada em Arcos de Valdevez, em Viana do Castelo (inv. nº40) (Borges, 1998, p.252)



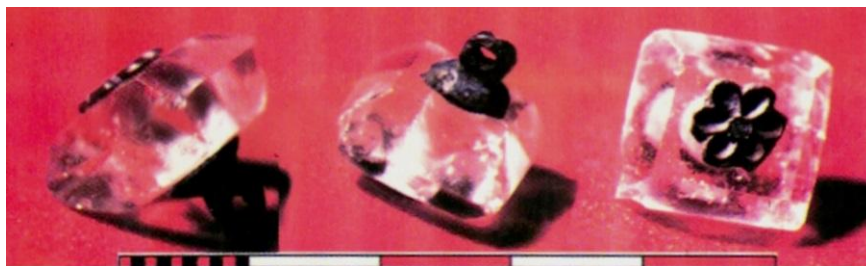
Est. LI – Epígrafe funerária encontrada na Rua das Madres, em Lisboa (inv. nº42) (Borges, 1998, p.250)



Est. LII – Estela funerária encontrada, genericamente, no amplo distrito de Beja (inv. n.º43) (Borges, 1998, p.239)



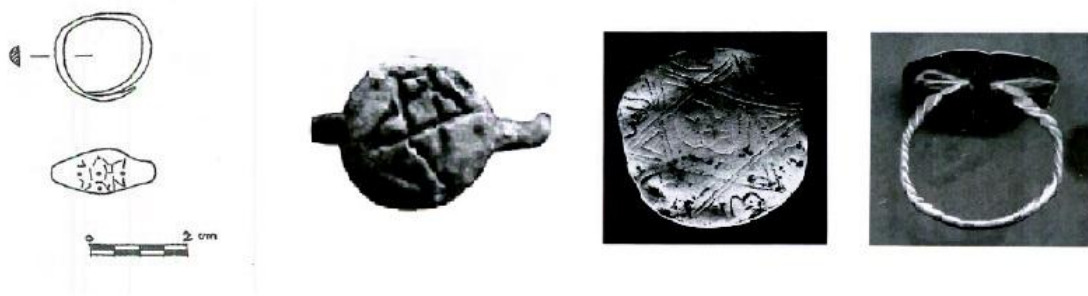
Est. LIII – Panela encontrada *in situ*, no interior de um dos sepulcros, da necrópole do Largo Cândido dos Reis, em Santarém (inv. n.º6) (Matias, 2009a, p.647)



Est. LIV – Paralelo do botão encontrado *in situ*, no interior de um dos sepulcros, do núcleo funerário da Travessa das Capuchas, em Santarém (inv. n.º8) (Cunha e Ferreira, 1998, fig. 97)



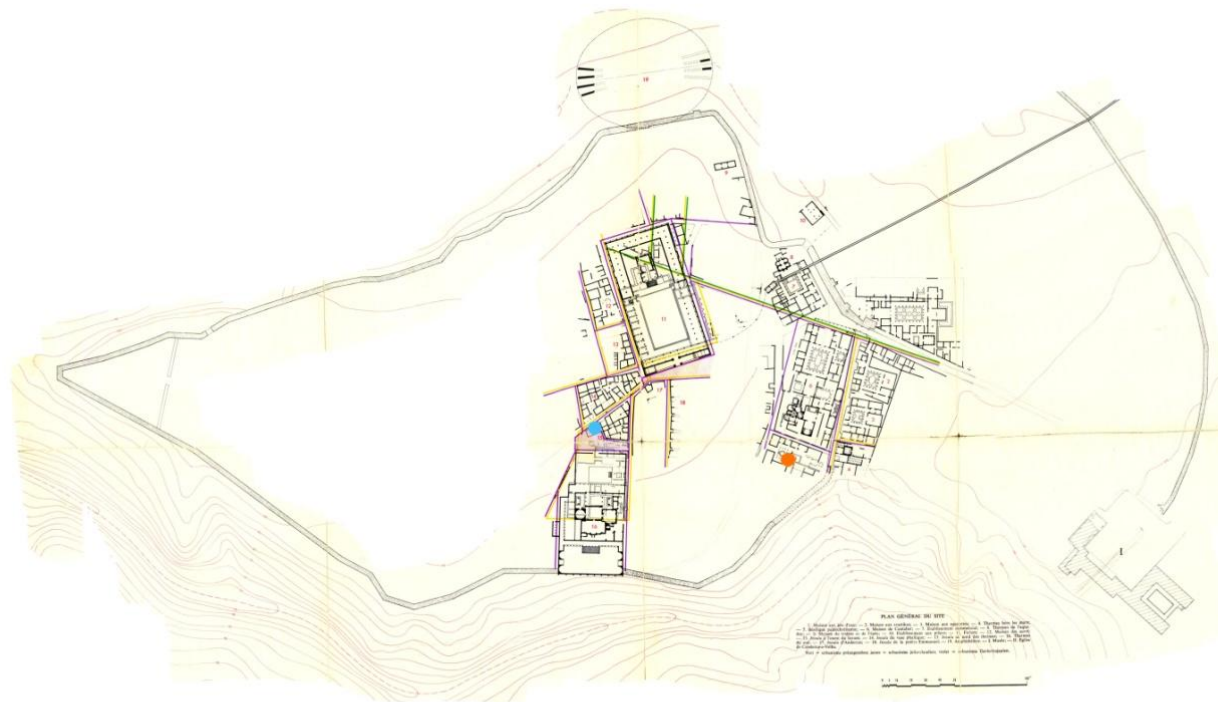
Est. LV – Par de esporas encontradas in situ, no interior de um dos sepulcros, da necrópole da Escola Secundária Diogo Gouveia, em Beja (inv. nº46) (Martins e Santos, 2013, p.936)



Est. LVI – Anel identificado na necrópole da Quinta da Boavista (Loulé) (inv. nº74) e, à sua direita, proposta comparativa de três anéis espanhóis (um de origem desconhecida, e os últimos dois de Castillo de Felí) (Labarta, 2017, p.191; Luzia, 1999/00, p.171)



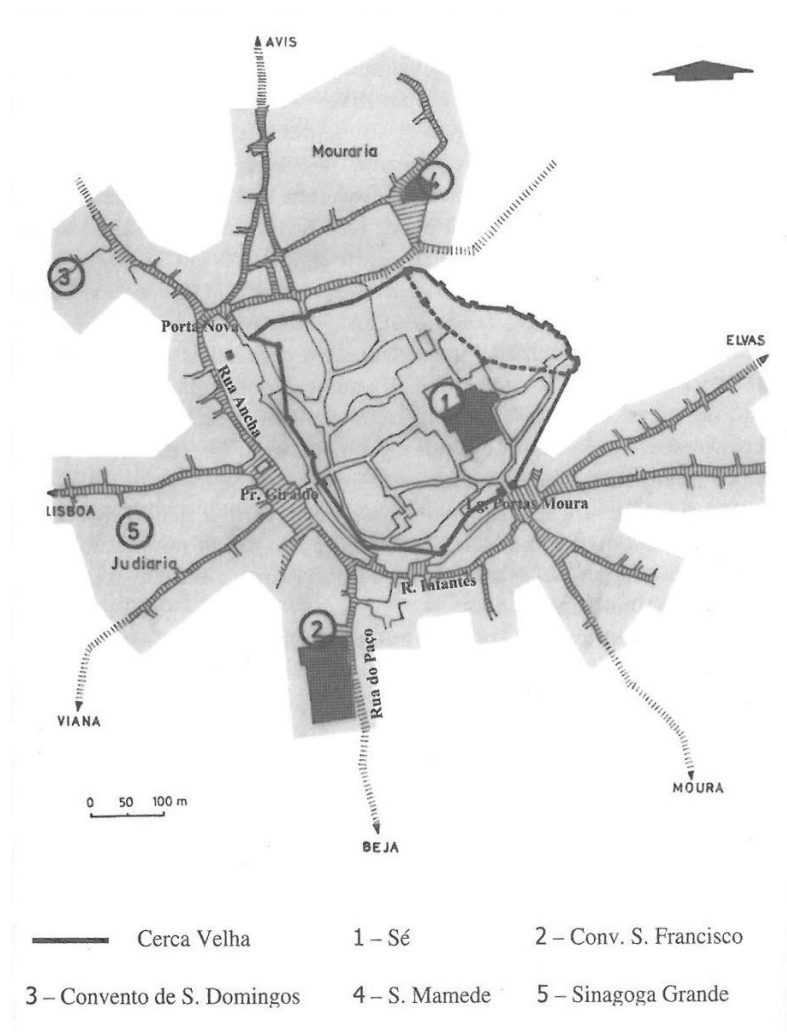
Est. LVII – Molde com inscrição árabe que Rosa Varela Gomes compara com o talismã encontrado no núcleo funerário da Comporta, em Silves (inv. nº84) (Domingues, 1956, p.33, fig.5)



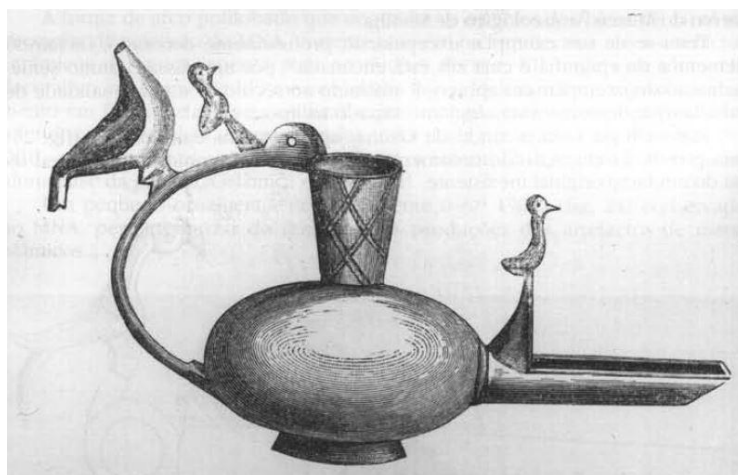
● Enterramentos islâmicos a norte das termas (inv. n.º4)

● Núcleo funerário da *Domus Tancinus*

Est. LVIII – Planta da cidade romana de Conímbriga e localização dos núcleos funerários islâmico e cristão (a norte das termas e na *domus tancinus*, respectivamente) (Alarcão e Étienne, 1977, estampa LII adaptada).



Est. LIX – Planta da cidade de Évora, no século XIV, com a localização da mouraria (Simplício, 2002-06, p.104)



Est. LX – Ilustração de Leite de Vasconcelos do candil identificado no sítio da Horta, em Vila Nova de Cacela (Vasconcelos, 1900, p.248).

Anexo 2. Inventário em mapas

Números do inventário das evidências funerárias

Nº1 Rua do Almacave e Igreja de Santa Maria de Almacave (Lamego)

Nº2 Necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico (Coimbra)

Nº3 Almocavar de Mouros e Judeus (Coimbra)

Nº4 Sepulturas a norte das Termas (Condeixa-a-Nova)

Nº5 Alporão (Santarém)

Nº6 Largo Cândido dos Reis (Santarém)

Nº7 Rua Capelo e Ivens e Travessa do Froes (Santarém)

Nº8 Travessa das Capuchas (Santarém)

Nº9 Enterramentos islâmicos na Alcáçova (Santarém)

Nº10 Calçadinha do Tijolo nº37/43 (Lisboa)

Nº11 Rua dos Lagares e Largo das Olarias (Lisboa)

Nº12 Rua Espírito Santo nº16 e 18 (Lisboa)

Nº13 Almocavara (Sintra)

Nº14 Telhal (Sintra)

Nº15 Cemitério mourisco de Colares (Sintra)

Nº16 Tapada do Inhaca (Sintra)

Nº17 Arneiro (Cascais)

Nº18 Rossio Pelado (Cascais)

Nº19 Alto da Vigia (Sintra)

Nº20 Rua Francisco Augusto Flamengo nº10-12 (Setúbal)

Nº21 Maqbara no lado poente do Castelo de Alcácer do Sal

Nº22 Barbacã de Alcácer do Sal

Nº23 Necrópole de São Francisco (Alcácer do Sal)

Nº24 Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal)

Nº25 Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha (Fronteira)

Nº26 Herdade da Chaminé (Elvas)
Nº27 Almocavar mourisco de Elvas
Nº28 Segundo almocavar mourisco de Elvas
Nº29 Rua do Miradouro (Alandroal)
Nº30 Museu de Évora
Nº31 Rua de Avis nº91 (Évora)
Nº32 *Qubba* de Monsaraz/Ermida de São Baptista (Reguengos de Monsaraz)
Nº33 Lancinha 3 (Ferreira do Alentejo)
Nº34 Xancra II (Cuba)
Nº35 Monte do Peso 1 (Vidigueira)
Nº36 Fareleira 2 (Vidigueira)
Nº37 Rua do Sequeiro (Moura)
Nº38 Vale da Fonte da Rata 3 (Beja)
Nº39 Ribeira do Álamo 1 (Beja)
Nº40 Bela Vista 1 e 3 (Beja)
Nº41 Monte do Bolor 1 e 2 (Beja)
Nº42 Ribeira de S. Domingos 1 (Serpa)
Nº43 Monte Novo de Casqueiros 7 (Serpa)
Nº44 Malhada do Vale da Água (Ferreira do Alentejo)
Nº45 Monte Branco 1 (Beja)
Nº46 Escola Secundária Diogo Gouveia (Beja)
Nº47 Rua de Mértola (Beja)
Nº48 Rua Gomes Palma (Beja)
Nº49 Quinta das Fontes (Beja)
Nº50 Quinta do Estácio 5 (Beja)
Nº51 Quinta do Castelo 1 (Beja)
Nº52 Torre Velha 3 (Serpa)

Nº53 Alcáçova de Mértola
Nº54 Rossio do Carmo (Mértola)
Nº55 Travessa de Nossa Senhora das Neves (Mértola)
Nº56 Alcaria de Vila Longa (Alcoutim)
Nº57 Montado do Pereirão (Alcoutim)
Nº58 Alcarias do Azinhal (Alcoutim)
Nº59 Malhada Velha II (Tavira)
Nº60 Alcaria Alta VII (Tavira)
Nº61 Alcaria Alta (Tavira)
Nº62 Cascalheira do Fortim (Alcoutim)
Nº63 Alcaria de Arraia (Castro Marim)
Nº64 Alcaria de Furnazinhas (Castro Marim)
Nº65 Castelinho de Altamura (Castro Marim)
Nº66 Alcaria de Corte Gago (Castro Marim)
Nº67 Alcaria de Marroquil (Castro Marim)
Nº68 Alcarias do Tanoeiro (Castro Marim)
Nº69 Alcarias de Corte Velho (Castro Marim)
Nº70 Vale do Bôto (Castro Marim)
Nº71 Cerro do Zambujal de Corte de Besteiros (Tavira)
Nº72 Sítio da Torre (Tavira)
Nº73 Fonte da Rata 1 (Loulé)
Nº74 Quinta da Boavista (Loulé)
Nº75 Hospital da Misericórdia de Loulé
Nº76 Bairro de Letes (Faro)
Nº77 Quinta do Lago/Tejo do Praio (Loulé)
Nº78 Cerro da Vila (Loulé)
Nº79 Castelinho (Albufeira)

Nº80 Portela 3/Cerro da Portela/Cômoro da Portela (Silves)

Nº81 Alcarias da Torre

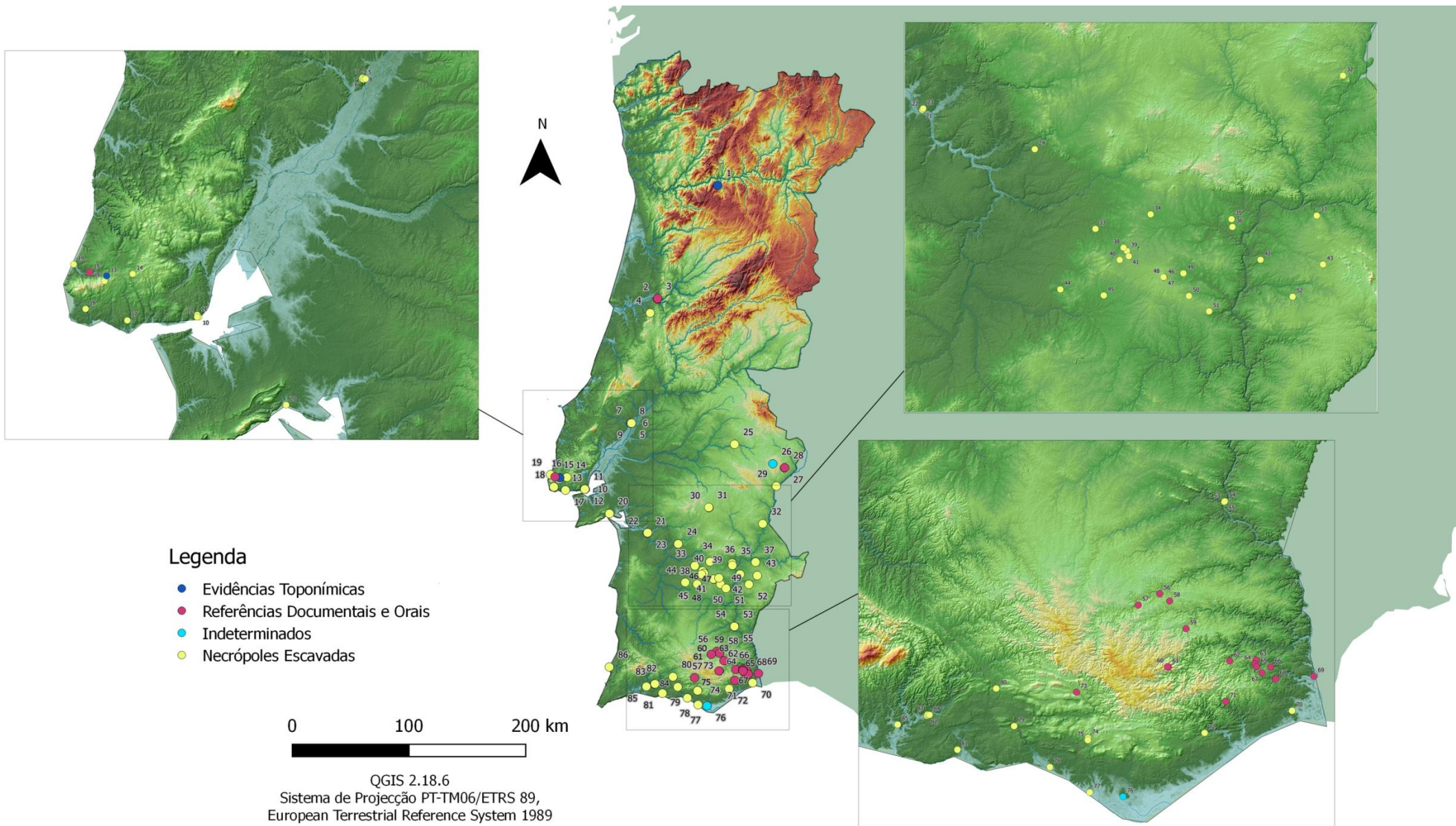
Nº82 Rua 25 de Abril (Silves)

Nº83 Largo José Correia de Lobo (Silves)

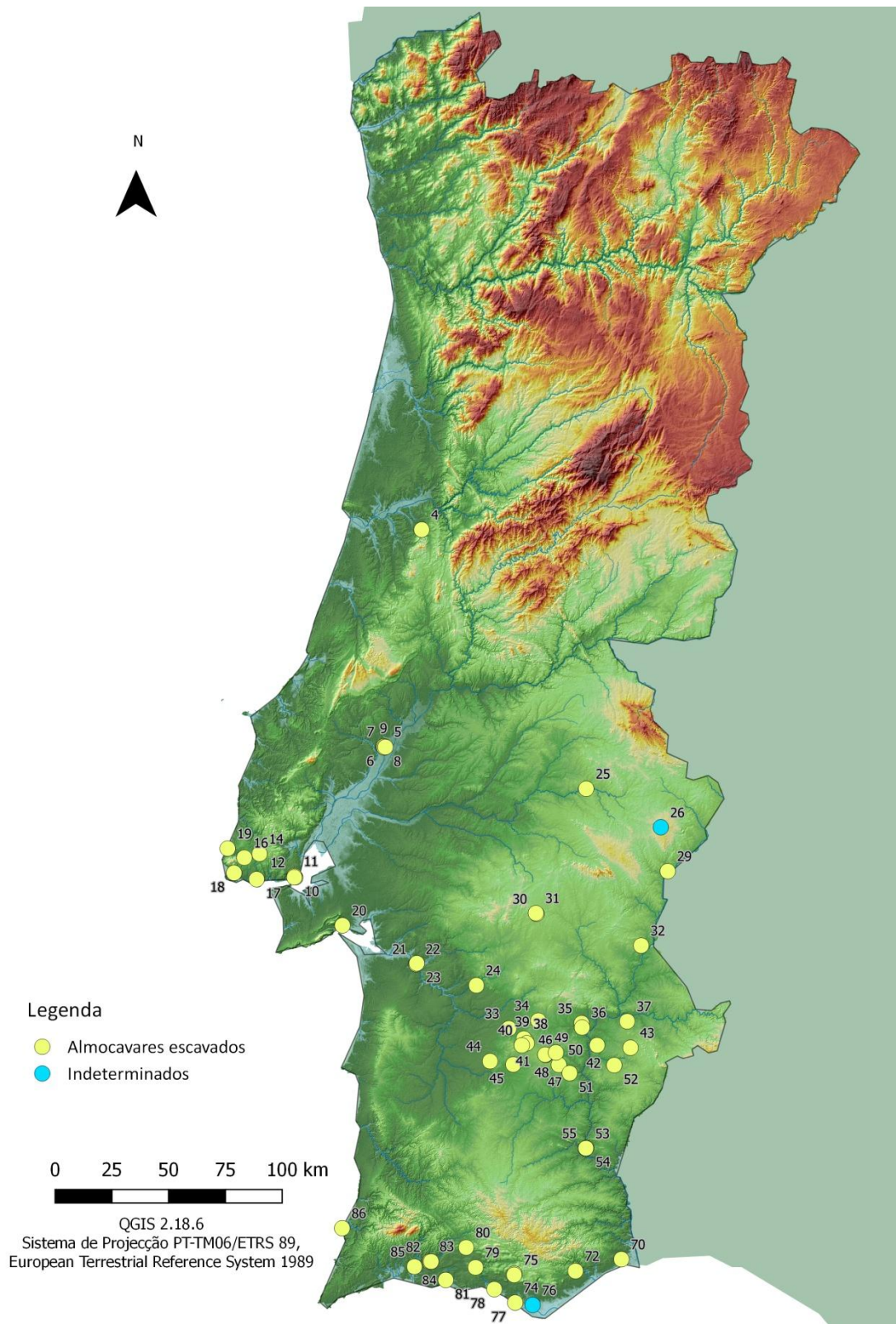
Nº84 Comporta (Silves)

Nº85 “Armazém”/Alcaria de Arge (Portimão)

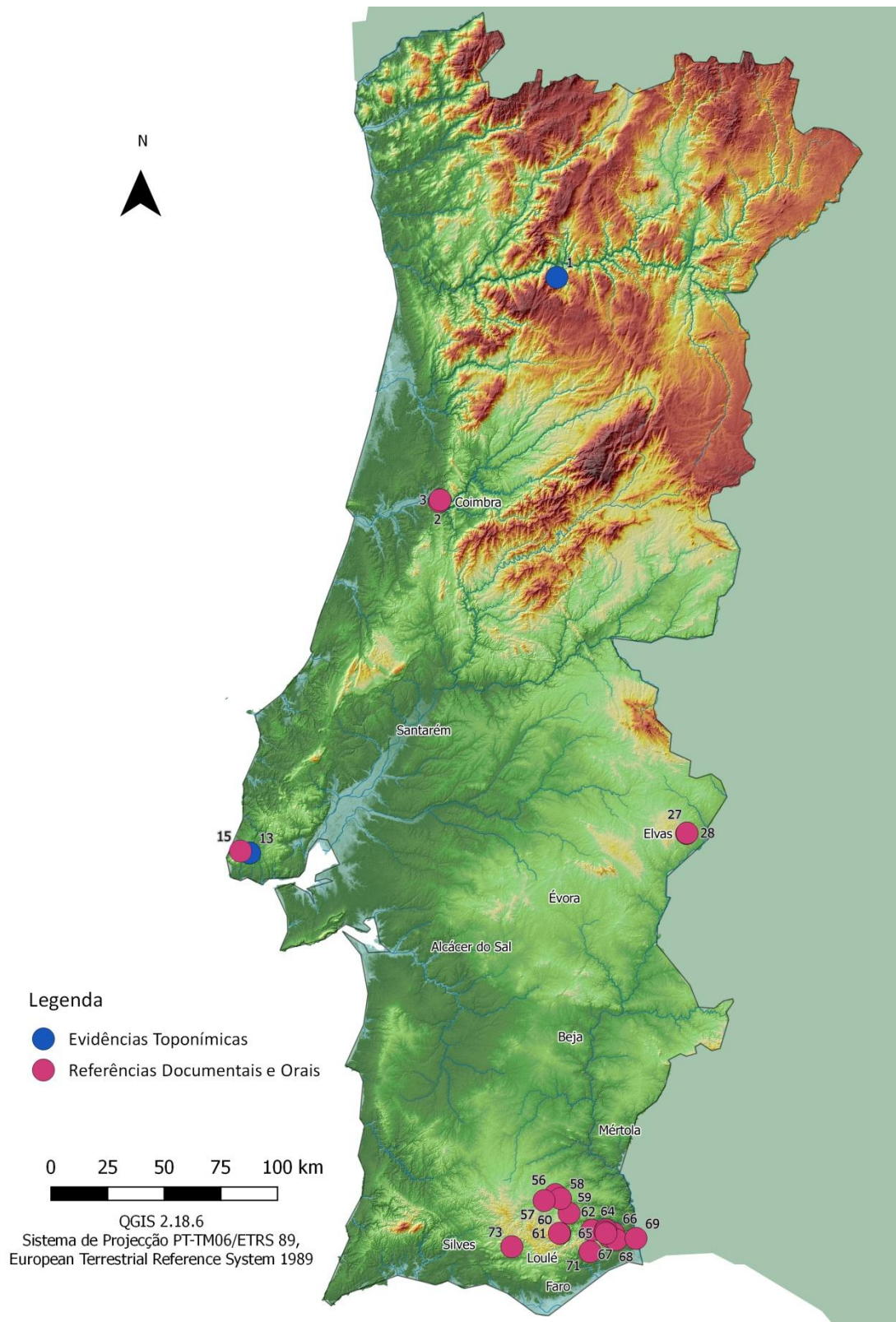
Nº86 *Ribat* da Arrifana (Aljezur)



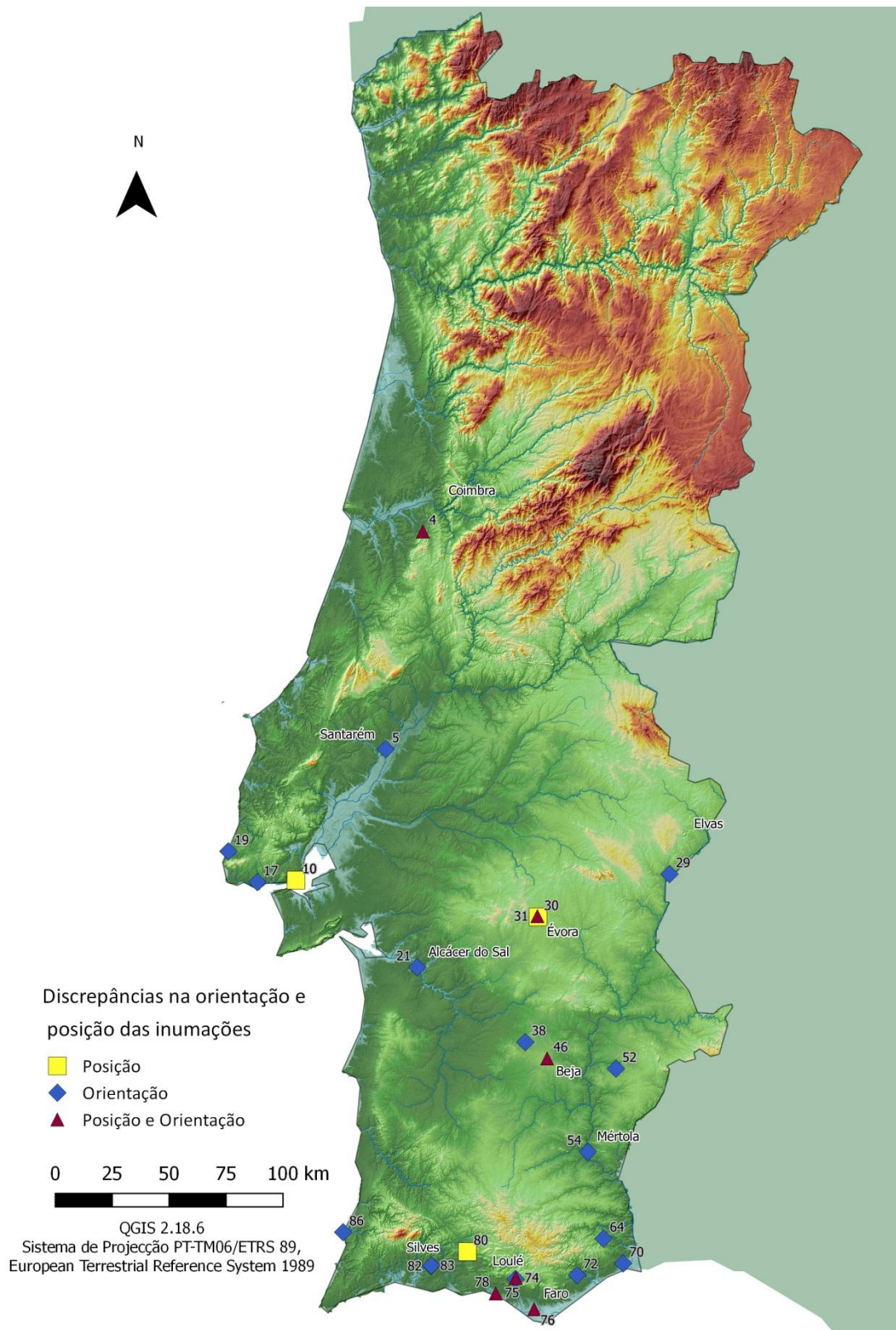
Mapa 1 – Implantação de todas as evidências funerárias islâmicas (toponímicas, documentais, orais e arqueológicas) identificadas, até à data, no actual território português. Vide numeração do inventário entre as páginas 219-221.



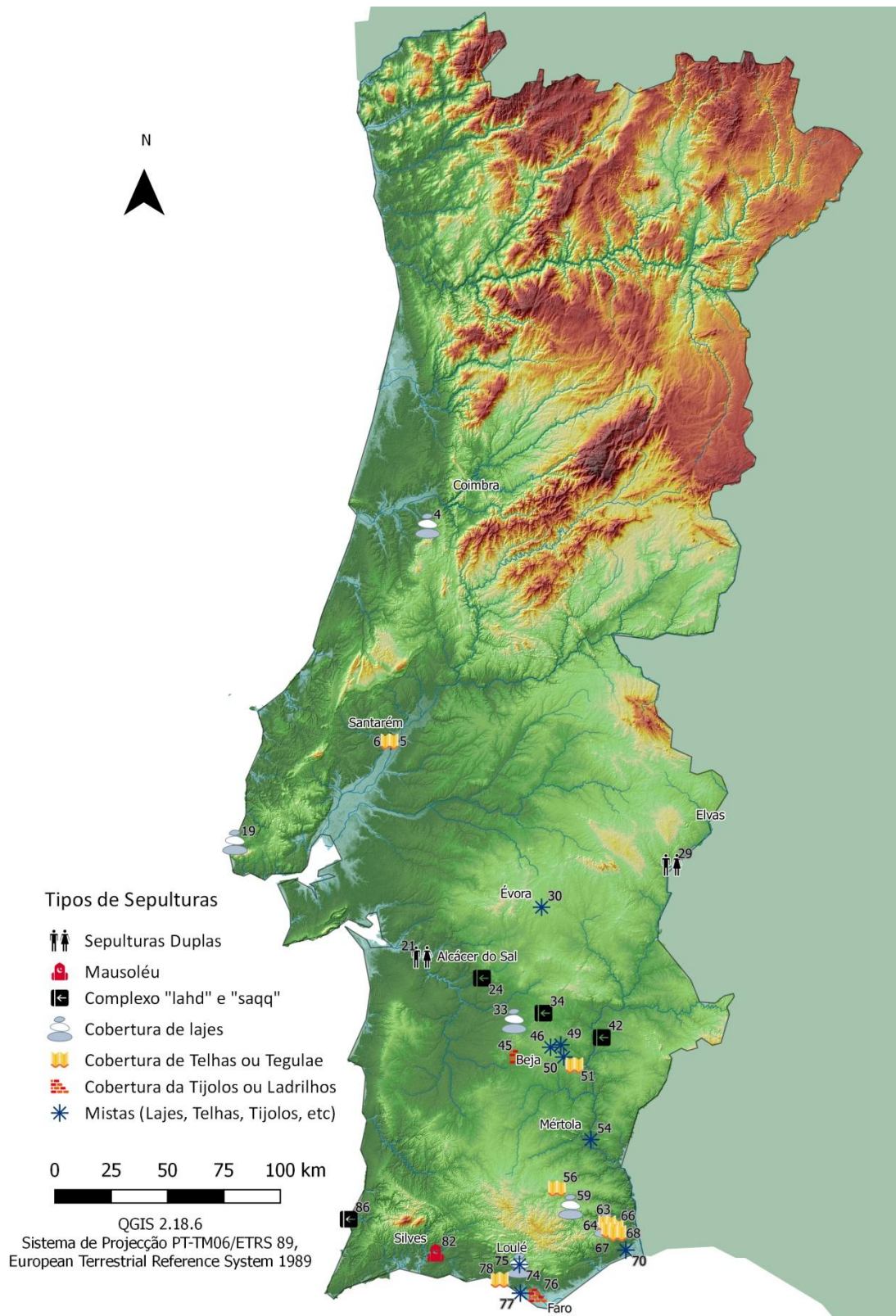
Mapa 2 – Necrópoles e sepulturas islâmicas alvo de escavações arqueológicas no actual território português. Vide numeração nas páginas 219-221.



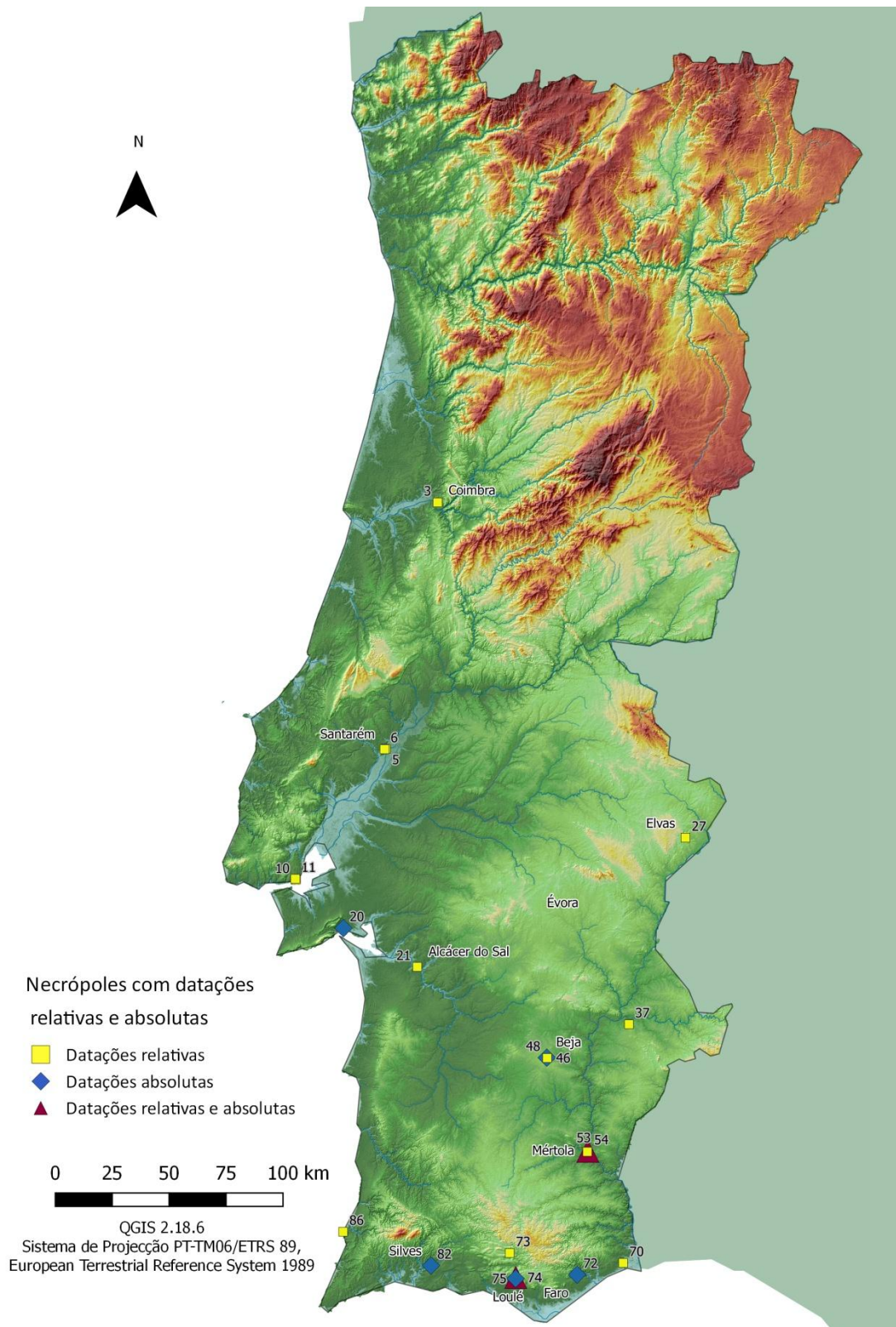
Mapa 3 – Evidências toponímicas, documentais e orais referentes a inumações e núcleos funerários islâmicos no actual território português. Vide numeração nas páginas 219-221.



Mapa 4 – Variações na posição e/ou orientação canónica islâmica registadas nos almocavares do *gharb* “português”. Vide numeração nas páginas 219-221.



Mapa 5 – Tipos de sepulturas registados nos almocavares do *gharb* “português”. Vide numeração nas páginas 219-221.



Mapa 6 – Necrópoles e sepulturas islâmicas com enquadramento cronológico efectivo. Vide numeração nas páginas 219-221.

Números do inventário das estelas funerárias

Nº1 Frielas, Loures

Nº2 Praça da Figueira, Lisboa

Nº3 Rua João de Olivença, Elvas

Nº4 Rua Diogo Cão, Évora

Nº5 Évora

Nº6 Peninha, Monsaraz

Nº7 Castelo de Alcácer do Sal

Nº8 Castelo de Alcácer do Sal

Nº9 Beja

Nº10 Beja

Nº11 Beja

Nº12 “Alcaçarias” ou “Casa dos Corvos”, Beja

Nº13 Beja

Nº14 Convento da Conceição, Beja

Nº15 Casa dos Corvos, Beja

Nº16 Moura, Beja

Nº17 Ladeira do Carmo, Moura

Nº18 Quinta dos Frades, Moura

Nº19 Castelo de Noudar, Beja

Nº20 Castelo de Noudar, Beja

Nº21 Nossa Senhora da Cola, Ourique

Nº22 Nossa Senhora da Cola, Ourique

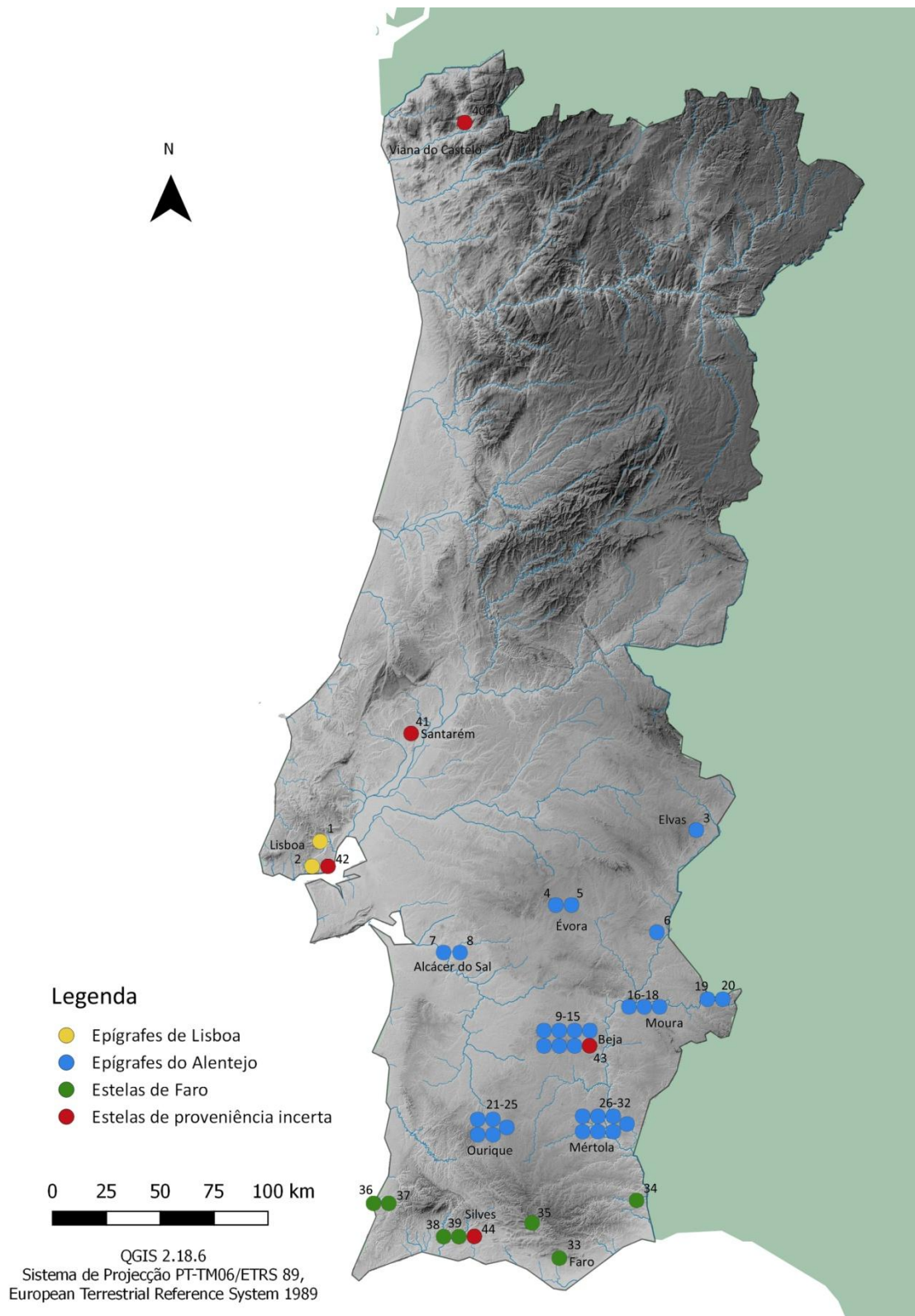
Nº23 Nossa Senhora da Cola, Ourique

Nº24 Ourique, Beja

Nº25 Ourique, Beja

Nº26 Mértola, Beja

- Nº27 Mértola, Beja
- Nº28 Mértola, Beja
- Nº29 Convento dos Religiosos Franciscanos, Mértola
- Nº30 Mértola, Rossio do Carmo
- Nº31 Mértola, Beja
- Nº32 Mértola, Beja
- Nº33 Milreu, Estói, Faro
- Nº34 Odeleite, Castro Marim
- Nº35 Salir, Loulé
- Nº36 *Ribat* da Arrifana, Aljezur
- Nº37 *Ribat* da Arrifana, Aljezur
- Nº38 Comporta, Silves
- Nº39 Silves
- Nº40 Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
- Nº41 Rua João Afonso nº23, Santarém
- Nº42 Rua das Madres, Lisboa
- Nº43 Distrito de Beja
- Nº44 Silves

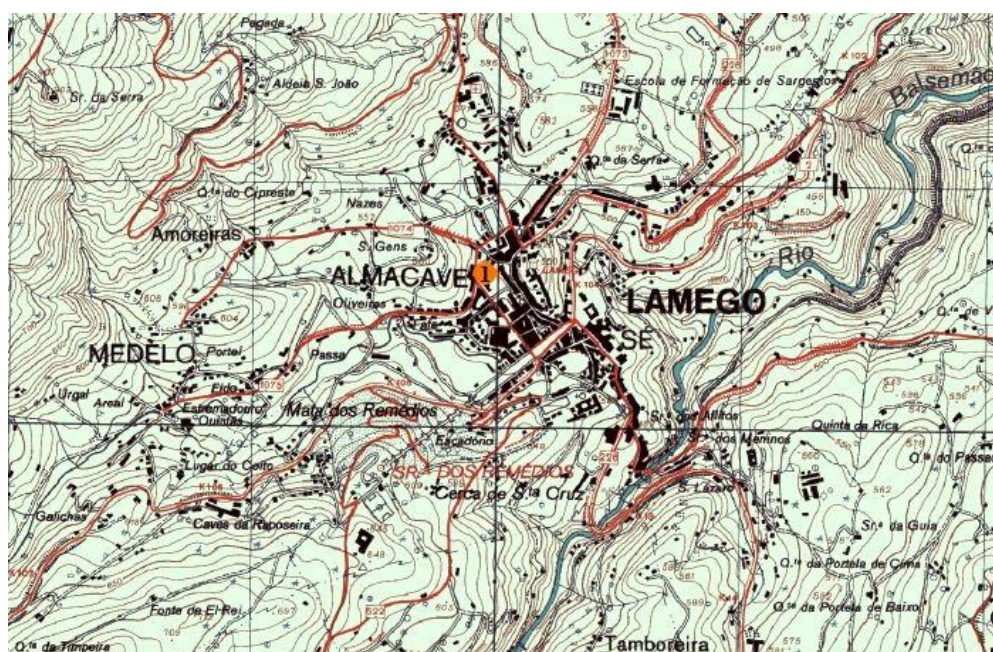


Mapa 7 – Epígrafes funerárias identificadas no actual território português. Vide números de inventário nas páginas 229 e 230 (adaptação e actualização dos dados do mapa de Barroca, 2000, p.98)

Anexo 3. Inventário em Tabelas

- Viseu

Nº	1
Nome	Rua do Almacave e Igreja de Santa Maria de Almacave
Designação	Topónimo
Localização	Distrito: Viseu; Concelho: Lamego; Freguesia: Lamego (Sé e Almacave)
Coordenadas	41° 5'55.28"N; 7°48'35.61"W
Altitude	512-525m
Contexto arqueológico	Sem intervenção
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sem informação
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão (?)
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Lopes, 1968, p.164; Machado, 1993, p.101



● Referências toponímicas

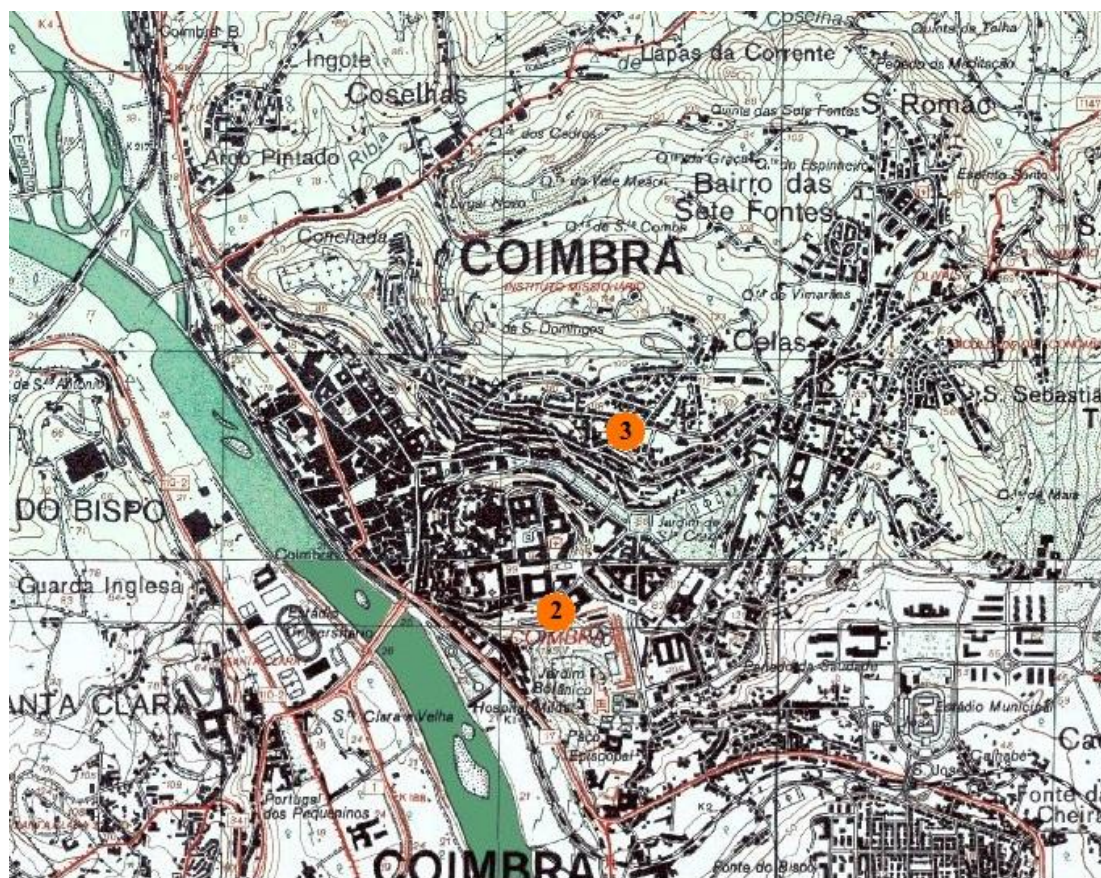
Escala 1:25 000

Carta Militar 1 – Localização da Rua do Almacave e Igreja de Santa Maria de Almacave (nº1), em Lamego, na Carta Militar de Portugal, de 1971, Folha 137

- Coimbra

Nº	2
Nome	Necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Coimbra; <u>Concelho</u> : Coimbra; <u>Freguesia</u> : Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu (União de Freguesias)
Coordenadas	Aproximadamente: 40°12'23.28"N; 8°25'25.11"W
Altitude	75m-85m
Contexto arqueológico	Sem intervenção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Época Romana e possível uso em época islâmica
Evidências arqueológicas	Apenas documentais e epigráficas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Paganismo, Paleocristianismo (?) e Islão (?)
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Lápides sepulcrais romanas
Bibliografia	Alarcão, 1979, p.39; Catarino, 2005, p.39; Correia, 1946, p.13 e 20; Mantas, 1992, p.510

Nº	3
Nome	Almocavar de mouros e judeus
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Coimbra; <u>Concelho</u> : Coimbra; <u>Freguesia</u> : Santo António dos Olivais
Coordenadas	Aproximadamente: 40°12'45.78"N; 8°25'11.33"W
Altitude	105-130m
Contexto arqueológico	Sem intervenção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período pós-reconquista (Período Medieval e Moderno)
Evidências arqueológicas	Fontes dos cronistas do século XVI
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Judaica e Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Correia, 1946, p.374

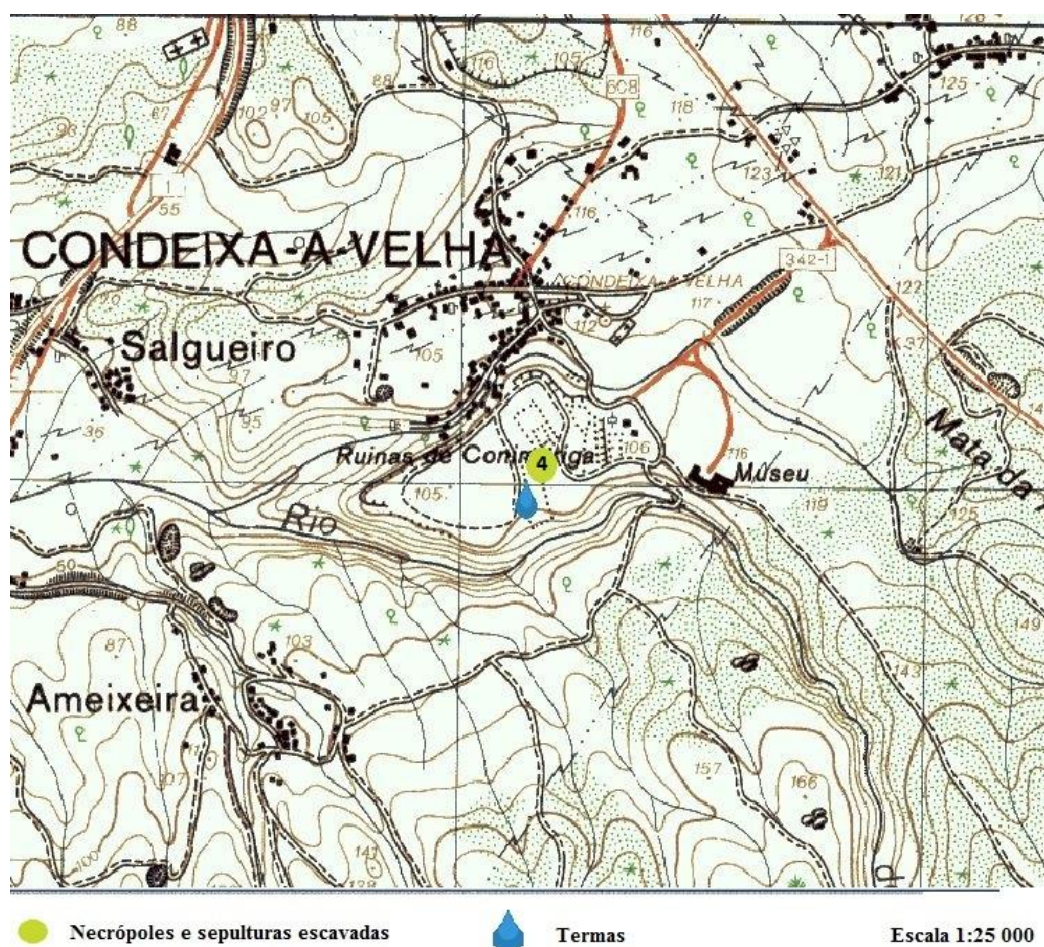


Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 2 – Localização da necrópole da Encosta de S. Bento e Jardim Botânico (nº2) e do Almocavar de Mouros e Judeus (nº3), em Coimbra, na Carta Militar de Portugal, Folha 230-241, ano 1971

Nº	4
Nome	Sepulturas a norte das Termas
Designação	Núcleo funerário
Localização	<u>Distrito:</u> Coimbra; <u>Concelho:</u> Condeixa-a-Nova; <u>Freguesia:</u> Condeixa-a-Velha
Coordenadas	40° 5'54.22"N; 8°29'42.59"W
Altitude	104-107m
Contexto arqueológico	Investigação arqueológica
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período medieval
Evidências arqueológicas	Sepulturas
Número de Sepulturas	Oito canonicamente islâmicas
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Lajes calcárias como coberturas e dispostas ao longo dos corpos inumados
Características das inumações	Inumações dispostas em decúbito lateral direito e orientadas a SO-NE (com uma ligeira discrepância) com a face voltada a sudeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Alarcão e Étienne, 1977, p.169; Farinha, 2012, p.25, 95-100; Gameiro, 1998, p.7



Carta Militar 3 – Localização da necrópole na Insulae a norte das Termas (nº4), em Conímbriga, na Carta Militar de Portugal, Folha 251, ano 1971

- Santarém

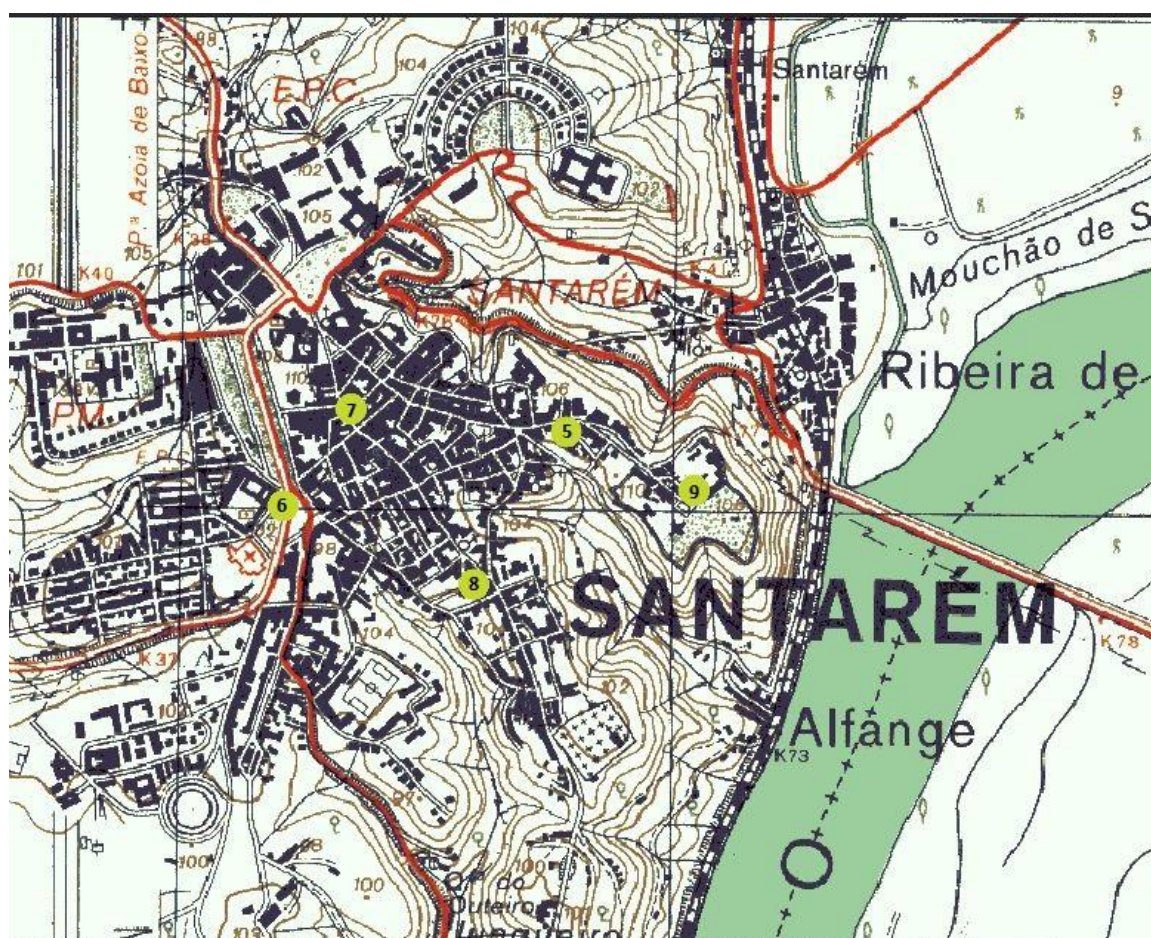
Nº	5
Nome	Alporão
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Santarém; <u>Concelho</u> : Santarém; <u>Freguesia</u> : Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, São Salvador e São Nicolau
Coordenadas	39°14'8.14"N; 8°40'46.23"W
Altitude	105m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período romano (séc. I d.C.) até ao século XV
Evidências arqueológicas	Enterramentos, silos, edifícios para o tratamento de curtumes e extracção de calcário
Número de Sepulturas	Mais de uma centena de sepulturas islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paganimo, Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Grosso modo eram sepulturas escavadas na rocha embora se tenha registado um sepulcro composto por telhas e tijoleira
Características das inumações	As sepulturas islâmicas grosso modo enquadram-se no cânone sudoeste-nordeste contudo foi detectado um ligeiro desfasamento Norte-Sul com a face orientada a Nascente, e posicionadas em decúbito lateral direito
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Barradas, 2008, p.20; Fernandes, 2011, p.14; Liberato, 2011, p.12, 13 e 14; Liberato, 2012; Santos, Liberato e Próspero, 2013, p.61, 62 e 63

Nº	6
Nome	Largo Cândido dos Reis
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Santarém; <u>Concelho</u> : Santarém; <u>Freguesia</u> : Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, São Salvador e São Nicolau
Coordenadas	39°14'2.78"N; 8°41'10.71"W
Altitude	109m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico até à Época Moderna
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	432
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Simple fossas estreitas de morfologia subrectangular onde apenas um dos sepulcros era detentor de uma cobertura de telhas
Características das inumações	Depostos em decúbito lateral direito (com algumas oscilações na posição dos membros superiores e inferiores) e com orientação a sudoeste-nordeste
Espólio presente	Uma moeda e uma panela (século XI/XII)
Bibliografia	Fernandes, 2011, p.11-13; Matias, 2009a, p.639, 642, 644, 646, 647; Matias, 2009b, p.659, 660, 664, 666, 667, 668, 671-673; Matias, 2009c, p.29; Rodrigues, 2013, p.1 e 58; Sousa, 2014, p.9

Nº	7
Nome	Rua Capelo e Ivens e Travessa do Froes
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Santarém; <u>Concelho</u> : Santarém; <u>Freguesia</u> : Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, São Salvador e São Nicolau
Coordenadas	39°14'9.15"N; 8°41'5.03"W
Altitude	113m
Contexto arqueológico	Intervenção urbana
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Apenas tive conhecimento da existência de um colar de contas descontextualizado. Foram também recolhidos fragmentos cerâmicos revolidos e sem contexto
Bibliografia	Batata e Pereira, 2014, p.3 e 4; Rodrigues, 2013, p.2

Nº	8
Nome	Travessa das Capuchas
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Santarém; <u>Concelho</u> : Santarém; <u>Freguesia</u> : Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, São Salvador e São Nicolau
Coordenadas	39°13'57.01"N; 8°40'52.90"W
Altitude	104m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval islâmico até à Época Moderna
Evidências arqueológicas	Silos, capela e enterramentos
Número de Sepulturas	10 sepulturas islâmicas identificadas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Simples e estreitos covachos
Características das inumações	Em decúbito lateral direito voltados para Meca
Espólio presente	Um botão quadrangular em quartzo hialino
Bibliografia	Boavista <i>et al</i> , 2013a, p.937 e 939; Boavista <i>et al</i> , 2013b, p.132 e 133

Nº	9
Nome	Enterramentos islâmicos na Alcáçova
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Santarém; Concelho: Santarém; Freguesia: Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, São Salvador e São Nicolau
Coordenadas	Aproximadamente: 39°14'2.25"N; 8°40'33.55"W
Altitude	100-110m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Idade do Ferro até ao Período Moderno
Evidências arqueológicas	Materialidades, estruturas, silos e enterramentos
Número de Sepulturas	Duas islâmicas
Realidades religiosas presentes	Islão e Cristianismo
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Rodrigues, 2013, p.2



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

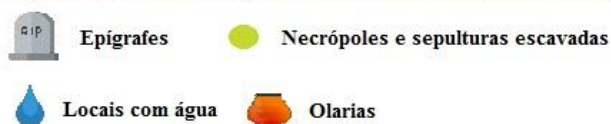
Carta Militar 4 – Localização das necrópoles de Santarém (nº5-9), na Carta Militar de Portugal, Folha 353, ano 1971

- **Lisboa**

Nº	10
Nome	Calçadinha do Tijolo nº37/43
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Lisboa; <u>Concelho</u> : Lisboa; <u>Freguesia</u> : São Vicente
Coordenadas	38°42'47.83"N; 9° 7'42.84"W
Altitude	47-49M
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico e Época Moderna
Evidências arqueológicas	Ademais das fontes dos cronistas, foram escavadas sepulturas e silos islâmicos e uma lixeira de Época Moderna
Número de Sepulturas	Cinco sepulturas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Escavadas no substrato geológico, alongadas e estreitas
Características das inumações	Sensivelmente orientados a sudoeste-nordeste, com um ligeiro desnível a norte-sul, encontravam-se em decúbito lateral direito. Registou-se apenas um esqueleto em decúbito dorsal, nada obstante, todas as inumações escavadas estavam intencionalmente a olhar para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Bugalhão, 2009, p.387; Filipe, 2015, p.4, 10, 24, 25 e 27; Inocêncio, 2015, p.2, 4, 14-21; Torres Balbás, 1970, p.239; Torres, 1994, p.84; Torres e Macias, 1998, p.99.

Nº	11
Nome	Rua dos Lagares e Largo das Olarias
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Lisboa; <u>Concelho</u> : Lisboa; <u>Freguesia</u> : Santa Maria Maior
Coordenadas	38°43'2.88"N; 9° 7'58.54"W
Altitude	35-55m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Muito provavelmente entre o século XII e o XV
Evidências arqueológicas	Para além das fontes escritas, foi escavada uma necrópole com sepulturas islâmicas e judaicas(?), e nas imediações fornos de olarias
Número de Sepulturas	Mais de três centenas
Realidades religiosas presentes	Seguramente gestos funerários islâmicos embora tenham sido identificados de outras índoles
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Alemão, 2016; Machado, 1993, p.106; Oliveira Marques, 1981, p.24; Torres, 1994, p.84; Trindade, 2013, p.555 e 566

Nº	12
Nome	Rua Espírito Santo nº16 e 18
Designação	Vestígios Diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Lisboa; <u>Concelho:</u> Lisboa; <u>Freguesia:</u> Santa Maria Maior
Coordenadas	38°42'47.07"N; 9° 7'58.83"W
Altitude	87m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico e Cristão
Evidências arqueológicas	Estruturas e um enterramento
Número de Sepulturas	Apenas uma sepultura identificada
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Muito afectada e pouco perceptível
Características das inumações	Muito afectada, estava apenas presente o material osteológico da caixa torácica e os úmeros aparentemente dispostos em decúbito lateral direito e sensivelmente orientado a sudoeste-nordeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Gaspar e Gomes, 1997, p.8, 9 e 22

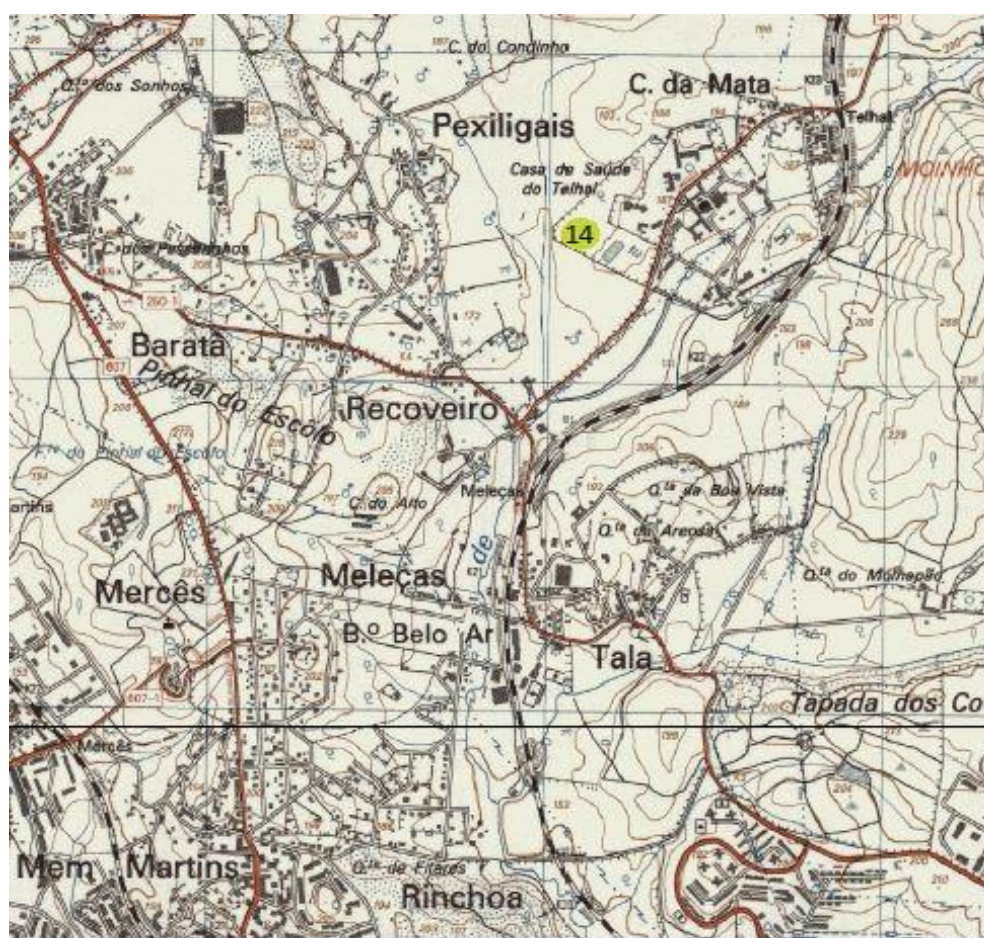


Escala 1:25 000

Carta Militar 5 – Localização das necrópoles do centro de Lisboa (10-12), na Carta Militar de Portugal, Folha 431, ano 1971

Nº	13
Nome	Almocavara
Designação	Topónimo
Localização	<u>Distrito</u> : Lisboa; <u>Concelho</u> : Sintra ; <u>Freguesia</u> : sem informação
Coordenadas	Sem informação
Altitude	Sem informação
Contexto arqueológico	Inexistente
Contexto urbano ou rural	Sem informação
Época(s) cronológica(s)	Sem informação
Evidências arqueológicas	Apenas as evidências toponímicas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Sem informação
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Machado, 1993, p.106.

Nº	14
Nome	Telhal
Designação	<i>Villa romana</i>
Localização	Distrito: Lisboa; Concelho: Sintra; Freguesia: Queluz e Belas
Coordenadas	38°48'18.18"N; 9°18'38.81"W
Altitude	174-181m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Época romana e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	<i>Villa romana e necrópole islâmica</i>
Número de Sepulturas	15 sepulturas com 14 inumações
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Maioritariamente escavadas na rocha (apenas duas escavadas no solo), relativamente estreitas e com os limites bem perceptíveis
Características das inumações	Inumações primárias, depositadas em decúbito lateral direito, orientadas a sul-sudoeste/norte nordeste, com os membros ligeiramente flectidos, com a face voltada para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Sebastião, 2008a; Sebastião, 2008b; Ferreira, 2009, p.4, 8, 27, 41, 44-52, 53-54

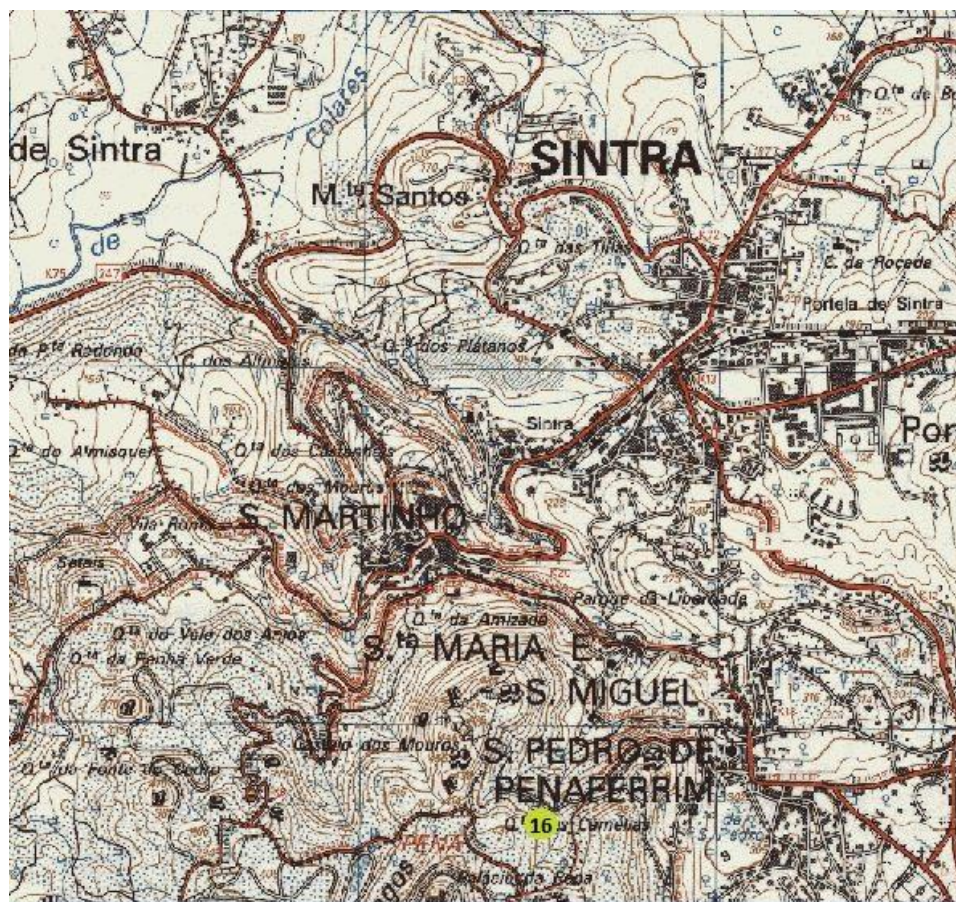


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Nº	15
Nome	Cemitério mourisco de Colares
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Lisboa; <u>Concelho</u> : Sintra; <u>Freguesia</u> : Colares
Coordenadas	Sem informação
Altitude	Sem informação
Contexto arqueológico	Sem intervenção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval (pós-Reconquista)
Evidências arqueológicas	Cronistas relatam um cemitério de mouros e judeus
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Judaica e Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Viterbo,1907, p.252; Torres e Macias, 1998, p.110

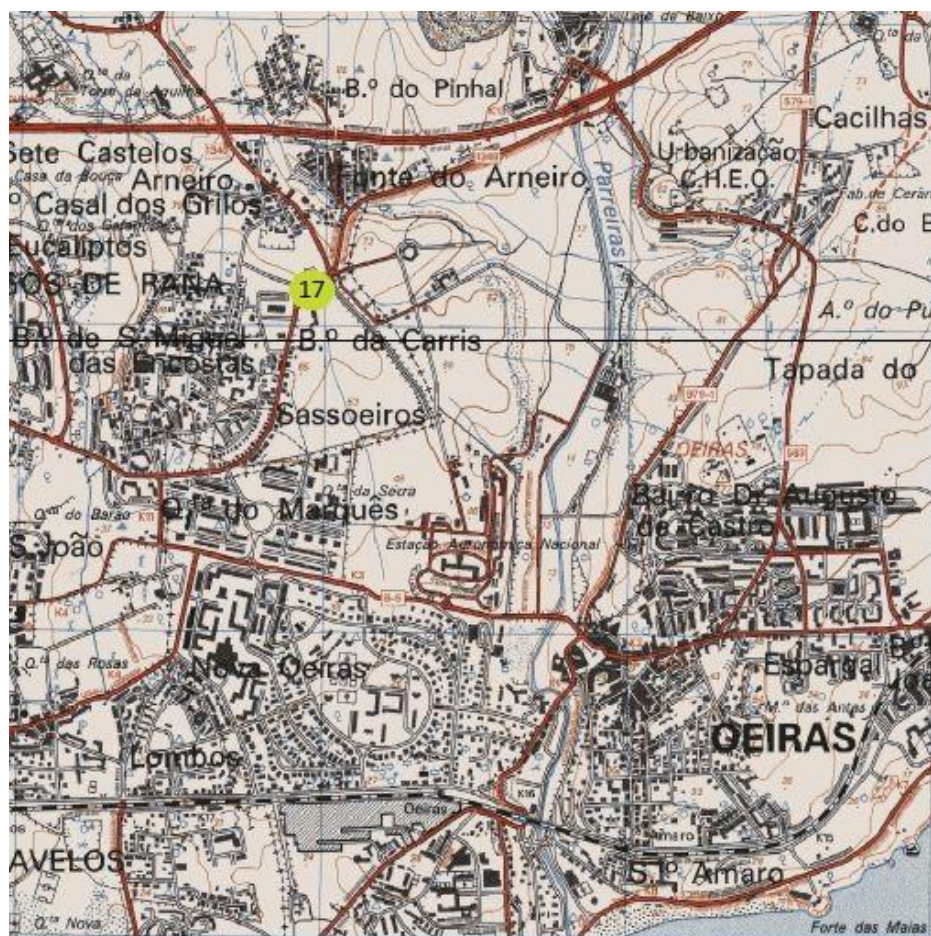
Nº	16
Nome	Tapada do Inhaca
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Lisboa; Concelho: Sintra ; Freguesia: Sintra
Coordenadas	38°47'19.74"N; 9°23'15.83"W
Altitude	420-430m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Conjunto de estruturas habitacionais, silos e enterramentos
Número de Sepulturas	Aparentemente, só fora identificado um sepulcro
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Aparentemente, simples fossa oval escavada no solo
Características das inumações	Em decúbito lateral direito, com orientação sudoeste-nordeste a olhar para Meca. Pela análise fotográfica os membros inferiores encontravam-se estendidos.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Coelho, 2013, p.739; Quaresma, 2001



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

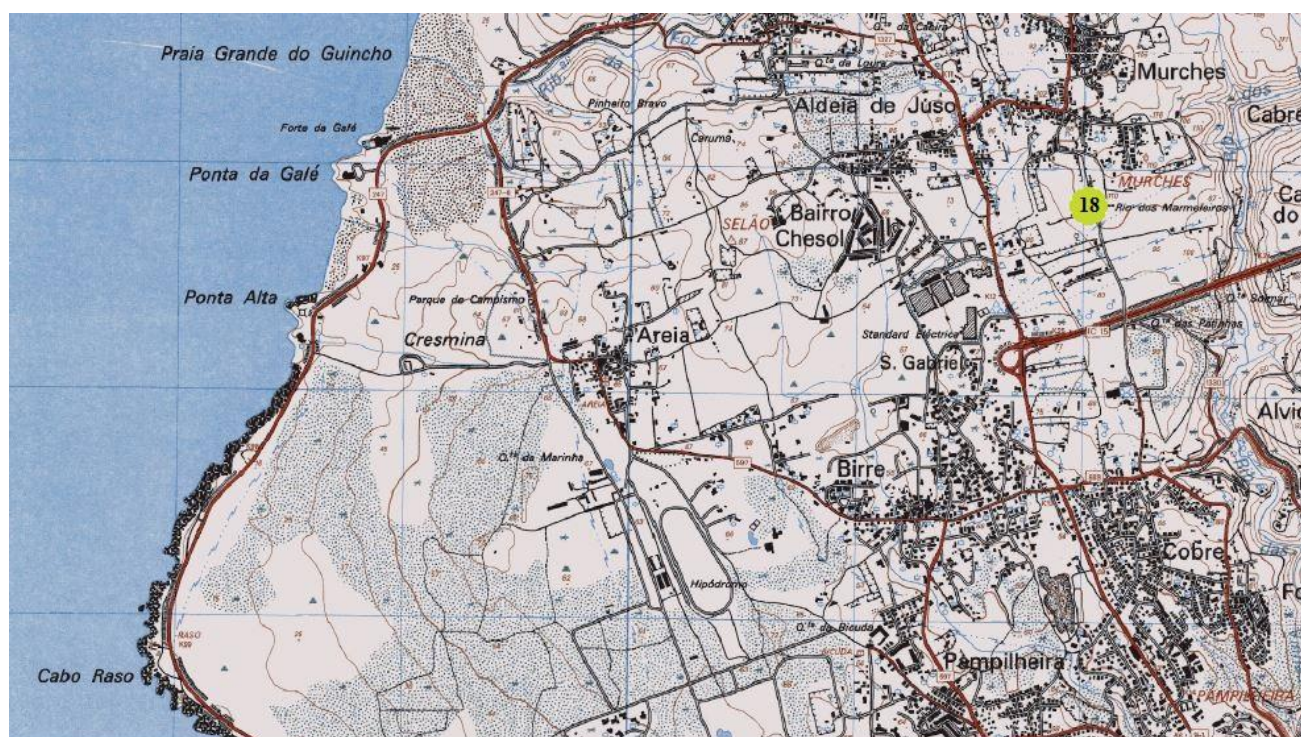
Nº	17
Nome	Arneiro
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Lisboa; Concelho: Cascais; Freguesia: Carcavelos e Parede (União de Freguesias)
Coordenadas	38°42'13.70"N; 9°19'26.59"W
Altitude	68m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Calcolítico e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	À parte dos enterramentos islâmicos, encontraram-se nas imediações alguma cerâmica com decoração campaniforme e também uma mó
Número de Sepulturas	15 sepulturas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas escavadas na rocha, com pouca profundidade, sem cobertura, estreitas e orientadas a oeste-este
Características das inumações	Inumações primárias, em decúbito lateral direito e voltados para oriente
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Cardoso, 1991, p.24 e 86; Encarnação e Cardoso, 1987a, p.2 e 3; Encarnação e Cardoso, 1987b, p.59



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Nº	18
Nome	Rossio Pelado
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito:</u> Lisboa; <u>Concelho:</u> Cascais; <u>Freguesia:</u> Alcabideche
Coordenadas	38°43'39.54"N; 9°26'19.07"W
Altitude	100-105m
Contexto arqueológico	Escavação arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos islâmicos
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas escavadas na rocha, sem cobertura e de pouca profundidade. Dispostas paralelamente entre os demais sepulcros.
Características das inumações	Grosso modo são inumações primárias, detectando-se uma única exceção. Os inumados foram dispostos em decúbito lateral direito, orientados a oeste/sudoeste – este/nordeste com a face orientada a sudeste.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Cardoso, 1991, p.24 e 43

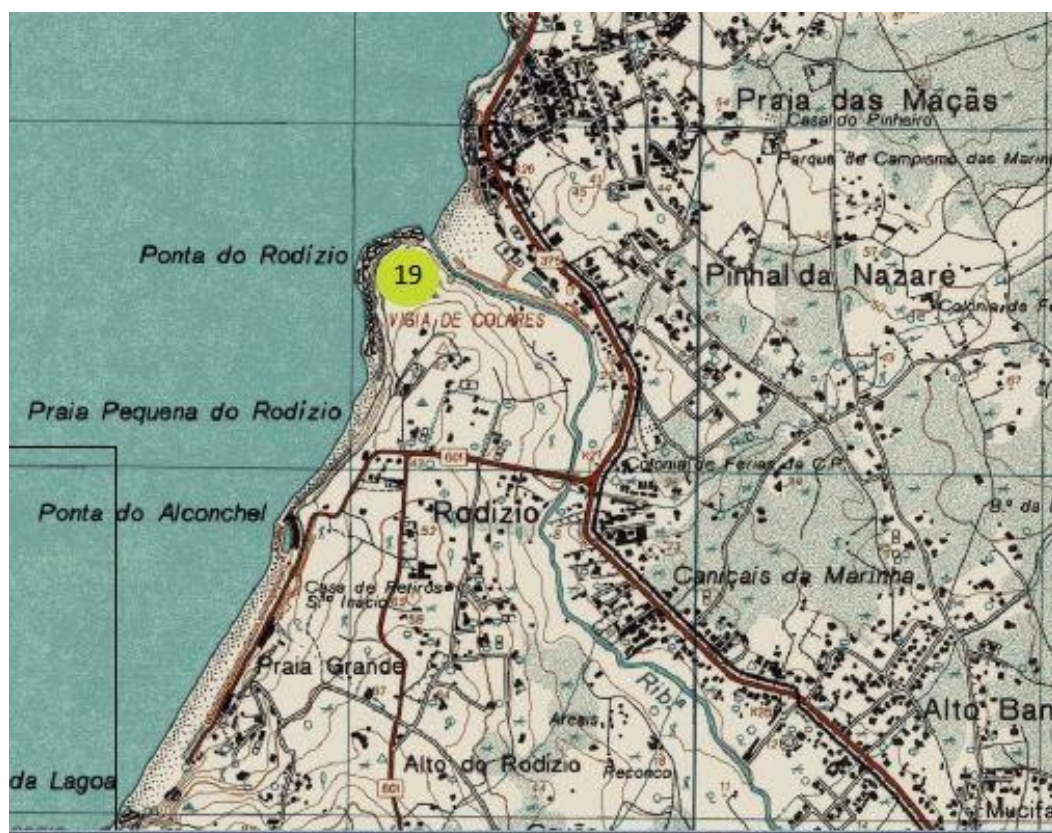


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 9 – Localização da necrópole Rossio Pelado (nº18), na Carta Militar de Portal, Folha 429, ano 1971

Nº	19
Nome	Alto da Vigia
Designação	Santuário romano e <i>ribat</i>
Localização	Distrito: Lisboa; Concelho: Sintra ; Freguesia: Colares
Coordenadas	38°49'27.07"N; 9°28'22.26"W
Altitude	10m
Contexto arqueológico	Projecto de investigação do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Desde época romana (século II) até ao século XVI
Evidências arqueológicas	Santuário romano, <i>ribat</i> , sepulturas e Torre do Facho
Número de Sepulturas	Até à data, foram identificadas oito sepulturas em que apenas uma ainda comportava um inumado preservado
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas estreitas e rectangulares, escavadas no substrato geológico, constituídas por lajes de calcário em cutelo e de orientação sensivelmente entre sudoeste/sul-nordeste/norte
Características das inumações	Inumação primária em decúbito lateral direito com a face virada sensivelmente para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Borges, 2013, p.119; Gonçalves, 2013, p.3; Gonçalves, 2016, p.63; 65 e 76; Jordão e Mendes, 2009, p.12, 13 e 17



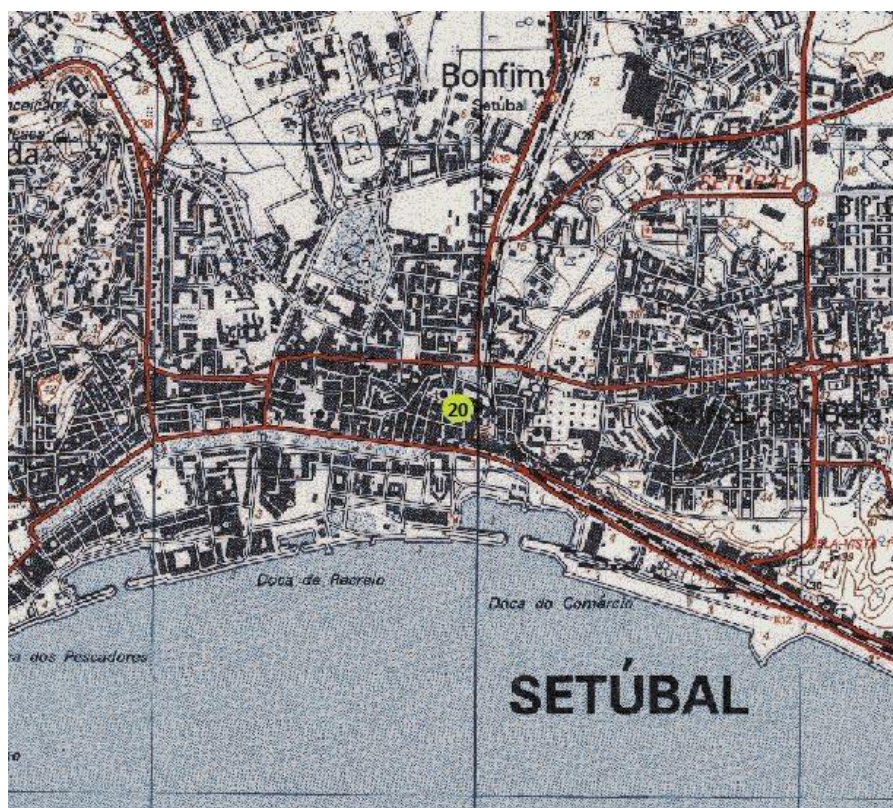
● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 10 – Localização do sítio do Alto da Vigia (nº19) na Carta Militar de Portugal, Folha 415, ano 1971

- **Setúbal**

Nº	20
Nome	Rua Francisco Augusto Flamengo nº10-12
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Setúbal; <u>Concelho:</u> Setúbal ; <u>Freguesia:</u> Setúbal (São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça)
Coordenadas	38°31'25.33"N; 8°53'14.42"W
Altitude	10-11m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Desde Idade do Ferro até ao século XIX/XX. A necrópole deverá enquadrar-se entre o século X e XII
Evidências arqueológicas	Várias materialidades, nomeadamente reservatório de água romano, sepulturas islâmicas, edifícios habitacionais e de carácter industrial
Número de Sepulturas	22 sepulturas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Simple fossas oblongas escavadas no solo
Características das inumações	Inumações primárias orientadas a sudoeste-nordeste e com a face virada para sudoeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Godinho, 2010, p.3, 4 e 7; Silves, 2010, p.171; 172 e 177; Soares e Godinho, 2009, p. 3, 4, 6, 9, 10, 13 e 16; Soares 2011, p. 2 e 6



● Necrópoles e sepulturas escavadas

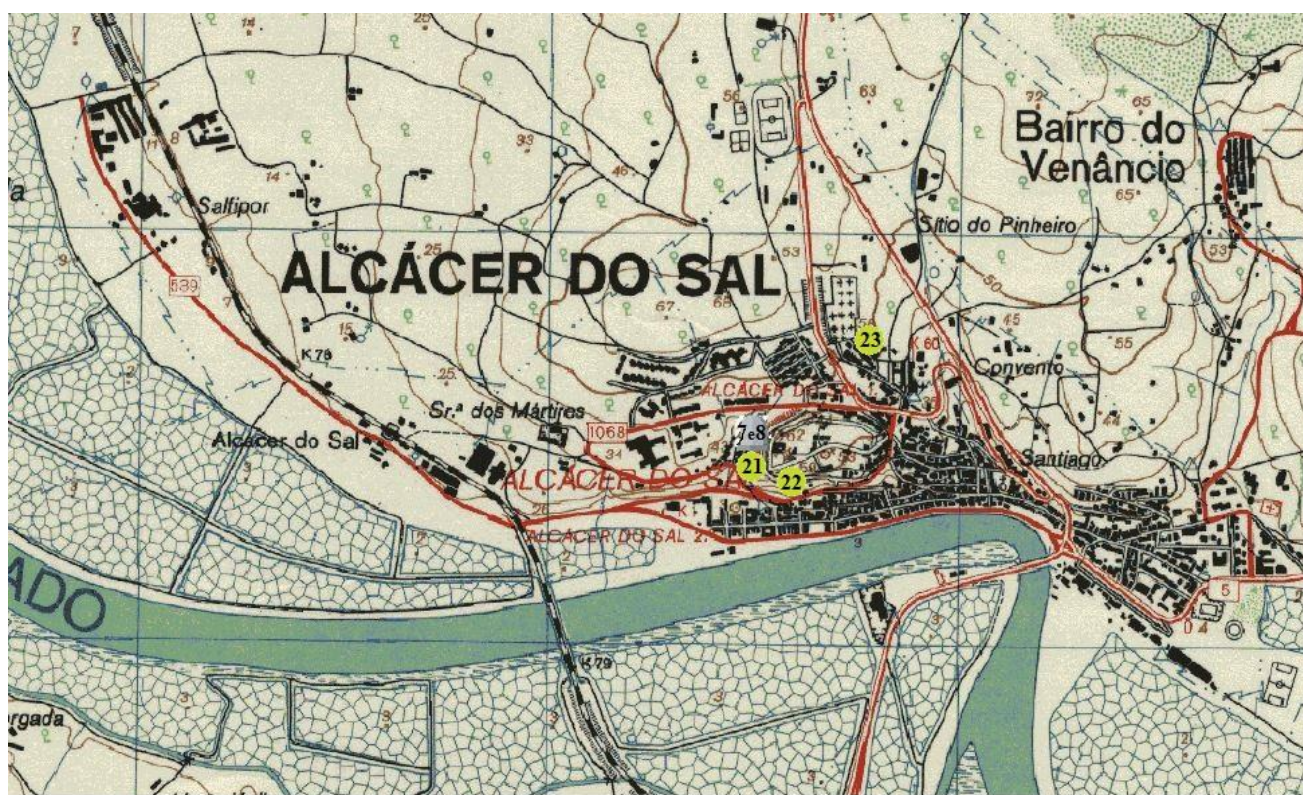
Escala 1:25 000

Carta Militar 11 – Localização da necrópole na Rua Francisco Augusto Flamengo (nº20), na Carta Militar de Portugal, Folha 454, ano 1971

Nº	21
Nome	Maqbara no lado poente do Castelo de Alcácer do Sal
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Setúbal; <u>Concelho</u> : Alcácer do Sal; <u>Freguesia</u> : São Maria do Castelo, Santiago e Santa Susana
Coordenadas	38°22'18.99"N; 8°30'52.57"W
Altitude	40-48m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico (século X-XI)
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Quatro
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Em decúbito lateral direito, orientadas no sentido poente-nascente a olhar para Meca
Espólio presente	Lápides funerárias e dente fóssil de tubarão
Bibliografia	Barceló e Labarta, 1987, p.239-243; Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.87 e 88

Nº	22
Nome	Barbacã de Alcácer do Sal
Designação	Sepulturas islâmicas
Localização	<u>Distrito</u> : Setúbal; <u>Concelho</u> : Alcácer do Sal; <u>Freguesia</u> : São Maria do Castelo, Santiago e Santa Susana
Coordenadas	38°22'18.86"N; 8°30'49.58"W
Altitude	49m
Contexto arqueológico	Sem informação
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico (aquando a Reconquista?)
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	No mínimo foi escavada uma sepultura
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Inumação em fraco estado de conservação com o crânio assente com a face direita no solo e em decúbito dorsal
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Carvalho, Faria e Ferreira, 2004, p.89

Nº	23
Nome	Necrópole de São Francisco
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Setúbal; Concelho: Alcácer do Sal; Freguesia: São Maria do Castelo, Santiago e Santa Susana
Coordenadas	38°22'29.64"N; 8°30'40.23"W
Altitude	50m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Proto-história até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos da Idade do Ferro, de período romano e medieval islâmico
Número de Sepulturas	Diversas de incineração e uma islâmica
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Em decúbito lateral direito e orientado para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Faria, 2000, p.1, 5, 7

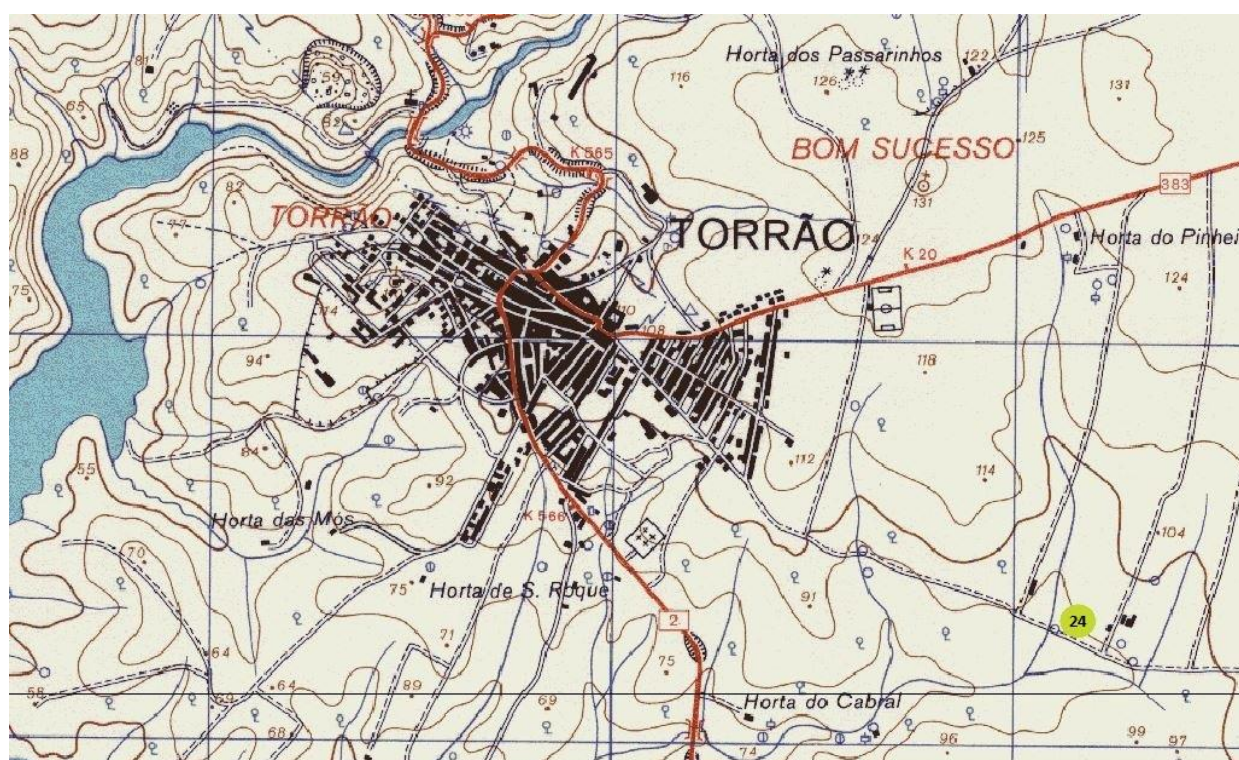


Epígrafes ● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 12 – Localização das necrópoles do centro de Alcácer do Sal (nº21-23), na Carta Militar de Portugal, Folha 476, ano 1971

Nº	24
Nome	Horta do Pinheiro 5
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Setúbal; <u>Concelho:</u> Alcácer do Sal; <u>Freguesia:</u> Torrão
Coordenadas	38°17'16.33"N; 8°12'37.46"W
Altitude	88-90m
Contexto arqueológico	Minimização de impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Idade do Bronze até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas, enterramentos da Idade do Ferro e islâmicos
Número de Sepulturas	20 sepulturas com 19 esqueletos
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão
Características das Sepulturas	Simple fossas e <i>lahd</i> , algumas com cobertura de lajes ou de telhas com decoração digitada
Características das inumações	Em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste (algumas a sudoeste/oeste-nordeste/este), com a face voltada a sudeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Matias <i>et all</i> , 2016, p.8, 14, 17-19, 21, 23-26, 28-43, 45, 123-125, 127, 130, 135, 137



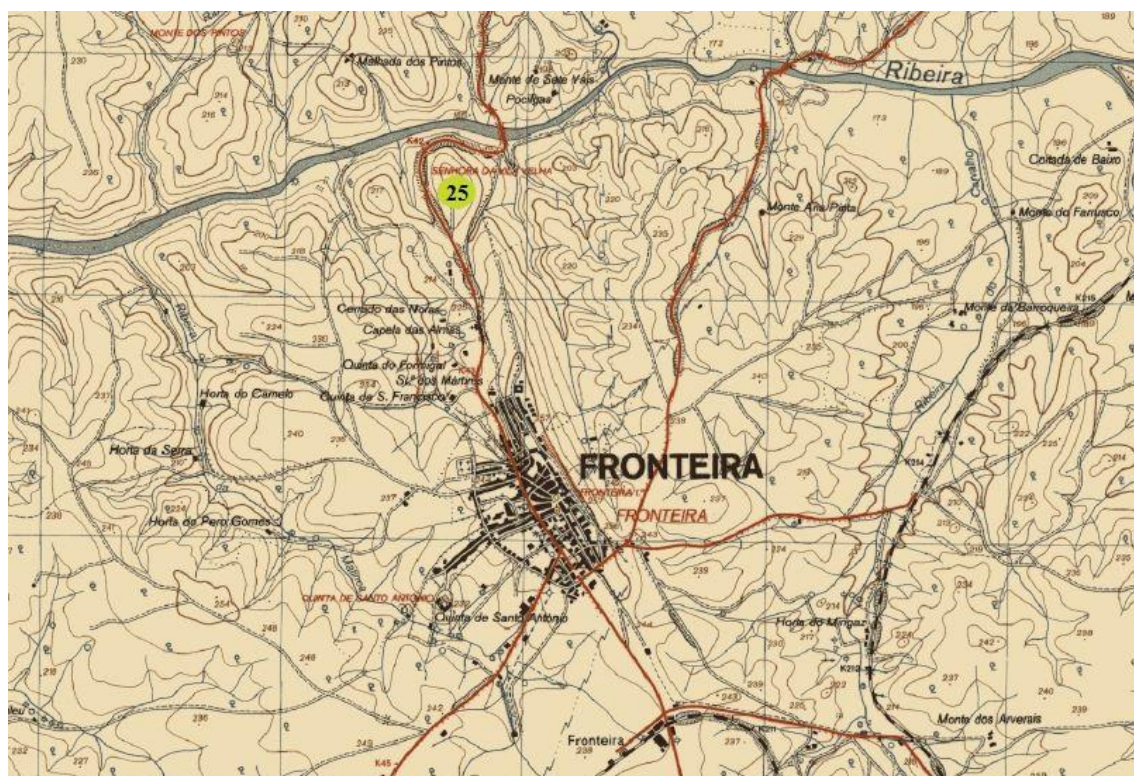
● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 13 – Localização da Horta do Pinheiro (nº24), na Carta Militar de Portugal, Folha 487, ano 1971

- Portalegre

Nº	25
Nome	Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Portalegre; <u>Concelho:</u> Fronteira; <u>Freguesia:</u> Fronteira
Coordenadas	39° 4'6.52"N; 7°39'8.37"W
Altitude	210m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Proto-história até Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Materialidades proto-históricas, silos e enterramentos
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas em caixas de xisto
Características das inumações	Em decúbito lateral
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Carneiro, 2005, p.53 e 80

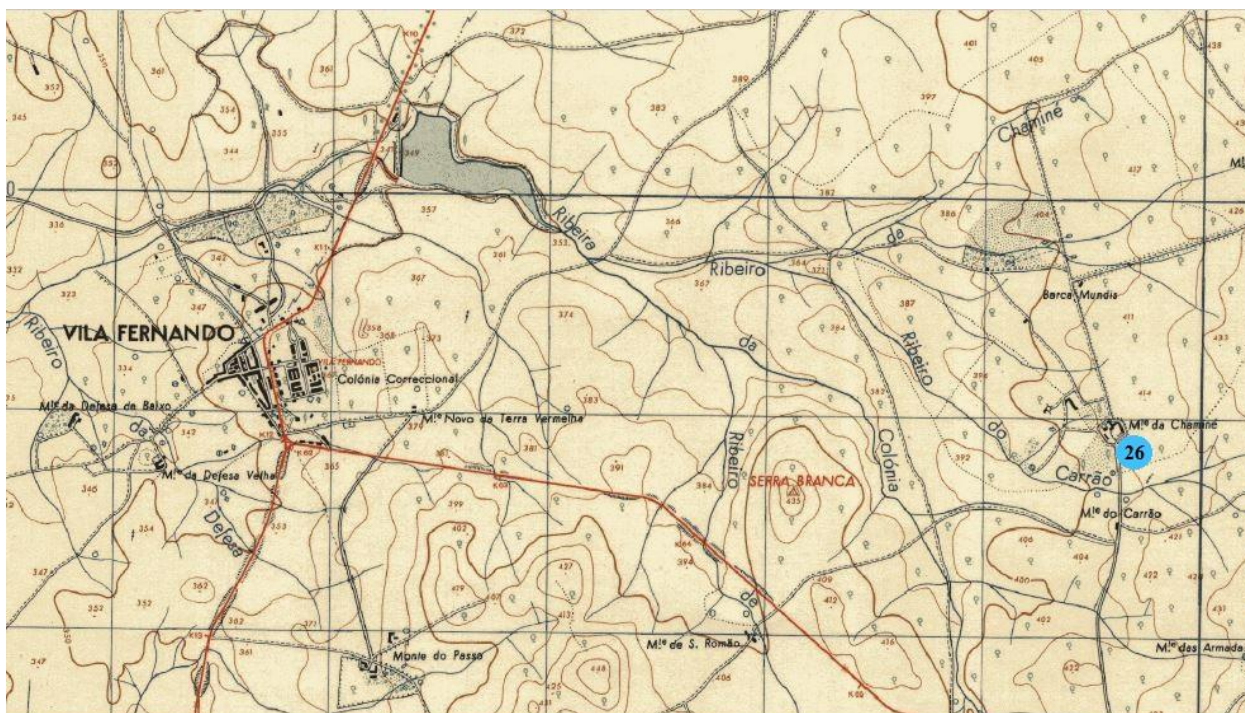


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 14 – Localização da necrópole na Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha (nº25), na Carta Militar de Portugal, Folha 383, ano 1971

Nº	26
Nome	Herdade da Chaminé
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito:</u> Portalegre; <u>Concelho:</u> Elvas; <u>Freguesia:</u> Barbacena e Vila Fernando
Coordenadas	38°54'48.05"N; 7°16'28.58"W
Altitude	411-413m
Contexto arqueológico	Escavação
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Idade do Ferro até à Antiguidade Tardia (ou Período Medieval Islâmico)
Evidências arqueológicas	Urnas e inumações
Número de Sepulturas	Cerca de 150 sepulturas de incineração e 75 de inumação
Realidades religiosas presentes	Paganismo, Cristianismo e Islão(?)
Características das Sepulturas	Sepulcros trapezoidais ou retangulares estruturados com lajes ou pedras sobrepostas
Características das inumações	De orientações alternadas entre norte-sul e oeste-este das quais existem referências de uma aparente posição lateral
Espólio presente	Diverso espólio metálico e cerâmico
Bibliografia	Almeida, 2000, p.110; Fabião, 1998, p.370; Frade e Caetano, 1993, p.850; Heleno, 1951, p.89 e 94



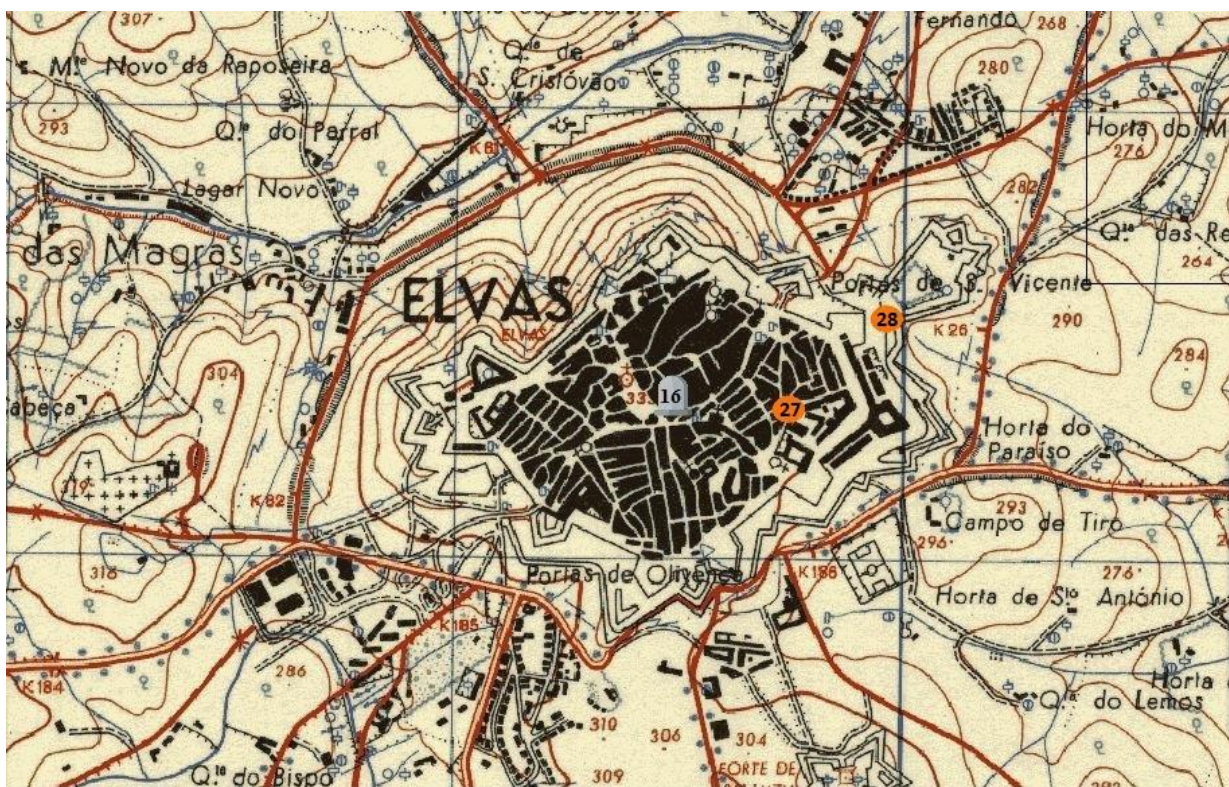
 Indeterminado

Escala 1:25 000

Carta Militar 15 – Localização da Herdade da Chaminé (nº26), na Carta Militar de Portugal, Folha 413, ano 1971

Nº	27
Nome	Almocavar mourisco de Elvas
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Portalegre; <u>Concelho</u> : Elvas; <u>Freguesia</u> : Caia, São Pedro e Alcáçova
Coordenadas	Aproximadamente 38°52'50.16"N; 7° 9'34.30"W
Altitude	295-300m
Contexto arqueológico	Inexistente
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval (século XV)
Evidências arqueológicas	Fontes escritas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Almada, 2013, p.320-323; Barros, 1936, p.211 e 212; Correia, 2013, p.256 e 257; Torres e Macias, 1998, p.129

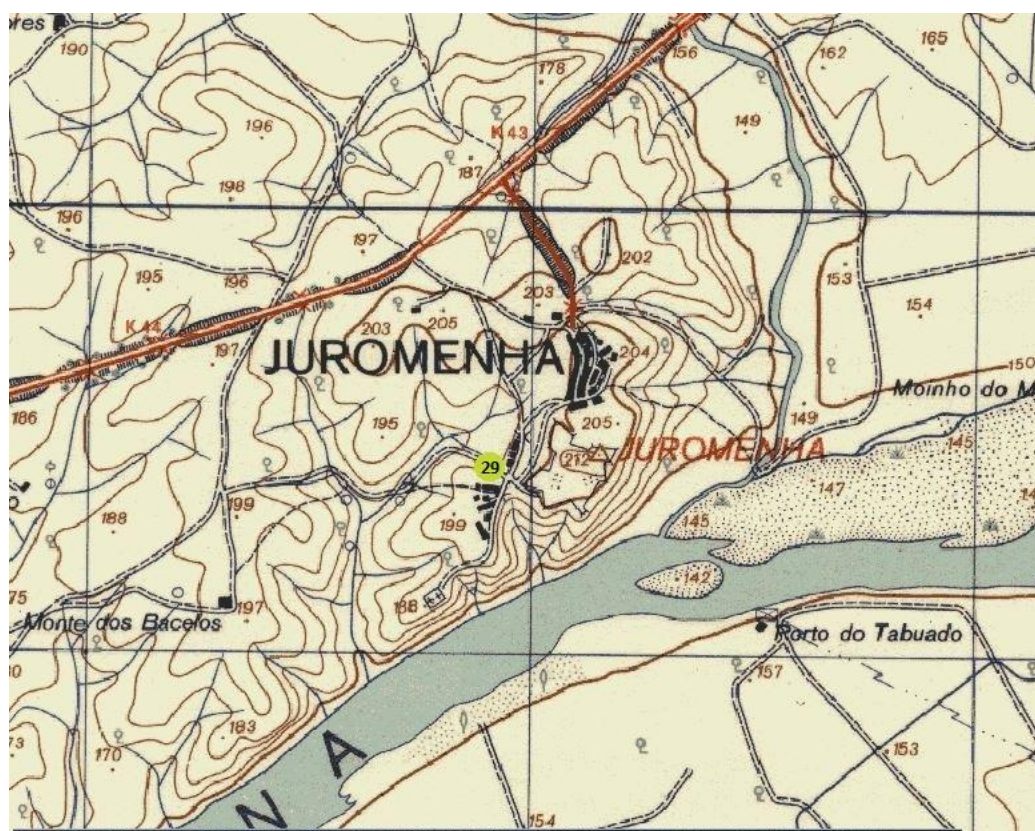
Nº	28
Nome	Segundo almocavar mourisco de Elvas
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Portalegre; Concelho: Elvas; Freguesia: Caia, São Pedro e Alcáçova
Coordenadas	Hipoteticamente: 38°52'55.64"N; 7° 9'26.79"W
Altitude	290m
Contexto arqueológico	Inexistente
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval/Moderno
Evidências arqueológicas	Fontes literárias
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Almada, 2013, p.322 e 323; Correia, 2013, p.258-260



Carta Militar 16 – Localização dos almocavares de Elvas (nº27 e 28), na Carta Militar de Portugal, Folha 414, ano 1971

- Évora

Nº	29
Nome	Rua do Miradouro
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito:</u> Évora; <u>Concelho:</u> Alandroal; <u>Freguesia:</u> Juromenha
Coordenadas	38°44'17.85"N; 7°14'30.27"W
Altitude	191-193m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Materiais de época romana e enterramentos islâmicos
Número de Sepulturas	Três mas apenas intervencionadas duas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Uma única sepultura que comportava os dois inumados, escavada na rocha, de planta quadrangular e constituído por tijolos de adobe de cor amarelada
Características das inumações	Orientados a sul-norte, com a face voltada intencionalmente para Meca, em decúbito lateral direito e com os membros inferiores semi-flectidos.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Anselmo, 2016, p.2-3; Mataloto, 2015, p.2, 12 e 14-16



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 17 – Localização da necrópole na Rua do Miradouro (nº29), na Carta Militar de Portugal, Folha 441, ano 1971

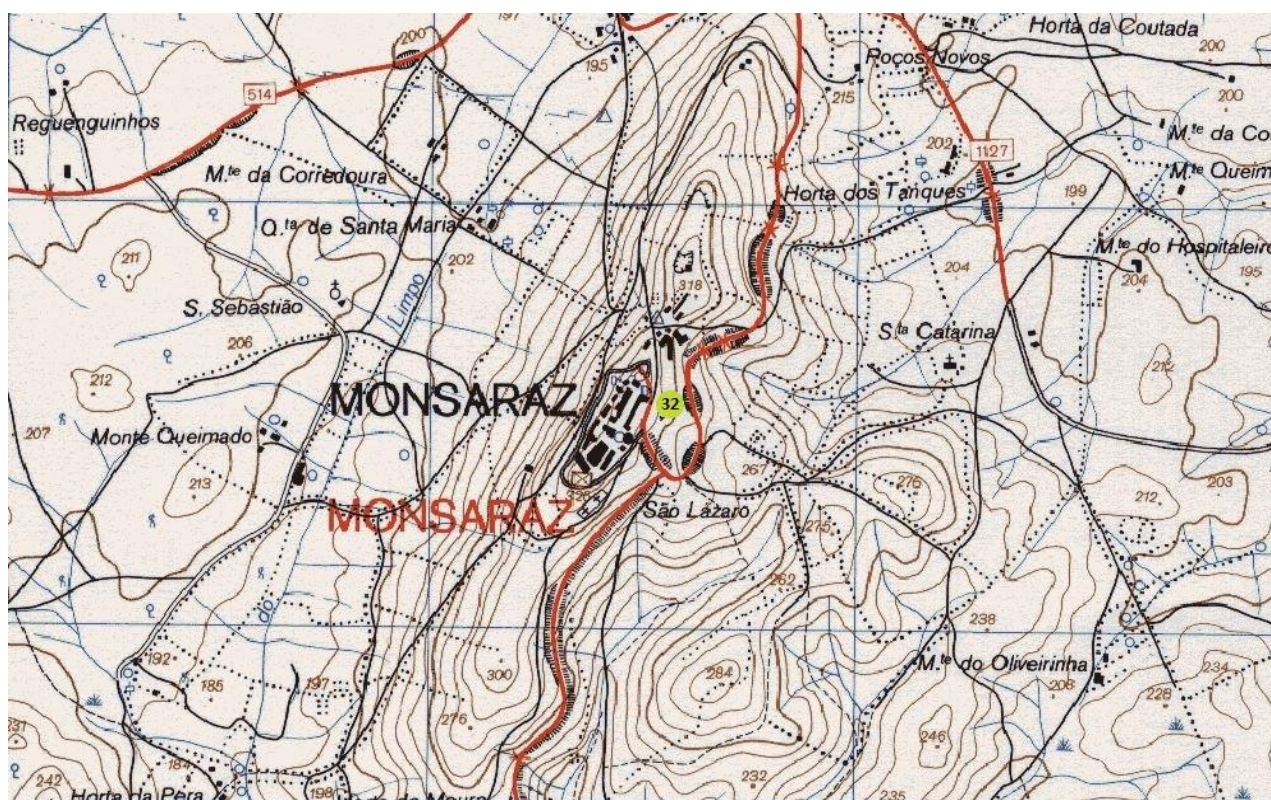
Nº	30
Nome	Museu de Évora
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito</u> : Évora; <u>Concelho</u> : Évora; <u>Freguesia</u> : São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão
Coordenadas	38°34'18.96"N; 7°54'25.12"W
Altitude	305-307m
Contexto arqueológico	Investigação e projecto de salvaguarda do património
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período romano até época moderna
Evidências arqueológicas	Materialidades e estruturas de época romana e moderna, necrópole islâmica e cristã
Número de Sepulturas	Oito islâmicas
Realidades religiosas presentes	Islão e Cristianismo
Características das Sepulturas	Maioritariamente de planta ovalada à excepção de duas estruturadas ora com lajes e tijolo ora só com tijolos de burro
Características das inumações	Inumações individuais, em decúbito lateral direito (apenas uma em decúbito dorsal), orientadas a sudoeste-nordeste e a olhar para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Gonçalves <i>et alli</i> , 1998, p.5-7; Hauschild, 1992; Hauschild, 2001, p.81 e 82; Simão e Brazuna, 2008a, p.12, 35-37, 41; Simão e Brazuna, 2008b, p.16, 17, 25, 27, 29; Simão e Brazuna, 2010, p.79 e 80; Teichner, 1998, p.27

Nº	31
Nome	Rua de Avis nº91
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Évora; Concelho: Évora; Freguesia: São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão
Coordenadas	38°34'29.76"N; 7°54'36.37"W
Altitude	291m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Quatro, apenas três escavadas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Estreitas, de planta rectangular e escavadas no solo
Características das inumações	Duas em decúbito dorsal e a restante em decúbito lateral, todas estão orientadas a este-oeste, com a face voltada para sul, e com os membros superiores e inferiores alternados entre estendidos e flectidos
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Batata, 2005, p.2, 5, 7, 8; Santos, 2005, p.4-7



Carta Militar 18 – Localização dos almocavares do centro de Beja (nº30 e 31), na Carta Militar de Portugal, Folha 460, ano 1971

Nº	32
Nome	Qubba de Monsaraz / Ermida de São Baptista
Designação	Qubba/Ermida
Localização	Distrito: Évora; Concelho: Reguengos de Monsaraz; Freguesia: Monsaraz
Coordenadas	38°26'37.79"N; 7°22'45.55"W
Altitude	308-311m
Contexto arqueológico	Investigação
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval e Moderno
Evidências arqueológicas	Qubba/Ermida, necrópole e estruturas habitacionais modernas
Número de Sepulturas	14
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão(?)
Características das Sepulturas	Escavadas no afloramento rochoso, existem três com orientação sudoeste-nordeste
Características das inumações	As de orientação sudoeste-nordeste não foram escavadas
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Gonçalves, 1962, p.30 e 32; Gonçalves, 1966, p.13; Nunes, 1997, p.24 e 25



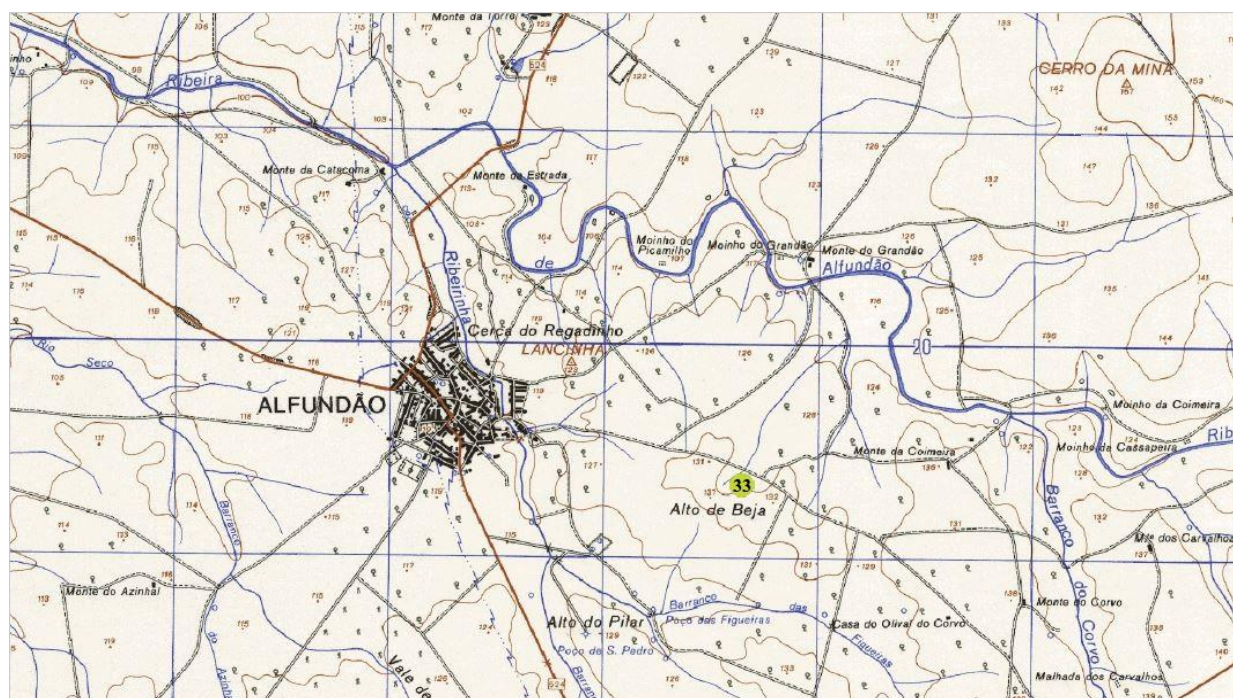
● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 19 – Localização da *Qubba* de Monsaraz (nº32), na Carta Militar de Portugal, Folha 474, ano 1971

- Beja

Nº	33
Nome	Lancinha 3
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito:</u> Beja; <u>Concelho:</u> Ferreira do Alentejo; <u>Freguesia:</u> Alfundão
Coordenadas	38° 6'59.40"N; 8° 2'50.30"W
Altitude	130m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Silo e inumações
Número de Sepulturas	Sete
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Escavadas na rocha, alongadas, estreitas, pouco profundas e de topos arredondados. Existem dois sepulcros com cobertura em lajes
Características das inumações	Em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste-nordeste, com a face voltada a sudeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Pinto, 2012, p.3, 6, 8, 17-22, 24-29, 32, 34-42; Pinto, Lopes e Granja, 2013, p.2032, 2035-2046.

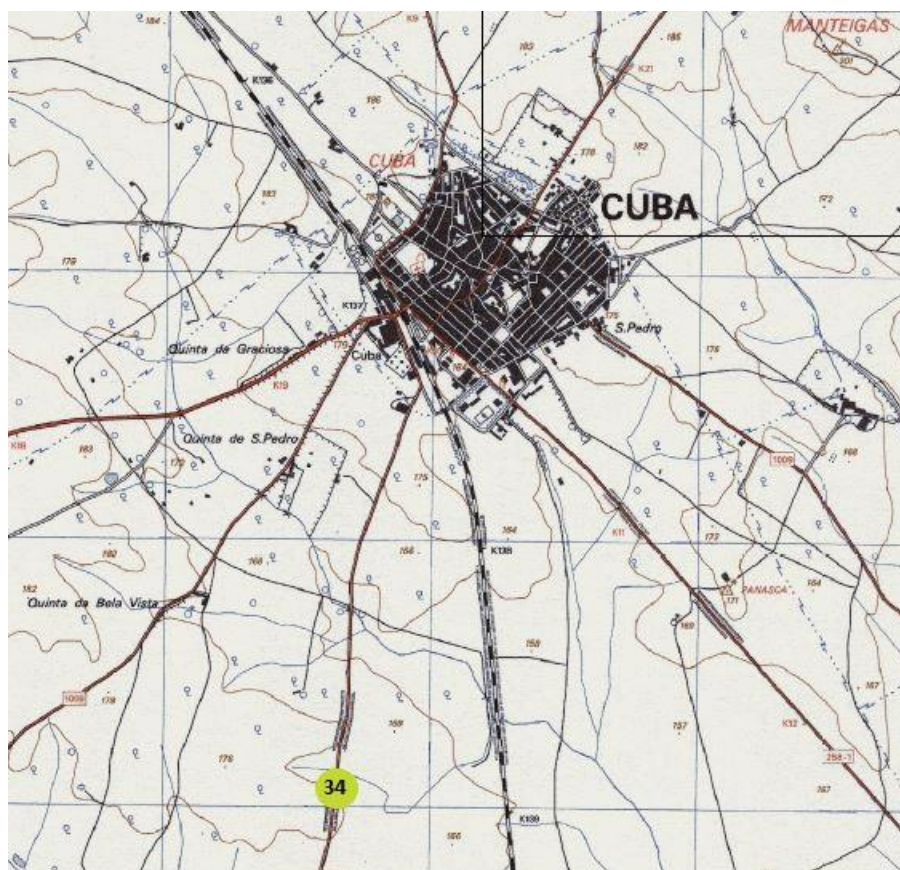


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 20 – Localização da necrópole da Lancinha 3 (nº33), na Carta Militar de Portugal, Folha 509, ano 1971

Nº	34
Nome	Xancra II
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Cuba; Freguesia: Cuba
Coordenadas	38° 8'51.50"N; 7°53'56.20"W
Altitude	169m
Contexto arqueológico	Medidas de Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas pré-histórias, enterramentos da Idade do Ferro, cristãos e islâmicos
Número de Sepulturas	33 islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paganismo, paleocristianismo e islão
Características das Sepulturas	Maioria fossas simples ovaladas. Detectada uma sepultura estruturada por blocos de pedra e por cerâmica e uma outra estruturada por dois degraus laterais. Registou-se a presença de uma laje que poderá indicar uma cobertura deste género
Características das inumações	Decúbito lateral direito, orientadas SO-NE, com a face voltada para Meca. Os membros alternavam entre flectidos e esticados, e as mãos por vezes estavam colocadas na zona da pélvis
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Brazuna e Godinho, 2009, p.66 e 67; Brazuna e Godinho, 2014, p.219-222.

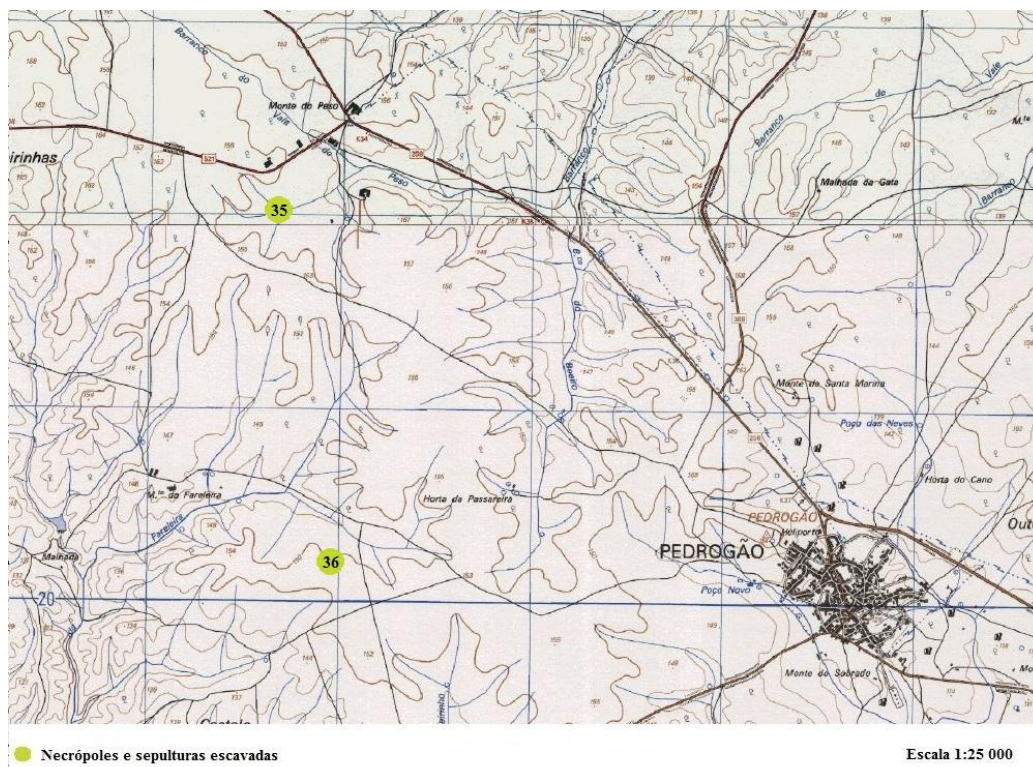


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Nº	35
Nome	Monte do Peso 1
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Vidigueira; <u>Freguesia</u> : Pedrógão
Coordenadas	38° 8'11.68"N; 7°40'54.03"W
Altitude	141-147m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas pré-históricas, materialidades de época romana e uma inumação islâmica
Número de Sepulturas	1
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	De planta rectangular escavada no substracto geológico
Características das inumações	Orientada a SO-NE, com a face voltada para nascente e em decúbito ventral. Os membros superiores e inferiores encontravam-se esticados e as mãos colocadas sobre a bacia.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Baptista, Figueiredo e Gomes, 2013, p.10; 14 e 15; Rodrigues, 2013, p.11, 12, 29 e 30.

Nº	36
Nome	Fareleira 2
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Beja; <u>Concelho:</u> Vidigueira; <u>Freguesia:</u> Pedrógão
Coordenadas	38° 7'11.58"N; 7°40'45.80"W
Altitude	144-150m
Contexto arqueológico	Investigação
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas, sepulturas de inumação da Idade do Ferro e islâmicas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Costa, 2016, p.59



Carta Militar 22 – Localização das necrópoles Monte do Peso e Fareleira 2 (nº35 e 36), na Carta Militar de Portugal, Folha 511, ano 1971

Nº	37
Nome	Rua do Sequeiro
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Moura; Freguesia: Santo Agostinho, São João Baptista e Santo Amador
Coordenadas	38° 8'35.09"N; 7°27'9.49"W
Altitude	175m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Nove
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Orientadas a sudoeste-nordeste a voltadas para nascente
Espólio presente	Lápides nas imediações
Bibliografia	Borges e Macias, 1992, p.65 e 66; Macias, Gaspar e Valente, 2016, p.46 e 47.



Epígrafes



Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000



Locais com água

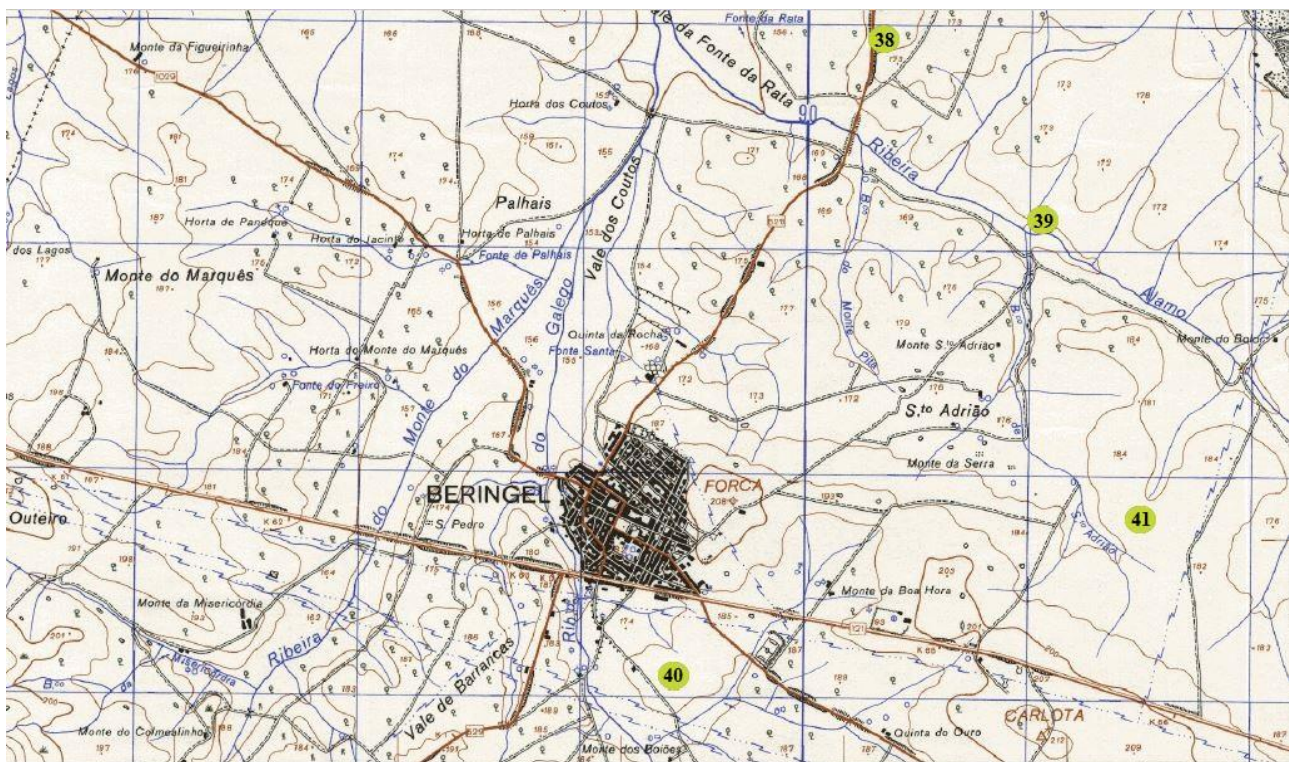
Carta Militar 23 – Localização da necrópole na Rua do Sequeiro (nº37), na Carta Militar de Portugal, Folha 501, ano 1971

Nº	38
Nome	Vale da Fonte da Rata 3
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : Beringel
Coordenadas	38° 4'33.21"N; 7°58'19.00"W
Altitude	166m
Contexto arqueológico	Medidas de Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Calcolítico e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Silos calcolíticos e sepulturas islâmicas
Número de Sepulturas	5
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas estreitas escavadas no substrato geológico
Características das inumações	Inumações primárias maioritariamente em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste, com o crânio voltado para Meca. Registaram-se apenas duas inumações orientadas a sul-norte e a oeste-este.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Santos, 2007, p.3-6; Sousa, 2007, p.13

Nº	39
Nome	Ribeira do Álamo 1
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : Trigaches e São Brissos
Coordenadas	38° 4'7.81"N; 7°57'46.04"W
Altitude	165m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Desde a Pré-história até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas, silos e sepulturas islâmicas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Portal do Arqueólogo em Url: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/

Nº	40
Nome	Bela Vista 1 e 3
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : Santa Vitória e Mombeja
Coordenadas	38° 2'59.28"N; 7°58'56.50"W
Altitude	185m
Contexto arqueológico	Mimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Idade do Bronze até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas do Bronze e tardo-romanas e necrópole islâmica
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Escavadas no substrato geológico
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Portal do Arqueólogo, in url: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3009447

Nº	41
Nome	Monte do Bolor 1 e 2
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Beja; Freguesia: Trigaches e S. Brissos
Coordenadas	38° 3'27.28"N; 7°57'28.55"W
Altitude	178m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Calcolítico até ao Período Moderno
Evidências arqueológicas	Fossas pré-históricas, sepulturas da Idade do Ferro, necrópole islâmica, e estruturas romanas e modernas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão
Características das Sepulturas	Fossas estreitas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Portal do Arqueólogo, in url: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2959108

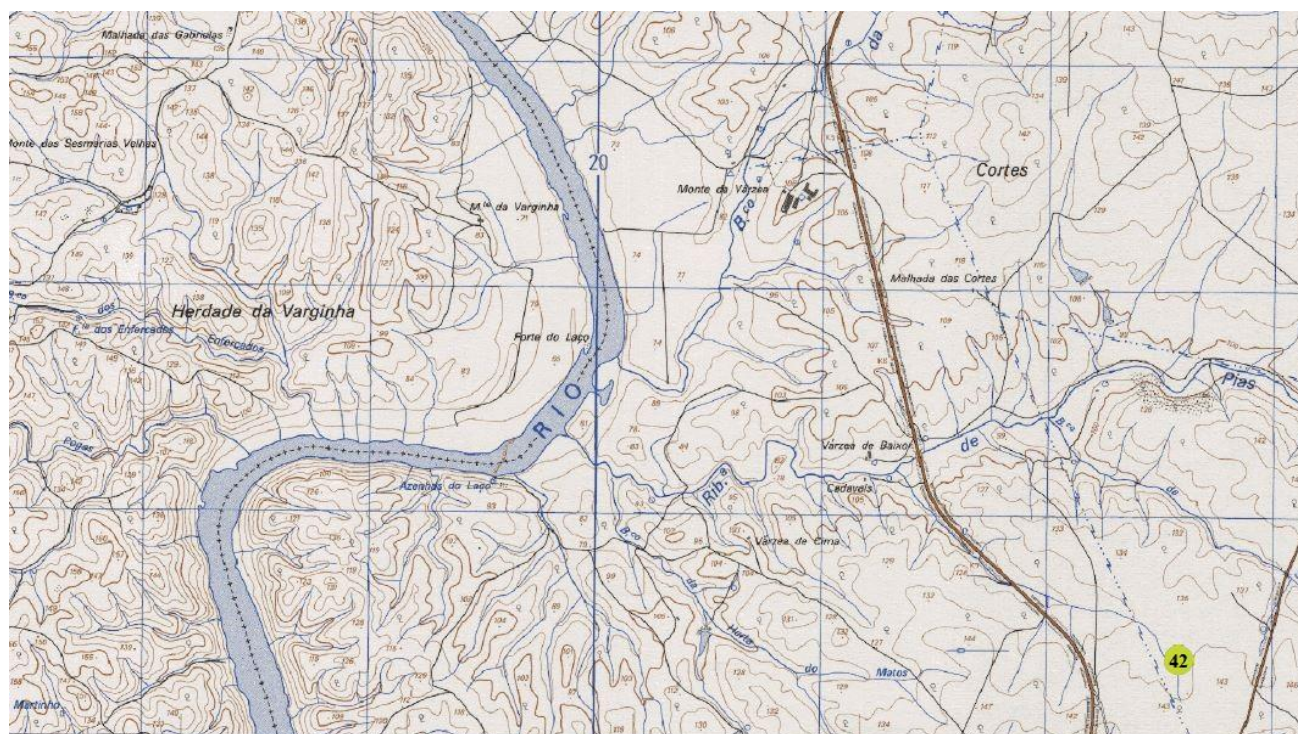


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 24 – Localização da necrópole Vale da Fonte da Rata 3, Ribeira do Álamo 1, Bela Vista 1 e 2, e Monte Bolor 1 e 2 (nº38 a 41), na Carta Militar de Portugal, Folha 509, ano 1971

Nº	42
Nome	Ribeira de S. Domingos 1
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Beja; <u>Concelho:</u> Serpa; <u>Freguesia:</u> Brinches
Coordenadas	38° 2'56.04"N; 7°36'15.97"W
Altitude	136-137m
Contexto arqueológico	Minimização de impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas e enterramentos
Número de Sepulturas	Seis islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão
Características das Sepulturas	Uma simples fossa, ovalada, estreita e escavada na rocha, sendo as restantes de planta quadrangular ou rectangular composta por uma segunda vala (tipologia "lahd") coberta por lajes de xisto
Características das inuações	Todos estão orientados a sudoeste-nordeste, em decúbito lateral direito, com a face voltada para Meca, com as mãos posicionadas sobre a pélvis e com as pernas ou estendidas ou semi-flectidas
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Silva e Nunes, 2011, p.4, 11-23; Godinho e Granja, 2011, p.2, 6, 10, 22

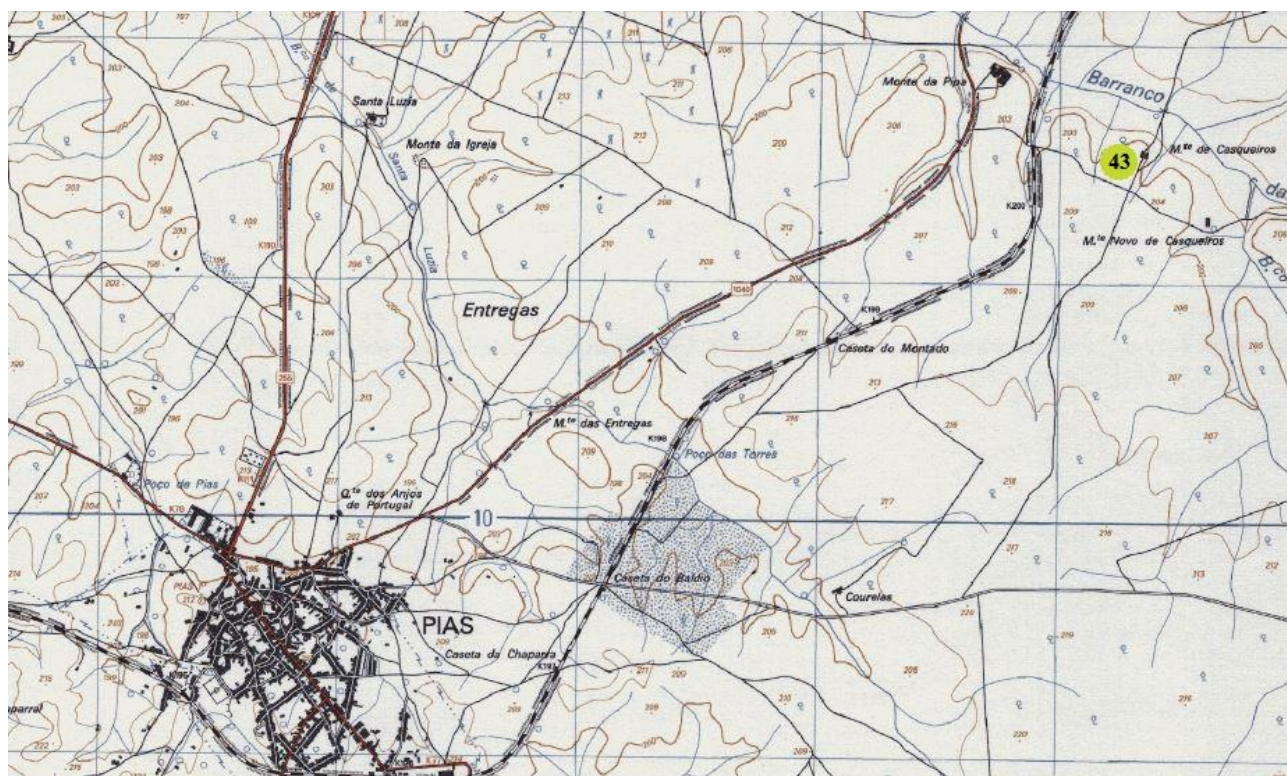


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 25 – Localização da necrópole da Ribeira de S. Domingos (nº42), na Carta Militar de Portugal, Folha 511, ano 1971

Nº	43
Nome	Monte Novo de Casqueiros 7
Designação	Sepultura
Localização	Distrito: Beja; <u>Concelho</u> : Serpa; <u>Freguesia</u> : Pias
Coordenadas	38° 2'16.36"N; 7°26'13.08"W
Altitude	203m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Contexto funerário
Número de Sepulturas	Uma
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sub-rectangular de contornos arredondados, estreita, de paredes convergentes e fundo plano
Características das inumações	Primária em decúbito lateral direito, orientado a sudoeste-nordeste, com a face voltada a sudeste com os membros superiores e inferiores estendidos
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Baptista, 2017, p.7, 11; Rodrigues, 2015, p.13, 14, 18, 19, 21

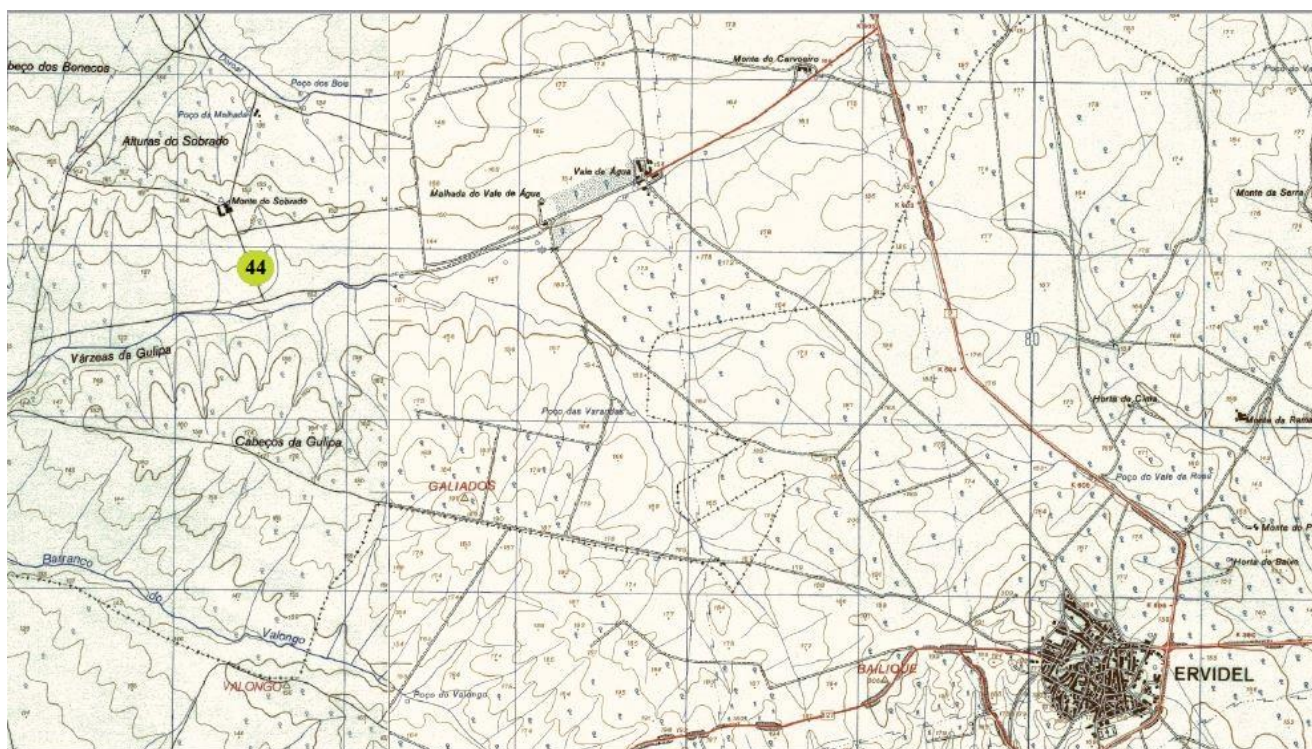


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 26 – Localização Monte Novo de Casqueiros 7 (nº43), na Carta Militar de Portugal, Folha 523, ano 1971

Nº	44
Nome	Malhada do Vale da Água
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Beja; <u>Concelho:</u> Ferreira do Alentejo; <u>Freguesia:</u> Ferreira do Alentejo
Coordenadas	37°59'10.91"N; 8° 8'29.58"W
Altitude	129m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história até ao Período Moderno
Evidências arqueológicas	Fossas pré-históricas, inumações tardo-romanas e islâmicas, materialidades e estruturas de época moderna
Número de Sepulturas	Três tardo-romanas e uma islâmica
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Escavada no substrato rochoso, de planta sub-retangular de paredes ligeiramente inclinadas e fundo plano
Características das inumações	Inumação primária orientada a sudoeste-nordeste, com a face voltada a sudeste e em decúbito dorsal
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Baptista, Pinheiro e Gomes, 2013, p.7, 18, 38, 39, 47; Rodrigues, 2011, p.13, 14, 46

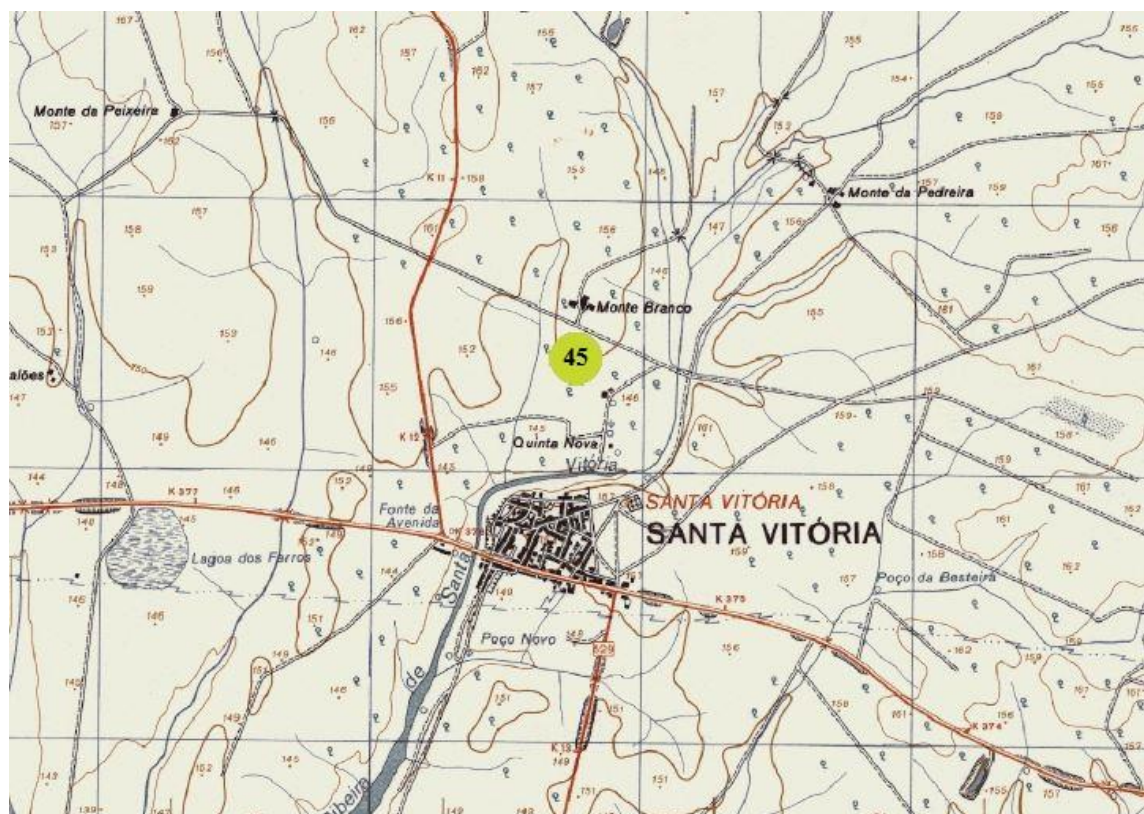


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 27 – Localização de Malhada do Vale da Água (nº44), na Carta Militar de Portugal, Folha 520, ano 1971

Nº	45
Nome	Monte Branco 1
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Beja; Freguesia: Santa Vitória e Mombeja
Coordenadas	37°58'24.25"N; 8° 1'30.46"W
Altitude	147m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Pré-história até ao Período Moderno
Evidências arqueológicas	Materialidades dos diversos períodos, fossas calcólicas e contextos funerários
Número de Sepulturas	Duas
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Escavada no substracto geológico, com cobertura em tijoleira, de planta rectangular e de paredes e fundo irregulares
Características das inumações	Inumação primária orientada a SO-NE, com a face voltada para Meca e com os membros superiores e inferiores estendidos
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Castro, 2012, p.1, 30, 32; Neves, 2012, p.4, 7, 8, 10



● Necrópoles e sepulturas escavadas

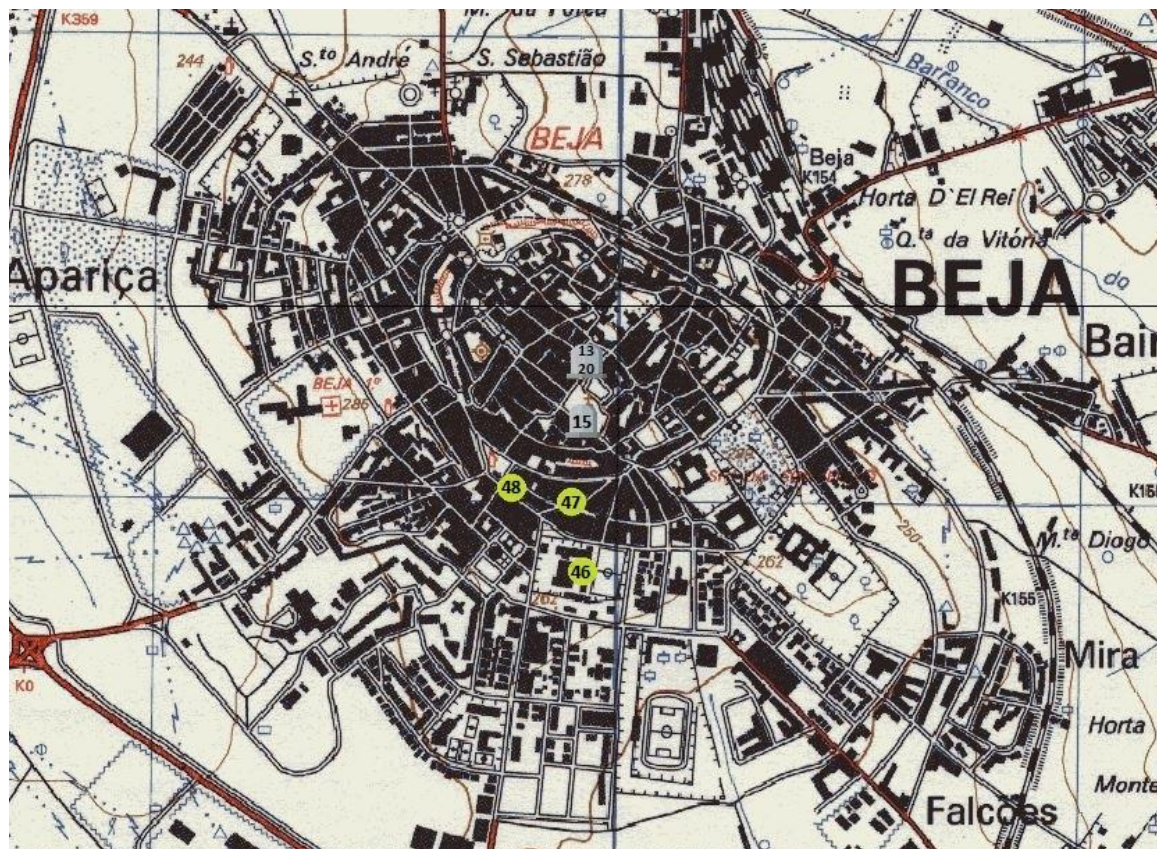
Escala 1:25 000

Carta Militar 28 – Localização de Monte Branco 1 (nº45), na Carta Militar de Portugal, Folha 520, ano 1971

Nº	46
Nome	Escola Secundária Diogo Gouveia
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : São João Baptista
Coordenadas	38° 0'39.42"N; 7°51'46.58"W
Altitude	269-275m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico ao Moderno
Evidências arqueológicas	Necrópole islâmica, cristã e silos
Número de Sepulturas	257 islâmicas
Realidades religiosas presentes	Islão e Cristianismo
Características das Sepulturas	Foram registadas duas tipologias de sepulcros: covachos simples escavados na rocha e/ou no solo; e estruturadas com lajes de cerâmica e/ou com cobertura de telhas com varias variantes morfológicas
Características das inumações	A larga maioria encontravam-se em decúbito lateral direito, com alguma discrepância na orientação contudo prevalencia a sudoeste-nordes com a face voltada para Meca
Espólio presente	Um enterramento continha um par de esporas nos calcanhares
Bibliografia	Carvalho, 2014, p.20 e 21; Gomes e Santos, 2011, p.12-16, 41-43, 17; Gomes e Santos, 2014, p.6, 15-21, 23, 26, 27, 31, 35, 38, 39, 42, 80, 81; Gomes e Santos, 2015, p.6, 15-31, 35, 38, 41-43, 80-82; Martins e Santos, 2013, p.931-933

Nº	47
Nome	Rua de Mértola
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : São João Baptista
Coordenadas	38° 0'43.25"N; 7°51'50.20"W
Altitude	280m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas
Número de Sepulturas	Dezanove
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Muito afectadas mas certamente simples fossas escavadas num piso em <i>opus signinum</i>
Características das inumações	Inumações primárias e individuais, em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste, voltadas com a face para sudeste, com os membros inferiores ligeiramente flectidos e com as mãos sobre a púbis.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Ferreira, 2006, p.8-17; s.a, 2007a e 2007b; Serra, 2009, p., 646, 678-685; Serra, 2012, p.235; 236; 238-240.

Nº	48
Nome	Rua Gomes Palma
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Beja; Freguesia: São João Baptista
Coordenadas	38° 0'44.46"N; 7°51'53.39"W
Altitude	278m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Época romana e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Uma inumação romana (século III) e 11 islâmicas (séc. X-XI)
Número de Sepulturas	12
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Simples fossas escavadas no solo
Características das inumações	Decúbito lateral direito, face voltada para nascente, orientadas SO-NE. Os membros inferiores encontravam-se flectidos e as mãos colocadas na zona da pélvis
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Carvalho, 2011, p.13; Ferreira, 2007, p.8-11; s.a., 2007a e 2007b; Serra, 2009, p.677-684; Serra, 2012, p.235, 236 e 240.



Epígrafes



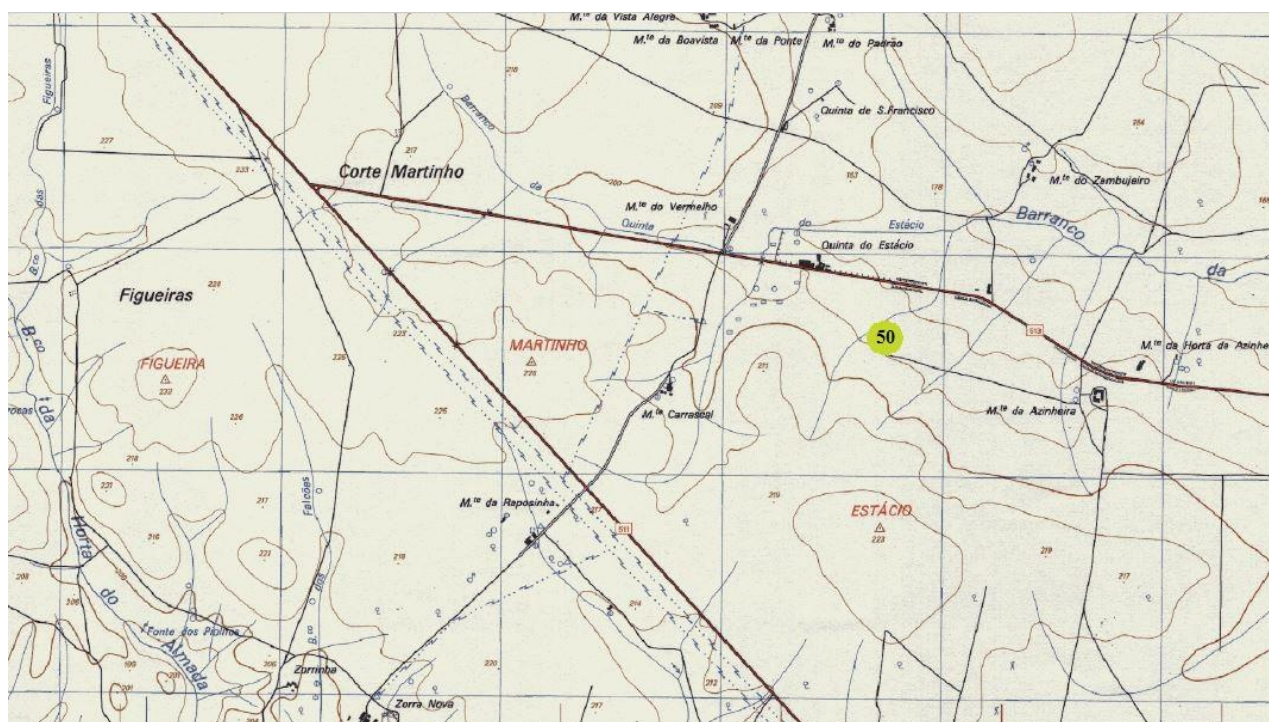
Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 29 – Localização das necrópoles do centro de Beja (n.º46-48), na Carta Militar de Portugal, Folha 521, ano 1971

Nº	49
Nome	Quinta das Fontes
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Beja; <u>Freguesia</u> : Trigaches e São Brissos
Coordenadas	Sem informação
Altitude	Sem informação
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas
Número de Sepulturas	Oito
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas com cobertura de tijoleira, telhas e lajes pétras
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Portal do Arqueólogo, in url: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3208420

Nº	50
Nome	Quinta do Estácio 5
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Beja; Freguesia: Salvada e Quintos
Coordenadas	37°58'18.31"N; 7°47'48.89"W
Altitude	183m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Época romana até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Fossas e enterramentos
Número de Sepulturas	23 sepulturas com 21 esqueletos
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Covachos subrectangulares escavados no substracto geológico. Algumas apresentavam cobertura em telhas e uma em tijolo
Características das inumações	Inumações primárias depositadas em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste (algumas com ligeiro desvio a oeste-este ou sul-norte).
Espólio presente	Apenas os análogos pregos em ferro
Bibliografia	Mendes, 2014, p.5, 15-32, 35-57, 70, 71, 77, 78; Simão, 2014, p.40, 52, 53

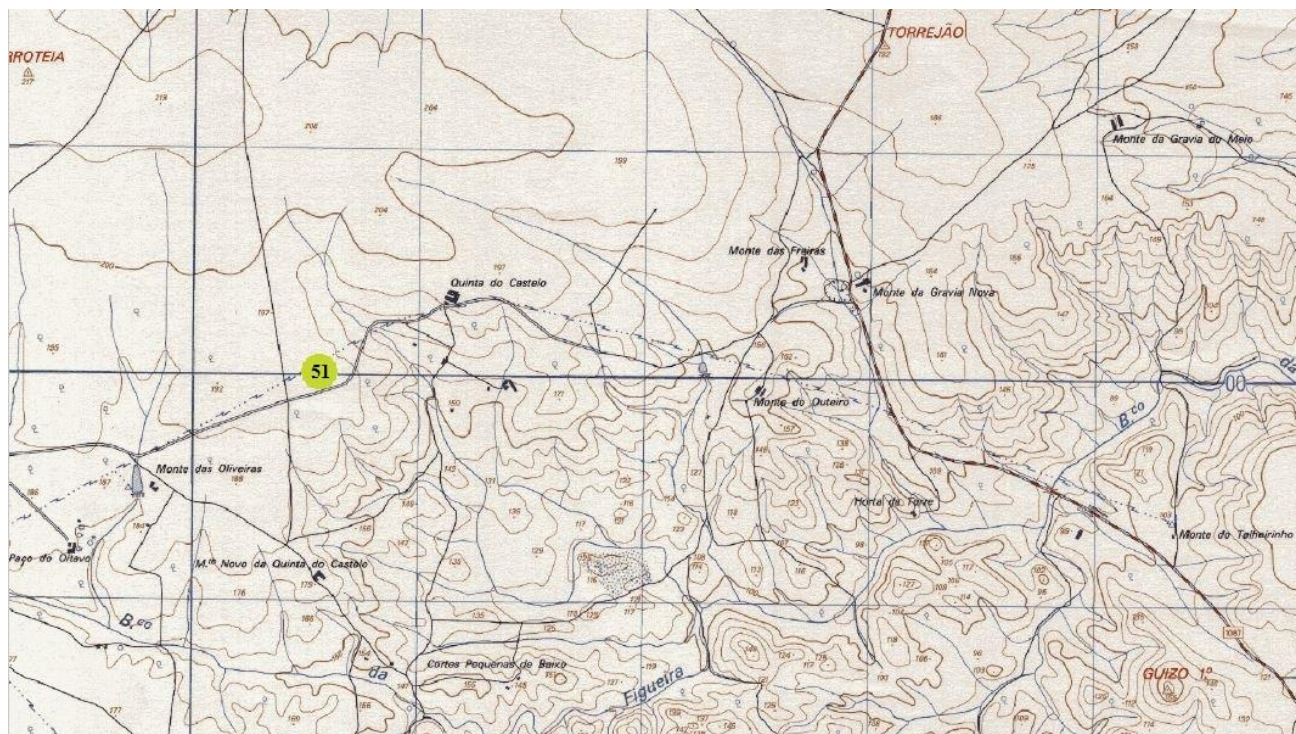


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 30 – Localização da necrópole da Quinta do Estácio 5 (nº50), na Carta Militar de Portugal, Folha 521, ano 1971

Nº	51
Nome	Quinta do Castelo 1
Designação	Vestígios diversos
Localização	<u>Distrito:</u> Beja; <u>Concelho:</u> Beja; <u>Freguesia:</u> Salvada e Quintos
Coordenadas	37°56'18.37"N; 7°44'34.44"W
Altitude	196m
Contexto arqueológico	Minimização de Impactes
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Calcolítico, Idade do Bronze, Antiguidade Tardia e Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas negativas e enterramentos
Número de Sepulturas	Quatro paleocristãs e oito islâmicas
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Eram todas escavadas na rocha com planta subrectangular, das quais metade tinha cobertura em telhas
Características das inumações	Eram todas inumações primárias e individuais, posicionadas em decúbito lateral direito, orientadas a sudoeste-nordeste com a face voltada para sudeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Carvalho, 2015, p.4, 7, 13-21; Valera, Calvo e Simão, 2016, p.13 e 14; Simão, 2014, p.26-38, 41

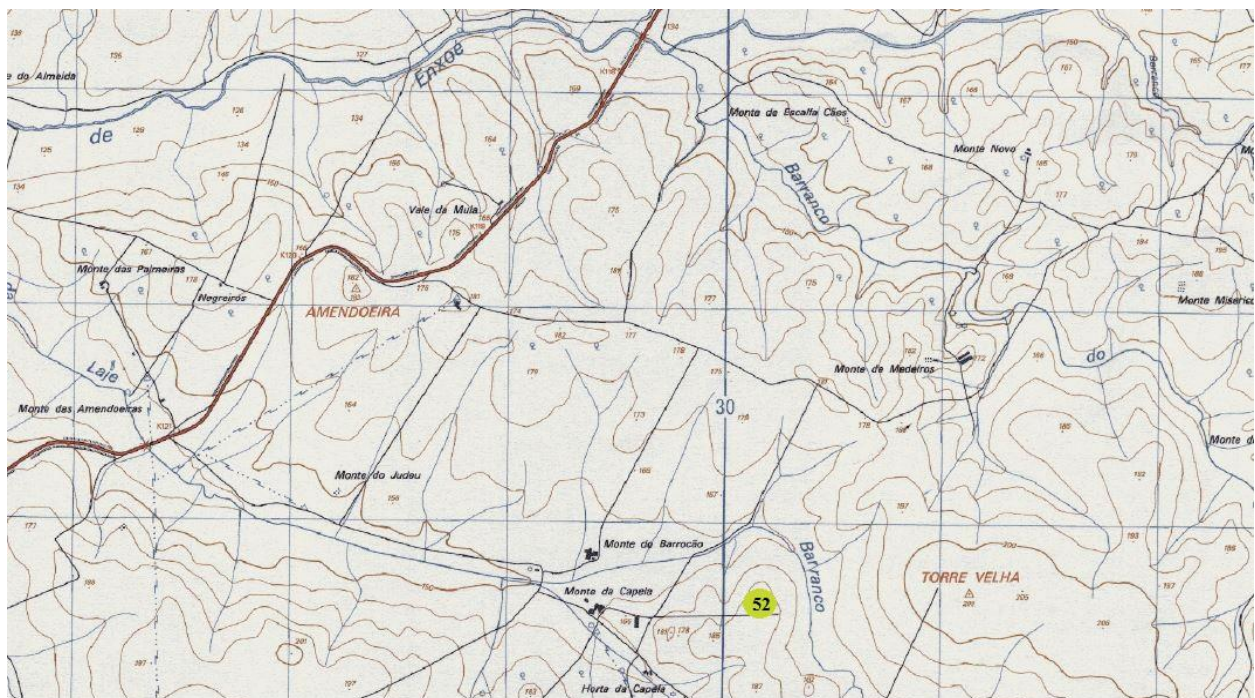


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 31 – Localização da necrópole da Quinta do Castelo 1 (nº51), na Carta Militar de Portugal, Folha 532, ano 1971

Nº	52
Nome	Torre Velha 3
Designação	Vestígios diversos
Localização	Distrito: Beja; <u>Concelho</u> : Serpa; <u>Freguesia</u> : São Salvador
Coordenadas	37°58'8.51"N; 7°31'8.60"W
Altitude	180-185m
Contexto arqueológico	Medidas de Minimização de Impactes Arqueológicos
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Desde Calcolítico até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Para além dos contextos funerários, foram identificadas cerca de 600 estruturas de ampla diacronia
Número de Sepulturas	14 islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paganismo, cristianismo e islão
Características das Sepulturas	Simplex covacho rectangulares de cantos arredondados escavados no substracto rochoso
Características das inumações	Todas as inumações encontravam-se em decúbito lateral direito contudo as suas orientações alternavam entre sudoeste-nordeste, oeste-este e noroeste-sudeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Alves <i>et alli</i> , 2009, p.6, 20, 21, 124; Costa e Faria, 2009, p.2; Ferreira, 2009, p.25-30, 33-37; Vaqueira, 2015, p.32, 54, 120



● Necrópoles e sepulturas escavadas

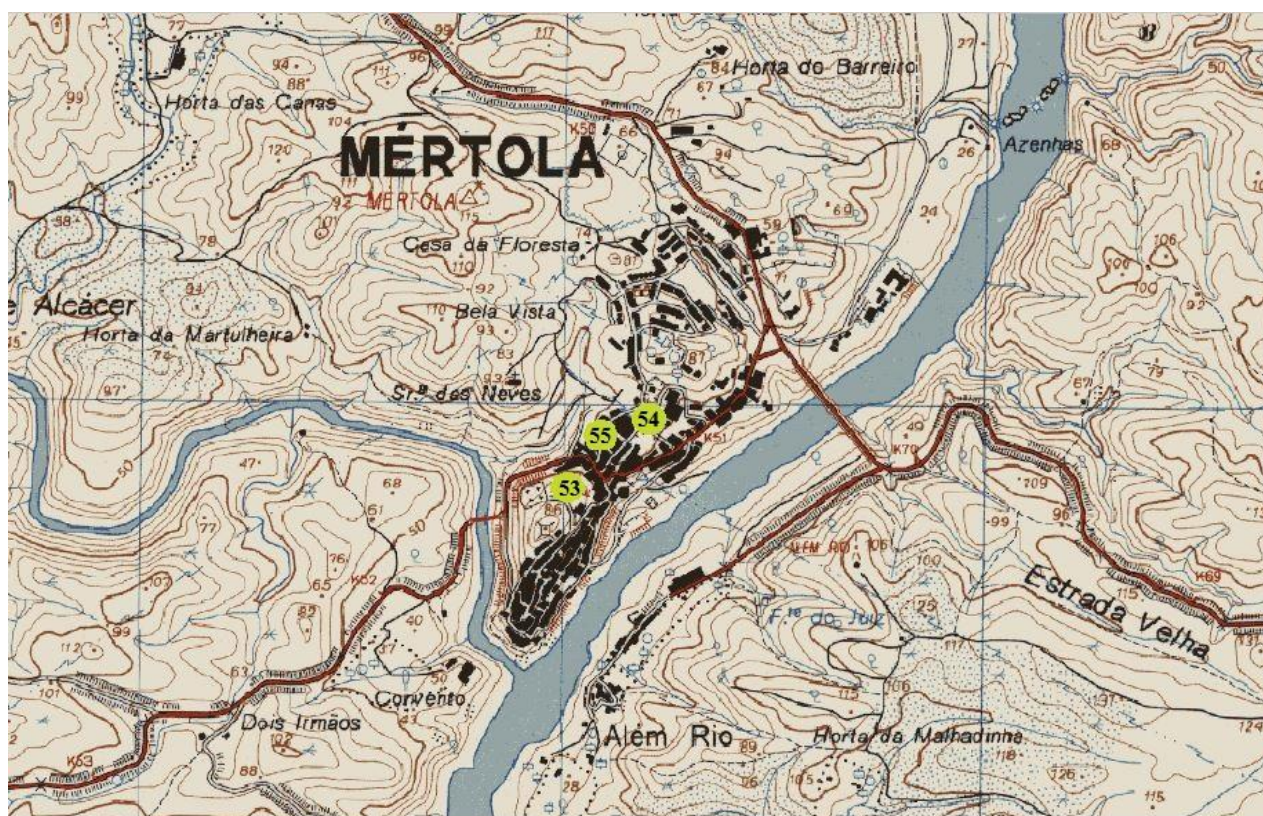
Escala 1:25 000

Carta Militar 32 – Localização da necrópole da Torre Velha 3 (nº52), na Carta Militar de Portugal, Folha 523, ano 1971

Nº	53
Nome	Alcáçova de Mértola
Designação	Alcáçova
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Mértola; <u>Freguesia</u> : Mértola
Coordenadas	37°38'19.66"N; 7°39'50.86"W
Altitude	62-67m
Contexto arqueológico	Investigação
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Época romana até época moderna
Evidências arqueológicas	Criptopórtico, baptistérios, mosaicos, mesquita, bairro islâmico e necrópole cristã (século XIII-XIX)
Número de Sepulturas	Mais de sete centenas, entre as demais 15 apresentavam-se em decúbito lateral
Realidades religiosas presentes	Cristianismo e Islão(?)
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Oito inumados encontravam-se em decúbito lateral esquerdo e sete em decúbito lateral direito. Todos divergiam nas orientações
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Gomez, 2008, p.69; Rodrigues e Palma, 2016, p.157, 159 e 164; Rodrigues, Romba e Palma, 2013, p.1170.

Nº	54
Nome	Rossio do Carmo
Designação	Basílica e necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Beja; <u>Concelho</u> : Mértola; <u>Freguesia</u> : Mértola
Coordenadas	37°38'26.35"N; 7°39'42.20"W
Altitude	58-60m
Contexto arqueológico	Investigação e intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Época romana, Antiguidade Tardia até ao Período Medieval (século I d.C. – XIII)
Evidências arqueológicas	Edifício religioso e enterramentos cristãos e islâmicos
Número de Sepulturas	Cerca de duas centenas de inumações islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paganismo, Cristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Grande variabilidade: sepulcros simples e estreitos escavados na rocha ou no sedimento (maioria) ou estruturados com telhas ou tegulae romanas, com lajes de xisto ou com argamassas
Características das inumações	Inumações individuais (maioria) e colectivas, orientadas a sudoeste-nordeste, com ligeiro desfasamento a sul-norte e oeste-este, com a face intencionalmente voltada para Meca, posicionadas em decúbito lateral ou semi-lateral
Espólio presente	Pequeno recipiente em vidro <i>in situ</i> e lápides funerárias descontextualizadas
Bibliografia	Candón Morales, 1999, p.288; Candón Morales <i>et alli</i> , 2004, p.222-224, 227; Candón Morales, 2001, p.87, 88, 90, 94, 95; Gomez <i>et alli</i> , 2009, p.414; Le Bars, 2005a, p.145; Le Bars, 2005b, p.233, 234, 236, 237, 240, 245-248, 250-252; Lopes, 2004, p.144; Macias, 2005, p.239-242, 244, 251; Macias e Torres, 1993, p.31; McMillan, 1997, p.17-19; Torres e Macias, 1996, p.14, 31, 35, 38

Nº	55
Nome	Travessa de Nossa Senhora das Neves
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Beja; Concelho: Mértola; Freguesia: Mértola
Coordenadas	37°38'23.09"N; 7°39'47.65"W
Altitude	51m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos e estruturas tardo-romanas
Número de Sepulturas	47
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Foram registados simples sepulcros escavados no solo como também estruturados com lajes de xisto
Características das inumações	Inumações primárias, em decúbito lateral direito, orientadas a sul/sudoeste-norte/nordeste e com a face voltada para este
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Le Bars e Santos, 2006, p.2, 5-9; Gomez e Le Bars, 2005, p.5 e 6; Le Bars, 2008, p.509-511



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

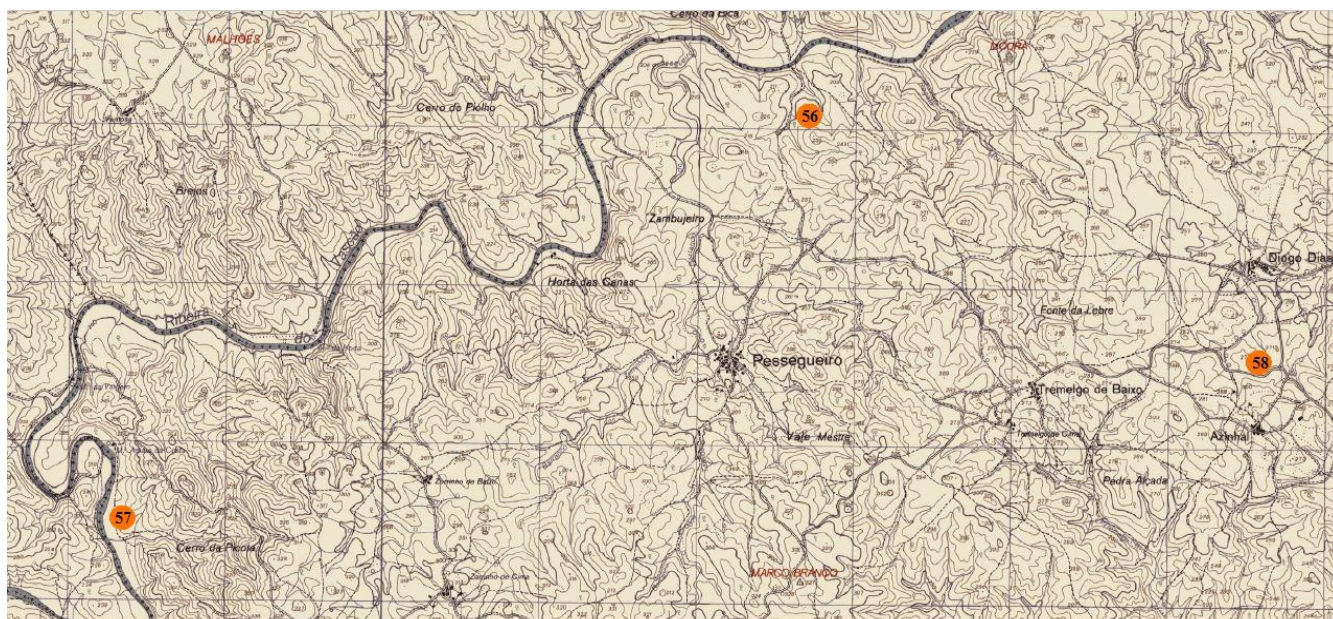
Carta Militar 33 – Localização dos núcleos funerários de Mértola (nº53-55), na Carta Militar de Portugal, Folha 558, ano 1971

- Faro

Nº	56
Nome	Alcaria de Vila Longa
Designação	Alcaria
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Alcoutim; <u>Freguesia</u> : Martim Longo
Coordenadas	37°26'44.55"N; 7°50'0.63"W
Altitude	209 a 223m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, forno, antigos poços de água e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	sepulturas rectangulares cobertas por telhas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1997-98, p.144

Nº	57
Nome	Montado do Pereirão
Designação	Alcaria
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Alcoutim; <u>Freguesia</u> : Martim Longo
Coordenadas	37°25'18.51"N; 7°53'23.46"W
Altitude	228 a 250m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas positivas, forno, antigos moinhos e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1997-98, p.197

Nº	58
Nome	Alcarias do Azinhal
Designação	Casal ou Granja
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Alcoutim; Freguesia: Martim Longo
Coordenadas	37°25'48.51"N; 7°48'28.12"W
Altitude	300m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas positivas e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1997-98, p.151

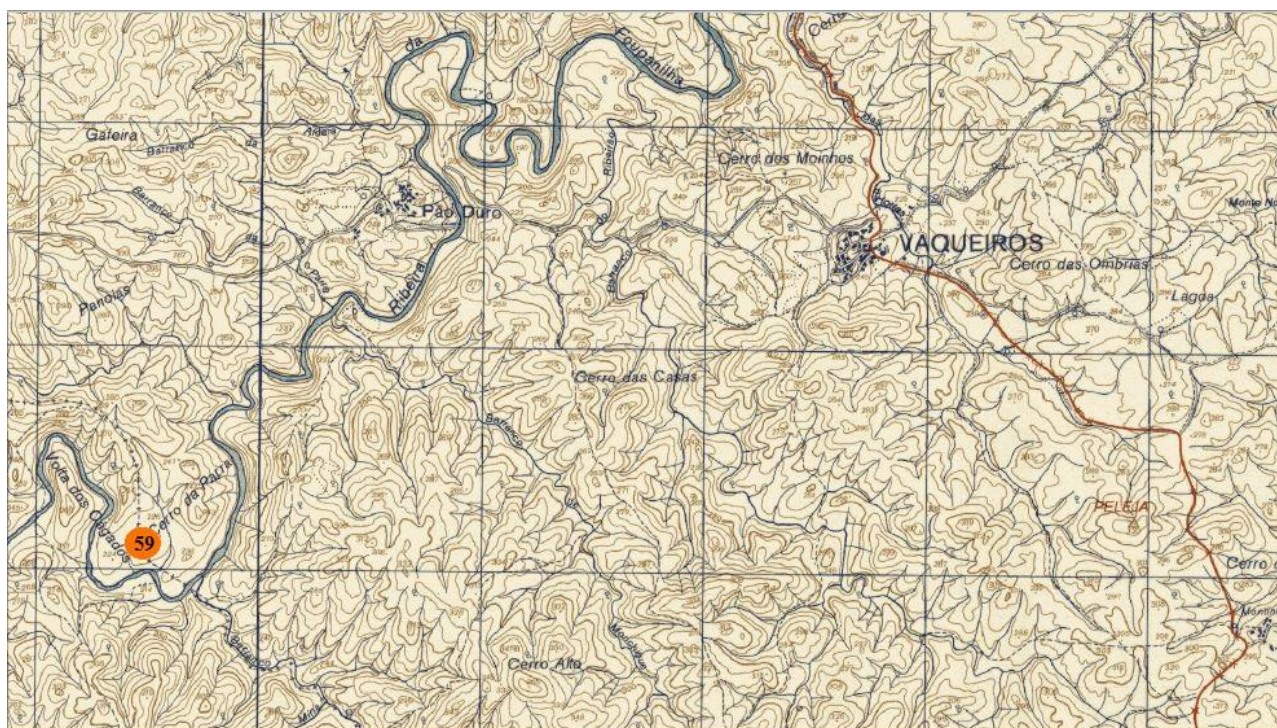


● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 34 – Localização de Alcaria de Vila Longa, Montado do Pereirão e Alcarias do Azinhal (nº56-58), na Carta Militar de Portugal, Folha 573, ano 1971

Nº	59
Nome	Malhada Velha II
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Tavira; Freguesia: Cachopo
Coordenadas	37°22'18.20"N; 7°45'54.99"W
Altitude	221-232m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas de lajes
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Maia, 2000, p.43



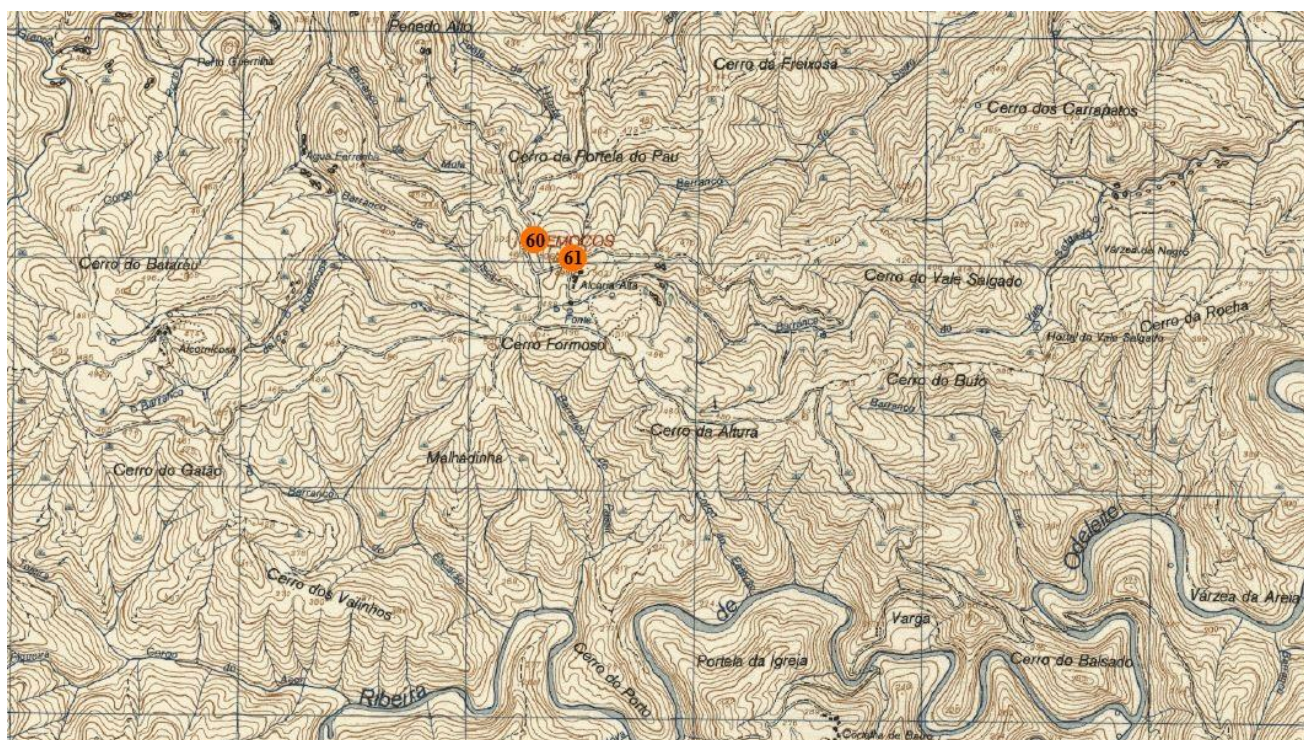
● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 35 – Localização do sítio da Malhada Velha II (nº59), na Carta Militar de Portugal, Folha 582, ano 1971

Nº	60
Nome	Alcaria Alta VII
Designação	Pequena necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Tavira; <u>Freguesia</u> : Cachopo
Coordenadas	37°17'29.59"N; 7°48'50.59"W
Altitude	484m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas e telhas digitadas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Maia, 2000, p.35 e 36

Nº	61
Nome	Alcaria Alta
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Tavira; Freguesia: Cachopo
Coordenadas	37°17'27.89"N; 7°48'42.24"W
Altitude	490-500m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas e uma mó
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Maia, 2000, p.35

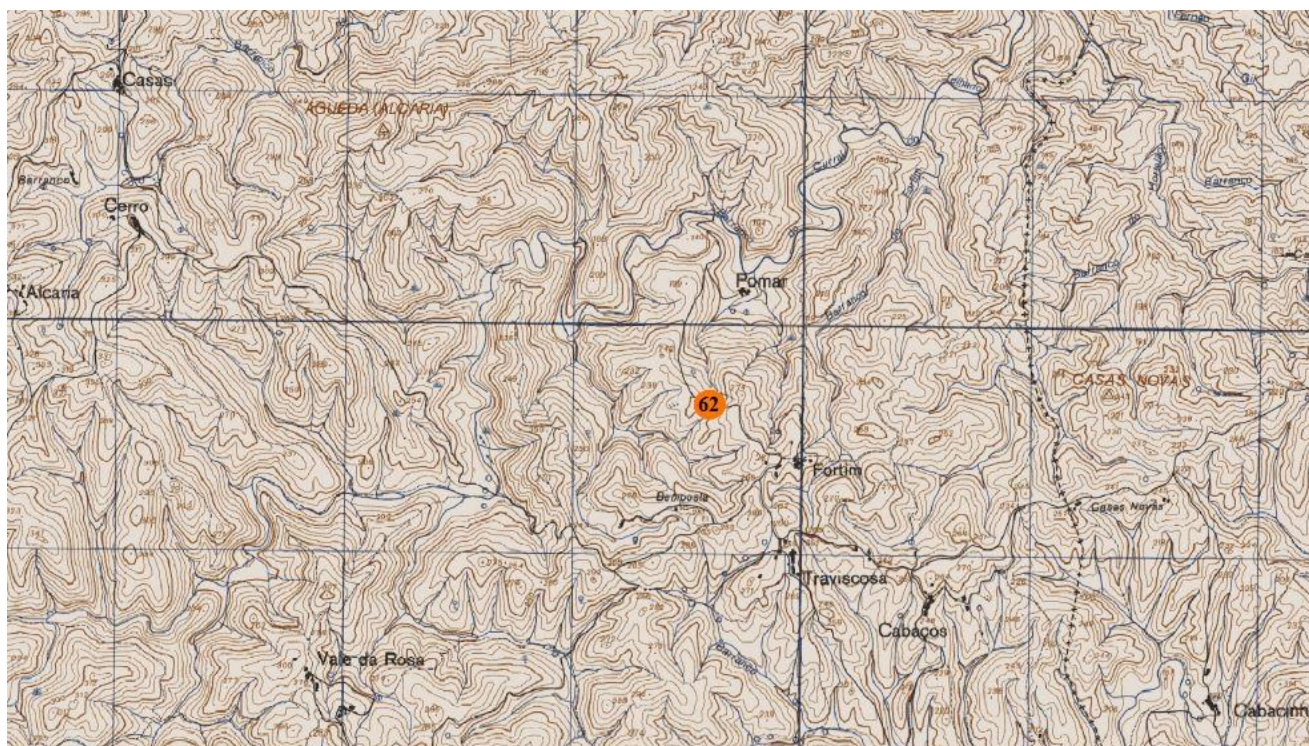


● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 36 – Localização de Alcaria Alta e Alcaria Alta VII (nº60 e 61), na Carta Militar de Portugal, Folha 589, ano 1971

Nº	62
Nome	Cascalheira do Fortim
Designação	Alcaria
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Alcoutim; Freguesia: Vaqueiros
Coordenadas	37°18'11.52"N; 7°39'6.48"W
Altitude	190 a 199m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, defensivas, forno e necrópole
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas escavadas na rocha, estreitas e de planta rectangular ovalada
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1997-98, p.193 e 194



● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 37 – Localização do sítio da Cascalheira do Fortim (nº62), na Carta Militar de Portugal, Folha 582, ano 1971

Nº	63
Nome	Alcaria de Arraia
Designação	Alcarial
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Castro Marim; <u>Freguesia</u> : Azinhal
Coordenadas	37°18'18.17"N; 7°34'58.74"W
Altitude	206m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Material cerâmico e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas de inumação com cobertura de telhas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.42; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.210

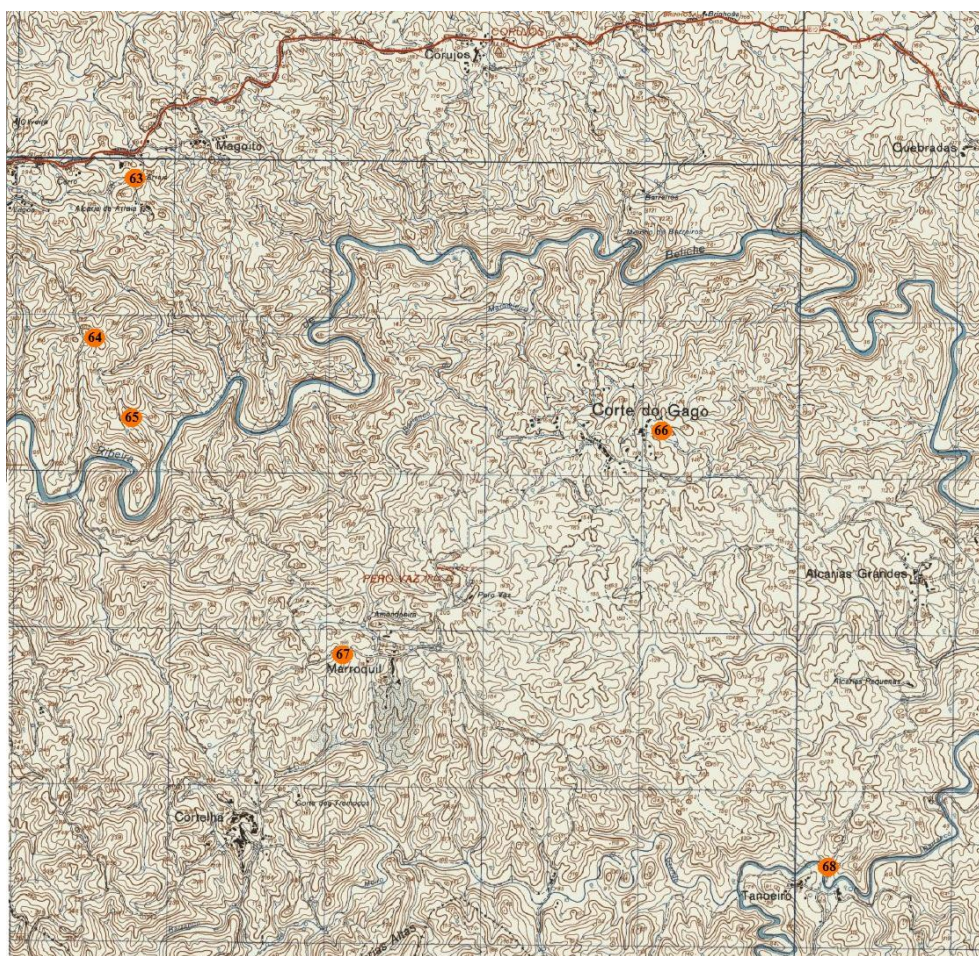
Nº	64
Nome	Alcaria de Furnazinhas
Designação	Alcarial
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Castro Marim; <u>Freguesia</u> : Odeleite
Coordenadas	37°17'47.38"N; 7°35'10.33"W
Altitude	146 a 157m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Material cerâmico e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas escavadas na rocha com cobertura de lajes
Características das inumações	Com orientação sudeste-noroeste
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.42 Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.218

Nº	65
Nome	Castelinho de Altamora
Designação	Fortificação
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Castro Marim; <u>Freguesia</u> : Odeleite
Coordenadas	37°17'26.25"N; 7°34'55.47"W
Altitude	151-153m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Muralhas, estruturas, cisterna, materiais cerâmicos e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Sem informação
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1990, p.27, 29 e 30; Catarino, 1997-98, p.225-226

Nº	66
Nome	Alcaria de Corte Gago
Designação	Alcaria
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Castro Marim; <u>Freguesia</u> : Azinhal
Coordenadas	37°17'24.66"N; 7°32'41.50"W
Altitude	169m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período romano ao medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Material cerâmico, muros, moedas e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Segundo informações orais, existiam sepulturas de inumação com cobertura de telhas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.32; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.211; Lopes, 1895, p.97-98

Nº	67
Nome	Alcaria de Marroquil
Designação	Alcaria (e possível casal romano)
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Castro Marim; <u>Freguesia</u> : Azinhal
Coordenadas	37°16'40.25"N; 7°34'3.78"W
Altitude	180m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período romano e medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Materiais cerâmicos, estruturas compartimentadas, uma necrópole de incineração e duas de inumação
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Sem informação
Características das Sepulturas	Ambas as necrópoles de inumação tinha cobertura de telhas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Apenas foi recolhida uma lucerna na necrópole romana de incineração
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.31; Catarino, 1989, p.297; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.219

Nº	68
Nome	Alcarias do Tanoeiro
Designação	Alcarial
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Castro Marim; Freguesia: Castro Marim
Coordenadas	37°15'53.31"N; 7°31'54.73"W
Altitude	65m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Materiais cerâmicos, moedas e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas de inumação com cobertura de telhas decoradas
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1988, p.40; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.220



● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 38 – Localização dos núcleos funerários de Castro Marim (nº63-68), na Carta Militar de Portugal, Folha 591, ano 1971

Nº	69
Nome	Alcarias de Corte Velho
Designação	Casal ou Granja
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Castro Marim; Freguesia: Azinhal
Coordenadas	37°16'10.66"N; 7°25'58.39"W
Altitude	36m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período medieval islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, materiais cerâmicos e sepulturas de inumação
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.35; Catarino, 1990, p.29 e 30; Catarino, 1997-98, p.214 e 215



● Referências documentais

Escala 1:25 000

Carta Militar 39 – Localização do sítio Alcarias de Corte Velho (nº69), na Carta Militar de Portugal, Folha 591, ano 1971

Nº	70
Nome	Vale do Bôto
Designação	Povoado
Localização	<u>Distrito:</u> Faro; <u>Concelho:</u> Castro Marim; <u>Freguesia:</u> Castro Marim
Coordenadas	37°11'50.18"N; 7°29'23.78"W
Altitude	5-12m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Época romana até ao período medieval islâmico (séc. I até ao período da Reconquista)
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, necrópole e silos
Número de Sepulturas	Foram identificadas sete sepulturas, mas apenas intervencionadas seis
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sepulturas tipo fossas escavadas na rocha, estreitas e rectangulares com os topos abaulados. Apresentavam coberturas de telhas decoradas à excepção de uma que apresentava cobertura de lajes. O sepulcro não intervencionado também era coberto por lajes
Características das inumações	Orientadas a oeste-este, em decúbito lateral direito, com os membros flectidos e a face orientada a sul/sudeste.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Catarino, 1984, p.20 e 21; Catarino, 1988, p.37 e 69; Catarino, 1997-98, p.246; Catarino <i>et all</i> , 1981, p.9, 10, 12; Gonçalves <i>et all</i> , 1980, p.71-72; Lopes, 1895, p.102-103; Marques, 1995, p.221; Santos, 1972, p.347; Vasconcellos, 1919, p.228-229.

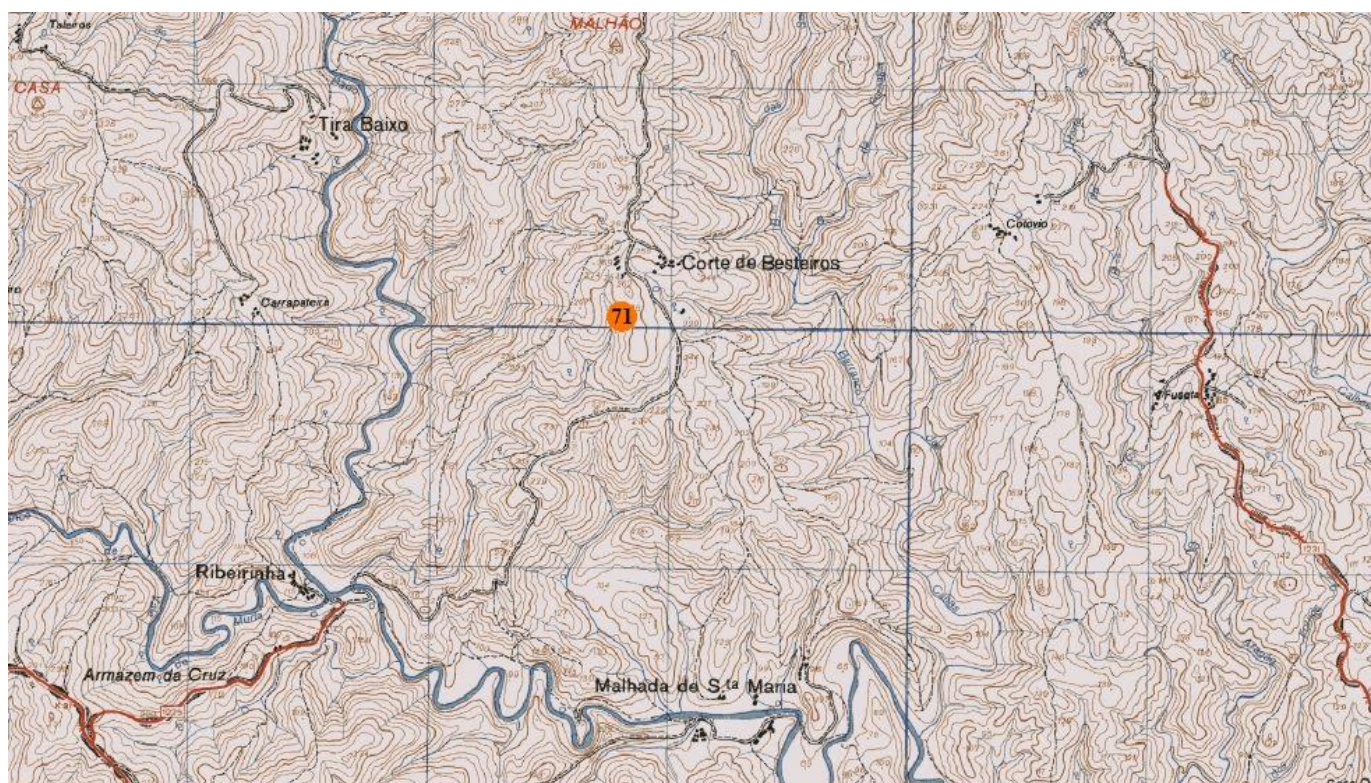


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 40 – Localização da necrópole de Vale do Bôto (nº70), na Carta Militar de Portugal, Folha 600, ano 1971

Nº	71
Nome	Cerro do Zambujal de Corte de Besteiros
Designação	Alcaria
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Tavira; Freguesia: Santa Maria e Santiago
Coordenadas	37°13'3.39"N;7°39'44.64"W
Altitude	227-260m
Contexto arqueológico	Prospecção arqueológica
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Medieval islâmico (antigo e pleno)
Evidências arqueológicas	Materiais cerâmicos, forno e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Catarino, 1997-98, p.254

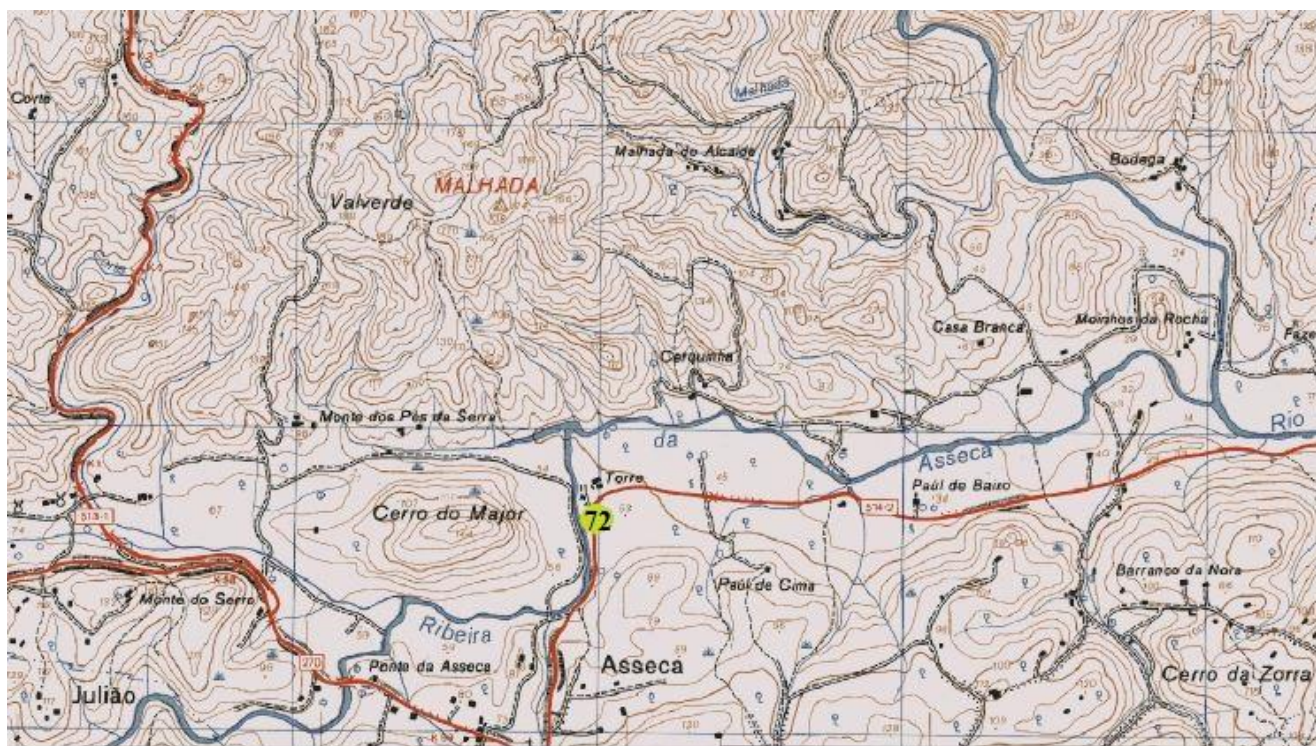


● Referências documentais

Escala 1:25 000

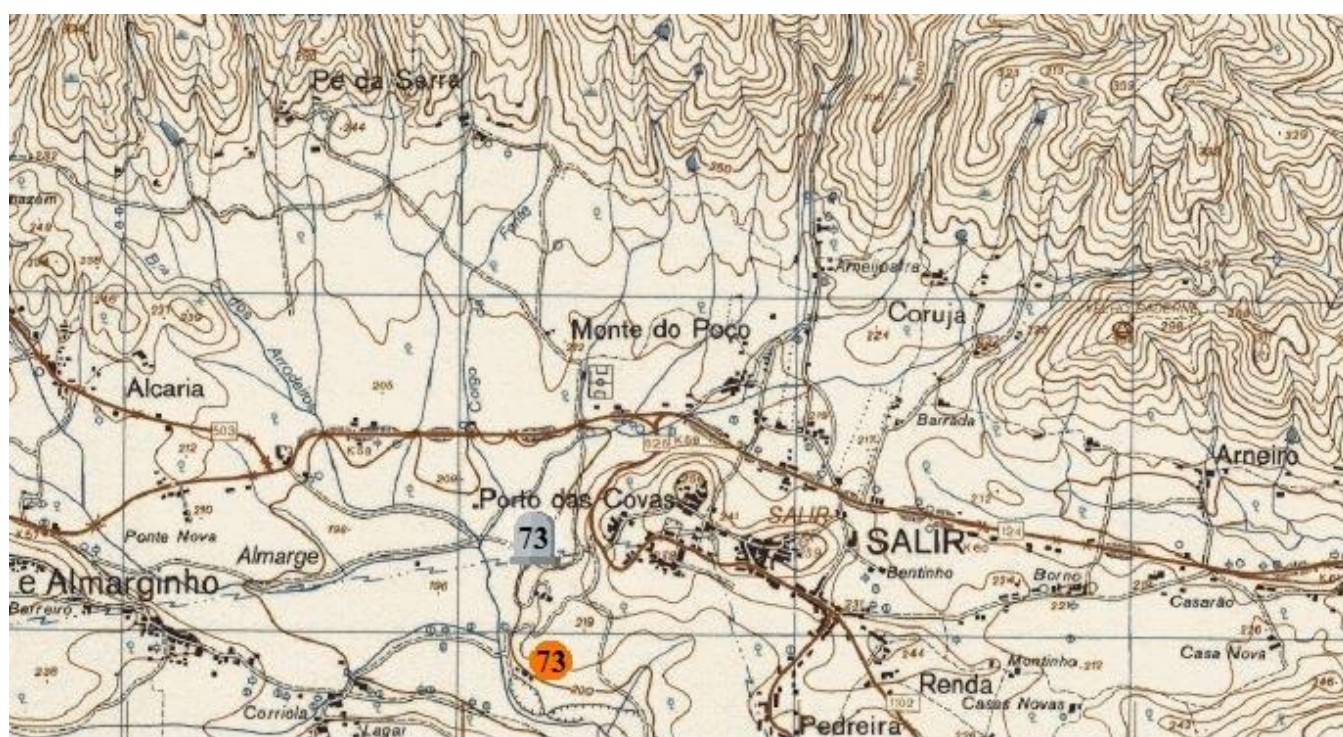
Carta Militar 41 – Localização do sítio Cerro do Zambujal de Corte de Besteiros (nº71), na Carta Militar de Portugal, Folha 599, ano 1971


Nº	72
Nome	Sítio da Torre
Designação	Sepultura
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Tavira; Freguesia: Luz de Tavira e Santo Estêvão
Coordenadas	37° 9'5.34"N; 7°43'4.59"W
Altitude	58m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico (séc. XII-XIII)
Evidências arqueológicas	Um único enterramento
Número de Sepulturas	Uma
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Simples escavada no solo
Características das inumações	Decúbito lateral direito-ventral, orientado a oeste-este com a face voltada para sul
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Candón <i>et al</i> , 2004, p.117-118




Carta Militar 42 – Localização do Sítio da Torre (nº72), na Carta Militar de Portugal, Folha 599, ano 1971

Nº	73
Nome	Fonte da Rata 1
Designação	Povoado
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Loulé; Freguesia: Salir
Coordenadas	37°14'17.49"N; 8° 3'3.75"W
Altitude	215-220m
Contexto arqueológico	Prospecções arqueológicas
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Possivelmente desde época tardo-romana até ao período islâmico
Evidências arqueológicas	Materiais cerâmicos, manancial de água e sepulturas
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Fora descoberta uma epígrafe nas suas imediações
Bibliografia	Catarino, 1999, p.24; Catarino, 1999/00, p.104; Catarino, 2002, p.139



 Referências documentais

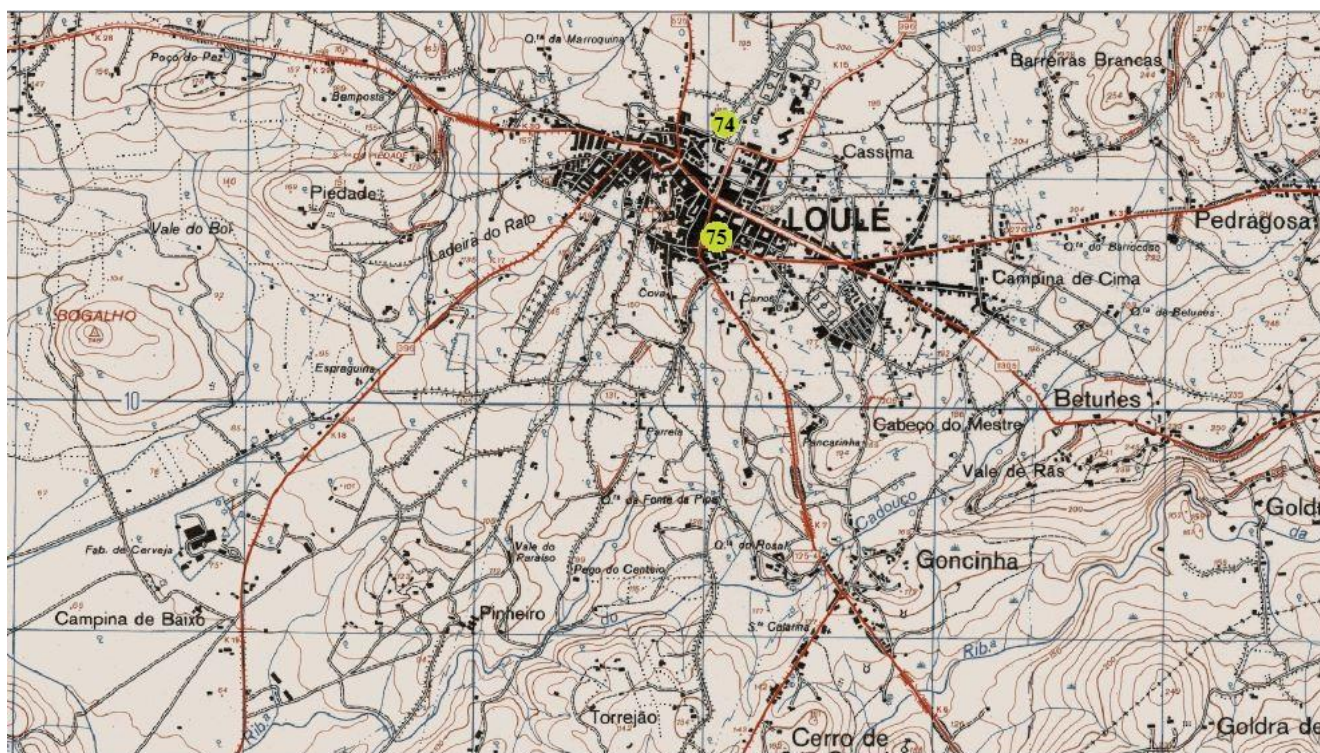
Escala 1:25 000

 Epígrafes

Carta Militar 43 – Localização do sítio da Fonte da Rata (nº73) e respectiva evidência epigráfica (nº73) em Salir (Loulé), na Carta Militar de Portugal, Folha 588, ano 1971

Nº	74
Nome	Quinta da Boavista
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Loulé; <u>Freguesia</u> : São Clemente/São Sebastião
Coordenadas	37° 8'28.91"N; 8° 1'16.60"W
Altitude	176-185m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico (Almoada)
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Apenas 41 intervencionadas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Fossas simples sub-rectangulares escavadas no substracto geológico, algumas com coberturas de pedra calcária e, muito provavelmente, também como cobertura de telhas
Características das inumações	A posição era o decúbito lateral direito embora se tenham registado alguns em decúbito dorsal e, mesmo com a orientação dos sepulcros a oeste-este, as suas faces estavam todas orientadas para Meca.
Espólio presente	Para além dos inúmeros fragmentos cerâmicos, vitreos nos depósitos de enchimento, como também dos objectos de metal, foi registado (embora descontextualizado) um anel em bronze
Bibliografia	Cunha, Marques e Silva, 2001-2002, p.38-44; Luzia, 1999/00, p.133, 135, 142, 145, 152, 157; Luzia, 2002, p.152; Luzia, 2003, p.19; Pires e Benisse, 2010, p.453.

Nº	75
Nome	Hospital da Misericórdia de Loulé
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito:</u> Faro; <u>Concelho:</u> Loulé; <u>Freguesia:</u> São Clemente/São Sebastião
Coordenadas	37° 8'13.18"N; 8° 1'18.80"W
Altitude	177-178m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico (Almoada)
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Foram escavadas 37 sepulturas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Simples fossas escavadas na rocha ovaladas ou retangulares
Características das inumações	36 sepulturas primárias e cinco secundárias. Decúbito lateral direito orientados a sudoeste-nordeste com o crânio orientado a sudeste. Apenas um enterramento de um adulto e os enterramentos infantis encontravam-se a Norte-Sul
Espólio presente	Inexistente à exceção dos análogos pregos
Bibliografia	Pires e Benisse, 2010, p.439, 443, 446, 448, 452, 453.



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 44 – Localização das necrópoles do centro de Loulé (nº74 e 75), na Carta Militar de Portugal, Folha 606, ano 1971

Nº	76
Nome	Bairro de Letes
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Faro; Freguesia: Faro (Sé e São Pedro)
Coordenadas	37° 1'2.60"N; 7°55'50.73"W
Altitude	7-9m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Época romana até Período Medieval Islâmico(?)
Evidências arqueológicas	Sepulturas
Número de Sepulturas	Cerca de quatro dezenas
Realidades religiosas presentes	Paganismo e Islão(?)
Características das Sepulturas	A de referência: de planta rectangular delimitada por ladrilhos
Características das inumações	A concernente ao tema: em decúbito lateral direito, orientada a norte/noroeste-sul/sudeste, com o crânio assente sobre a face direita, com as palmas das mãos em frente ao rosto
Espólio presente	Uma vasilha, pregos, uma moeda, um jarro, um pote e um copo de vidro
Bibliografia	Viana, 1951, p.146, 147, 149, 150



● Indeterminado

Escala 1:25 000

Carta Militar 45 – Localização da necrópole do Bairro de Letes (nº76), na Carta Militar de Portugal, Folha 611, ano 1971

Nº	77
Nome	Quinta do Lago / Tejo do Praio
Designação	Povoado
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Loulé; Freguesia: Almansil
Coordenadas	37° 1'35.93"N; 8° 1'1.54"W
Altitude	18m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Época romana ao período islâmico (século I ao XIII)
Evidências arqueológicas	Foram identificados dois povoados de épocas distintas. Ambos os períodos são de detentores de núcleos habitacionais contudo apenas foi identificado para a época islâmica uma necrópole correspondente
Número de Sepulturas	73 sepulturas a que correspondem 76 enterramentos
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Fossas simples e ovais escavadas no substrato geológico. Apenas duas sepulturas apresentavam cobertura de telhas.
Características das inumações	Todos os inumados foram depositados em decubito lateral direito orientados a sudoeste-nordeste. Um dos enterramentos foi inumado na área habitacional.
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Arruda, Almeida e Freitas, 2003, p.248, 250, 253, 256, 259; Arruda <i>et all</i> , 2002, p.9; Ferreira, 2002, p.2; Gomes e Gomes, 1988, p.80; Marques, 1992, 261-263; s.n., 1986, p.44.

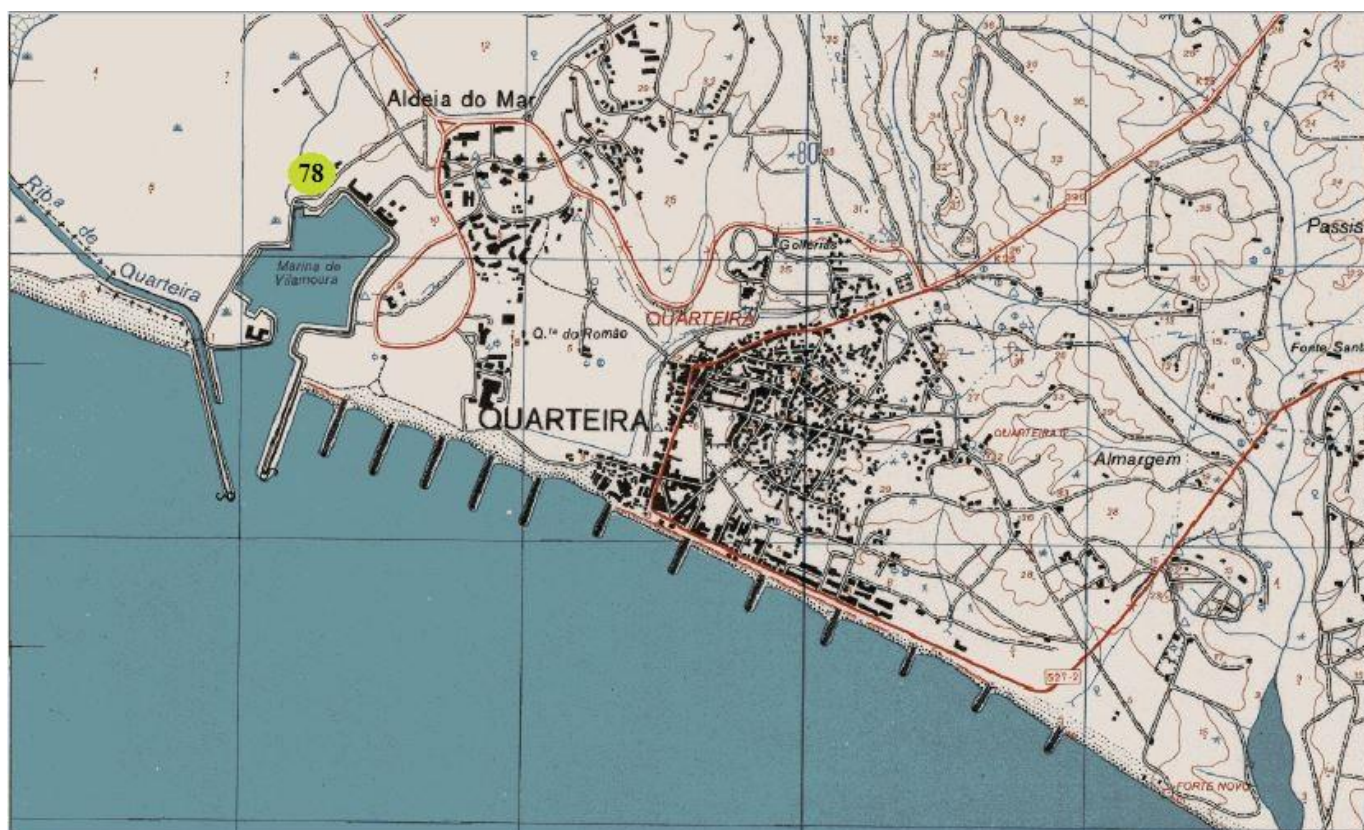


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 46 – Localização do sítio da Quinta do Lago/Tejo do Praio (nº77), na Carta Militar de Portugal, Folha 610, ano 1971

Nº	78
Nome	Cerro da Vila
Designação	Villa romana
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Loulé; Freguesia: Quarteira
Coordenadas	37° 4'48.02"N; 8° 7'13.85"W
Altitude	5-9m
Contexto arqueológico	Investigação
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período romano (séc. I d.C.) até ao Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas, silos, fornos, monumentos funerários, enterramentos
Número de Sepulturas	Cinco, duas seguramente de tradição islâmica
Realidades religiosas presentes	Paganismo, paleocristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Simples escavadas no solo e com cobertura de <i>tegulae</i> romanas
Características das inumações	Variabilidade nos gestos funerários: três em decúbito lateral direito e duas em decúbito dorsal, uma orientada a oeste-este, duas orientadas a sudoeste-nordeste e uma orientada a nordeste-sudoeste
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Lucas, 2006, p.19, 20, 22, 23; Matos, 1971, p.202; Matos, 1983, p.5; Matos, 1997a, p.387; Matos, 1997b, p.392 e 459; Teichner e Schierl, 2005, p.123 e 124; Teichner, 2006a, p.214, 215, 334



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 47– Localização do Cerro da Vila (nº78), na Carta Militar de Portugal, Folha 606, ano 1971

Nº	79
Nome	Castelinho
Designação	Povoado
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Albufeira; Freguesia: Paderne
Coordenadas	37° 9'59.39"N; 8°12'49.01"W
Altitude	77m
Contexto arqueológico	Levantamento arqueológico
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Possível troço de muralha, estruturas habitacionais, silos e vasta necrópole
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Albergaria, 2001, p.96; Amado, 1995, p.20; Catarino, 1993, p.73; Marques, 1992, p.166 e 167; Nobre, 1997, p.13; Paulo, 2003

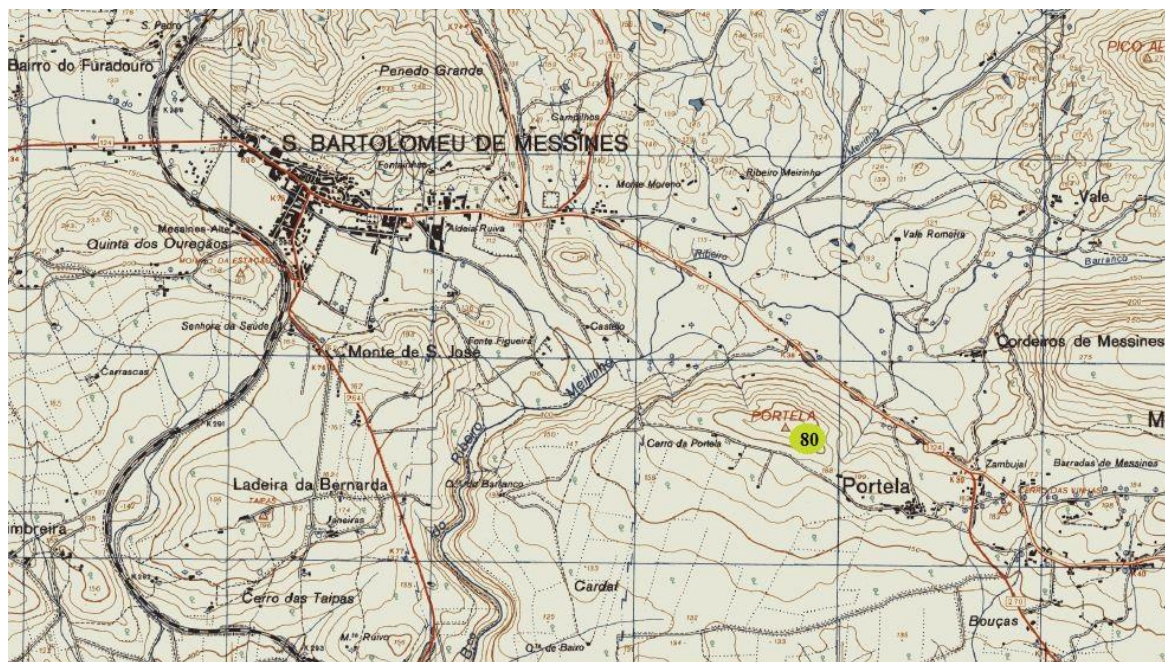


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 48 – Localização do sítio do Castelinho (nº79), na Carta Militar de Portugal, Folha 596, ano 1971

Nº	80
Nome	Portela 3/Cerro da Portela/Cômoros da Portela
Designação	Povoado
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Silves; Freguesia: São Bartolomeu de Messines
Coordenadas	37°14'45.32"N; 8°15'36.93"W
Altitude	200-205m
Contexto arqueológico	Inicialmente prospectado no século passado, seguido de estudos de impacte ambiental e enquadrado em contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Alta Idade Média e Período Medieval Islâmico, mormente entre os séculos IX/X e XIII
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, compostas por um diversificado espólio cerâmico, um enterramento cristão e necrópole islâmica
Número de Sepulturas	Uma paleocristã e nove inumações islâmicas
Realidades religiosas presentes	Paleocristianismo e Islão
Características das Sepulturas	Simple fossas escavadas no substracto geológico. Poderia existir sepulturas com cobertura em telhas
Características das inumações	Inumações primárias orientadas a Sudoeste-Nordeste, em decúbito lateral direito com a face virada a Sudeste. Apenas dois inumados estavam dispostos em decúbito dorsal embora os seus crânios estivessem voltados para Meca
Espólio presente	Inexistente
Bibliografia	Albergaria, 2001a, p.30, 32, 35, 36, p.38-43; Albergaria, 2001b, p.94-96; Gomes, 1999, 199 e 200; Gomes, 2002, p.152; Marques, 1992, p.121-125; Pires e Ferreira, 2003, p.280, 281, 283, 305

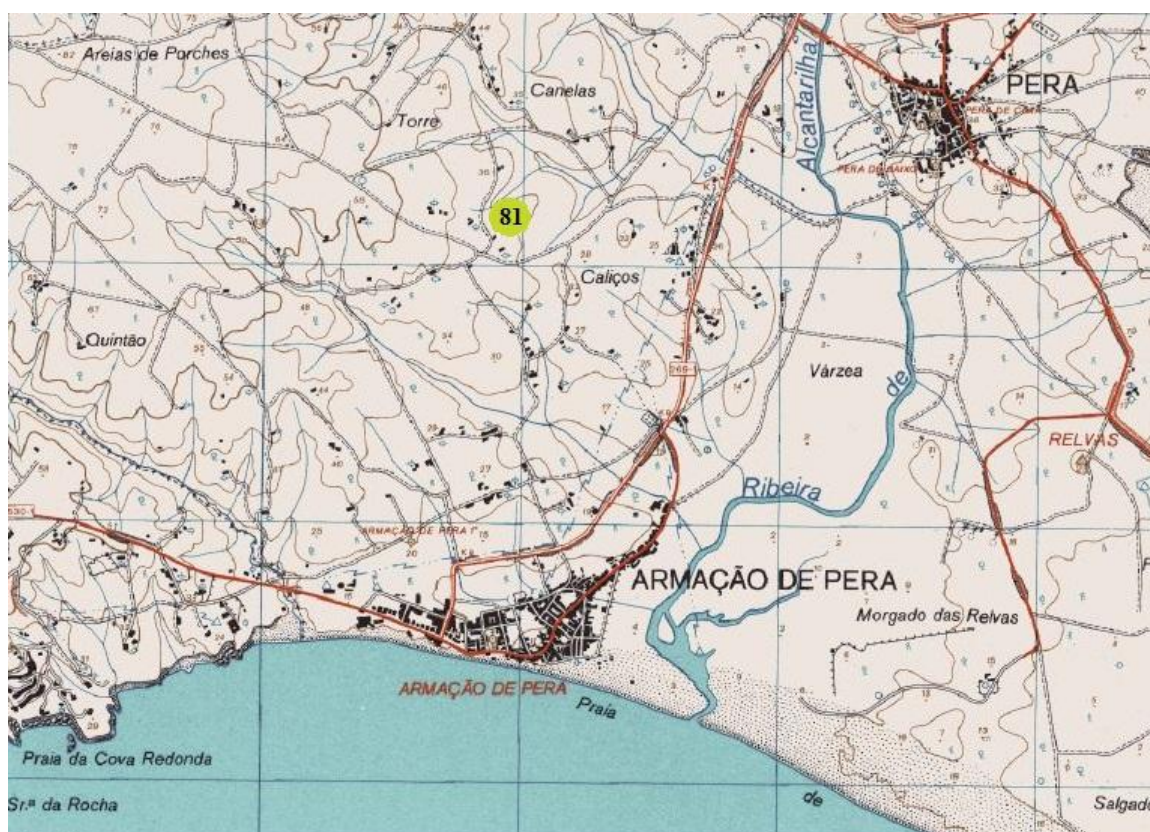


● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 49 – Localização do sítio Portela 3 (nº80), na Carta Militar de Portugal, Folha 587, ano 1971

Nº	81
Nome	Alcarias da Torre
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Silves; Freguesia: Armação de Pêra
Coordenadas	37° 6'59.18"N; 8°21'40.08"W
Altitude	39-33m
Contexto arqueológico	Prospecção e em parte escavação arqueológica (só os silos foram escavados)
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Sepulturas, silos e materiais cerâmicos
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Lucerna, vasilha “árabica” e uma “bola de calcário”
Bibliografia	Gomes, 1970, p.91-93; Gomes e Gomes, 1988, p.102; Marques, 1992, p.151-152; Moita, 1959, p.229.



● Necrópoles e sepulturas escavadas

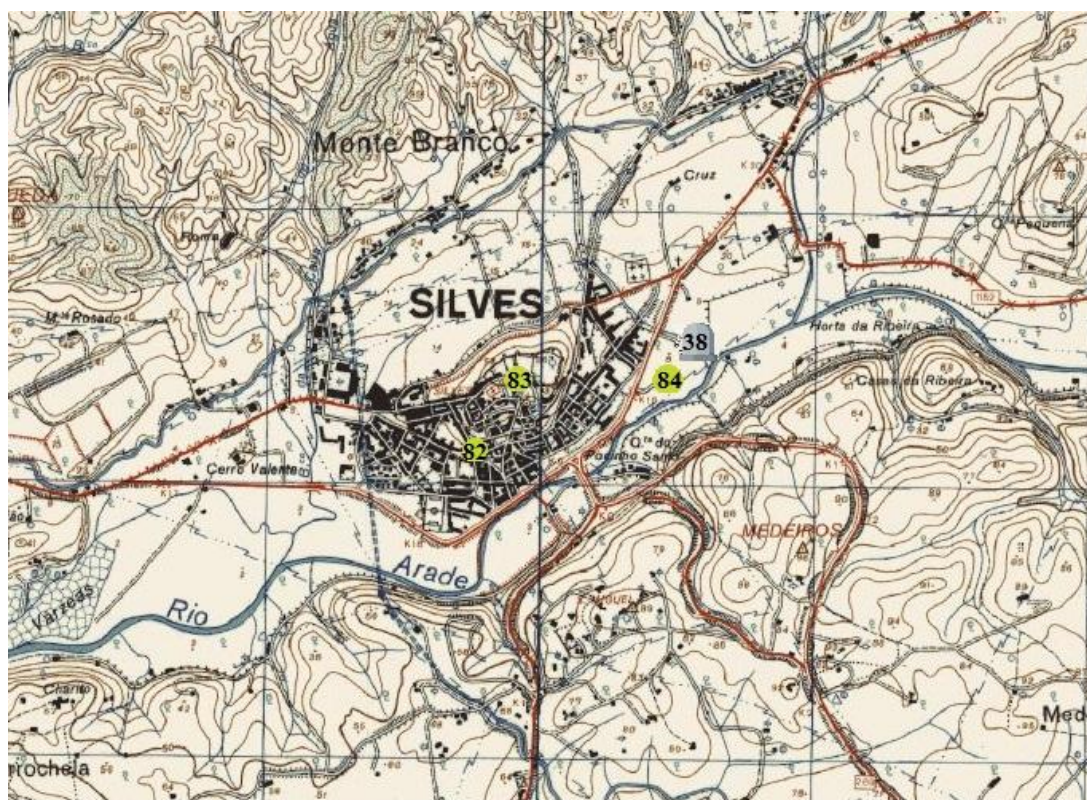
Escala 1:25 000

Carta Militar 50 – Localização do sítio Alcarias da Torre (nº81), na Carta Militar de Portugal, Folha 604, ano 1971

Nº	82
Nome	Rua 25 de Abril
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Silves; <u>Freguesia</u> : Silves
Coordenadas	37°11'17.64"N; 8°26'25.97"W
Altitude	16-20m
Contexto arqueológico	Intervenção de emergência
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas positivas, enterramentos islâmicos e um mausoleu
Número de Sepulturas	Foram escavadas 87 sepulturas
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Maioritariamente fossas simples escavadas no substrato geológico ou no próprio solo, contudo foram identificadas duas sepulturas estruturadas: uma delimitada por fiadas de pedras dispostas ao longo do corpo e um mausoleu
Características das inumações	Inumações individuais em decúbito lateral direito, orientados a sudoeste/oeste-nordeste/este, com a face virada para Meca
Espólio presente	Inexistente, à exceção dos análogos pregos presentes em dois enterramentos
Bibliografia	Gomes, 1999, p.1606; Gonçalves, 2009, p.495; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves <i>et all</i> , 2010, p.854 e 855; Penisga, 2009, p.33, 35, 38 Santos, Barbosa e Ramos, 2008, p.420 e 424.

Nº	83
Nome	Largo José Correia de Lobo
Designação	Necrópole
Localização	<u>Distrito</u> : Faro; <u>Concelho</u> : Silves; <u>Freguesia</u> : Silves
Coordenadas	37°11'25.76"N; 8°26'19.90"W
Altitude	44-47m
Contexto arqueológico	Contexto de obra
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas e enterramentos
Número de Sepulturas	24
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Muito irregulares: simples fossas de planta sub-rectangular, escavadas ou no substracto geológico ou no solo. Apenas uma era estruturada com elementos pétreos a delimitar o inumado
Características das inumações	Inumações individuais em decúbito lateral direito, variavelmente orientadas a sudoeste-nordeste e oeste-este, com a face voltada para sul/sudeste
Espólio presente	Inexistente à excepção dos análogos pregos
Bibliografia	Gonçalves, 2009, p.495 e 496; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves <i>et all</i> , 2010, p.855 e 861; Santos <i>et all</i> , 2006, p.1, 3, 5-27; Santos <i>et all</i> , 2008, p.424; Vieira, 2007, p.29; Vieira e Ribeiro, 2007, p.3, 31, 32, 44, 70, 71-73

Nº	84
Nome	Comporta
Designação	Necrópole
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Silves; Freguesia: Silves
Coordenadas	37°11'23.72"N; 8°26'2.46"W
Altitude	4-7m
Contexto arqueológico	Não intervencionado
Contexto urbano ou rural	Urbano
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Enterramentos
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Um talismã com a mão de fátima e duas epígrafes
Bibliografia	Gomes, 1999, p.1606; Gomes, 2002, p.115; Gonçalves, 2010, p.136; Gonçalves et al, 2010, p.861



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000



Epígrafes

Carta Militar 51 – Localização das necrópoles do centro de Silves (nº82-84), na Carta Militar de Portugal, Folha 595, ano 1971

Nº	85
Nome	“Armazém”/Alcaria de Arge
Designação	Povoado
Localização	Distrito: Faro; Concelho: Portimão; Freguesia: Portimão
Coordenadas	37°10'9.00"N; 8°30'59.73"W
Altitude	69m
Contexto arqueológico	Estudos de Impacte Ambiental
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico
Evidências arqueológicas	Estruturas habitacionais, silos, material arqueológico, sepulturas, lagaretas e fontes
Número de Sepulturas	Sem informação
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Sem informação
Características das inumações	Sem informação
Espólio presente	Sem informação
Bibliografia	Sabrosa e Henriques, 2001, p.198 e 199; Sabrosa, Henriques e Soares, 2005, p.204 e 211



● Necrópoles e sepulturas escavadas

Escala 1:25 000

Carta Militar 52 – Localização do sítio Alcaria de Arge (nº85), na Carta Militar de Portugal, Folha 594, ano 1971

Nº	86
Nome	Ribat da Arrifana
Designação	Ribat
Localização	<u>Distrito:</u> Faro; <u>Concelho:</u> Aljezur; <u>Freguesia:</u> Aljezur
Coordenadas	37°19'13.15"N; 8°52'35.42"W
Altitude	44-48m
Contexto arqueológico	Investigação, alvo de escavações anuais
Contexto urbano ou rural	Rural
Época(s) cronológica(s)	Período Medieval Islâmico, enquadrado no século XII
Evidências arqueológicas	Várias estruturas habitacionais, mesquitas, minarete, hipotética <i>madraza</i> , um núcleo funerário e ainda uma estrutura de preparação dos corpos dos inumados (<i>bayt al-janaez</i>)
Número de Sepulturas	Até à data foram identificadas mais de 70 sepulturas, todavia só foram escavadas sete
Realidades religiosas presentes	Islão
Características das Sepulturas	Grosso modo, fossas estreitas escavadas no solo de morfologia rectangular, sub-rectangular, trapezoidal ou ovaladas. Eram frequentemente cobertas com argamassa e pedras de variedade petrográfica. Foi registado um sepulcro distintivo dos restantes: igualmente delimitado por lajes apresenta um patamar do seu lado poente que configurava uma notável câmara funerária.
Características das inumações	Inumações primárias depostas em decúbito lateral direito orientadas a sudoeste-nordeste, com o crânio virado a sudeste. Os membros variavam entre flectidos e estendidos ao longo do corpo, com maior predominância para este último caso. Apenas três sepulturas encontravam-se orientadas a Norte-Sul.
Espólio presente	Não fora detectado espólio funerário, contudo cerca de 17 sepulturas eram demarcadas com estelas grosso modo sem texto na sua composição
Bibliografia	Gomes e Gomes, 2007, p.80; Gomes e Gomes, 2014a, p.4 e 6; Gomes e Gomes, 2014b, p.16-18; Gomes e Gomes, 2015a, p.156, 158, 159, 167; Gomes e Gomes, 2015b, p.618, 619, 625; Gomes e Gomes, 2015c, p.21, 49, 156-158

